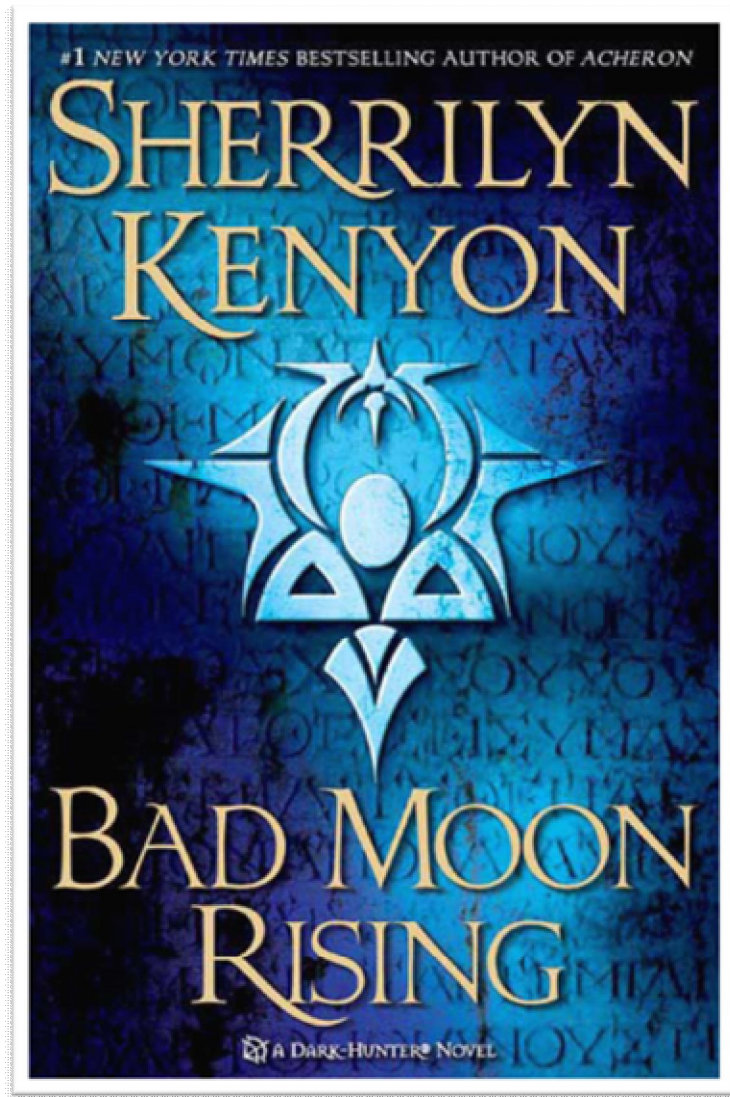


Sherrilyn Kenyon
Lua Crescente do Mal



Disponibilização: Gisa
Tradução: Gisa
Revisão e Formatação: Juli Lira
Revisão Final: Jujuba Nunes



Nota da revisora Juli:

O livro possui alguns flashbacks de algumas histórias e na minha opinião sobre a cronologia da série, deveria ter vindo antes do livro do Acheron, bom... mas a autora caprichou e ela explica o porquê no início do livro.

O livro é cheio de ação, exemplos de lealdade e fraternidade e romance, uma delícia. Esses lobos dela começam cheios de marra e depois viram uns cachorrinhos. Bem, espero que gostem deste tb.

Agradecimentos

Aos meus leitores, os quais foram em incontáveis viagens comigo e estiveram pedindo o livro do Fang durante cinco anos. Nunca me hei sentido mais perto dos irmãos Kattalakis do que o tenho feito aqui. Finalmente pude falar pelo Fang e mostrar toda a profundidade de seu caráter e toda a beleza de um de meus lobos favoritos.

Para minha equipe do St. Martin, uma das melhores do mundo, e especialmente a Monique e ao Matthew por me deixar dobrar as regras e me divertir muito mais. Para Marrilee pelo grande trabalho que faz. Para Holly, que trabalha tão assombrosamente entre os bastidores, encarregando-se dos detalhes.

Para meus amigos que sempre estão aí quando os necessito: Kim, Dianna, Loretta, Shery e Ed. Obrigada amigos, de verdade, por me manter sã. E para o melhor pessoal no universo, a Equipe Fabulosa: Dianna, Erin, Kim, Jacs, Ed, Judy, Marie, Loretta, Sheri, Scott, Bryan, Julia, CiCi, Webbie, Alex e se me esqueço de alguém, por favor, por favor, me perdoem.

E por último, mas não por isso menos importante, a minha família. Para Ken por ser minha âncora e meu suporte através de todas às escuras tormentas e por ser sempre meu melhor amigo. Ao meu irmão por ser o melhor irmão que qualquer pessoa tenha tido. E aos meus filhos, que enchem minha vida de risada e meus dias com alegria. Não poderia fazê-lo sem qualquer um de vós. Obrigada.

O COMEÇO DOS WERE-HUNTER

Muito antes que a história fora registrada, viveu um valente rei. Um que se negou a ceder ante a vontade que os deuses gregos ordenavam. Como tantos antes e depois, cometeu o engano de apaixonar-se pela mulher mais bela do reino. Uma mulher cujo só sorriso era o sangue de sua vida.

Pouco sabia ele que ela carregava a mais escura das maldições. Pelos atos que seus antepassados tinham cometido contra o Deus Grego Apolo, há mais de dois mil anos antes de seu nascimento, sua raça estava condenada a morrer brutalmente em seu vigésimo sétimo aniversário. Era um segredo que ela manteve até o dia em que, como todos os outros da raça Apolita, começou a envelhecer e morrer.

Em só vinte e quatro horas passou de uma bela jovem a uma bruxa, e então não restou nada, salvo um montão de pó espalhado.

Lycaon ficou devastado pela perda de seu amor, mas pior era o conhecimento obcecante de que logo seus filhos se uniriam a sua mãe e morreriam do mesmo horrível modo.

Como ela, morreriam por algo no qual nenhum deles tinha tomado parte.

Incapaz de suportar essa injustiça enfrentou aos deuses e lhes disse que se fodessem. Não ficaria esperando para ver seus filhos morrer. Jamais.

Nessa mesma noite, começou a utilizar a mais escura das magias para unir os genes da raça de sua esposa com os dos animais mais fortes. Lobos, chacais, leões, tigres, panteras, jaguares, guepardos, ursos, falcões, leopardos, inclusive um raro dragão... esses foram os poucos que escolheu para salvar aos seus filhos.

Quando terminou seus experimentos, tinha criado uma espécie completamente nova. Não mais humanos, nem Apolitas ou animais, eram algo completamente distinto.

Os experimentos converteram seus dois filhos em quatro seres separados. Duas criaturas que mantinham o coração de animal e viviam como animais à luz do dia. E dois que tinham coração humano. Durante o dia, sua forma base seria a humana.

Este foi seu presente.

E desta maneira nasceu uma nova maldição.

Da raça Apolita de sua mãe herdaram as habilidades mágicas e psíquicas. O que seu pai tinha forçado fez com que vivessem durante o dia em sua forma base, seja humana ou animal, e de noite poderiam mudar ao seu desejo à outra. O homem se converteu em besta e a besta em homem.

Sob a luz da lua cheia, quando seus poderes eram mais fortes, nem tão sequer as leis do tempo ou da física tinham controle sobre eles. A partir desse dia viveriam durante séculos, imunes à maldição de Apolo.

Os deuses não estavam felizes. Exigiram ao rei que matasse a todas as criaturas que tinha criado. Como se atrevia *ele*, um simples mortal, a ser o bastante beligerante para frustrar sua vontade.

Mas o rei se negou.

—Não deixarei que meus filhos sofram por vossa vaidade! Podeis morrer-vos todos, não me importa.

Desse modo, enquanto seus filhos se salvavam da maldição Apolita, os deuses lhes deram uma nova. Nenhum de sua espécie poderia escolher ao seu companheiro por seu livre-arbítrio, só as Parcas poderiam atribuir a eles. E nunca haveria paz entre os animais Katagaria e os humanos Arcadianos que o rei tinha criado.

Eternos inimigos, ambas as raças se conheceriam como Were-Hunters porque caçariam uns aos outros. Com o passar do tempo, lutariam e matariam a sua raça... sempre desconfiando. Sempre zangados. Mais que isso, converter-se-iam na fonte de alimento escolhida por seus primos, os vampíricos Daimons que necessitavam de almas para viver depois de seu vigésimo sétimo aniversário.

Nenhuma paz. Nenhuma ajuda. Seu destino era sofrer e existir apesar dos deuses.

Até o dia em que os dois últimos sobreviventes se aniquilassem. Essa foi sua profecia.

E nenhum deveria sofrer mais que os que levavam o nome dos descendentes diretos do rei. Aqueles que carregavam o sobrenome Kattalakis...

CAPÍTULO 1

Janeiro, 2004

O Santuário, Nova Orleans

—**A**ssim que este é o infame Santuário...

Fang Kattalakis elevou o olhar de onde estava apagando sua simples Kawasaki Ninja para ver Keegan olhando o edifício de tijolo vermelho de três andares enquanto cruzava a rua.

O cachorrinho quase nem tinha alcançado a puberdade, ao redor dos trinta em idade humana, mas certamente para sua espécie e em idade dos Were-Hunter, Keegan aparentava dezesseis, o que significava que era tão excitável como um menino humano. Vestido de couro negro para proteger-se enquanto montava a motocicleta, Keggan quase deixou cair sua moto em seu entusiasmo por visitar o famoso santuário que pertencia a uma família de Were-Ursos.

Fang deixou escapar um comprido suspiro exasperado quando prendeu seu capacete na parte traseira. Como castigo, a ele e ao seu irmão Vane, lhes tinha atribuído a tarefa de vigiar a Keegan e ao seu irmão gêmeo Craig.

Diversão, Oh diversão. Preferia que lhe extraíssem as vísceras pelas fossas nasais, a cuidar de filhotes nunca tinha sido de seu agrado. Mas ao menos não tinham ao seu líder Stefan com eles nesta excursão. Isso teria terminado em um completo banho de sangue já que Fang não tinha respeito ou tolerância por Stefan nem sequer em seu melhor dia.

O loiro filhote se aventurou a partir, mas Vane lhe agarrou pelo dorso do pescoço.

Keegan se submeteu instantaneamente, o que refletia sua idade e inexperiência. Inclusive quando ele tinha sido um filhotinho, Fang nunca se rendeu sem lutar. Não estava em sua natureza.

Vane soltou seu agarrão sobre o pescoço do menino.

—Não deixes a manada, filhote. Nos espere.

Isso era pelo qual iam de motos. Tinham dois filhotes com eles e dado que os “inexperientes” jovens não eram realmente bons se teletransportando até mais ou menos os quarenta ou cinquenta anos, e que seus poderes de filhote tendiam a fazer estragos incluso no mais forte quando estava sendo teletransportado por outro, o mundano meio de transporte humano era o melhor.

Assim, ali estavam eles.

Aborrecidos. Inquietos. E com aparência humana. Que asquerosa combinação.

Mais que tudo, Fang estava cansado.

E como estavam adestrando aos filhotes para serem sociáveis e manter a aparência humana durante a luz do dia...

O Santuário parecia o melhor lugar e o mais seguro para tirá-los fora do campo. Só os mais fortes lobos katagaria podiam permanecer em forma humana à luz do dia. Se os filhotes não podiam aprendê-lo para quando alcançassem os trinta e cinco, seu líder ordenaria à manada que os matasse.

Era um mundo áspero no qual viviam e só o mais forte de sua espécie sobrevivia. Se não podiam lutar e misturarem-se, estariam mortos de todos os modos.

Não havia necessidade de gastar seus preciosos recursos em criaturas que não podiam defender à manada.

Vane jogou uma olhada a Fang como se esperasse que dissesse algo a Keegan. Normalmente Fang teria feito algum comentário jocoso ao filhote, mas estava muito cansado para incomodar-se com isso.

—O que os está levando tanto tempo? —Fury se deteve ao lado de Fang, irritado pelo atraso.

Não tão alto como Fang, Fury era magro e arisco. Com olhos turquesa, Fury tinha feições agudas e tudo nele fazia com que Fang se arrepiasse. O comprido cabelo loiro estava recolhido em um apertado rabo-de-cavalo.

Deslizando a mochila sobre um ombro, Fang lhe lançou uma brincadeira com a qual lhe dizia o que pensava sobre o lobo... não de todo.

—Estou guardando minha moto, idiota. Queres que a guarde tu de modo que saibas que estará aqui quando voltar?

As pupilas de Fury se entrecerraram.

—Eu gostaria de ver-te tentá-lo.

Antes que Fang pudesse lançar-se a ele, Liam, o irmão mais velho de Keegan, meteu-se entre eles.

—Abaixo, Lobos.

Em forma real, Fang mostrou os dentes a Fury que lhe devolveu o gesto. Ante a insistência de Liam, Fury se afastou passando dele enquanto os outros cruzavam a rua.

Ele e Vane fecharam a retaguarda.

Fang assinalou a Fury com um gesto do queixo.

—Realmente odeio ao bastardo.

—Não o mates ainda. Tem sua utilidade.

Possivelmente. Mas não o bastante para que Fang não se alegrasse de pôr a Fury em um lado da parede. Não é que tivesse uma parede, mas se a tivesse, Fury seria uma agradável e peluda decoração.

Fang voltou a atenção ao seu irmão, que era uns centímetros mais baixo, igualmente

alto como Fury.

—Assim, por que estamos realmente aqui? Poderíamos ter adestrado aos filhotinhos no acampamento.

Vane deu de ombros.

—Markus queria que nos assentássemos com os Ursos. Já que temos tantas fêmeas prenhes, possivelmente necessitemos da ajuda de seu médico.

Sim, sua irmã Anya e outra meia dúzia de fêmeas dariam a luz a qualquer minuto.

Markus... o indisposto doador de esperma para eles três, tinha querido também perder aos seus “filhos” de vista. O que estava bem para Fang. Ele tampouco era aficionado ao velhote. Já deveria lhe haver desafiado pela liderança, mas Vane e Anya seguiam jogando-o para trás.

Dado que Vane era um Arcadiano oculto em meio de sua manada Katagaria, a última coisa que precisavam era que Fang fosse líder. Isso levaria a incômodas perguntas tais como por que Vane, o mais velho da ninhada de sua companheira, que era o aparente herdeiro de seu pai e um que sabiam que era mais forte magicamente que Fang, não era o que lutava pela liderança. Mas Vane nunca poderia fazê-lo. Porque a dor tendia a fazer que mudassem a suas verdadeiras formas base e não podiam arriscar-se que Vane se convertesse em humano em uma briga.

Isso era pelo qual Fang tinha permanecido em claro toda à noite. Inconsciente, Vane era humano e sua manada mataria ao seu irmão se algum deles suspeitasse sequer a verdadeira forma de Vane.

Bocejando, Fang alcançou à manada que tinha sido detida na porta do Santuário pelo porteiro do Clube. Mais volumoso que os Lobos, o Urso tinha o comprido cabelo loiro encaracolado e levava uma camiseta negra com o logotipo do Santuário parcialmente coberta com uma jaqueta negra de couro para evitar que se resfriasse.

Seus olhos azuis os esquadriharam cuidadosamente.

—Clã?

Vane deu um passo adiante.

—Kattalakis Regis Lykos... Katagaria.

O Urso arqueou as sobrancelhas como se estivesse impressionado com seu pedigree. Regis significava que seu pai tinha um assento no Omegríon —o concílio que observava e fazia as leis que governavam a todos os Were-Hunters. Dado que ali só havia vinte e três membros (vinte e quatro originalmente, mas uma das espécies se extinguiu)... era impressionante ser um deles.

—Algum de vós leva o sobrenome Kattalakis?

—Eu e meu irmão.

Vane assinalou a Fang.

O Urso assentiu quando cruzou os braços sobre o peito e se colocou ali.

—Somos os Peltier. Eu sou Dev, um de um montão de idênticos quadrigêmeos, assim não, não estarás vendo em dobro ou triplo lá dentro, e permaneçam atentos a um como eu que se veste completamente de negro, Remi é um irritável filho da puta. Minha mãe, Nicolette, é a Regis Ursulan Katagaria, assim não comeces nenhuma merda e não serás nenhuma merda. Uma rápida regra a ter em conta. Nada de brigas, nada de golpes e nada de magia. Quebrem as regras, faremo-lhes pedacinhos e lhes expulsaremos daqui... estão avisados —passou um significativo olhar aos filhotes—. Em resumo, venha em paz ou saia

em pedaços. Entendeis?

Fang levantou a mão para lhe responder, mas Vane lhe agarrou o pulso antes que pudesse fazê-lo.

—Entendemos.

Gritando pelo dano que Vane lhe tinha feito, Fang se libertou do puxão de seu irmão. Vane o fulminou com o olhar.

Mantenha a boca fechada e teus gestos para ti mesmo, projetou-lhe mentalmente.

Não aceito ordens de Ursos.

Não, mas as aceitará de mim. Te comporte, Fang ou te chutarei o traseiro até a Idade da Pedra.

Vane lhe agarrou pela manga da jaqueta e lhe arrastou ao bar.

Fang se afastou dele. Ao menos que o vencesse com magia, Vane não era nem de perto tão forte como ele.

—Não sou sua cadela, rapaz.

Vane se voltou para ele com um olhar que dizia que estava a um passo de lhe dar seu melhor golpe.

—Então faça-o por Anya. Possivelmente necessitemos que nos ajudem se ela tiver problemas com sua ninhada.

Isso era um golpe baixo e a única coisa que Vane sabia com a qual ele não lutaria. Anya era de seu sangue. Por ela, fariam qualquer coisa.

—Certo. Só estou irritável pela falta de sono.

—Por que não dormiste?

Estava te protegendo... Alguns dos lobos tinham estado rondando a noite passada e Fang imaginou que tropeçariam com a posição de Vane enquanto dormia. Assim que ficou fazendo guarda para assegurar-se que o perfume e o cheiro de Vane não fossem descobertos.

Mas nunca diria a verdade ao seu irmão. A Vane envergonharia pensar que seu irmão mais novo tinha que lhe proteger.

—Não sei. Só não podia.

—Assim, quem é ela?

Fang pôs os olhos em branco.

—Por que achas que é uma fêmea?

Vane elevou as mãos.

—Não sabia que foras aficionado em homens. Anotarei isso dentro de minha pasta especial para Fang.

Ignorando-lhe, Fang jogou uma olhada ao redor do infame e escuro clube que não estava muito abarrotado pela tarde. Uns poucos humanos ocupavam as mesas, mais jogavam bilhar ou aos videogames na parte de trás. Ante o cenário se situava uma vazia pista de dança com o nome Howlers gravado em azul escuro e branco sobre a parede do fundo.

Craig e Keegan juntaram três mesas em um canto para acomodar aos dez. Alguns dos humanos os olharam nervosamente, o que Fang achou engraçado, especialmente a mulher que pôs sua bolsa no colo quando passaram junto a eles. Como se um Lobo necessitasse de dinheiro.

Mas claro, pareciam um grupo de arruaceiros. Vestidos com roupas de couro de motociclistas, cada um deles estava preparado para lutar se tinham que fazê-lo.

O único deles que parecia remotamente inofensivo era Vane, que levava calças jeans com uma jaqueta de couro marrom e uma escura camiseta vermelha. Terei que dizer, que ele tinha o cabelo mais comprido de todos eles. Mas estava recolhido em um rabo-de-cavalo e com um impecável barbeado, estava passável. O resto deles levava uma barba de vários dias e pareciam as feras bestas que eram em realidade.

Fang atirou sua mochila no chão e tomou assento para estirar suas longas pernas. Apoiando-se contra a parede, ajustou seus óculos de sol e fechou os olhos para tirar uma rápida sesta, enquanto se lançavam merda entre eles. Se pudesse ter só dez minutos ininterruptos para sentar-se e não pensar em nada, seria um Lobo novo....

—**A**caba de chegar uma manada de lobos.

Com um nó deslizando-se em seu estômago, Aimee Peltier jogou uma olhada sobre o livro de contabilidade no qual apontava as novas entradas. Sua mãe, Nicolette Peltier, congelou-se ante a seca declaração de Dev.

Encontrou o olhar perplexo de Aimee enquanto se levantava detrás do grande mesão marrom.

—Quantos?

—Parecem ser oito Slayers e dois filhotes em treinamento.

Maman arqueou uma loira sobrancelha. Embora se aproximasse dos oitocentos anos, parecia não ser mais velha que uma humana de quarenta anos. Vestida com um traje azul executivo e com seu cabelo loiro em um apertado coque, parecia afetada e apropriada, diferente de Aimee, que estava vestida com uma camiseta e uns jeans, levando seu comprido cabelo solto.

—Slayers ou Strati?

Os Strati eram os guerreiros Katagaria mais ferozes do grupo e, em geral, zangavam-se com rapidez. Os filhotes, devido às mudanças hormonais que eram ainda piores que nos humanos, eram ainda mais ferozes. Mas, em geral, careciam do poder e da força para respaldar seus egos. Os Slayers por outra parte, eram assassinos indiscriminados que matavam a tudo o que cruzasse em seu caminho. Os Arcadianos aplicavam este último termo a qualquer soldado Katagaria como uma justificativa do porquê era necessário matá-los.

Se este grupo de lobos eram realmente Slayers, sua presença no bar era como um barril de dinamite que repousa sobre um fogão em um furioso incêndio.

Dev se coçou atrás do pescoço.

—Eles são tecnicamente Strati, mas estes são casos excepcionais. Não lhes custaria muito se fazer Slayers.

Aimee se levantou.

—Irei ver o que querem.

Dev bloqueou sua saída.

—Cherise já tomou nota.

Ela se horrorizou por sua imprudência.

—Confiou em um humano para que os atendesse?

Estava louco?

Dev parecia imperturbável ante sua própria estupidez.

—Cherise é muito agradável e doce. Duvido inclusive que um verdadeiro Slayer pudesse lhe fazer algo. Além disso, sei como se sente com os lobos e pensei em lhe economizar ter que lidar com eles. Não precisamos de mais problemas aqui por um tempo.

Era verdade. Seus encontros com os lobos nunca tinham sido bons. Ela não podia explicar, mas compartilhava a aversão de sua mãe aos dessa espécie. Os lobos eram violentos e asquerosos. Arrogantes ao extremo. Sobretudo, afetavam a sua sensibilidade “urseira”.

Nicolette se levantou.

—Aimee, vá e vigia-os. Te assegure de que não causem nenhum problema enquanto estão aqui. Não quero outro espetáculo. Se tentarem algo, embora só seja respirar de forma incorreta, os jogue fora.

Ela inclinou a cabeça a sua mãe.

Dev se colocou a um lado para deixá-la passar.

—Se necessitas de uma mão, estarei ali com ajuda mais rápido do que possas dizer “mancha de lobo”.

Aimee se conteve de sussurrar um insulto ao seu superprotetor irmão. Ele a conhecia bem. Mas havia momentos nos quais se sentia completamente asfixiada por sua família.

Ainda assim, ela os amava. Com defeitos e tudo.

Dando-lhe um tapinha no braço, caminhou pelo corredor para a cozinha onde as pessoas, inconscientemente, misturavam-se com o pessoal Were-Hunter. Eles pensavam que isto era um bar e um restaurante normal. Se soubessem a verdade...

Pegou seu avental e o atou à cintura antes de pegar sua bandeja.

—Onde estiveste?

Fez uma pausa no bar onde se encontrava seu irmão Remi. Idêntico a Dev, não era nenhuma surpresa já que eram dois dos quadrigêmeos que Maman tinha dado a luz, ele tinha herdado toda a cólera rude de seus outros três irmãos combinados.

Além de que apenas a tolerava.

—Com Maman, ordenando a comida e a bebida. Nada que seja de teu interesse.

Remi deu a volta na mesa de aço inoxidável industrial para meter-se em seu espaço pessoal de uma forma que a fez querer lhe dar uma forte joelhada em seu orgulho de homem.

—Sim, pois há uma manada de lobos.

—Dev já me disse isso.

—Então tira teu traseiro daqui e vigia-os.

Ela se burlou dele.

—Boa atitude, Rem. Realmente, deverias pensar em pôr uma demanda ao idiota que te vendeu ela.

Ele se lançou contra ela.

Aimee lhe afastou com sua bandeja e lhe empurrou de novo.

—Não, irmão. Não estou de humor.

Ele lhe deu um empurrão pelas costas.

—Remi!

Ele se congelou quando seu pai entrou na cozinha. Com mais de dois metros de altura e bem musculoso, Papai Urso era uma visão aterradora, inclusive para os filhos que

sabiam que nunca lhes faria mal. Seu comprido cabelo loiro estava amarrado em um rabo-de-cavalo que se parecia com o de Remi. De fato, parecia muito parecido a Remi e Dev, ante qualquer um que não o conhecesse bem poderia passar como um irmão mais velho.

—Deixe a sua irmã em paz. Agora, vá lavar os pratos até que te esfrie.

Remi o olhou airadamente.

—Ela me provocou.

Papai suspirou.

—Todo mundo te provoca, *mon fils*. Agora vá e faça o que te hei dito.

Aimee ofereceu ao seu pai um reconciliador sorriso.

—É só um leve desacordo, papai. Remi tem essa necessidade de respirar, dentro e fora, que me incomoda. Se só deixasse de respirar, estaria bem.

Seu pai lhe lançou um olhar triste.

—Nunca me digas isso, *Chere*. Já enterrei suficientes filhos e irmãos. Agora te desculpe ante Remi.

Completamente arrependida, Aimee se aproximou de seu irmão. Seu pai tinha razão, ela não queria que acontecesse nada a ninguém de sua família. Inclusive, tão arisco como era Remi, ela ainda o amava mais que a tudo e o protegeria com sua vida.

—Sinto muito.

—Assim deve ser.

Aimee grunhiu ante sua personalidade hostil. Por que tinha que brigar com todos? Ela olhou airadamente ao seu pai.

—Sabes, é uma pena que os ursos Katagaria não comam a suas crias, especialmente aos mais irritantes.

Querendo pôr distância entre eles, saiu pela porta, para a área do bar onde a garçonete humana, Cherise Gautier, enchia umas bebidas. Miúda e loira, Cherise tinha a inclinação mais amável que qualquer outra pessoa com a qual Aimee se encontrou em seus trezentos anos de vida. As criaturas como ela eram raras e Aimee desejava ser mais como ela.

Infelizmente, havia muito de Remi nela, por essa razão não podia suportar ao seu irmão a maioria dos dias. Eram duas ervilhas em uma vagem que juntos a faziam explodir.

—Ouça, Aimee —disse Cherise com um brilhante sorriso que em seguida a animou—. Estás bem, neném? Pareces irritada.

—Estou bem.

Cherise lhe dirigiu um fixo olhar quando cobriu sua mão e lhe deu um apertão de apoio.

—Outra vez brigando com seu irmão?

Às vezes poderia jurar que a humana tinha poderes sobrenaturais.

—Não o fazemos sempre?

Imperturbável, Cherise pôs os copos sobre sua bandeja.

—Bem, para isso está a família. Mas sabes que se alguém te ameaçara, Remi teria seu traseiro para o jantar e tu farias o mesmo por ele. Esse menino te ama mais que a sua vida. Nunca esqueças disso.

Cherise começou a recolher a bandeja.

—Eu o farei.

Aimee se colocou frente a ela.

Cherise franziu o cenho.

—Estás segura?

—Absolutamente. Além disso, esta é tua hora de descanso.

Com uma expressão cética, Cherise se afastou.

—Certo, então. Estarei só a um grito se por acaso se enche de repente. Isto é para a mesa trinta.

Aimee levantou a bandeja do balcão e amaldiçoou quão pesadas eram as oito cervejas e os copos de gelada Coke. Era algo bom que ela o tivesse pegado da humana. Tão diminuta e frágil como era Cherise, teria tido problemas para levá-lo. Mas o certo é que a humana nunca pronunciaria uma só queixa. Cherise nunca dizia nada ruim de nada ou ninguém.

Aimee se dirigiu cuidadosamente do bar até as mesas nas quais os lobos se sentaram. Quando dobrou a esquina, soltou um fôlego estrangulado.

É obvio que pareciam a escória do reino animal. Brutos, desalinhados e usando couro. Só esperava que os dois jovens não tratassem de subir aos móveis ou às pernas de algum humano.

Embora quando os viu mais de perto, pôde notar que o de cabelo comprido era muito bonito. Seu cabelo escuro estava composto por uma multidão de cores. Vermelho, mogno, marrom, negro, inclusive alguns loiros. Era tão assombroso como seus olhos escuros.

O único deles realmente notável era o que levava uma jaqueta de motorista negra, que estava inclinado em sua cadeira com suas incrivelmente longas pernas estiradas em frente dele. Sua negra camiseta se estirava sobre seu apertado estômago que parecia rocha dura e plana. Com o cabelo curto escuro e uma evidente atitude desagradável, era difícil que passasse despercebido. Seus duros traços estavam cobertos com uma barba incipiente de vários dias e seus olhos estavam completamente ocultos atrás de um par de óculos escuros.

Havia algo nele que gritava poder. Algo letal. Mortal. Duro. O animal nela podia apreciar como era capaz de impressionar ao mesmo tempo em que parecia estar totalmente a gosto. Isto também pôs em alerta seus instintos, fazendo-a extremamente cautelosa com esse grupo.

Sim, um lobo que dava à palavra Slayer todo um novo significado. Olhou pela sala para localizar aos seus aliados. Seus irmãos Zar e Quinn estavam na barra do bar. Colt, outro urso que vivia com eles, estava bebendo em frente deles. O garçom, Wren, que era um Tigre, estava situado no canto e limpava umas mesas enquanto seu bichinho, o macaco Marvin, colocava a cabeça no bolso do avental de Wren.

Ela estava rodeada se por acaso fosse necessário.

Saindo de sua “enroscada” aura, fechou a distância entre eles.

Logo que a viram aproximar-se, os lobos ficaram de pé... exceto o que parecia o pior de todos. Continuou recostado com seus braços cruzados sobre seu peito.

—Fang!

O de cabelo comprido e escuro lhe deu um chute nas pernas.

Fang lançou uma maldição tão suja, que realmente a fez ruborizar-se. Teve ao que roubou seu nome em suas mãos antes que parecesse dar-se conta do que tinha feito.

—Vane?

—Sim, idiota, me solte.

O lobo alto e loiro mais próximo a Fang baixou a cabeça ameaçadoramente.

—Estavas dormindo?

Fang libertou Vane e se dirigiu ao que tinha falado com uma brincadeira que demonstrava que não só odiava ao outro lobo, mas também pensava que era um idiota.

—Eu era lobo ou humano?

—Humano.

—Então não estava dormido verdade, Scooby?

Ela enrugou sua testa ante o insulto. Aos lobos não gostavam de ser comparados com cães e menos se se referia a um cachorro de um desenho conhecido por suas palhaçadas e sua falta de inteligência na briga.

O fato de que o lobo loiro não saltasse sobre ele corroborava a ferocidade de Fang como nada mais poderia fazê-lo.

Fang se levantou e subiu os óculos de sol como se tratasse de ser respeitoso com a presença de Aimee, algo que lhe pareceu incongruente e ainda assim... Estes lobos não eram nada como ela esperava.

E seus olhos...

Eram de uma bela cor marrom com um toque de ferro neles. Entretanto, era a dor e a inteligência que mostravam o que chegava a ela. Uma dor que parecia ilimitada.

Bocejando, Fang coçou o espesso bigode de seu rosto.

—Embora não foi falta de tentá-lo.

O filhote de lobo se aproximou dela.

—Me deixe te ajudar com isso.

—Deixe —disse brandamente, surpreendida pelo bem educados que estavam estes lobos.

Os que ela tinha conhecido no passado tinham estado nos mais baixos degraus da escala evolutiva.

Logo que baixou a bandeja, todos pegaram suas bebidas sem esperar que as repartisse.

Vane tomou seu pano e secou a bandeja antes de devolver-lhe.

Aimee lhe sorriu.

—Obrigada.

Foi realmente desconcertante ver que os lobos pareciam ter modos. Não estava segura de como lidar com eles.

Quando começou a afastar-se, o que se chamava Fang a deteve com um gentil toque.

—Te caiu isto.

Ele se inclinou para recolher sua caderneta, que devia ter caído do bolso de seu avental.

Quando se levantou, deu-se conta de quão grande era. Não fornido como os ursos aos que ela estava acostumada, ele era mais magro.

E era duro. Sólido como o aço.

—Obrigada.

Fang não podia falar enquanto olhava os olhos de cor azul mais clara que já tinha visto. Estavam no rosto de um anjo loiro. Um ao qual lhe marcava uma covinha na bochecha direita quando falava. Sua pele era tão suave que parecia de veludo e, por alguma razão que não podia compreender, queria passar o dorso de seus dedos contra sua

bochecha para ver se era tão suave como parecia.

E seu cheiro... era de lilás e lavanda. Normalmente, o cheiro de outra espécie é repugnante aos sentidos aumentados do lobo. Mas não o seu. Ela cheirava cálida e doce. Tão doce, que fazia todo o possível para não esfregar seu rosto contra seu pescoço para cheirar mais dela. Quando sua mão lhe roçou, seu corpo estalou com o calor.

Sem uma palavra, meteu a caderneta no bolso e deu a volta.

Fang teve que se controlar para não ir atrás dela.

Vane lhe entregou sua cerveja, desviando sua atenção. Ao voltar a olhar, ela já tinha ido.

—Estás bem?

Fang assentiu ante a pergunta de Vane.

—Só cansado.

No momento em que começou a sentar-se, a urso retornou. Todos eles voltaram a se levantar. Os lobos protegiam a suas mulheres com mais força que qualquer outro Were-Hunter.

Leais e mortais, lhes ensinavam desde seu nascimento a mostrar respeito às mulheres, independentemente das espécies. O fato de que esta urso estava relacionada com os donos do bar a fez ainda mais respeitada.

A urso tirou sua caderneta de novo.

—Meu nome é Aimee. Esqueci-me de tomar vosso pedido.

Aimee... era um bonito nome, suave e perfeito para ela. Embora ele não o dissesse em voz alta, sabia que sua língua o saborearia qual fino uísque.

—Carne —disse Vane—. Tão crua como é possível.

Ela o anotou.

—Imagino que todos quererão o mesmo.

Liam se acomodou na cadeira.

—Sim, por favor.

Aimee assentiu e conteve a risada ante o pedido mais habitual da clientela katagaria. A todos os animais gostava da carne que quase nem era aquecida pelos humanos na cozinha, os quais não podiam entender por que tinham tantas ordens parecidas.

—Muito bem, duas dúzias de especialidades da casa. Algum de vocês quer viver perigosamente e provar a verdura?

—Acaso te parecemos coelhos?

Vane golpeou no ombro ao loiro sentado a sua direita.

—Já basta, Fury.

O lobo lhe olhou molesto, mas se freou. Como lobos, todos eles estavam com o alfa, inclusive embora lhes mortificasse, fariam-no. É obvio, também lutavam até a morte por sua manada. Mas não importava o muito que lutassem entre si, ao final do dia sempre estavam unidos contra qualquer pessoa alheia. Era o que os faziam tão perigosos. Os lobos nunca lutavam sozinhos. Lutavam como uma manada. Raivosos. Frios. Letais. E juntos podiam matar a quase tudo o que vivesse... ou inclusive aos que não.

—Tens algo doce?

Aimee centrou sua atenção em Fang ante seu pedido pouco comum.

Os ursos gostam dos doces, mas aos lobos geralmente gostavam da carne.

—Gostas de doces?

—A mim não. É para nossa irmã. Está prenhe e tem desejo de doces.

Desta vez seu sorriso se filtrou em forma de calor através dela.

—E queres levar alguns para ela?

Ele assentiu.

Que lindo podia ser. Ela se congelou ante a punhalada de dor que sentiu ante um pensamento que lhe veio à mente. Inclusive apesar de que imediatamente os cortava. Sempre fazia o possível para não pensar em Bastien e Gilbert. Ainda assim, estavam em seus pensamentos muitas vezes ao dia.

—Feito. Vou pedir em um par de carnes e sobremesas para ela.

—Muito obrigado.

Por alguma razão que não podia explicar, Aimee queria seguir aí e falar com o lobo. Sem nenhuma outra razão que escutar o timbre profundo de sua voz quando falava. Tinha um leve acento como se tivesse vivido na Inglaterra em algum momento de sua vida. Era realmente sedutor...

O que está errado comigo? Odeio aos lobos.

Eram rudes. Incômodos. Fedorentos e sempre em busca de problemas.

Entretanto, havia algo sobre isto que não lhe convencia.

O fato de que pensasse de sua irmã.

Pelo menos tinha coração. Isso só o pôs milhas a frente de outros de sua espécie.

Quando se foi de novo, não pôde resistir olhar para trás. Agora dava golpes com Fury enquanto Vane os separava como um pai com dois filhos pequenos.

Aimee sacudiu a cabeça.

Isso lhe confirmou o por que não podia se confiar nos lobos. Algo sobre as presas, sempre eram mordazes e diretos com todos e cada um dos suficientemente tolos que se aproximassem deles.

Quando se dirigia à cozinha com os pedidos na mão, um grupo buliçoso que baixava as escadas se deteve. Amaldiçoou-se por dentro ao vê-los.

Chacais.

Duas mulheres e quatro homens. Deviam ter se teletransportado ao andar superior que estava reservado para esse tipo de atividade, tratava-se de uma zona a salvo dos seres humanos para que nunca suspeitassem o que realmente era o Santuário. Para eles era só um clube.

Para os Were-Hunter, era terreno neutro onde não podiam ser atacados.

E se havia algo que ela odiava mais que aos lobos, era a seus primos caninos, os chacais. Se ser um chacal não era bastante ruim já, estes eram também Sentinelas Arcadianos e pelo olhar que tinham estavam à caça de alguém.

Suspirando pesadamente, olhou para os lobos Katagaria, perguntando-se como iam reagir ante na presença dos Chacais Arcadianos.

A última coisa que precisava era que estalasse uma luta feroz entre um clã de sentinelas e uma manada de Strati. Especialmente Strati com jovens a proteger. O que os fazia inclusive mais ferozes e violentos que o normal.

Voltou de novo para o bar, mas seu caminho foi interrompido quando um dos chacais se teletransportou diante dela. Ele a olhou de cima a baixo com uma careta de asco.

Aimee estreitou seu olhar nele.

—Não podes usar tua magia aqui. Há muitos humanos que poderiam te ver.

Ele sorriu.

—Não aceito ordens de animais. Agora me diga onde está Constantine ou vamos derrubar este bar.

Aimee se negou a ser intimidada por alguém.

—Estamos protegidos pelas leis do Omegrión, que estás obrigado a seguir. Todos são bem-vindos, inclusive as criaturas mais pútridas e a nenhum Ihe pode tirar a força.

Ele a agarrou pelo braço.

—Procura Constantine, ou vou fazer umas botas com tua pele, urso.

Aimee se soltou de seu puxão.

—Não me toques, ou enviarei tuas bolas contra a parede por cima de tua cabeça.

Os chacais a rodearam.

—Não temos tempo para isto. Está aqui. Podemos cheirá-lo.

Aimee o olhou com uma careta zombadora.

—Alguém tem que tirar a cabeça fora de seu traseiro e deixar de cheirar sua própria roupa íntima porque o único chacal que há aqui, és tu, amigo.

—Há algum problema?

Por uma vez, agradecia escutar o profundo grunhido de Dev.

Aimee olhou mais à frente do ombro do líder para ver Dev com Colt, Remi, e Wren.

Papai estava vindo até eles.

—Sim. E acredito que é o momento de que nossos amigos encontrem a saída.

Dev foi alcançado pelo líder que Ihe pegou tão rápido, que apenas o viu passar. Com um fluido movimento, atirou Dev sobre suas costas ao chão. Dev ficou preso e congelou quando o chacal sustentou sua Teaser pronta.

Não era pela dor de um possível golpe pelo qual se imobilizou. Uma descarga e perderiam o controle de suas formas humanas durante horas. Em realidade, qualquer golpe de eletricidade os teria cintilando de humano a animal uma e outra vez.

Uma coisa que era difícil de explicar à clientela humana que tendia a ficar um pouco histérica se chegasse a vê-lo.

Aimee jogou uma olhada ao número de humanos que havia no salão. Tinham que arrumar a situação o mais pacificamente possível. E rápido. O líder a olhou e ela assentiu com a cabeça. De repente, um homem a agarrou por trás e Ihe colocou uma faca na garganta. O olhar do líder brilhou como o gelo.

—Agora nos dêem Constantine ou terei sua cabeça.

Aimee contemplou assustada a Dev, que sabia o que tinha feito. Não podiam Ihes dar o que não tinham. Ia ficar sangrento e dela ia ser o sangue que derramariam primeiro.

CAPÍTULO 2

—**P**ermaneça fora disto, Fang. —disse Vane com um baixo suspiro.

Sentindo sua cólera sair à superfície, Fang estreitou os olhos nos sentinelas que rodeavam a Aimee.

—É uma fêmea ameaçada.

—Não é uma de nós e precisamos aos ursos de nosso lado. Infrinja as leis do Santuário do Omegrión e se negarão a nos ajudar. Para sempre. Negar-se-ão a ajudar a Anya.

Fang ouviu essas palavras e estava disposto a acatá-las. Sua irmã era o mais importante...

Até que viu a faca.

Vane amaldiçoou quando também a viu. Anya ou não, não estava em sua natureza deixá-lo passar e posto que os ursos pareciam estar para dentro de suas pequenas cabeças peludas...

O olhar cor avelã de Vane se fixou em Fang.

—O imbecil da frente é meu, tu tomas ao que está com a mulher.

Fury baixou a cabeça de acordo com sua carreira suicida.

—Cobrimo-lhes a retaguarda.

Vane assentiu com a cabeça antes de teletransportar-se à luta.

Aimee considerou as conseqüências de golpear a cabeça do chacal que a mantinha cativa. Mas ele manteve a faca apertada contra sua garganta, impedindo-lhe. Poderia cortar a jugular se o tentava. Olhou aos seus irmãos e ao seu pai, todos afastados, muito assustados de mover-se por medo a lhe machucar.

Lágrimas de frustração emanaram de seus olhos. Não podia ficar aí tão indefesa. O urso nela queria provar o sangue do chacal independentemente do que lhe custasse. Inclusive a morte. Mas seu lado humano tinha melhor critério.

Não valeria a pena.

O chacal a agarrou pelo cabelo e pressionou a faca ainda mais.

—Nos digam onde está Constantine. Agora! Ou seu sangue fluirá como o poderoso Niágara.

Seu pai abriu a boca, mas antes que pudesse falar alguém lhe arrebatou a faca de sua garganta.

Aimee amaldiçoou quando recuperou sua cabeça e seus cabelos estirados. Cambaleando, caiu ao chão e aterrissou sobre seu estômago. Os sons explodiram completamente ao seu redor enquanto o chacal foi rápida e dolorosamente derrubado pelos lobos. Esfregando a garganta onde tinha estado a faca, procurou o chacal que a tinha segurado.

Fang o tinha contra o chão, golpeando repetidamente sua cabeça tão forte como podia. Era como se estivesse possuído por algo que lhe exigia matar ao chacal com suas próprias mãos.

Ambos estavam cobertos de sangue.

—Fang! —Gritou Vane, puxando em seguida ele—. Está inconsciente.

Grunhindo, Fang só se levantou para lhe dar um chute nas costelas do chacal.

—Covarde bastardo. Ameaçar com uma faca a uma mulher.

Começou de novo com sua vítima, mas Vane o apanhou.

—Basta!

Fang deu de ombros antes que seu irmão lhe dirigisse um olhar tão angustiado e atormentado que lhe tirou o fôlego. Que demônio tinha afundado suas garras tão profundamente em sua alma? Algo trágico jazia por trás daquele tipo de dor.

O que tinha que fazer.

Deu a volta até o chacal.

Vane estendeu seus braços para capturá-lo.

—Está acabado. Deixe-o.

Grunhindo como um verdadeiro lobo, Fang passou empurrando ao seu irmão.

—Vou esperar lá fora.

Antes que Vane lhe detivera, deu um último chute na cabeça ao chacal em seu caminho para a porta.

Fury riu da ação de Fang quando torceu o braço do chacal que sustentava.

—Deveria te quebrar em dois. Isso não poderia melhorar teu dia, mas definitivamente melhoraria o meu.

Vane sacudiu a cabeça pelas ações de Fang e as palavras de Fury.

Dando a volta para Papai, caminhou devagar para eles.

—Infelizmente, rompemos o pacto.

Deu o dinheiro a Dev.

—Partiremos e nunca voltaremos.

Papai empurrou de volta o dinheiro para Vane.

—Não tendes que partir. Salvasteis a minha filha. Vos agradeço. Enquanto tenhamos um refúgio, vós também o tereis.

Era a honra mais alta que lhe poderia outorgar a um Were-Hunter. Era um dito muito antigo que só se oferecia a outra espécie como um gesto de eterna amizade.

Não, bem mais de família.

Vane parecia envergonhado por isso.

Aimee viu como sua família tomava aos chacais dos lobos e os levavam afastando-os, sem dúvida para lhes dar ainda mais chutes no traseiro fora da vista dos humanos.

—Estás bem? —Perguntou-lhe Remi enquanto lhe ajudava a ficar de pé.

Ela assentiu.

Fulminou com o olhar ao que Fang tinha estendido no chão num atoleiro de sangue.

—Bom, porque vou brigar com um chacal quando despertar.

Aimee pôs os braços em jarra.

—Acredito que já o fez o lobo.

—Sim, mas não é suficiente. Vou lhe esmurrar com minha cabeça. Esse rapaz terá pesadelos com ursos durante o resto de sua vida... a qual poderia resultar ser muito mais curta do que tinha sonhado.

Aimee normalmente se meteria com ele, mas ainda estava alterada, como o resto deles. Era muito estranho que alguém incomodasse a sua família, especialmente a Dev, que sempre foi conhecido por suas proezas na luta. Nunca em todos estes séculos tinha visto que alguém o imobilizasse.

Uma pequena surra aos chacais poderia assegurar que não acontecesse outra vez.

—O que acontecerá aos humanos?

Papai sacudiu com força o queixo para o loiro alto que passeava ao redor da multidão.

—Max está limpando, inclusive enquanto falamos. É por isso que ninguém gritou nem se moveu quando os chacais lhe atacaram. Ouviu a comoção e se apresentou aqui.

Respirou aliviada. Max era um were-dragão que tinha a capacidade de substituir as lembranças da memória humana. Era uma das razões pelas quais lhe mantinham aqui, embora era difícil dar espaço a sua grande forma de dragão. Seu talento era útil em ocasiões como essa e significava que não tinham que matar aos humanos que fossem testemunhas de coisas que se supunha que não existiam.

—Devemos ir atrás de Fang? —Keegan perguntou a Vane quando passaram diante dela.

—Deixe-o que se acalme primeiro. Não necessitamos que comece outra briga.

Aimee tomou a mão de Vane.

—Obrigada por tua ajuda. Realmente o aprecio.

Ele sacudiu sua mão brandamente.

—Em qualquer momento.

Sorriu-lhe e gesticulou com o polegar para a cozinha.

—Irei dar vossos pedidos para os ter logo.

Seu pai inclinou a cabeça para Vane.

—Não te preocupes, está em tua casa. O que necessiteis tu e os lobos, nos façam saber.

—Obrigado —disse Vane e conduziu aos lobos de volta a sua mesa.

Dev sorriu abertamente a ela.

—Nunca pensei que diria isto de nenhuma espécie canina, mas acredito que eu gosto desse grupo.

Aimee não fez nenhum comentário e se dirigiu à cozinha onde sua mãe a estava esperando.

Com seus traços severos, Maman se afastou para deixá-la passar.

—Constantine se encontra no Omegrión como o principal Regis Arcadiano. Não o conheço bem, entretanto, acredito que deveríamos encontrá-lo e dizer que seus amigos o estão esperando, para nivelar um pouco o campo já que parecem estar tão impacientes para reunir-se com ele.

Era uma forma sutil de dizer que *Maman* queria aos chacais mortos e poder justificá-lo no Omegrión se alguém fazia perguntas. Depois de tudo, se os chacais caçavam Constantine tão ferozmente, ele devia saber o porquê.

Aimee poderia ter argumentado que era uma sentença dura, mas dado o que os chacais lhe tinham feito, estava do mesmo humor esportivo que sua mãe.

—Estou segura de que Dev pode arrumá-lo.

Os olhos de sua mãe se escureceram.

—Ninguém ameaça aos meus cachorrinhos. Realmente estás bem, *chérie*?

—Estou bem, *Maman*. Graças aos lobos.

Maman lhe acariciou brandamente o braço antes de retornar ao seu escritório.

Aimee foi por uma ordem de carne que estava no bar. Entregou os pedidos aos outros cozinheiros, tomou o prato e pegou uma cerveja para Fang quando passou pelo bar.

—Volto em uns minutos.

Seu irmão mais velho, Zar, que se parecia muito a Dev só que com o cabelo mais curto, mais alto e mais corpulento, deteve-a.

—Estás bem?

Neste ponto, a pergunta a estava cansando. Não era um pulso frágil que se romperia ao mais leve contato. Era um urso com toda a força e capacidades inerentes a sua espécie. Sua família, entretanto, tendia a esquecer aquele fato.

—Um pouco sacudida e bastante irritada. Eu não gosto que ninguém caia sobre mim da maneira em que fizeram esses chacais. Mas agora estou bem.

Um músculo se esticou em sua mandíbula, lhe mostrando a ira que mantinha oculta debaixo de seu tranqüilo exterior.

—Sinto que não fôssemos tão rápidos.

Aquelas palavras a atormentaram enquanto revolviam lembranças dentro dela que não queria recordar.

—Realmente, está bem, Zar. Prefiro ser ameaçada a te ver sofrer.

Outra vez. Deixou aquelas palavras tácitas enquanto via suas próprias dolorosas lembranças refletidas no horror de seu olhar.

Era um passado do qual nunca falavam, mas que tinha deixado marcados a todos.

—Te amo, Zar.

Ele lhe ofereceu um oco sorriso antes que se afastasse de modo que pudesse seguir atendendo o bar.

Aimee se dirigiu para a porta traseira que dava ao beco e logo cruzou a rua onde Fang estava sentado sobre a calçada, esperando aos outros. Seus traços preocupados recordaram aos de um menino perdido. Algo completamente incongruente com sua aura de mais-resistente-que-o-aço. Sem mencionar sua coragem ao separá-la de seu atacante sem sequer ter sofrido um arranhão. Sua velocidade e força não tinham igual e atemorizavam.

Apesar de ter utilizado seus poderes para eliminar o sangue de sua roupa, recordava

bem a forma em que tinha golpeado ao chagal.

Mas o que mais a surpreendeu era o fato de que não sentisse rechaço por sua violência. Normalmente, ante tal excesso, teria tido que lhe mostrar a porta.

Então, voltava a ter a faca em sua garganta. Pessoalmente, gostaria de chutar ela mesma ao chagal. Sim, tinha que ser isso. Estava muito agradecida com ele para estar zangada por suas ações.

Fang ficou de pé logo que a viu.

Por alguma razão que não podia nomear, sentia-se nervosa, tímida quando se aproximou dele. Inclusive vacilante.

Quão distinto a ela. Sempre era fria quando estava ao redor de homens, especialmente quando eram de outra espécie. Mas com Fang...

Havia algo diferente.

Fang engoliu seco quando viu que Aimee cruzava a rua. Era ainda mais bonita à luz do dia do que era dentro do escuro clube. A luz do sol brilhou em seu cabelo, convertendo-o em ouro, fazendo com que lhe picasse a palma da mão por querer tocar sua suavidade. Devia estar congelando-se. Tudo o que tinha posto era uma magra camiseta do Santuário.

Tirou a jaqueta quando ela finalmente se aproximou.

—Querida te agradecer de novo —disse com sua voz baixa e doce. Franziu o cenho quando lhe colocou a jaqueta ao redor de seus magros ombros.

Fang baixou a cabeça com vergonha quando compreendeu por que a incomodou sua ação.

—Sei que cheira a lobo, mas faz muito frio para estar aqui fora com os braços nus.

Ela franziu o cenho ainda mais ao olhar seus braços.

—Tu também levas só uma camiseta.

—Sim, mas estou acostumado a estar do lado de fora —tomou a comida—. Assim suponho que não nos proibiram de voltar depois de tudo.

Ela riu, lhe mostrando a covinha que mataria por beijar.

—Nem muito menos. Alguém que luta por nós é sempre bem-vindo.

Seus traços se suavizaram, ele assentiu.

—Bom. Tinha medo de ter que escutar merda de Vane durante os próximos séculos.

Aimee sufocou uma risada pelo modo que se repreendeu por ter amaldiçoado frente a ela. Era muito doce, encantador e também inesperado.

—Não é como os outros lobos, verdade?

Ele bebeu sua cerveja diretamente da garrafa.

—O que queres dizer?

—Nunca estive ao redor dos lobos e que fossem tão...

Arqueou uma sobancelha como se a desafiasse a insultá-lo.

—Educados.

Fang riu, um quente e rico som que carecia de qualquer indício de brincadeira. A expressão suavizou seus traços, fazendo-o ainda mais bonito e fascinante. E por alguma razão, não podia ter bastante dele, com cada movimento que fazia seu olhar se dirigia para seus bem esculpidos braços flexionados. Tinha os melhores bíceps que já tinha visto.

—Nossa irmã está grávida —disse depois de ter engolido um bocado—. Ela tem códigos que devemos seguir e Vane os faz cumprir.

—Mas tu não gostas? —Havia uma nota em sua voz enquanto falava.

Ele não respondeu enquanto cortava a carne com seu garfo.

Aimee fez um gesto para o bar.

—Queres comer lá dentro com o resto?

—Nah. Eu não gosto de estar lá dentro e não posso suportar a maioria deles de todos os modos —virou seu queixo para a porta lavrada do bar onde Dev montava guarda de novo—. Provavelmente deverias voltar. Estou seguro de que teu irmão não quer que estejas aqui fora com cães.

—Não és um cão.

Disse cada palavra enfaticamente, surpreendida de que realmente fora o que sentia. Fazia uma hora, teria sido ela a que lançara esse insulto a ele e ao resto de sua manada.

Agora...

Realmente não era como os outros e seriamente queria ficar aí com ele.

Vai, Aimee.

Deu um passo afastando-se antes que recordasse que levava sua jaqueta. Tirando-lhe a devolveu.

—Obrigada de novo.

Fang não podia falar quando a viu cruzar a rua e entrar no bar. Quando sustentou sua jaqueta contra seu peito, seu cheiro o golpeou com toda a força de uma onda, tão forte que queria uivar por ela. Em troca, enterrou o rosto contra o pescoço inalando profundamente, sentiu seu corpo endurecer-se a um nível pelo qual só o tinha feito por uma fêmea...

Estremeceu-se quando velhas lembranças o rasgaram.

Apesar de que não tinham sido companheiros, Stephanie tinha sido seu mundo inteiro.

E tinha morrido em seus braços fruto de um brutal ataque.

Aquela lembrança destroçou o calor em seu sangue e o levou de volta à realidade com um feroz aviso de quão perigosa era sua existência. Era a razão pela qual o chacal tinha tido sorte de seguir vivo. A única coisa que não podia suportar Fang era ver uma mulher ameaçada, não importava quem saísse prejudicado.

Qualquer criatura o suficientemente covarde para aproveitar-se de uma mulher, merecia a morte mais brutal imaginável. E se era pela mão de Fang, então melhor.

Dobrou sua jaqueta, tomou o prato e voltou a comer.

Uma vez que terminou, Dev pegou os pratos e lhe agradeceu uma vez mais por salvar a Aimee.

—Sabes, para ser um lobo, realmente não fedes.

Fang soprou.

—E para ser um urso, não irritas meu traseiro.

Dev riu de boa vontade.

—Irás para dentro?

—Não. Prefiro estar aqui fora e congelar o traseiro.

—Entendo-te. Também gosto de estar fora. Há muitos humanos lá dentro.

Fang inclinou a cabeça, surpreso de que o urso o entendesse. Anya o tinha feito bastante humano, não queria irromper mais do que o tinha feito. Colocando as mãos nos bolsos, dirigiu-se de novo para as motos para esperar.

Aimee saiu pelas insistentes queixas de Dev que seguiram entrando pelo fone que ela levava; todo o pessoal os levava de modo que os Were-Hunter pudessem parecer mais humanos sempre que usassem seus poderes para se comunicarem uns com os outros.

—O que é? —parou-se na entrada.

Ele lhe deu o prato vazio e a garrafa de cerveja.

—Oh.

Ela deu um passo para frente para pegá-los. Espontaneamente seu olhar se dirigiu para Fang, que havia voltado a sentar-se no chão com as pernas flexionadas e os braços cobertos enquanto se apoiava contra um velho poste.

Havia algo selvagem e masculino naquela postura. Algo nisso fez com que seu coração se acelerasse.

Não és da mesma espécie, garota...

Entretanto, isso não importava aos seus hormônios. Magnífico, era magnífico, independentemente da espécie ou o tipo.

Sim, isso era o que lhe passava. Não era nada mais que o fato que era um espécime excepcional de fisiologia masculina.

—Acontece-te algo?

Piscou e olhou a Dev, que a olhava fixamente.

—Não, por que?

—Não sei. Tens esse tipo de expressão tola que nunca tinha visto em ti.

Fez um som brusco de asco.

—Não tenho nenhuma expressão tola.

Ele soprou.

—Sim, te ponha em frente de um espelho e comprove-o. É realmente aterrador. Sem dúvida, não deixe a Maman ver isto.

Ela rodou seus olhos.

—Isso vem de um urso cujo traseiro foi chutado por um chacal?

Seus olhos flamejaram.

—Estava preocupado pela faca em tua garganta.

Ela soltou uma risada exagerada.

—Estavas no chão antes que fora capturada.

Começou a discutir, logo se deteve. Olhou ao redor como se tivesse medo de que alguém pudesse havê-la ouvido por acaso.

—Achas que alguém se lembra dessa parte?

—Depende —lhe dirigiu um olhar calculista—. Quanto vais pagar-me para respaldar tua versão?

Seu olhar se voltou encantadora e doce.

—Eu te pago com amor, preciosa irmãozinha. Sempre.

Ela se mofou de sua oferta.

—O amor não paga o aluguel, bebê. Só o frio efetivo.

Com a boca aberta, tinha uma expressão de total ofensa enquanto sustentava uma mão sobre seu coração como se lhe tivesse ferido.

—Realmente queres converter a teu irmão favorito em um mercenário?

—Não. Nunca faria isso a Alain.

—Ai! —Dev sacudiu a mão como se se queimasse—. A bearswan tem atitude.

Rindo, saiu para lhe dar um rápido abraço.

—Não te preocupes, irmão mais velho, seu segredo está seguro comigo sempre e quando não me incomodar muito.

Ele apertou seus braços ao redor dela e a abraçou.

—Sabes que te amo, irmãozinha.

—Eu também te amo.

E o fazia. Apesar de seus desacordos e disputas, sua família significava tudo para ela. Enquanto se afastava, voltou-se para ver pela última vez a Fang. O mais provável era que nunca o voltasse a ver de novo. Algo realmente comum entre seus clientes e, entretanto, por alguma razão, dessa vez esse pensamento a feria profundamente.

Perdi três células cerebrais... Ursa, ponha teu traseiro de novo para trabalhar e te esqueça dele.

Fang ficou de pé assim que viu a manada saindo do bar. Vane foi o primeiro a chegar a ele.

—Aqui.

Vane lhe jogou sua mochila e a seguir, entregou-lhe uma sacola com algo doce e gostoso.

—A ursa queria assegurar-se de que tens tudo para Anya. Disse que havia algo ali para ti.

Isso o impressionou completamente. Nunca ninguém lhe tinha dado presentes.

—Para mim?

Vane deu de ombros.

—Não entendo os processos de pensamento dos ursos. A maioria dos dias quase nem compreendo os nossos.

Fang tinha que lhe dar a razão, ele tampouco os entendia. Colocou a sacola em sua mochila e o resto dos lobos montou suas motos e partiram. Andaram em silêncio todo o caminho de volta ao pântano onde tinham feito seu acampamento para que as mulheres dessem a luz a seus filhotinhos em condições de paz e proteção.

Assim que voltaram, seu pai os encontrou em sua forma de lobo. Markus mudou para humano somente para burlar-se deles.

—Por que demoraste tanto tempo em retornar para as fêmeas?

Quando Fang abriu a boca para dizer algo inteligente, Vane lhe lançou um olhar de advertência.

—Fui visitar a clínica e assim ter a informação do contato no caso de que as mulheres requeram de nossa ajuda.

Markus curvou seus lábios. Apesar de os ter enviado ali, tinha que se comportar como um idiota.

—Em meus dias em que deixei nas mãos de Wolfswans incapazes nossas jovens mulheres, elas morriam no parto.

Fang se mofou.

—Então é algo bom que estejamos no século XXI e não na Idade Média, não?

Vane sacudiu a cabeça enquanto seu pai lhe grunhia como se estivesse a ponto de atacá-lo.

Desta vez Fang se negou a retratar-se.

—Prove-o, velho —disse, utilizando um termo que sabia que enfureceria ao seu pai já que sendo um Katagaria desprezava sua natureza humana—. Te arrancarei a garganta e será o início de uma nova era de liderança para esta manada.

Podia ver o desejo de fazê-lo nos olhos de Markus, mas o senhor dos lobos sabia o que fazia. Em uma briga, Fang ganharia.

Seu pai não era o mesmo lobo que tinha matado ao seu próprio irmão para ser o Regis de sua manada. Tornou-se fraco com a idade e sabia que não tinha muitos anos mais antes que Fang ou Vane assumissem o posto.

De uma ou outra maneira.

Fang preferia estar sobre o cadáver do velho. Mas outras disposições também lhe valeriam.

Essa era outra das razões pela qual seu pai os odiava. Sabia que seu mandato tinha passado e que eles só estavam aproximando-se do próprio.

Markus estreitou seu olhar de modo ameaçador.

—Um dia, cachorrinho, vais cruzar em meu caminho e seu irmão não estará aqui para me impedir de te matar. Quando esse dia chegar, será melhor que rezes por tua salvação.

O olhar de Fang se voltou maligno.

—Não necessito de salvação. Não há um lobo aqui que não limpe meu traseiro. Tu sabes. Eu sei e o mais importante, *todos* sabem.

Vane arqueou uma sobrancelha diante de seu comentário como se não aprovasse suas palavras.

Fang lhe dedicou um sorriso um pouco torcido.

—Tu não contas, irmão. Penso mais em ti para tentá-lo.

Markus os examinou retorcendo de maneira repugnante seus lábios.

—Ambos me põem doente.

Fang disse com um bufado.

—Vivo para isso... pai —não podia resistir usar o título que sabia que desgostava a transbordar ao velho—. Tua eterna repugnância me alimenta como o leite materno.

Markus se transformou em um lobo e se afastou de um salto.

Vane se voltou contra ele.

—Por que fazes isso?

—Fazer o que?

—Foder a todo mundo com quem tens contato? Só por uma vez, poderias fechar a boca?

—É uma habilidade.

—Bom, desejaria que a esquecesses.

Fang soprou, irritado pelo maldito tema que o incomodava há trezentos anos. Não era o tipo de lobo que o suportasse. A maior parte do tempo dava o melhor de si.

—Vai contra meus princípios. Deixa de ser uma anciã.

Deu a volta e se dirigiu para a margem do acampamento que Anya tinha escolhido como guarida com seu companheiro Orian.

Fang sempre tinha que morder a língua ao seu redor. Odiava ao lobo que os Destinos tinham escolhido para sua irmã. Ela merecia algo melhor que aquele tolo, mas infelizmente, isso não estava em suas mãos. As Destinos escolhiam aos seus companheiros e eles somente podiam submeter-se ou o macho viveria toda sua vida completamente impotente e a fêmea estéril.

Para salvar a sua espécie, tinham que aceitar a qualquer um que as Destinos tivessem atribuído como seu par. No caso de seus pais, sua mãe se negou e agora seu pai tinha ficado impotente e perpetuamente arritado.

Não é que Fang culpasse ao velho por isso. Provavelmente, ele estaria muito insuportável se passasse séculos sem sexo. Mas isso era a única parte de seu pai que entendia. O resto do lobo era um completo mistério para ele.

Felizmente o companheiro de Anya não estava com ela.

Anya estava deitada sobre a grama na mortíça luz do sol, seus olhos apenas abertos, uma ligeira brisa agitava sua suave pele branca. Sua barriga estava torcida e podia ver-se aos cachorrinhos moverem-se dentro dela.

Era bastante vulgar, mas não ia insultá-la dessa forma.

Já voltaram...

Sorriu ante a suave voz em sua cabeça.

—Sim e...

Tomou a sacola e a estendeu.

Ela se sentou imediatamente e trotou para ele.

O que trouxe?

Farejou a sacola como tratando de ver através dela com seu focinho.

Fang se sentou e a abriu para mostrar o que lhes tinha dado Aimee. No momento em que o fez, seu coração se acelerou. Tinha agregado dois filés, baklava, beignets e bolachas. Também havia uma pequena nota no fundo.

Tirou as bolachas e as sustentou para Anya enquanto lia a letra fluída de Aimee.

Realmente aprecio o que fizeste e espero que tua irmã desfrute da comida. Irmãos como tu deveriam ser sempre apreciados. Cada vez que necessites de um bife, já sabes onde estamos.

Não entendia por que uma nota tão pequena e inofensiva lhe chegava tão fundo, mas o fazia. Não pôde evitar sorrir enquanto uma imagem dela se introduziu em sua mente.

Deixa de te comportar como um louco.

Sim, algo definitivamente estava errado com ele. Talvez precisava ver um desses psicólogos de animais ou algo assim. Ou possivelmente faria com que Vane lhe desse um forte chute no traseiro.

Cheira a urso?

Colocou a nota em seu bolso.

—É do pessoal do Santuário.

Ela negou com a cabeça e espirrou na terra.

Gah, poderiam cheirar pior?

Fang não esteve de acordo. Ele não cheirava a urso, só cheirava a Aimee e era uma essência deliciosa.

—Provavelmente, eles pensam o mesmo de nós.

Anya se deteve para observá-lo.

Que disseste?

Fang clareou a garganta como se não tivesse defendido a outra espécie.

—Nada.

Ela lhe lambeu os dedos enquanto lhe dava mais bolachas.

Uma sombra caiu sobre eles. Olhando para cima, viu Vane aí de pé com o cenho franzido.

—Não deveria ser seu companheiro quem fizesse isso por ela?

Fang deu de ombros.

—Sempre foi um sacana egoísta.

Anya lhe mordeu com força os dedos.

Cuidado, irmão, é do pai de meus cachorrinhos de quem estás falando.

Fang se mofou de seu tom protetor.

—Um escolhido por um trio de cadelas psicopatas... ai!

Saltou quando Anya afundou seus dentes profundamente na parte carnuda de sua mão. Amaldiçoou quando viu como o sangue jorrava como água da ferida que lhe tinha feito.

Ela estreitou seu olhar.

De novo, ele é meu companheiro e o respeitarás.

Vane lhe deu uns leves golpes na parte traseira da cabeça.

—Menino, será que não aprendes?

Fang mordeu o lábio para abster-se de lançar uma dentada a ambos. Odiava quando o tratavam como a um deficiente mental. Como se suas opiniões não tivessem importância. Em qualquer momento que abrisse a boca, um deles lhe diria que a fechasse.

Honestamente, estava bastante cansado desse tratamento. Todos o viam como à força que necessitavam. Uma arma carregada para ser utilizada contra seus inimigos. O resto do tempo, queriam colocá-lo numa caixa, completamente silencioso e discreto.

Como seja.

Transformando-se em um lobo, deixou-os antes que dissesse algo que todos lamentariam.

Mas um dia...

Um dia lhes faria saber simplesmente que tão cansado estava de ser seu lobo omega.

Aimee se deteve na mesa onde os lobos tinham estado. No canto havia um par de óculos escuros esquecido. Inclinou-se e os recolheu só para perceber a essência de seu dono.

Fang.

Um leve sorriso sobrevoou nas bordas de seus lábios quando recordou a forma em que se via inclinado em sua cadeira. Relaxado e letal.

—O que é isso?

Saltou quando Wren falou justo por trás dela. Lhe olhando sobre o ombro, sorriu ao jovem tigre. Bonito e magro, tinha longas mechas loiras com franja que caíam sobre seus olhos, defendendo-os do mundo. Ela era uma das poucas pessoas a quem ele falava.

Sustentou no alto os escuros óculos a fim de que pudesse os ver.

—Um dos lobos os deixou.

Ele coçou sua barbuda bochecha.

—Queres que os ponha entre os objetos perdidos?

—Está bem. Farei-o eu.

Ele assentiu com a cabeça antes que seguisse adiante para cobrar a outra mesa.

Aimee fechou os olhos e apertou os óculos. Quando o fez, viu uma perfeita imagem de Fang em forma de lobo atravessando o pântano correndo.

Alguém espirrou.

Sobressaltou-se, olhando rapidamente ao seu redor com medo de que alguém a apanhasse usando um poder que ninguém sabia que tinha. Era algo que só uns dos mais poderosos Aristos podia dirigir e o fato que ela o tivesse...

Era tanto um perigo como um presente.

E era um poder que havia custado à vida de dois de seus irmãos. Por essa só razão, nunca devia permitir que alguém soubesse o que podia fazer.

Mas hoje esses poderes não lhe davam medo. Permitiriam-na encontrar a Fang e lhe devolver seus óculos.

Verificou o relógio em seu pulso.

Em trinta minutos teria liberdade para tomar um descanso do trabalho e procurar o lobo...

Aimee se deteve junto a cipreste que se projetava na água e se torcia até o céu. O sol poente se avivava entorno aos ramos, emitindo um resplendor majestoso que também se refletia na brilhante água negra. Era estranho e belo. Enfeitiçante.

Embora tivesse vivido em Nova Orleans mais de um século, nunca tinha prestado muita atenção ao pântano ou aos riachos. Tinha esquecido que tão belos podiam ser.

Sorrindo à imagem, manifestou sua câmera e começou a fotografá-la. Não havia nada que amasse mais que capturar a natureza em suas formas mais puras.

Completamente cativada pela complexidade do modo em que a luz jogava contra a árvore, deixou de prestar atenção a sua volta. O mundo desapareceu à medida que se movia em um círculo grande, inclinando a câmara para melhores ângulos.

A água turva chapinhava ao redor de seus pés quando se movia. Pela extremidade do olho, viu um pássaro elevar o voo. Começou a capturar isso igualmente, mas quando se moveu, ouviu algo...

Um grunhido baixo, agudo.

Antes que pudesse reagir, um lobo a atacou.

CAPÍTULO 3

Reagindo com puro instinto, Aimee deixou cair a câmera e manifestou um comprido cajado. agachou-se, esperando o ataque. Mas ao verdadeiro estilo lobo, ele não atacou sozinho. Esperou que três mais se unissem ao grupo. Por seus aromas, sabia que nenhum deles eram os lobos que tinha visto anteriormente no Santuário.

Estes eram selvagens e vis.

Verdadeiros assassinos...

E ela era sua presa.

Aimee fez girar a arma, preparando-se para enfrentá-los. Se quiserem uma briga, poderia e definitivamente ia lhes dar uma. Algumas vezes eram eles os que comiam ao urso, mas hoje o urso ia tomar um succulento pedaço deles.

Grunhindo e estalando os dentes, rodearam-na.

Ela sacudiu a cabeça ante sua valentia.

—Acreditem em mim, rapazes, não querem provar ao urso. Este morde com o triplo de força que vós.

Isso não evitou que o líder atacasse.

Aimee lhe deu por um costado com o cajado e o enviou pelos ares. Os outros dois saltaram para frente. Ela enterrou a vara no chão e levantou seu corpo para chutar um lombo antes de girar e usar seu bastão para golpear ao outro nos quartos traseiros.

Ele revelou uma furiosa choramingação.

—Choramingando por mamãe, Grande Lobo Mau. A Pequena Chapeuzinho Vermelho está a ponto de servir tua pele para o jantar.

«*Achas que podes nos apanhar?*»

Ela se deu a volta para responder ao líder.

—Oh, pequenino, pode ir diretamente ao inferno. —Ao menos isso era o que pensava até que quatro mais correram para ela.

As possibilidades agora...

Não eram tão boas.

Grunhindo e estalando as mandíbulas, avançaram lenta e ameaçadoramente. Ao

mesmo tempo em que retrocedia, Aimee considerou transformar-se para brigar, mas não seria tão rápida em sua forma de urso. Eles teriam muita melhor manobra e isso a faria perder.

Perder diante de alguém era algo que não estava disposta a fazer.

Não, maneje isto como uma mulher.

«Sabes, a melhor arma contra eles seria uma pistola...»

Franziu o cenho quando escutou a voz de Fang na cabeça. Entretanto não lhe tinha perto.

O líder se lançou.

Aimee se agachou e justo quando chegava a ela... justo quando sentiu seu calor, o fôlego fedorento em sua pele, um grande lobo marrom o interceptou e o enviou voando na direção contrária.

Fang.

Graças à imagem que ela tinha visto em sua visão, soube que era ele. Rasgou a garganta do lobo que tinha iniciado o ataque contra ela. Aimee teria seguido lutando, mas os outros retrocederam confusos.

Um grande lobo branco ficou entre ela e outros se transformando em Vane.

—Estão loucos? —Grunhiu aos lobos—. Ela é um dos ursos Peltier.

Um por um os lobos se transformaram em humanos. À exceção de Fang e aquele contra o qual lutava.

—Stefan! —gritou Vane com cólera.

Em vez de retirar-se, Stefan se lançou para Vane. Fang o agarrou violentamente pela garganta enquanto os dois lobos seguiam lutando e retorcendo-se. Aimee se encolheu ante a cólera selvagem que demonstrava que os dois odiavam apaixonadamente um ao outro. Velhas lembranças se elevaram enquanto eles grunhiam e se atacavam, rasgando-se mutuamente a carne. A visão disto a pôs doente.

—Basta! —Ela os atacou com seus poderes.

Fang uivou quando uma rajada lhe golpeou com força na cauda. O impacto agudo e pulsante o lançou dando voltas. Odiava ser machucado, e ainda mais por alguém que obteve o melhor dele...

Isto o irritou como nada mais poderia fazê-lo. Furioso, cintilou à forma humana ainda quando fora difícil de mantê-la.

—Que diabos estás fazendo? —Perguntou ao tempo em que ia coxeando para ela, com seu traseiro ainda ardendo.

Aimee estreitou o olhar sobre ele.

—Eu não gosto de brigas.

—E eu não gosto de receber um duro golpe no traseiro.

Ela nem retrocedeu nem se intimidou.

—Bom, se tivessem parado quando Vane lhes disse isso...

—Não aceito ordens de uma mulher pela qual estava lutando para proteger.

Ela sustentou a mão no alto como se as palavras dele fossem uma declaração de guerra.

—Bom, *macho*¹. Para que conste em ata, não necessito de sua proteção.

¹ Em casteliano no original. (N de T.)

Fang se burlou da fanfarronada desconjurada.

—Sim, claro! Estiveram a ponto de te derrotar.

—Duvido-o seriamente.

Fang cortou a distância entre eles olhando-a com desaprovação, ao tempo que a fúria ardia em cada parte dele. Queria que ela entendesse o perigo ao qual estupidamente se havia exposto.

—Isto não é o Santuário, garotinha. Invades nosso território e temos fêmeas prenhes. No que estavas pensando? Te mataríamos aqui sem uma piscada.

Ela fez uma careta de desgosto.

—Ah, acabáramos! Como se desse dois centavos por sua toca —tirou os óculos de sol e as empurrou para ele com tanta força que lhe obrigou a dar um passo atrás—. Só queria te devolver o que é teu. Assim vai às favas.

Fang ficou paralisado quando sua mão lhe golpeou no centro do peito. Instintivamente, agarrou os óculos de sol enquanto ela desaparecia, sem dúvida para voltar para sua casa.

O único problema era que não sabia o que lhe incomodava mais, se o tapa que lhe tinha dado sobre o peito, que lhe tinha sacudido o traseiro ou o golpe que acaba de dar ao seu ego.

—Como nos encontrou essa cadela? —Resmungou Stefan entre os dentes apertados.

Vane lhe dedicou um fixo olhar zombador que lhe dizia que compartilhava a mesma opinião que tinha Fang sobre Stefan... que Stefan era um idiota de primeira categoria.

—Deve ter seguido nossa essência.

Fang não disse nada. Ainda estava muito atordoado pela cólera que ela sentiu por ele, quando tudo o que tinha estado tratando de fazer era fazê-la entender o perigo. Como podia ela ignorá-lo? Se Stefan não tivesse esperado os reforços e Fang não tivesse compreendido a quem estavam dispostos a atacar, Aimee teria sido esquartejada.

Uns poucos minutos mais...

Seu estômago se contraiu pelas imagens de sua mente.

Vane estalou os dedos diante de seu rosto.

—Cara? Estás bem?

Fang lhe empurrou.

—É obvio que estou bem.

Stefan avançou com uma careta em seu rosto.

—De todas as maneiras, o que queria a urso de ti?

Vane agarrou a Fang antes que pudesse aproximar-se do lobo para atacá-lo e o forçou a afastar-se de Stefan.

—Ela...

—Não lhe devemos nenhuma explicação —resmungou Fang, interrompendo a Vane—. Pode beijar meu peludo traseiro.

Stefan se pendurou sobre ele.

Vane grunhiu aos dois.

—Juro pelos deuses que estou farto de estar em cima de vós para vos separar —empurrou a Stefan—. Da próxima vez não pararei a Fang. Um insulto mais, um mau olhar mais, e me afastarei para lhe deixar que te chute o traseiro.

As fossas nasais de Stefan se dilataram. Em lugar de insistir nisso, estalou os dedos

para que outros lhe seguissem. Transformando-se em lobos, retrocederam para a guarida.

Vane lhe enfrentou com um penetrante olhar.

—O que está acontecendo entre tu e a urso?

—Nada.

—Nada? Com que propósito veio aqui, no meio de um nada, para te devolver uns óculos de sol?

Para evitar que qualquer outra pessoa fora capaz de usar seu cheiro para lhe rastrear. Não tinha passado despercebida para ele a bondade de Aimee.

Mas se Vane não era capaz de entendê-lo, não estava disposto a lhe dar pistas.

—Não sei. Desde quando as mulheres de qualquer espécie têm sentido?

—Bom ponto. Muito bem, então retornarei. Vem?

Fang assentiu.

Transformando-se em um lobo, Vane se afastou. Fang estava a ponto de reunir-se com ele quando viu algo no chão a poucos metros de distância.

Era uma câmera.

Que demônios?

Aproximou-se para pegá-la. No instante em que o fez, percebeu o chiro de Aimee por todo o objeto. Preparou-se para lançá-la à água, mas a curiosidade se impôs. Conectando-a, avançou através das imagens digitais dos ursos Peltier, às vezes na forma humana, outras como ursos. Ele fez uma pausa sobre uma do ajudante de garçom que tinha visto no bar alimentando com amendoins ao seu bichinho macaco. Ela realmente tinha capturado o modo em que a luz de néon incidia sobre ele e o macaco de maneira muito insólita.

Mas eram as fotos da paisagem de toda Nova Orleans as que eram verdadeiramente impressionantes. A urso tinha tido um surpreendente bom olho para captar a luz e as sombras. Inclusive um lobo como ele podia apreciá-lo.

Simplesmente atire a maldita coisa e te mande...

Não podia. Era como se estivesse olhando seu diário particular e sabia instintivamente que Aimee não queria perdê-la. Estas eram mais que meras fotografias. Pareciam formar parte de sua alma.

Dê ela a Vane para que a devolva.

Era o que deveria fazer. O senso comum lhe dizia que se mantivera o mais longe possível dela.

—Desde quando tive alguma vez um pinga de senso?

Era certo. O senso comum lhe havia dito adeus há muito tempo.

Apertando o agarre sobre a câmera, cintilou do pântano de volta ao bar.

Fez uma pausa quando compreendeu que tinha conseguido chegar ao último andar... estranho. Era difícil manifestar-se em um lugar ao qual não tinha ido antes. Os ursos deviam ter alguma espécie de filtro para dirigi-los a um tipo de “pista de aterrissagem”.

O que explicava por que os chacais tinham chegado antes desta direção. Boa jogada por parte dos ursos.

Fang começou a descer pela escada para o bar onde Dev ou um dos irmãos idênticos de Dev estava atendendo.

—Onde está Aimee?

O urso se esticou.

—Quem diabos és?

Definitivamente não era Dev.

—Fang Kattalakis. Queria lhe devolver algo de sua propriedade, de qualquer maneira não é que te importe sabê-lo.

O urso lhe fulminou com um olhar hostil.

Outro urso com o cabelo curto negro... um que era Arcadiano se a Fang não falhava o olfato, deu uma delicada cotovelada ao irmão de Aimee.

—Relaxe, Cherif, ele é o que a salvou antes dos chacais.

Cherif retrocedeu, mas não muito.

—Queres devolver-lhe a ela?

—Claro

O Arcadian dirigiu um sorriso amistoso para Fang.

—Sou Colt —disse afavelmente—. Siga-me...

Fang o fez, mas não antes de dirigir um olhar ao irmão de Aimee de vá ao inferno.

Colt o conduziu pela cozinha e pela frente de outro que se parecia com Dev para uma porta que se abria para uma casa decorada ao estilo Vitoriano de fins de século. As paredes estavam pintadas de um suave amarelo enquanto que os móveis eram uma mescla de borgonha e negro. A escura madeira lhe dava uma aparência muito régia.

—A casa dos Peltier —explicou Colt enquanto seguia caminhando—. Não estavas aqui quando papai urso a mostrou ao seu irmão. Aqui é onde os Were Hunters têm seu lar no Santuário quando não trabalham no clube. Há quatro andares mais, mas a maior parte dos Peltiers estão no segundo andar.

Colt se dirigiu ao andar de cima.

—Carson é o doutor e o veterinário e tem seu escritório aqui —tocou a primeira porta quando chegaram ao segundo andar e seguiram caminhando para o final do corredor.

Deteve-se na última porta. Dando um suave toque, inclinou-se perto dela.

—Aimee? Estás aí?

—Estou tratando de dormir uma sesta, Colt.

—Sinto muito, mas há um visitante aqui que quer te ver.

A porta se abriu tão de repente que Colt quase caiu para dentro. Aimee parecia surpreendida, e logo molesta ao ver Fang de pé por trás dele.

—O que fazes aqui?

Fang deu de ombros.

—Ao que parece vim te insultar um pouco mais de maneira inadvertida. Quem sabe?

Em lugar de diverti-la, que era o que ele tinha pretendido, ela estreitou seu fixo olhar sobre ele.

—Realmente eu não gosto disso.

Fang se inclinou para frente com um sorrisinho de suficiência.

—Em realidade não tens uma razão para isso.

Colt ampliou os olhos.

—Devo deixar aos dois sozinhos? Ou fico e arbitro?

—Podes ir. Simplesmente devolvo isto —Fang sustentou em alto a câmera—. E logo partirei.

Sem outra palavra, Colt se dirigiu de volta pelo caminho pelo qual tinham chegado.

Aimee arrebatou a câmera do agarrão de Fang.

—Onde conseguiu isto?

—Deves ter deixado ela cair.

Ela apareceu pela porta para assegurar-se de que Colt se foi antes de sussurrar em um tom baixo:

—Disseste a alguém que estive lá?

—Não. Querias que o fizesse?

—Não —lhe olhou extremamente aliviada—. Obrigada. —Então em uma piscada, virou zangada outra vez—. Olhaste minhas fotografias? —Era mais uma acusação que uma pergunta.

—Supõe-se que não devia?

Ela retorceu o gesto.

—Oh, és um porco! Invadiste minha intimidade. Como te atreveste!

Fang se sentia aturdido por suas rápidas e bruscas mudanças de humor. Definitivamente ia necessitar de uma guia para entendê-la.

—Sempre estás tão alterada?

—Não estou alterada!

—Se tu o dizes. Mas realmente, teriam que te pôr um colar que mude de cor com suas mudanças bruscas de humor.

Ela curvou os lábios como se suas palavras a desgostassem até um nível superior.

—Oh, és um animal.

—Ui. Sim.

Ela pôs os olhos em branco.

Fang começou a afastar-se, logo deu a volta.

—Por certo, não exagerei antes no pântano. Podias ter sido esquartejada.

Ela sacudiu a cabeça, soprando antes de poder finalmente falar de novo.

—Basta já com suas idiotices de *macho*. Estou farta de que os homens me digam como controlar minha vida. No caso de que não o tenha notado, há toda uma manada de homens no andar de baixo simplesmente morrendo por me dizer como não estou apta. A última coisa que preciso é a outro mais.

—Talvez deverias escutá-los de vez em quando.

—E talvez tu não deverias te meter no que não te importa.

Fang nunca tinha tido tantas vontades de estrangular a alguém em sua vida. Cada parte dele ardia com fúria e ao mesmo tempo não podia deixar de notar quão bonita ela estava com suas bochechas acesas pela raiva. O rubor em suas bochechas fazia com que seus olhos parecessem de um azul intenso.

—Talvez devas aprender a dizer obrigado de vez em quando.

Ela cortou a distância entre os dois.

—E talvez tu...

As mãos dela tocaram seu peito e sua parte mais primitiva cobrou vida.

Inclusive antes de dar-se conta do que fazia, ele a tinha atraído para seus braços e silenciado sua diatribe com um beijo.

Aimee não podia respirar ao sentir os braços de Fang rodeando seu corpo. Sua fúria morreu ao momento em que os lábios dele tocaram os seus e saboreou um poder doce e cru que nunca tinha experimentado antes.

A língua dele dançava com a sua enquanto explorava completamente sua boca. Cada hormônio em seu corpo se esquentou e ela se aferrou a ele, querendo devorar cada

centímetro de seu duro corpo com a boca e as mãos. Ambas, a mulher e a urso dentro dela se voltaram selvagens e lascivas. Nunca tinha provado nem sentido nada como isto.

Era tudo o que ela podia fazer para não lhe despir e lhe rogar pedindo misericórdia.

Fang abandonou seus lábios para finalmente enterrar a cabeça contra seu pescoço para poder respirar sua essência. Era o mais delicioso que ele tinha cheirado alguma vez. E despertou algo em seu interior que quis provar cada parte dela. Cada hormônio de seu corpo cantou com necessidade.

E isso o horrorizou.

Retirando-se, baixou o olhar para a expressão aturdida dela.

Os sentidos deviam ter retornado a ela nesse mesmo instante.

—Tens que ir. Agora.

Ele o tentou, mas algo nela...

Vá!

Forçando a si mesmo a afastar-se, se teletransportou de volta a sua guarida no pântano.

Aimee desabou contra a parede que tinha atrás enquanto tratava de tranquilizar seus sentidos.

Acabava de beijar a um lobo.

Um lobo.

Sua família o mataria. Diabos, eles a matariam. Estava proibido corromper a linha de sangue, especialmente quando eram membros do Omegrión. O dever dela era manter e purificar sua linhagem. Para fortalecê-la. Como ursos, eles traçavam sua linhagem através da linha feminina e era a única filha de seu clã. Por isso era que seus irmãos a protegiam tanto.

Ainda assim...

Aimee sacudiu a cabeça para clarear suas idéias. Nunca poderia ver de novo a Fang.

Nunca.

Nunca, nunca, jamais.

E esta vez ela ia escutar a razão!

Isso esperava.

CAPÍTULO 4

Três semanas depois

—**E**ntão?

Aimee olhou por cima do livro que estava lendo recostada na cama e viu sua mãe de pé na porta. O estômago lhe atou em resposta. Tinha temido esta visita todo o dia com a esperança de que sua mãe a esquecesse.

Devia pensá-lo melhor. Maman tinha uma memória superada somente pela de Aimee.

—Não senti nada, Maman. Desculpe-me.

Maman produziu um som grave, de desgosto, com a garganta enquanto entrava no quarto fechando a porta.

Aimee se levantou, dando espaço na cama para que sua mãe pudesse sentar-se junto a ela, e deixou o livro na mesinha de noite tomando cuidado de não perder a página. Reuniu-se com o outro clã de ursos pela tarde, tão otimista como sempre.

E como todas às vezes anteriores...

Nada.

—Tentei-o, *Maman*. Juro-te que o fiz, é somente que... —Suspirou aflita ao recordar o olhar espectador no rosto extremamente bonito de Randy. Ele tinha querido que ela o aceitasse, tanto como ela mesma, mas foi seguido por outro olhar de desilusão extrema quando Aimee negou com a cabeça. Não havia sentido nada pelo outro urso.

Absolutamente nada.

—Possivelmente senti a excitação mas simplesmente não a notei.

Maman riu pelo baixo.

—Não, *ma petite*. Não há forma de confundir a sensação. Cada parte dentro de ti desperta e se aviva. Atravessa-te o corpo como fogo. A urgência de emparelhar-te é tão intensa que pouco podes fazer para lutar contra ela. É uma necessidade que consome tudo.

Aimee afastou o olhar quando uma onda de terror a açoitou. O único homem pelo

qual havia sentido isso...

Era um lobo.

—Devo comunicar ao seu Regis que não estás interessada. De qualquer maneira, eles podem solicitar uma prova de emparelhamento.

Aimee se horrorizou ante a idéia de deitar-se com um homem ao qual não conhecia, um pelo qual não sentia desejo.

—Randy é atraente, mas...

—Mas o que?

Não quero me deitar com ele. Mas havia mais que isso. Ela ademais guardava um amargo segredo que não se atrevia a compartilhar com ninguém.

Aimee mordeu o lábio, temerosa de dizer a sua mãe a verdade.

Sou Arcadiana...

Tentou com todas suas forças pronunciar essas palavras em voz alta. Levava anos tentando dizê-las. Mas uma vez mais, afogou-se com elas. Sua mãe ficaria arrasada para ouvir a verdade. Aimee nasceu Katagaria, assim como sua mãe. Entretanto durante a puberdade, converteu-se em Arcadiana, como seu pai.

Era seu segredo mais guardado. Absolutamente ninguém conhecia a verdade de sua forma básica.

Ninguém.

Sendo ao caso, ninguém, fora da família imediata, sabia que Papai Urso Peltier era um Arcadiano. O escândalo conseguinte tinha deixado marcada a sua mãe, entretanto Maman havia se emparelhado com ele para assim poder ter os cachorrinhos que sempre tinha desejado. Para poder seguir mantendo o assento dos Peltier no Omegrión, assento ocupado pela linha de sua mãe desde o primeiro dia.

Era o animal em sua mãe quem a impulsionava a emparelhar-se e procriar.

Mas a orgulhosa parte humana nela se ressentia.

Sua mãe se inclinou para ela.

—Estás a ponto de entrar novamente no cio. Por décadas rejeitaste pretendentes. Já é hora...

—Maman, por favor. Conheço minhas obrigações. — E as conhecia. O problema era que os ursos são diferentes dos outros animais. Ainda em época de cio, a fêmea escolhe ao macho. Se ele não a atraía, se não a conquistava, não havia sexo e por conseguinte nenhuma oportunidade de emparelhamento.

Se não se emparelhavam, não poderia haver cachorrinhos.

A ilustre linhagem de sua mãe morreria e outro clã ocuparia o lugar dos Peltier no Omegrión, outra razão pela qual sua família era incrivelmente superprotetora com ela. Se Aimee conseguia emparelhar-se com um urso Katagari, então haveria uma oportunidade de que tivesse uma filha Katagari que poderia tomar o lugar de sua mãe no Omegrión, quando Maman fora muito velha para essas obrigações. Então ninguém teria que saber a verdade a respeito de Aimee.

Era a única esperança que tinham e todo o peso dessa responsabilidade nunca abandonava completamente seus pensamentos.

—Seguirei tentando.

Maman assentiu.

—Teremos mais Katagaria aqui amanhã. Este é um clã proveniente do Canadá. Têm

dúzias de machos para que os examines. Rogo para que encontres digno ao menos um deles.

Também Aimee.

—Farei meu maior esforço.

Maman inclinou a cabeça, assentindo.

—É tudo o que te peço. —Levantando-se da cama, dirigiu-se à porta e saiu.

Aimee passava as páginas de seu livro enquanto os pensamentos corriam por sua cabeça. O que ia fazer?

Não é culpa tua. Sua mãe se emparelhou com um Arcadiano. Ninguém podia evitá-lo. Dev, Remi, Cody e Kyle eram todos Arcadianos e sua mãe sabia, e ainda assim os amava apesar de suas formas básicas. De acordo, sua mãe estava em negação respeito a isto, mas eles nunca o tinham ocultado.

Só ao resto do mundo.

É tua mãe. Nunca te faria mal.

Isso não era de todo certo. Sua mãe era uma urso, com todos os instintos de um urso. Para proteger sua toca, sua mãe mataria a qualquer um deles que ameaçasse sua segurança e bem-estar. Era a natureza de sua espécie.

Aimee nunca se permitia esquecê-lo. Sua mãe tinha mais compaixão que qualquer um, mas quando Maman odiava a alguém, como no caso de Wren, não havia forma de raciocinar com ela. Uma vez que Nicolette se afezava a uma idéia, nada podia dissuadi-la.

E isso era na verdade aterrador.

—O que vou fazer?

Te emparelharás com um desses ursos amanhã e rogarás aos deuses que esse um te produza as marcas de emparelhamento.

Era sua única esperança.

Do contrário...

Não, nem sequer podia contemplar isso. A sobrevivência de seu clã era a única coisa que importava. Por cima de sua própria felicidade e, ainda mais, por cima de sua própria vida.

Emparelharia-se com um urso Katagari embora fora à vida nisso.

CAPÍTULO 5

—**F**ang?

Fang congelou quando escutou a sedutora voz da que tinha que ser a mais sexy wolfsman de sua manada. Petra. Alta, sensual e voluptuosa, revolvendo os hormônios de cada lobo que a via. Ele nunca tinha sido uma exceção.

Até esta noite.

Franziu o cenho quando ela cortou a distância entre eles e se esfregou ao seu lado. Alcançando-o tomou um punhado de seu cabelo e puxou-o.

Ela ronronou em seu ouvido.

—Estou no cio, bebê. Queres me dar uma mão?

Era uma pergunta capciosa ou o que? Fang fuçou sua cara contra seu pescoço, inalando sua essência. Normalmente isso teria sido mais que suficiente para incendiar sua luxúria até o ponto no qual seria mais que capaz de agradá-la.

Vamos, corpo, acorda.

Mas só se revolveu um pouco.

Que diabos?

Ela se agachou para embalá-lo como uma profissional.

—Algo vai errado?

—Não.

Ela se retirou para lhe fazer uma careta quando não ficou duro imediatamente.

—Não te emparelhaste, verdade? —Essa seria a hipótese natural dado que desde o momento que um lobo se emparelhava somente poderia ser atraído por seu par feminino e nunca mais por outra. Algo que na verdade cheirava mal. Isso era o por que não tinha nenhuma pressa em encontrar par. Parecia-se muito a comer o mesmo jantar a cada noite. Quem o queria?

Ela puxou suas mãos, procurando a marca que sempre os assinalava quando as Destinos tinham escolhido sua outra parte. Era uma marca que sempre aparecia em suas palmas depois que tivessem tido sexo.

O problema era que ele não havia tocado a ninguém nas últimas três semanas. Não desde que tinha visto Aimee.

Afastou as mãos dela.

—Não estou emparelhado.

O alívio aliviou sua expressão enquanto alcançava sua braguilha.

—Então o que estás esperando?

Inspiração... e uma ereção definitivamente ajudaria. Se pênis se moveu quando ela o roçou com suas unhas, mas não fez nada mais que isso. Nem sequer estava ajudando seu manuseio.

Fang a beijou e ela o atacou.

Entretanto estava frio. Vazio. Onde estava o fogo usual que sentia? A necessidade de impulsionar-se dentro dela.

Ele só sentia...

Nada.

Ela afundou sua mão mais para dentro de suas calças para tomá-lo enquanto respirava em sua orelha. Isso enviou calafrios sobre ele, mas ainda não tinha desejos de tocá-la.

Mordiscando com força sua orelha, retirou-se com uma maldição e lhe golpeou o peito com seus punhos.

—O que está errado contigo?

Fang a olhou inexpressivamente, desejando ter uma resposta. Em lugar disso só podia pensar em uma coisa.

—Parvo².

Ela enrugou seu rosto em desgosto.

—Parvo, meu traseiro. Vamos Fang. Não quero me emparelhar com o resto destes perdedores, tu és o único ao qual quero.

—A mente está de acordo contigo, bebê, mas o corpo...

Ela o esbofeteou. Com força.

—Fedes!

Fang limpou o sangue dos lábios com uma careta. Esse era o problema maior com as wolfswans³. Quando seus hormônios tinham o controle, eram umas cadelas brutais. Agora que o pensava, a última vez que tinham tido sexo, Petra o tinha mordido tão forte no ombro que sangrou. Inclusive tinha uma cicatriz permanente disso.

Agarrou-lhe o cabelo e o beijou de novo.

Agora com sua própria raiva estalando, empurrou-a para trás.

—Vá esbofetear a alguém mais. Esta noite não estou de humor para ser mordido nem arranhado.

² Parvo ou parvovirose é um vírus que ataca o revestimento do sistema digestivo, onde os caninos não sejam capazes de absorver nutrientes ou líquidos. Pode ser especialmente severa em caninos que não estão protegidos por anticorpos maternos ou vacinação. Ele tem duas apresentações distintas, uma forma cardíaca e outra intestinal. Os sinais comuns da forma intestinal são o vômito severo e diarreia hemorrágica severa. A forma cardíaca causa falência respiratória ou cardiovascular em cães jovens. O tratamento muitas vezes implica em hospitalização veterinária.

³ Refere-se às lobas fêmeas. A partícula *swan* se usa para designar a um membro feminino de qualquer uma das raças. (N de T.)

Ela lhe puxou o cabelo o suficientemente forte para lhe arrancar um punhado.

—Isso parece. Tu terias SPM quando eu estou no cio. —Ela lhe grunhiu—. Bem, irei procurar a Fury.

E pode que vos emparelheis por toda a eternidade...

No inferno.

Isso era o que mereciam. Esfregando os lábios, que ainda lhe ardiam pelo golpe, fechou a calça e se afundou na terra. Recostou-se sobre as costas para ver o escuro céu, tratando de encontrar algum tipo de consolo.

Escutou uma briga no acampamento onde Petra devia ter espalhado sua essência por aí para incitar aos outros. O mais provável é que lutariam e o ganhador a tomaria.

Mas satisfazer a uma loba no cio não era algo fácil. Estava acostumado a tomar toda uma noite e algumas vezes outros dois ou três seriam necessários para saciá-la. É obvio que tudo isso mudava uma vez que a fêmea se emparelhava. Então estava fora dos limites de todos à exceção de seu macho eleito.

Fang não poderia acreditar que a tivesse rechaçado. Inclusive hostil e hormonal, era uma peça fina de...

—Que diabos me acontece?

Possivelmente se tinha parvo ou raiva. Poderia um Were-hunter ter isso? Nunca tinha ouvido falar de alguém que a contraíra, mas...

Algo devia estar seriamente errado com ele. A essência de uma excelente fêmea no cio nunca tinha falhado antes em estimulá-lo. Deveria estar aí nesse mesmo instante, chutando e arranhando para ser o único que a montasse.

Mas enquanto o considerava, seus pensamentos mudaram para Aimee. A maneira em que se via lhe trazendo comida onde tinha estado sentado perto das bicicletas. A forma em que sua jaqueta a tinha envolvido completamente enquanto a usava e lhe sorria.

Tinha sido formosa e amável. Generosa e doce. Inclusive quando tinha gritado com ele tinha sido...

Bingo. Agora estava duro como uma rocha.

Fang deixou sair um suspiro agradecido. Graças aos deuses. Ao menos não estava arruinado. Ainda funcionava.

Só que não por Petra.

Esse pensamento o pôs fisicamente mal. Oh gah, estava melhor tendo Parvo.

—O que estás fazendo aqui?

Inclinou para trás a cabeça para ver Vane parado a uns passos dele, parecendo desconcertado pela pose de Fang.

—Nada.

—Por que não estás com Petra?

—Por que não o estás tu?

Vane se sentou ao seu lado.

—Não a suporto. Aranha como um gato. Como seja, isso nunca deteve antes a ti.

Fang deu de ombros enquanto escondia suas mãos debaixo de sua cabeça.

—Há mais na vida que o sexo.

Vane lhe franziu o cenho.

—Quem és e o que tens feito com meu irmão?

Fang lhe deu um olhar curioso.

—Não seas imbecil.

—Está bem. Deixarei-te sozinho. Mas agora a sério, estás bem?

—Quando estive bem?

Vane riu.

—Bom ponto. Sigo pensando que te vem desde que Anya te empurrou costa abaixo por aquele barranco quando eras um cachorrinho, isso te fodeu para toda a vida.

—Pensei que vinha de ti sempre dormindo em minha cabeça quando éramos cachorrinhos. Anos de falta de oxigênio de noite passam fatura.

Vane riu.

—É, provavelmente matei aos seis neurônios de teu cérebro incluso antes que alcançasses a puberdade.

—Provavelmente. Explica muito, não é assim?

Com sua expressão sóbria, Vane ficou de pé.

—Por certo, escutei Markus na outra noite, estava falando a respeito de nos substituir como seus herdeiros.

Não era grande surpresa dado seu ódio por eles. Mas mesmo assim, no passado Markus sempre tinha sido cuidadoso a respeito de separar o clã com um enfrentamento total.

—Por que?

—Porque nenhum de nós se emparelhou. Pensa que é um sinal de que não podemos. Que somos geneticamente deficientes e portanto indignos de ser Regis.

Fang sentia o calor da ira precipitando-se através dele. Odiava ao seu pai com uma paixão tão forte que não estava seguro de como se agüentava de arremeter.

—Na verdade desejo que me tivesses deixado desafiá-lo. Assim veria que tão geneticamente deficiente não... sou.

—Não te incomodes tanto. Olhe o lado bom, ao menos não somos impotentes.

Possivelmente Vane não o era, mas Fang...

—Pequeno consolo —Fang se queixou enquanto se recusava a pensar em Aimee sustentando-o—. Provar seu sangue. Como seja, ao final não me acalmaria nada. —Moveu sua cabeça para ficar mais cômodo—. Assim a quem está procurando como nosso substituto?

—A Stefan quem mais?

Só ia de melhor a melhor. Por que se incomodou em perguntar? Devia ter sabido a resposta.

—Estou seguro de que Stefan não defende nossa causa.

—Nop.

—Um dia vou rasgar sua garganta e tu não estarás aí para me deter.

Vane se congelou quando escutou a crua intenção no tom de Fang. E a angústia. Sabia que era difícil para seu irmão refrear sua fúria. Que era difícil para Fang retirar-se e ser seu subordinado ou de qualquer outra pessoa.

Ia contra tudo no código genético de Fang. E o fazia perguntar-se como teria sido Fang se Vane não tivesse mudado para Arcadiano durante a puberdade.

Deuses, que espantoso tinha sido isso, tinha-lhe levado semanas para entender o que estava acontecendo ao seu corpo, e logo uma vez que esteve seguro...

Dizer a Fang tinha sido o mais difícil de tudo. Inclusive embora tivessem sido irmãos

de ninhada uma parte dele tinha temido que seu irmão o atacasse e o matasse por isso. Quem o teria culpado? Os Arcadianos sempre estavam atacando-os.

E tinham matado à única mulher pela qual Fang se preocupou.

Em troca Fang o tinha aceitado com calma e prometeu sua eterna proteção. Leal como um lobo... e um irmão... até o final.

Era uma proteção que nunca duvidou. Fang tratou de ocultar a Vane, mas não era estúpido. Sabia quantas vezes seu irmão se manteve acordado nas noites, protegendo seu segredo. Quantas vezes Fang se afastou de uma luta mesmo quando fazê-lo o irritava, de maneira que Vane não fora questionado ou descoberto.

Ele era a debilidade de seu irmão e se odiava por isso.

—Sinto muito, Fang.

—Por que?

Por tudo. Por privá-lo de seus direitos de nascimento. Privá-lo de sua capacidade de desafiar a Stefan e a Markus.

Sobretudo estava arrependido de que seu irmão não tivesse idéia do respeito que tinha por ele. Mas não estava em suas naturezas falar de algo assim.

—Por ser o espinho em teu traseiro que te impede de desafiá-lo.

Fang voltou a elevar a vista para o céu escuro.

—Não te preocupes por isso. É o que é.

Possivelmente, mas a verdadeira pergunta era, o que teria acontecido se Vane não tivesse estado ao redor para detê-lo? Mas como Fang havia dito, era o que era. Não houve mudanças no fato de que ele era humano e seu irmão lobo.

Suspirando, dirigiu-se para sua irmã.

Fang não se moveu até que Vane se foi. Recostou-se aí escutando os sons dos insetos e dos lobos enquanto olhava o céu em cima dele. Os Dark-Hunters os tinham advertido hoje mais cedo de que havia uma manada inimiga de lobos Arcadianos na cidade e um grupo de Daimons que poderia estar procurando estender a duração de suas vidas comendo um par de lobos. Suas fêmeas prenhes eram a principal isca dos Daimons.

Mas Fang não lhes temia. Podia se manter numa luta e compadecia ao suficientemente estúpido que o desafiasse.

Se só seu pai e Stefan conseguissem feridas na cabeça que os fizessem mais entupidos que o normal. Oh, combater-lhes...

Fechando os olhos retornou a sua forma de lobo. Isto era o que necessitava, a única coisa que o confortava.

Mas enquanto se recostava aí, pensou em algo mais que o confortava.

A essência e o sabor de uma ursa etérea.

Tire-a de teus pensamentos. Estava proibida como algo poderia sê-lo, seu pai o odiava o suficiente. Se alguma vez averiguasse que estava excitado por uma ursa...

Convocariam uma caça e ele seria assassinado.

CAPÍTULO 6

Aimee se deteve frente à porta de Carson, reunindo coragem. Embora tinha passado um mês desde a última vez em que viu os lobos, ela ainda não podia tirar a essência e o gosto de Fang de sua mente e seus pensamentos. Era como se de algum modo a tivesse marcado.

Essa era a parte mais irritante de tudo.

Desde então, já lhe haviam dito três vezes “*Aimee, debes encontrar um brinquedo sexual*”. Infelizmente, nenhum dos Ursos lhe tinha feito sentir nada, nem repulsão nem aversão. Estava completamente intumescida a respeito deles.

Com todos eles.

O que ia de errado com ela?

Precisava falar com alguém e não podia fazê-lo com ninguém de sua extensa família por medo de que se inteirassem seus pais. Sua mãe poderia matá-la, mutilá-la e isso não seria nada agradável.

Mas Aimee queria entender que estava de errado com ela. Por que não podia encontrar um urso com quem se emparelhar? E sobretudo, por que tinha esses pensamentos com o único homem inaceitável do planeta?

—Aimee?

Amaldiçoou em silêncio ao escutar a profunda voz de Carson ao outro lado da porta. Como tinha esquecido aquele poder? Ele sabia em qualquer momento quem estava perto de seu escritório.

Não podia seguir indecisa.

Ao agarrar o touro pelos chifres...

Tomou ar e abriu a porta, viu-o sentado frente a seu escritório com um expediente aberto escrevendo algumas notas.

Alto e musculoso, quase poderia passar por um urso. Mas Carson era um Falcão Arcadiano, com seu cabelo negro e seus traços rendendo homenagem à herança nativa americana de seu pai.

Seus traços se abrandaram com afeto paternal ao vê-la, o que era cômico, já que ela era cem anos mais velha que ele, embora ela parecesse mais jovem.

—Passa algo de errado?

Sacudiu a cabeça enquanto fechava a porta atrás dela.

—Tens um segundo?

—Para ti, sempre.

Ela lhe ofereceu um sorriso sincero em resposta. Eles tinham sido amigos desde que tinha perguntado a Maman sobre fundar uma clínica em sua casa há mais de sessenta anos. Foi a melhor decisão que tomaram. Não só era o melhor médico veterinário que alguma vez tinha visto, era um aliado vital e um amigo no qual todos eles podiam confiar.

Carson aproximou uma cadeira para ela ao seu lado. Deixando sua pluma, inclinou-se para trás e entrelaçou seus dedos sobre o estômago.

—O que é que acontece?

Aimee se sentou e tratou de pôr em ordem seus pensamentos e preocupações.

—Estive me perguntando uma coisa.

Ele arqueou uma sobrancelha, ao vê-la vacilar.

—É um problema feminino? Quer que chame Margie? Talvez com ela não se sinta tão envergonhada. Aimee, sabes que como medico podes me dizer o que seja. Não posso ser uma mulher, mas entendo seus corpos e seus problemas.

O calor se precipitou até seu rosto. Como se fora justo o que ela necessitasse... um humano para lhe dar conselho sobre seus sentidos de animal. Margie era bastante agradável, mas não conhecia nada sobre rituais de emparelhamento.

—Não, não é nada disso. É somente que...

Quero me lançar sobre um lobo enquanto nos deitamos e não sei porquê.

Por que era tão difícil para ela?

Por que queres te lançar em cima de um lobo e se alguém se inteira estás frita.

Era bastante certo, mas tinha que se dirigir a Carson e averiguar se isto era um capricho de sua parte ou sim havia algum precedente em sua espécie do qual ela não sabia. Algo para sentir-se um pouco mais “normal”, ao menos tão normal como uma Were ursa com poderes poderia sê-lo.

Vamos, ao objetivo. Só diga-o.

—É relacionado à inter espécie.

Carson curvou as sobrancelhas.

—Tens medo de me insultar?

—Não... ao menos, espero que não.

Nem sequer havia pensando no fato de que Carson era metade humano e metade Arcadiano.

—Estou tratando de entender como funciona. Quero dizer, entendo que em teu caso tens um pai humano e o outro Arcadiano... é quase uma atração natural entre duas pessoas. A maior parte do tempo o humano não tem nem idéia de que o outro não é humano, sobretudo agora que as pessoas tendem a sentir uma atração pouco natural para conosco. Isso o entendo. O que me tem um pouco confusa são os gostos dos pais de Wren. Por que um leopardo da neve ia querer um tigre por companheiro ou um Katagaria a um humano?

Essa era a maneira de obter uma resposta, sem dizer realmente a razão de sua pergunta.

Carson considerou sua resposta cuidadosamente.

—Honestamente?

Ela assentiu.

—Ninguém sabe realmente. Há infinidade de especulações a respeito de algum defeito no DNA. Talvez um gene defeituoso, não sei. O mesmo tipo de coisa que faz a um humano ansiar a companheiros inadequados. Mas...

O olhou para o horizonte. *Legal, tinha um defeito de nascimento.*

—Mas?

Incitou-o a continuar, queria inteirar-se se havia outra explicação que não tivesse a ver com que estivesse cromossomicamente estragada.

—Pessoalmente me pergunto se não é algo que as Destinos nos fazem como a continuação de um castigo.

—O que queres dizer?

—Muito bem, observa a Wren. Independentemente de quem seja sua companheira, seja humana ou Were-Hunter, o mais provável é que ele seja estéril. No momento em que um Katagaria, seja macho ou fêmea, emparelha-se com um humano, não há possibilidade de gerar origem. Inclusive eu como Arcadiano, tenho menos possibilidade de gerar crianças porque meu pai era humano. Penso que é uma forma em que as Destinos hão encontrado para matar a nossa espécie.

Aimee não tinha pensado nisso. Tão cruéis poderiam ser realmente as três deusas?

Então outra vez...

—Isso teria sentido de um modo muito retorcido... que poderia coincidir com o presente das Destinos.

Carson assentiu.

—Exatamente. Isso explicaria por que é tão comum que nossos companheiros não fossem da mesma espécie. Talvez por isso há tantos Katagarias e Arcadianos juntos. Os Destinos esperam que as mulheres rejeitem aos homens e logo ambos sejam abandonados e estéreis para o resto de suas vidas. Realmente é cruel. —Sim, era-o.

Mas seguia sem explicar sua atração por Fang.

—Escutaste alguma vez de algum emparelhamento totalmente fora de espécies?

—A que te referes?

—Como no caso de Wren, seus pais não eram da mesma espécie, mas ambos eram gatos. Escutou-se em algum momento que por exemplo um lobo quisesse por companheiro a um falcão ou a um dragão?

Ou em seu caso, um urso.

Clareou-se a garganta antes de perguntar a parte mais importante.

—Especialmente se um deles é Arcadiano e o outro Katagaria?

Carson franziu o cenho ante a pergunta, como se fora algo totalmente absurdo.

—Não, nunca aconteceu isso. Ao menos não que eu me tenha informado. Deuses, não posso imaginar nada pior que isso. E tu?

Em realidade, sim, ela poderia assinalar muitas coisas de fato. Mas não o diria em voz alta e arriscar que ele o contasse a sua mãe.

—Horripilante ao extremo.

E ela realmente o pensava assim. Como podia sequer pensar em tocar a Fang? Como Carson havia dito, era antinatural e incorreto. Isso desafiava tudo o que ela sabia de sua gente e suas tradições. Tudo.

Se pudesse tirá-lo de sua mente. Fang tinha entrado em seus pensamentos como uma

luz que a atraía e se havia abandonou indefesa a desenhar fantasias com ele. Inclusive agora, uma parte dela queria caçar para ele.

Estou tão mal.

Quando Aimee estava se levantando, sentiu uma chicotada de dor na cabeça.

Carson se inclinou para frente preocupado, ao ver sua cara de agonia.

—Estás bem?

Uma imagem de Wren veio até ela. Podia vê-lo lá fora, rodeado por um grupo ao qual ela odiava.

—Wren está com problemas.

Carson a olhou com desconfiança.

—Está lá embaixo limpando mesas. Como poderia estar com problemas?

Aimee sacudiu a cabeça enquanto as imagens dele sendo golpeado lhe chegavam com absoluta claridade. Por causa de sua próxima amizade, quase podia sentir os golpes.

—Não está dentro do clube.

Sem uma palavra mais a Carson, dirigiu-se ao beco na parte traseira do clube onde estavam os contêineres de lixo.

Tal e como o tinha visto em sua mente, Wren estava ali, rodeado por um grupo de lobos. Era um grupo Arcadiano que levava mais tempo que os ursos em Nova Orleans. Seu líder, Stone, brigava com seu clã desde que ela tinha chegado à puberdade.

Todos odiaram ao pequeno idiota.

Havia algo sobre ele que a incomodava como um pequeno roce. Ele e sua esquadrilha de valentões esperavam para saltar sobre qualquer Were-Hunter que chegasse ao Santuário e se era Katagarian melhor ainda. Não tinha nem idéia do porquê eram tão agressivos, e não havia nenhuma desculpa em seu comportamento.

Wren tratava de manter sua forma humana, mas a dor da surra mais o fato de encontrar-se no meio de sua puberdade, fazia com que seguisse mudando de humano nu a tigre e a leopardo intermitentemente. Estava coberto de machucados e mordidas.

A fúria a percorreu e com sede de vingança correu para os lobos.

—O que estão fazendo? Fora daqui!

Eles se viraram para ela. Stone, que era uma cabeça mais alto que ela e duas vezes sua largura, agarrou-a e a empurrou contra a parede.

—Não estás dentro do clube menina. A proteção do Santuário não existe aqui fora. Não te metas nisto ou sairás machucada.

Wren lançou um grunhido, mas não representava nenhuma provocação para eles. Não enquanto não pudesse controlar seus poderes.

Essa imagem a desgostou.

—Se essa são minhas únicas opções... escolho ser machucada.

Lançou uma cabeçada a Stone e lhe deu chutes por trás, logo correu para Wren para ajudá-lo a ficar de pé. Algo que teria sido mais fácil se deixasse de mudar de humano a gato grande e pesado.

—Podes caminhar? —perguntou-lhe em um ofego tratando de levantar seu corpo.

—Estou-o tentando.

—Podes te cintilar dentro do clube?

Ela se congelou ao escutar a profunda voz de Fang em seu ouvido. Ao levantar o olhar, viu-o em sua forma humana. Com o coração palpitando, fez o que ele tinha

perguntado, rezando para que os poderes incontroláveis de Wren não interferissem com seu salto.

Fang se virou enfrentando aos Arcadianos que o olharam fixamente com incredulidade.

—Vá, vá —disse seu líder em tom satisfeito—. O que temos aqui? Um pedaço de lixo Katagaria que procurou refúgio com os ursos?

Fang lhe ofereceu seu melhor sorriso come-merda desenhado para zangá-lo.

—Não, só um lobo que vai chutar teu traseiro de volta ao buraco de onde saíste.

Stone se burlou dele.

—E pensas fazê-lo sozinho? Para ser um animal, tens uma grande opinião de ti mesmo? —Fang sacudiu a cabeça.

—Ah, por favor. Acredite-me, tratando-se de um covarde como tu que golpeias a um menino para sentir-se poderoso, não necessito de ajuda.

Atacaram-no. Fang se converteu em lobo e atacou a garganta do líder e o atirou ao chão. Teria atacado mais, mas viu como um dos outros tirava um Taser. Quando o Arcadiano disparou, Fang saltou longe do caminho. A descarga golpeou ao líder, lhe fazendo soltar uma maldição.

Fang golpeou as pernas de outro, antes que pudessem atacá-lo, Dev e seus irmãos estavam ali como reforço. Não é que os necessitasse, mas...

Os Arcadianos se dispersaram como em um pátio de recreio, intimidados ante a vista de diretor.

Fang se manifestou em sua forma humana e burlou de sua fuga.

—Sim, será melhor que corram para casa com sua mãe. Se esconder sob sua saia até que cresçam um pouco mais e tenham suficientes bolas para lutar.

Dev agarrou ao que estava ainda atirado no chão.

—Stooooone —lhe disse, estendendo seu nome em um tom mortal—. Quantas vezes devemos te dizer que não podes vir aqui?

Mas era difícil agarrá-lo, já que Stone seguia mudando de humano a lobo intermitentemente.

—O tigre começou —grunhiu Stone uns dez segundos e meio enquanto foi humano. Dev soprou.

—Isso duvido. Wren se mantém afastado a menos que o provoquem. Quanto a ti? —Um parecido a Dev, mas com rabo-de-cavalo disse a Fang—. O que estás fazendo aqui?

Fang entreceitou os olhos ante o tom do urso.

—Para trás, urso Grizzly Adams. Não tenho por que te responder.

—Deixe-o em paz, Remi —Gritou Aimee aproximando-se deles—. Ele me ajudou distraíndo-os enquanto eu conseguia pegar Wren e lhes enviar para fora para que brigassem com Stone.

Fang passou com um arrogante desprezo que certamente a Remi não tinha causado graça, centrou sua atenção em Aimee. Reteve o fôlego ao vê-la vestida com uma simples camiseta e uns jeans. Seu cabelo loiro estava desordenado caindo sobre os olhos.

Cada parte dele cobrou vida.

Ela nem sequer se virou para olhá-lo, toda sua atenção estava em Stone.

Remi se inclinou para ela para agarrá-la.

—Sente-se, irmãzinha.

Aimee lutou contra seu agarrão.

—Que sente-se, que nada. Viu o que fez a Wren? Quero arrancar um pedaço de sua pele.

Stone lhe lançou um olhar enojado.

—É um animal, como tu. Não merece nada melhor que ser posto sobre uma parede.

Aimee chutou a Stone, mas por cortesia de Remi, seu pé não o encontrou de novo.

—És repugnante! Se tu és o ideal da humanidade, prefiro ser um animal —olhou a Dev fazendo uma careta com os lábios—. Tens razão, odeio aos lobos. São a espécie mais repulsiva que conheci. Não entendo por que Lycaon os escolheu como filhos. Penso que deveriam ser devolvidos e executados. Cães asquerosos! Todos vocês!

Impressionado, Fang sentiu suas palavras como um golpe a seu estômago. “Cão”, era o pior insulto que poderiam dizer a um lobo. Era a comparação de um animal açoitado cuja função é obedecer ao seu amo. Um estúpido sem poder, sem dignidade e nenhum sentido.

Mas não eram as palavras que ela havia dito, e sim o sincero ódio que apoiava àquelas palavras, que cortavam o mais profundo da alma.

Ela era igual aos outros que odiavam a sua espécie e isso era pelo qual os lobos faziam todo o possível para evitar outros ramos de sua espécie. Agora entendia por que de todas as espécies diferentes de Weres que viviam sob o teto dos Peltier, nenhum deles eram lobos.

Assegurando-se de manter tranqüila sua voz, Fang deu um passo adiante.

—Para que conste, há uma diferença muito grande entre um cão e um lobo. A principal é que nós não somos menos que outros. Nunca.

Aimee ficou gelada ao recordar a presença de Fang. Congelou-se nos braços de Remi sentindo a pena rasgar através dela. Como tinha podido esquecer que estava aí?

Deu-se à volta e viu a angústia oculta por trás de uma expressão impassível. Sentiu um ardor em seus olhos.

—Fang.

Ele desapareceu antes que ela pudesse terminar uma desculpa.

Aimee amaldiçoou. Como tinha podido ser tão estúpida?

O problema era que ela não o incluía na mesma categoria que a Stone e seu bando. Até que tinha conhecido a Fang e seu clã, Stone era ao único lobo que ela tinha conhecido alguma vez.

Remi lhe perguntou enquanto Dev levava dentro a Stone.

—Achas que feristes seus sentimentos, hum?

Aimee mordeu a língua para não lhe dizer que se calasse.

Não posso deixar isso assim...

Sem uma palavra a seus irmãos, fechou seus olhos e dividiu as áreas em busca de Fang. Não estava com seu clã ou seu irmão, manifestou-se ao final da rua Bourbon onde se sentou parecendo tão doente como ela se sentia.

Que estranho...

Fang se sentou sozinho, fora de uma casa, com toda a fúria o dano e o ódio que lhe estavam queimando profundamente o estomago. Deveria ir para casa.

Sim, claro...

Vane era tão volúvel como um Gêmeos adolescente durante seu período, depois de

ter conhecido a humana que agora lhe obcecava não era o mesmo. Anya não sabia nada de seu companheiro e Petra sempre assobiava e grunhia cada vez que o via. Simplesmente, tinha estado vagando ao redor do French Quarter, tratando de conseguir o que seria sua última guarida.

De algum modo tinha encontrado o caminho de volta ao Santuário.

Não, não era “de algum modo”. Tinha ido procurando algo que sabia que não deveria procurar.

Aimee. Tudo o que queria era vê-la uma vez mais. Havia dito que com isso bastaria para aliviar a dor que tinha por dentro. Somente um momento para vê-la e estaria satisfeito.

Soltou o fôlego muito cansado. O que tinha esperado realmente? Que Aimee se atirasse em seus braços, despisse-o completamente e fizesse amor com ele?

Ela é um urso.

Tu és um lobo.

Não, segundo ela, era um cão asqueroso que deveria ser devolvido e executado.

—Fang?

Elevou a vista para a gentil voz, para vê-la aparecer na rua diante dele.

—Como me encontraste?

Aimee fez uma pausa ante o tom hostil.

—Seu cheiro —mentiu, não queria lhe falar sobre seus poderes.

—Não deixo cheiro. Sei melhor que ninguém —ela sacudiu a cabeça em um gesto de negação.

—Tu deixas um cheiro —talvez quando a tinha beijado deixou sua essência como uma marca.

—Como seja —se levantou—. Olhe, não preciso de mais insultos de ti nem de ninguém mais. Já ultrapassei minha cota do dia. Assim me deixe só e vá embora.

Ela o agarrou pela manga da jaqueta para detê-lo.

—Não quis dizer o que disse.

—Não insultes minha inteligência. Não sou um cão e captei perfeitamente a sinceridade em teu tom de voz. Quiseste dizer cada palavra que disseste.

Ela ficou rígida, começava a zangar-se.

—Muito bem, então quis dizer o que disse. Reclame comigo, mas tudo foi dirigido ao covarde do Stone e seus valentões. Nem sequer pensei em te incluir dentro dessa categoria.

Sim, claro. Quão estúpido acreditava que era?

—Não acredito em ti.

Aimee queria gritar de frustração. Mas se algo sabia dos homens teimosos... era que não havia forma de fazê-los mudar de opinião.

—Bem. Não acredites em mim então —soltou sua manga e levantou suas mãos em gesto de rendição— Nem sequer sei por que me incomodo.

—E por que te incomodas? —aproximou-se dela, tão perto que ela se sentiu tonta, o que realmente queria era estar entre seus braços e senti-lo.

O cheiro de sua pele encheu sua cabeça, podia sentir o calor de seu corpo...

Cada parte dela chispava. Não havia outra palavra para defini-lo. Maman tinha razão, era uma sensação que não podia confundir. Isto era o que se supõe que tinha que

sentir ao encontrar ao seu companheiro. Esta sensação tão evasiva que tinha estado tentando experimentar com sua espécie.

E Fang era o único que a fazia sentir assim.

Maldição.

Apertou os dentes antes de responder.

—Não queria que estiveras irritado comigo.

—Por que não?

—Não sei —mas sim sabia e isso era o mais triste de tudo. Ela o queria.

Queria tudo dele.

la tocá-la. Aimee não se moveu esperando aquele toque. Necessitando-o.

Mas não podia. *Isto é tão incorreto...*

Isto poderia destruir as pessoas que lhe importavam. A todos aos quais amava.

Mordendo o lábio deu um passo para trás.

—Tenho que voltar e ver se Wren está bem, não se sente cômodo com outras pessoas ou animais ao redor.

—Eu tampouco.

Engoliu com força e desapareceu.

Fang ficou na escuridão, saboreando os últimos remanescentes de seu cheiro, queria uivar por isso.

Mais que tudo, queria detectá-la, saborear cada polegada de seu corpo e aliviar a dor que sentia por dentro.

Concentrou-se em sua respiração para tomar o controle e não persegui-la depois. Mas lhe tinha deixado claro que estava proibida para ele.

E honraria sua decisão. Inclusive se isto o matava.

Olhando o vulto em suas calças, pensando que o resultado não fora tão exagerado.

Stone foi capturado pelos ursos... outra vez.

Eli Blakemore levantou a vista do livro que estava lendo, algo ameaçava ao seu segundo filho na linha de sucessão na hierarquia. Qual era seu nome? David? Davis? Donald? Dreack?

Isso não importava. Era inferior de qualquer modo. Não era de sua linhagem, Arcadiana, vinha de algum Apolita desconhecido com o qual um ancestral de Eli esteve experimentando.

A linhagem de Eli vinha diretamente do mesmo rei Arcadiano, do filho mais velho do rei, nada mais e nada menos. Aquela distinção tinha sido imposta desde o momento de seu nascimento. Seu dever sagrado era mostrar aos plebeus como se comportar e vigiar a esses animais de seu antepassado que deveriam havê-los matado no momento em que foram criados.

E seriam condenados se esse grupo Katagarian se atrevesse a tocar ao seu ilustre filho.

Ficando de pé, e deixando o livro com uma calma que não sentia.

—Varyk, voltou já para casa? —o lobo engoliu seco de forma audível.

—Varyk?

Eli lhe ofereceu um sorriso hermético. Varyk era um dos Were lobo mais letal que tenha nascido. Um assassino natural, Varyk seria o instrumento que Eli usaria para destruir a esses ursos e a tudo o que representavam.

Já era tempo de tomar Nova Orleans de uma vez por todas. O Santuário arderia até seus alicerces.

E Varyk acenderia o fósforo.

—Sim, tragam a Varyk. Agora.

CAPÍTULO 7

Aimee ainda estava alterada por seu encontro com Fang quando se sentou ao lado da cama de Wren. Jazia em sua forma de *Tigard*⁴, ao seu lado sem mover-se.

—O que aconteceu?

Ele pestanejou duas vezes antes de responder.

Estava tirando o lixo e eles estavam esperando por mim.

—O que fizeste tu a eles?

Nada, acredito que estavam esperando que algum de nós sáísse, eu fui somente o pobre idiota suficientemente estúpido para estar lá... Infelizmente ignorei sua desenfreada estupidez até que Stone me chutou nas costas, isso foi suficiente.

Ela acariciou sua suave pele. como sempre, os lobos estavam procurando uma briga.

—Sinto-o tanto Wren.

Ele cobriu sua mão com uma enorme pata.

Não o estejas. Os deuses são os únicos que sabem o que teria acontecido se tivesse sido Cherise ou uma das outras mulheres. Só estou zangado de não ter podido controlar suficientemente bem meus poderes para dar a briga que eles mereciam.

Ela lhe sorriu quando Marvin, seu macaco mascote, saltou à cama para colocar-se em seu travesseiro. Quando Wren não se moveu, Marvin se inclinou para frente para abraçar sua cabeça grande de Tigard e acariciar uma de suas orelhas pontudas. Isso devia ser a coisa mais doce que tinha visto em muito tempo.

—Deixar-te-ei descansar se necessitas de alguma coisa, me chame.

Obrigado.

Aimee cruzou o quarto e tomou cuidado para não fechar a porta com muita força. Wren odiava os sons fortes. Ela não estava segura se isso se devia aos seus ouvidos agudos ou a más lembranças de sua infância. De qualquer maneira não ia incomodá-lo depois de tudo o que tinha acontecido.

⁴ Se refere à forma metade tigre metade leopardo das neves, a qual é uma das formas de Wren.

Quando estava perto das escadas, encontrou-se com sua mãe que vinha subindo com um severo cenho franzido.

—Ocorre algo?

Maman franziu seus lábios.

—Esse estúpido Tigard. Preciso lhe perguntar porque atacou a esses lobos.

Aimee estava horrorizada com a acusação.

—Ele não o fez. Eles o atacaram.

—Isso diz tu e provavelmente ele também, mas os lobos têm uma história diferente, são maioria e estão dispostos a jurá-lo.

—Mentem.

Maman fez um som de suprema irritação.

—E tu aceitas a palavra de Wren?

—Acaso tu não?

—Não. —Maman olhou com ódio a porta de Wren—. Ele é antinatural. Tudo a respeito dele o é, até esse macaco asqueroso que mantém.

Então o que era Aimee? Um urso katagaria que se converteu em Arcadiana na puberdade. Um com os poderes de rastreamento de um deus, que atualmente se sente atraída unicamente por um lobo. Não se pode encontrar algo mais antinatural que isso.

Por isso, nunca poderia dizer a sua mãe a verdade sobre si mesma. Sim, sua mãe a amava, mas sua mãe era um animal e seus instintos eram os de matar algo que fora diferente.

—Independentemente do que Wren é, Maman, não é um mentiroso. Stone e seu grupo por outro lado... foram alguma vez honestos?

—Enviaram um emissário. Se não entregar a Wren, irão ante o Omegrión e dirão que estou albergando um perigo para todos os licantropos. Tens idéia do que poderia acontecer? Poderíamos perder nossa licença e nossa casa.

—Então lhes devolva Stone, isso é tudo o que seu pai quer de todas as maneiras. E lhes diga que Wren vai ser disciplinado por nós.

—E desde quando mandas tu aqui?

Aimee inclinou sua cabeça como forma de respeito para sua mãe.

—Perdoe por ultrapassar meus limites. Eu só odeio que um inocente seja castigado enquanto à imundície do universo se permite dançar tranqüilamente para a liberdade, especialmente desde que puderiam ter agredido a qualquer um de nós que tivesse estado nesse beco e isso inclui a ti e a mim.

Sua mãe a olhou enfurecida.

—Meus instintos me dizem que lhes dê a Wren. Atrai os problemas e não o necessitamos aqui. Não o quero aqui. —Deixou que saísse um comprido suspiro. Entretanto, tinha sido trazido aqui pelo próprio Savitar. Savitar é o que está a cargo do Omegrión. O único ao que ninguém deve contrariar ou questionar nunca—. Portanto a parte humana em mim reconhece a grande vantagem que isso supõe sempre e quando o proteja. Tentarei-o a sua maneira, *ma petite*. Mas se isto falha, lhe entregarei sem importar o que tu digas.

E eu irei com ele para protegê-lo. Aimee não disse isto em voz alta. Sua mãe não poderia suportar que ninguém a questionasse ou a contradissesse, essa é a natureza da besta. Esta era a guarida de Nicolette e todos eles estavam sujeitos a sua última palavra.

—Obrigada Maman.

Sua mãe inclinou sua cabeça para ela antes de mudar de direção para baixar as escadas.

Aimee a seguiu depois, perguntando-se o que estava passando pela mente de Eli. Durante anos eles tinham tido problemas com esse insofrível arrogante idiota e seus exploradores. Nada do que seu clã tivesse feito alguma vez tinha tido sentido para ela.

Entretanto sentia uma coceira na parte de trás de sua mente como se lhe advertisse de que isto não se tratava de um momento de loucura ao azar. Havia algo mais que o que estava acontecendo. Algo sinistro.

Stone olhou Dev com ódio quando o imundo urso abriu a jaula onde o tinham jogado. Ao menos tinha deixado de mudar de forma.

—Vejo que finalmente entraste em razão.

Dev riu.

—Se isso fosse certo estaria te arrastando para fora dessa jaula e te levando para o pântano para alimentar aos jacarés. Infelizmente teu papai mandou a alguém para te reclamar.

Esperando ver Darrel, surpreendeu-se quando Dev abriu a porta e apareceu Varyk parado aí em toda sua selvagem esplendor. Alto, desumano e irritado. Varyk usava o cabelo marrom à altura dos ombros e olhos tão azuis que pareciam penetrantes glaciais. Um sorriso zombador estava permanente cinzelado em seu bonito rosto. E sua postura dura dizia que sempre andava procurando a alguém a quem estripar.

Stone engoliu seco quando um arrepiou desceu por sua coluna vertebral. Varyk estava ligeiramente lúcido...

E isso em seu melhor dia.

Pelo zangado e fulminante olhar do rosto de Varyk este não era um de seus melhores dias.

Que diabos estava pensando seu pai para enviá-lo aqui?

Pessoalmente, Stone preferiria ficar em sua jaula antes que passar um segundo na presença deste homem.

—Onde está meu pai?

Varyk respondeu com um grunhido grave.

—Tu não fales garoto. Provavelmente nunca mais. —Agarrou-o rudemente pelo pescoço e o arrastou até a porta. Logo deu a volta para olhar Dev—. Onde está quem o atacou? Também o tenho que escotar de volta.

O urso moveu sua cabeça em uma descarada negação que Stone teve que admirar. Tinha valentia para incomodar a alguém como Varyk.

—Não poderá ser. Wren fica aqui.

—Não foi isso o que me disseram.

Dev lhe dirigiu um sorriso insultante que Stone respeitaria se não fora um movimento suicida da parte do urso.

—Bem acabo de te dizer eu.

Varyk lhe lançou um olhar turvo.

—Tu não importas, pedaço de lixo.

—Esse sentimento é totalmente mútuo, isca de urso, diabos, inclusive não admito que estejas aqui. Assim saia e leve teu lixo contigo.

O olhar mortal de Varyk se tornou frágil.

—Tu realmente não queres usar esse tom comigo.

Dev cruzou seus braços sobre seu peito.

—Bem tenho outros tons para escolher, depreciativo, zangado, vil, irritado. Que tal se somente ficamos com o sarcasmo extremo e estamos quites?

—Quero ao Tigard.

—E eu quero que vá embora. Adivinha quem vai ganhar esta discussão? E no caso que sejas mais estúpido do que aparentas, não vais ser tu.

Varyk o agarrou pela camisa.

—Estás me chamando de louco?

—Estou te chamando de lento. Não louco. —Dev tirou suas mãos de cima—. Agora te sugiro que vá. Rapidamente antes que decida que realmente não preciso viver mais aqui.

Varyk moveu a cabeça de maneira que parecia que ia atacar a Dev. Stone ofegou. Varyk era uma besta instável. Uma que nunca se sabia o que ia fazer e se atacava aqui...

Estavam fodidos.

Varyk passou através de Dev à área de cima.

—Chegará o momento e o lugar onde não serás tão afortunado como o és esta noite.

Dev riu malvadamente.

—Vamos, podes vir a qualquer momento que sintas falta da tua mãe e necessites que te surrem o traseiro.

Varyk grunhiu, o som de um lobo a ponto de arrancar a garganta a alguém. Em vez de brigar com Dev, virou-se para Stone e o agarrou pelo braço para teletransportá-lo fora da casa dos Peltier.

—Importa-te? —Disse Stone tão logo estiveram na rua—. Não sou tua namorada.

Varyk o agarrou pela garganta em um apertão asfixiante.

—Exatamente, não tenho nenhuma razão para não te baixar a bola ou te matar. —Apertou-o fortemente antes de deixá-lo ir.

Stone tossiu para limpar sua garganta, olhou-o airadamente.

—Qual é teu problema?

—Meu problema é que tive que sofrer o fedor desses animais para salvar seu quebrado e podre traseiro. Não sou teu pai e não há nenhum código genético entre nós que me faça querer te salvar novamente, por isso tenha cuidado menino, da próxima vez te deixarei aí.

—O que acontece com meu pai?

Varyk não respondeu enquanto caminhava rua abaixo e desaparecia na noite.

Stone recolocou sua jaqueta com um puxão fino.

—Se claro tu contínuas caminhando, punk. Se alguma vez me tocas de novo dessa maneira, golpear-te-ei até te deixar no chão. —Claro que não disse isso o suficientemente alto, de maneira que o Were-Lobo o pudesse ouvir. Não era completamente idiota.

Jogando um olhar para trás sobre seu ombro olhou airadamente para o santuário.

—Seus dias estão contados ursos.

E também estariam para os lobos katagaria. Seu pai não tinha nem idéia de que eles

estavam na cidade, mas Stone ia assegurar-se que se inteirasse imediatamente. Logo choveria o inferno sobre todos eles.

Fang permanecia em sua forma de lobo, dormindo sobre uma cama de grama. Mas inclusive enquanto dormia estava alerta sobre tudo o que ocorria ao seu redor. Comportava-se desta maneira desde que era um filhotinho. Mas bem, tinha tido que se comportar assim desde que era um filhotinho. Apesar de Vane e ele serem filhos do Regis de sua pátria, eles estavam expostos ao pior, não só por parte de seu pai, mas também por aqueles que o seguiam como Stefan.

Seu pai os culpou pelo fato de que sua mãe Arcadiana tinha recusado a completar o ritual de emparelhamento com ele. Sua recusa converteu Markus em um ser impotente e hostil.

E sua negativa de manter aos seus filhos katagaria os converteu em um alvo.

Por isso quando Anya se aproximou o suficiente, despertou preparado para atacar.

Anya se agachou até ficar contra o chão.

—Sou somente eu Fang.

Ele mudou a sua forma humana e deixou sua mão sobre o nariz dela.

—Sinto-o bebê, não sabia. —Ela lambeu seus dedos antes de colocar-se ao seu lado e pôr a cabeça sobre sua coxa.

Ele acariciou a pele ao redor de suas orelhas.

—Acontece algo?

—Não podia dormir, Orian se encontra fora patrulhando e não queria estar sozinha.

—Onde está Vane?

—Não estou segura. Não está de guarda ou no acampamento, não o vi desde um momento. Viste-o tu?

—Estava ajudando um dos Dark-Hunter que vive no pântano, Talon, assumi que já tinha retornado a esta hora.

Os Dark-Hunters eram guerreiros imortais que brigavam para a deusa Artemisa. Caçavam aos primos dos Were-Hunter, os Apolitas, e os matavam cada vez que estes se convertiam em Daimons e começavam a roubar as almas dos humanos para manter-se com vida.

Era estranho para os Dark-Hunters mistirarem-se com os Were-Hunter, mas não impossível, e através dos anos, Fang e Vane ficaram amigos de uma grande quantidade deles.

Anya suspirou fortemente.

—Esse era o caçador escuro com o qual se encontraram na outra noite?

—Sim, Talon e Acheron. Acheron era o líder dos Dark-Hunter e um grande amigo de Vane desde muito tempo.

—Teria preferido que não se encontrassem com eles. Cada vez que um Were-Hunter se mistura com um deles acaba ocorrendo alguma desgraça.

—Ah, não te preocupes, de fato foi divertido, além disso há muito lixo Daimon por aí e os Daark-Hunter estiveram de acordo em nos ajudar a vos proteger se algo acontecer.

—Diga o que queiras, mas eu não confio neles.

—Eu tampouco, mas confio em Vane e tu também deverias. Ele nunca faria nada que nos machucasse ou aos demais.

Ela olhou ao longe com cara de arrependimento.

Fang se sentiu culpado ao fazê-la sentir dessa maneira. Entretanto ela nunca deveria questionar ao seu irmão. Vane morreria se algo lhes ocorresse.

E pensar que ele o tinha causado...

Vane nunca o superaria. Assim como Fang enquanto acariciava a orelha de sua irmã tinha um mau pressentimento. Não o podia definir. Entretanto se mantinha no mais profundo de sua mente como um fantasma atrás de seu sangue.

É unicamente a preocupação de Anya.

Era realmente isso? Ou poderia ser uma premonição? Nunca tinha sido particularmente pré-cognitivo.

Mas...

Não pensaria nisso. Anya estava a salvo. Estava aqui para protegê-la, e Vane voltaria logo que pudesse. Nada mudaria. Ela teria aos seus filhotinhos aqui enquanto seus velhos inimigos os buscavam. Uma vez que os filhotinhos fossem o suficientemente grandes para viajar se moveriam novamente.

Essa era forma que as coisas ocorriam e nada ia mudar, assegurar-se-ia disso.

Fang despertou por um forte som de alarme. Em sua forma de lobo estava ao lado de sua irmã que também se despertou pelo som.

—Fique aqui —ele a protegeria—. Irei ver o que ocorre. Levantou-se e correu até o acampamento principal onde um grupo de lobos se encontrava reunido.

Dois deles estavam sangrando profundamente.

Liam o irmão mais velho de Keegan mantinha sua pata ensangüentada levantada para evitar apoiá-la, sua pele de uma cor marrom clara se encontrava ensangüentada.

—Foi uma emboscada temos sorte de que algum de nós tenha sobrevivido.

Markus, também em sua forma de lobo, olhou-o airadamente.

—Quem o fez?

—Lobos Arcadianos, tinham uma armadilha preparada para nós.

Markus amaldiçoou.

—Onde está o resto de seu grupo?

—Não sei, Orian nos disse que retornássemos para vos prevenir.

Markus jogou um olhar ao redor do grupo.

—Reúnam nossas forças, quero a todos os homens disponíveis.

Fang tomou forma humana para enfrentar-se ao seu pai.

—Não podes, o que acontece se for uma armadilha para nos manter a todos afastados das mulheres e as deixar desprotegidas? —Olhou ao redor aos lobos—. Recordem que já ocorreu antes. Quantas mulheres e filhotes perdemos pela matança dos Arcadianos?

Markus o olhou airadamente.

Mas Fang viu o olhar indeciso dos demais.

William avançou.

—Acredito que Fang poderia ter razão, alguns de nós deveríamos ficar somente no caso de acontecer.

Os olhos de Markus brilharam intensamente na escuridão. Odiava ser questionado.

—Bem, Fang e o resto de vós mulheres podeis ficar enquanto caço.

O grupo se dividiu pela metade.

Liam coxeou para Fang.

—Não sei o que pensas tu, mas eu estou seguro que não me sinto como uma mulher.

Fang riu.

—Ignore a maravilha impotente. Me diga, o que aconteceu exatamente?

—Estávamos andando pelos arredores, depois da caça de pequenas aves para praticar. Em um momento os estávamos perseguindo pelo pântano e ao seguinte Orian era golpeado com um taser, depois alguém começou a disparar com armas de fogo contra nós, perdemos a Agarian imediatamente por uma bala que lhe deu na cabeça —Liam olhou para baixo para sua própria ferida—. Me alcançaram na pata, mas é um simples arranhão.

Razão pela qual não podia usar sua magia. Quando eram feridos sua magia se tornava imprevisível e inútil. Se usava poderia causar toda uma série de desastres.

De repente Anya gritou.

Convertendo-se de novo em lobo Fang correu até ela, alcançou-a em tempo recorde. Encontrava-se no solo retorcendo-se, aterrorizado farejou seu pescoço.

—Anya?

Ela soluçou incontrolavelmente, estava de parto tão cedo? Fang trocou um olhar desconcertado com Liam que tinha chegado atrás dele.

—O que é que ocorre?

—Orian.

—O que acontece com ele?

Anya chutou o chão como se sofresse uma terrível agonia.

—Está morto.

Fang tentou acalmá-la.

—Não, foi alcançado com um taser.

Ela sacudiu a cabeça negativamente.

—Não, está morto, eu sei posso senti-lo.

—Somente estás grávida e transtornada.

Ela lhe lançou um olhar tão hostil e agonizante que lhe chegou até o fundo da alma.

—Estávamos vinculados Fang. Está morto o posso sentir.

Fang não pôde respirar quando essas palavras o atravessaram. Vinculados.

Quando dois Were-Hunter vinculavam sua força de vida se convertia numa só. Isso era um ato final de lealdade e amor, isso significava que quando um morria ambos o faziam.

A única exceção era se a mulher estava grávida, então sua vida era estendida, mas unicamente até que os bebês nascessem, uma vez que o último deles se encontrava fora e a salvo, a mãe se uniria com seu par na eternidade.

Anya ia morrer.

Fang lutou para respirar quando essas palavras o golpearam como garras que escavavam no mais fundo de sua alma e era tudo o que podia fazer para tratar de manter-

se em pé.

—Por que o fizeste?

Ela lhe lançou um olhar mordaz.

—Amava-o estúpido idiota. Por que se não?

Uivou um atormentador e inesquecível som. O grito de um lobo em completa agonia.

Fang inclinou sua cabeça para trás, levantando-se e se uniu a ela em sua própria dor.

Sua irmã ia morrer... e não havia nada que ele pudesse fazer.

Anya rompeu a chorar.

—Como é possível que esteja morto? Como?

Mas Fang não escutou suas palavras, tudo o que podia fazer era vê-la morrer e resignar-se, ver como seus cachorrinhos iriam até ele para que lhes contasse histórias sobre uma mãe a qual nunca conheceriam.

Como podia ser?

Seriam como ele. Teriam esse buraco dentro deles que nada poderia preencher. Perguntariam-se o que é que se sente ao ser amado. Ter uma mãe que se preocupasse com eles e os alimentasse.

Transformando-se em humano, abraçou-a e a sustentou enquanto suas próprias lágrimas surgiam.

—Anya, nunca os deixarei sozinhos e não lhes faltará nada.

Exceto tu e seu pai.

Essas palavras o estrangularam e fizeram que perdesse o controle. Contra sua vontade as lágrimas começaram a fluir, envergonhado ocultou o rosto contra seu pescoço e a abraçou, ela era tudo o que valia a pena, não se supunha que tinha que ser desta maneira. Seu irmão e irmã eram as únicas constantes em sua vida.

Eles eram seu único consolo.

E agora perder a um deles... era mais do que podia suportar.

Sustentou-a perto, balançando-a por horas sem lhe importar nada mais, somente quando Vane retornou ao amanhecer, deu-se conta de todo o tempo que tinha transcorrido.

Vane se aproximou lentamente.

—O que ocorre?

Fang procurou uma maneira de dizê-lo brandamente, Anya estava dormindo. Mas não existia consolo para o que lhe preocupava. Apertou o punho sobre sua pele branca e se deu conta que não havia uma maneira fácil de dizê-lo, uma que não afetasse Vane da mesma forma que tinha afetado a ele.

—Tu sabias que Anya estava vinculada com Orian?

Vane franziu seus lábios como se só a idéia lhe repugnasse tanto como a Fang.

—Por que ia fazer algo assim?

—Disse-te que o amava?

Vane ficou em tensão.

—Falaste em tempo passado.

Fang soltou um suspiro comprido e se preparou para a reação de Vane. Deus como desejaria não ser a pessoa que tivesse que lhe dizer isto.

—Orian morreu esta noite.

Vane deixou sair uma maldição tão forte, que Fang estava desconcertado por ela.

Normalmente seu irmão era mais comedido, mas o entendia perfeitamente. Estava experimentando as mesmas emoções. Vane ficou de joelhos seu lado e colocou uma mão sobre Anya, quando se encontrou com o olhar deste Fang viu a mesma dor agonizante dentro dos olhos de seu irmão que a que sentia em seu próprio coração.

—O que vamos fazer?

Fang sacudiu sua cabeça.

—Teremos que vê-la morrer,

Vane olhou ao longe, como se não pudesse suportá-lo mais do que Fang o fazia.

—O que aconteceu?

—Um grupo de Arcadianos os atacou e Orian morreu durante a briga. Que mais? Maldito lobo estúpido, tinha que ter estado aqui com Anya e não saindo de festa com seus amigos.

Vane lançou um olhar aos arredores como se esperasse que uma sombra voltasse para a vida e os perseguisse.

—Rastreamos aos outros de volta para cá?

—Não sei, não lhes perguntei. Markus e um grupo dos outros foi atrás deles.

—E?

—Ainda não retornaram.

Essas palavras quase nem tinham saído de sua boca, justo quando os demais apareceram lentamente no acampamento, alguns estavam sangrando e coxeando, mas não parecia que faltasse ninguém.

—Fique com Anya.

Vane foi consultar com os outros.

Fang não se moveu até que seu irmão retornou com um olhar de aço em seu rosto.

—O que?

—É o grupo de Arcadianos sobre o qual Acheron nos preveniu, de algum jeito descobriram que estamos aqui e seus sentinelas estão lá fora procurando nosso sangue.

Essa era a história de nossa vida, sem importar onde estivessem os Arcadianos os encontravam e atacavam. Por que não podiam seus irmãos humanos deixá-los em paz?

Porque as Destinos eram três cadelas psicóticas que queriam a completa aniquilação de sua espécie.

Agora sua irmã devia pagar o preço de uma maldição que nenhum deles tinha querido ou merecido, a vida era tão injusta. Mas como Acheron há dito muitas vezes, merecê-lo não tem nada a ver com nada a vida simplesmente é.

Vane se sentou ao seu lado.

—Te pareces como a merda. Por que não vais e tomas um descanso?

—Não posso dormir?

—Precisas dormir, não fará nenhum bem a ninguém se estás muito cansado para funcionar.

Sim, mas como conseguiria encontrar paz nesta noite? Não havia nada, exceto esse doentio nó, em seu estômago, que o fazia querer vomitar.

Como queria poder retroceder vinte e quatro horas e esquecer deste futuro...

Vane o empurrou brandamente.

—Eu me encarrego de Anya, vá descansar, não há nada mais a fazer, te converta em lobo por um momento.

Fang cabeceou sobriamente antes de deixá-la, apesar de que a única coisa queria fazer era sustentá-la tanto como pudesse, mas Vane tinha razão, precisava estar em sua verdadeira forma.

E precisava encontrar algo para si mesmo. Algo que levasse a dor embora fora por um pequeno nanossegundo.

Aimee despertou quando sentiu uma dor que a atravessava. Era a mesma sensação que tinha sempre que Wren ou um de seus irmãos se encontrava em dificuldades.

Só que nesta ocasião era por Fang, podia-o sentir como se ele estivesse no quarto bem ao seu lado.

E era a mesma sensação de temor em seu peito, a mesma urgência de localizá-lo imediatamente e assegurar-se que tudo estava bem.

O que tinha acontecido?

Fechando seus olhos o localizou, estava deitado sobre seu estômago em sua forma de lobo. Não parecia estar machucado e entretanto havia algo nele que parecia estar quebrado, ferido.

—Fang?

Fang se congelou pelo som da voz de Aimee, abrindo seus olhos a viu ajoelhada junto a ele.

O que estás fazendo aqui?

—Eu...eu... não sei, simplesmente senti que necessitavas de alguém.

Franzindo o cenho, quis lhe dizer que partisse, só que ela colocou uma mão suave em seu pescoço.

Fang sempre tinha odiado que o tocassem aí. Nem sequer Anya podia acariciá-lo enquanto estivesse em sua forma de lobo. Não podia suportá-lo.

Entretanto o toque de Aimee o acalmava. Ela passou sua mão através de sua pele até sua orelha, que esfregou brandamente entre dois dedos. Antes de poder deter-se, inclinou-se mais perto dela.

—O que aconteceu?

Sufocou-se quando pensou em Anya.

O companheiro de minha irmã morreu ontem à noite.

—Tua irmã estava vinculada?

Ele assentiu

—Oh, coração, quanto o sinto.

Sinto-o... eram umas palavras sem valor, sem dúvida pronunciadas como hábito. Ele odiava que as pessoas dissessem isso quando não tinham idéia do que realmente significavam. Nenhuma idéia da dor que o queimava por dentro, o de uma perda que logo experimentaria e para a qual não existia nenhum tipo de alívio que a pudesse aliviar ou diminuir.

Como poderia seguir sem sua irmã?

Tu tens a tua família, não tens nem idéia do que é...

—Isso não é verdade —lhe disse ela apertando-o com força. —Perdi dois irmãos e um de suas parceiras, sei a angústia que o tempo não pode curar. Não passa um dia sem

que me lembre deles e de como morreram, assim não uses esse tom comigo, não o poderia suportar.

Fang tomou forma humana e a abraçou.

—Sinto-o Aimee, não sabia.

Aimee o apertou com força enquanto tratava de controlar as lágrimas que sempre surgiam quando recordava a Bastian e Gilbert.

Pior ainda, eles tinham morrido por sua culpa. Porque ela tinha compartilhado seu poder e lhes tinha mostrado como localizar aos seus inimigos e foram atrás deles para protegê-la. A culpa disso. A dor... havia momentos como este quando era mais do que podia suportar.

Entretanto a vida continuava com cada pulsado agonizante.

—Está tudo bem. —Sussurrou, mas não o dizia a sério nunca estaria bem perder a quem amas. A vida era dura, cruel e fria. Ela sabia melhor que ninguém.

O humor bipolar de sua mãe era prova disso. Enquanto Maman lhe dava a bem-vinda e protegia a qualquer um que era leal a sua casa. Rapidamente estava disposta a matar a qualquer um que suspeitasse que a trairia, daí seu ódio antinatural contra Wren.

E era tão implacável, ainda sabendo que a amava, Aimee pôde vislumbrar nos olhos de Maman como a culpava inclusive embora fora só um filhote quando eles morreram.

Aimee suspirou.

—Como Wren sempre diz, cedo ou tarde a vida nos passa fatura a todos.

—Wren?

—O Tigard que me ajudaste a salvar. Tem uma forma particular de ver a maioria das coisas, mas nisto eu acredito que tem a razão. Nós somos as vítimas.

Fang sacudiu a cabeça.

—Nego-me a ser a vítima. Alguma vez... mas não agora, não posso acreditar que a vá perder e que não haja nada que possa fazer para evitá-lo.

—Ao menos tens tempo de lhe dizer adeus, meus irmãos se foram em um instante, não houve tempo para nada nem sequer duelo.

Fang se deteve quando se deu conta do muito que ela o reconfortava, estavam compartilhando sua dor...

O que estás fazendo?

Estava chegando a ela e não tinha idéia do porquê, ele nunca confiava em ninguém, especialmente não em estranhos. Recusava acomodar-se e sempre o tinha feito.

Entretanto, não queria deixá-la, queria ficar desta maneira durante um momento, para que ela aliviasse a dor de seu coração.

Aimee se separou de seu braço para olhar algo no chão. Inclinou-se ligeiramente para frente para agarrar o pedaço de tecido que Stefan tinha rasgado de um dos atacantes Arcadianos. Tinha-o levado para inspecioná-lo e Vane o havia trazido de volta antes para lhe dar uma olhada. Infelizmente o cheiro estava tão contaminado que era inútil para eles tentar utilizá-lo para localizá-los.

Aimee franziu o cenho quando o estudou atentamente.

Ele copiou seu gesto.

—O que acontece?

—Conheço isto, é de um grupo uniformizado.

Seu coração deixou de pulsar.

—O que queres dizer com o que o conheces?

Aimee fechou os olhos para usar seus poderes vendo como imagens reproduzindo-se em sua cabeça. Ela podia ver os lobos brigando, ouvi-os grunhindo e rasgando. Ver os Arcadianos atacando-os, mas alguns fatos estavam mais claros que outros, entretanto havia um rosto que ela conhecia muito bem.

—Esse é Stone.

Fang inclinou sua cabeça.

—Stone? Porque me soa esse nome?

—Esse foi o lobo com o qual brigou fora do Santuário.

Fang deixou sair o fôlego como se o tivessem golpeado fortemente no plexo solar.

—O que?

—Ele era o lobo.

—Não. —Fang sacudiu a cabeça com incredulidade ante essas palavras que destroçavam sua alma. O que tenho feito? —Queridos deuses—... Sou eu quem matou a minha irmã.

CAPÍTULO 8

Fang sentiu náuseas assim que a realidade lhe veio em cima, esmagando-o. A estúpida briga lhe havia custado a sua irmã a vida de seu parceiro e a levaria de seu lado logo que nascessem as crias.

Como pôde ser tão idiota?

—Fang, não podes te culpar.

Escutou as palavras de Aimee, mas sabia a verdade.

—Eles nem sequer teriam sabido que estávamos aqui se eu não os tivesse atacado. —
Por ti. Não disse o último em voz alta, mas queimava em sua mente como um carvão abrasador.

O que hei feito?

—Fang...

Ele a empurrou fora de seu alcance.

—Por favor vá embora. Cada vez que te aproximas de mim, algo ruim acontece.

Aimee retrocedeu como se a tivesse esbofeteado. E essas palavras lhe arderam como um golpe. Ela tratou de dizer que era sua própria dor que o fazia estalar de ira. Mas não importava. De todos os modos, lhe fazia mal.

—Irei, mas se precisas de uma...

O olhar que lhe dedicou era cruel, penetrante e condenador.

—Não preciso de uma merda de ti nem de qualquer outro. —A garganta lhe secou instantaneamente. Assentindo, ela se foi para casa, de volta a sua cama onde se sentou assombrada pelo rechaço. Não deveria lhe doer.

Só é um estúpido lobo zangado.

Era a verdade, e precisava deixá-lo para trás. Precisava deixar ele para trás. Não havia nada que pudesse fazer por ele. Precisava centrar-se em seu próprio futuro e encontrar um parceiro que fora apropriado para sua espécie. Alguém que sua família não só aceitasse, mas também estivessem orgulhosos de introduzi-lo em suas linhas. Era sua obrigação com aqueles aos quais amava.

Amanhã encontraria um urso e não pensaria mais em Fang ou em qualquer outro lobo.

Fang se sentia como uma merda. Não deveria haver gritado com Aimee e sabia. Não era culpa dela. Tinha sido ele quem tinha saltado dentro da briga sem pensar. Culpar a ela não tinha sentido. Era seu aborrecimento consigo mesmo com o qual não podia enfrentar-se. Culpá-la era mais fácil que culpar a si mesmo.

Mas afinal de contas, ele sabia a verdade.

Ele era a única razão pela qual Anya morreria. Seu temperamento e sua necessidade de brigar eram a causa de tudo isto. O lobo que havia nele queria vingança por isso. Queria banhar-se no sangue de seus inimigos. Fazer desaparecer seu aborrecimento e a culpa com suas mortes.

Se fosse tão fácil.

Mas sua parte humana sabia que um monte de violência não desfaria o que tinha feito. Anya morreria e seria sua culpa por tratar de salvar a um urso, do qual nem sequer deveria preocupar-se.

Então, por que o fazia?

Incapaz de enfrentar-se a tudo isto, voltou para a forma de lobo para deitar-se no úmido chão enquanto pensamentos se perseguiam entre eles dentro de sua cabeça.

Ao final, tudo lhe levava a uma simples realidade, como podia o único encontro com uma pessoa em uma maldita tarde alterar tanto toda sua vida? Como era possível que um urso houvesse, de algum jeito, colado em seu coração e lhe tivesse arruinado a vida?

Eli caminhou por seu escuro e imaculado estúdio pensando em esfolar ao seu próprio filho. Sim, o rapaz era ainda jovem, mas como podia ser tão imbecil? Tão imprudente...

Agora os lobos Katagaria sabiam que eles sabiam de sua existência e os caçariam. O elemento surpresa se perdeu.

Maldito sejas, Stone.

—Convocaste-me?

Eli parou para encontrar Varyk frente ao sobrecarregado escritório de madeira negra, olhando-o. O cabelo da nuca lhe arrepiou. Esse homem tinha a arrepiante habilidade de viajar sem ser detectado jamais. Nunca tinha visto ninguém tão competente em esconder seu cheiro ou presença.

—Temos outro desastre.

Varyk tomou as notícias com um completo estoicismo. De novo tomava tudo dessa forma.

—Stone?

Eli se estremeceu.

—É obvio. —Não era necessário negar o que Varyk poderia verificar facilmente—. O grupo de Stone foi atrás de uma patrulha Katagaria e mataram a alguns de seus membros. Estou seguro de que agora virão atrás de nós.

Para surpresa de Varyk, não pôs nenhuma cara ou deu sinal algum de emoção.

—Desejas que limpe tudo isto?

—Quero tua opinião sobre a melhor forma de proceder.

Varyk cruzou os braços sobre o peito e lhe dirigiu um frio olhar.

—Eu começaria matando ao meu filho e a sua equipe de idiotas antes que sua estupidez se expanda sobre alguém mais e os infecte. —Havia, inclusive, menos emoção em seu tom que em sua linguagem corporal.

Eli agarrou o brandy da pequena mesa de mármore frente a ele e tomou um gole antes de responder.

—Falando como um homem que não tem filhos. Não posso fazer isso. Não sou um animal.

—Eu sim.

Eli arqueou uma sobrancelha ante isso. Havia momentos em que Varyk parecia mais Katagaria que Arcadiano, mas ele o conhecia melhor. Era mais duro que o inferno, Varyk era Arcadiano.

Sim, apenas.

Varyk deslizou seu olhar sobre o fogo que estava flamejando na ornamentada chaminé Vitoriana.

—Pedi minha opinião e eu a dei a ti. É obvio que debes recordar que se eu tivesse estado na ilha de Gilligan, o tivera morrido aos dez minutos do primeiro episódio. De onde venho, incompetência e estupidez são razões para homicídio justificado.

Eli soprou.

—Bem, deveria idealizar um plano que não desembocasse na morte de meu herdeiro.

—Uma boa mutilação seria considerada excessiva?

Eli sacudiu a cabeça. Varyk era sempre persistente.

—Minha cidade está sendo invadida por animais. Antes que o Santuário introduza algum mais, quero que os detenhas. A *todos* eles.

—Estou trabalhando nisso, mas debes estar prevenido que destruir o Santuário não é algo que se faça da noite para o dia. Queima o edifício. Eles o reconstruirão e Savitar tomará vingança contra os autores.

—Pensas que não sei?—Eli se freou no momento em que jogou essas palavras. acalmou-se antes de voltar a falar—. Se fosse tão fácil, os teria tirado dali há décadas. O que quero para esses ursos é que sejam assassinados.

Varyk arqueou uma só sobrancelha ante o tom e comportamento do homem. Havia algo malicioso. Um ódio tão frio, havia mais nisto do que Eli lhe havia dito. Não havia dúvida alguma de que valia a pena investigá-lo...

—Por que tanto veneno, Blakemore? O que te hão feito os Peltier?

—Isso não é de tua incumbência. —grunhiu—. Agora vá. —Assinalou para a porta com sua taça de brandy—. Faça o que tenha que fazer para terminar com esse montão de cães e depois acabe com os ursos.

Varyk lhe realizou uma reverência mofando-se, antes de virar sobre si mesmo e desaparecer fora da sala de volta ao seu lar no Garden District. Era uma elegante relíquia pré-bélica que mantinha a adequada quantidade de frio no ar. Com 1.219,20 metros quadrados, a casa não era em nenhum caso pequena, mas não era tampouco uma mansão.

Era, de todos os modos, um aviso de sua solitária existência. E, entretanto, ele tinha vivido sua vida desta maneira durante tanto tempo, que vagamente podia recordar outra vida...

Congelou-se no vestíbulo assim que sentiu uma presença que não tinha sentido

durante séculos. Dando uma volta ao redor, usou seus poderes para imobilizar ao bastardo contra a parede.

—Deixe-me ir.

Varyk apertou sua dominação invisível.

—Por que deveria?

—Porque somos irmãos.

—Não. *Éramos* irmãos.

Constantine tossiu lutando para respirar. Mate-o. A urgente voz dentro da cabeça de Varyk era difícil de ignorar. Era o que ele deveria fazer. Era definitivamente o que lhe devia.

Mas a curiosidade ganhou. Ao menos por uns poucos minutos.

Varyk o libertou.

Constantine caiu ao chão onde ofegou sobre suas mãos e joelhos. Alto e bem proporcionado, tinha cabelo negro carvão e traços angulosos. Era fácil ver o chacal nele. Tal como era fácil de ver o lobo em Varyk. Ninguém jamais os teria reconhecido como irmãos, o que estava bem para ele.

—Por que estás aqui?—grunhiu Varyk.

Constantine o olhou levantando a cabeça.

—Estou sendo caçado.

—E a mim deveria importar um demônio. Por que?

Franzindo os lábios, Constantine se obrigou a ficar de pé.

—Já que eles confundiram tua essência com a minha, pensei que o mínimo que podia fazer era te advertir.

Varyk franziu o cenho ante suas palavras.

—Do que estás falando?

—Como pensas que te encontrei aqui? Um grupo de chacais veio ao Santuário me procurando. Já que eu não estava lá, sabia que somente havia outra pessoa que podia cheirar o suficientemente parecido a mim para conduzir aos meus inimigos ao... tu.

Dirigiu a Constantine um divertido olhar fixo.

—Uau, resolveste por ti só. Estou impressionado. Nem sequer precisaste pôr um quarto de dólar na máquina de Zoltan. Verdadeiramente assombroso.

—Acaba já com o sarcasmo.

Varyk reduziu a distância entre ambos.

—Preferiria acabar contigo.

Constantine ficou tenso, mas para sorte sua, não atacou. Unicamente ficou ali, insultando-o com sua presença.

—Acredite, eu sei. Pensas que é fácil para eu vir aqui depois do que aconteceu?

Varyk o agarrou pelas lapelas e o sacudiu fortemente.

—Realmente achas que me importa?

—Nem sequer queres saber por que estou sendo caçado?

—A mim, verdadeiramente, importa uma merda. E mais, espero que te apanhem.

Constantine se soltou e retrocedeu.

—Bem, irmão. Deixarei-te com sua solidão.

—Queres dizer exílio.

Constantine se estremeceu, logo se deteve. Olhou a Varyk por cima de seu ombro.

—Mãe morreu na primavera passada. Simplesmente pensei que deverias sabê-lo. Varyk queria ser frio e insensível. Sem sentimentos. Queria que essas notícias não lhe fizessem mal. Maldita seja, como podia lhe fazer tanto dano depois de tudo o que eles lhe fizeram?

Entretanto o fazia. Odiava não ter tido uma oportunidade de ver sua mãe pela última vez.

Ela somente te esbofeteou a cara, o que tu tentaste.

E bem, odiava mais a si mesmo por essa debilidade sua que o que odiava a eles.

—Antes que eu vá, não obstante, tenho que te fazer uma pergunta.

—O que é?

—Como terminou um híbrido lobo-chacal infundido com os poderes de uma deusa egípcia a cão cheirador de um homem como Eli Blakemore?

Varyk dirigiu ao seu “irmão” um sorriso sarcástico.

—Bem, suponho que não é sem razão que nos chamem de traiçoeiros.

CAPÍTULO 9

Aimee levantou o olhar do livro enquanto escutava uma batida abrupta na porta. Fechando os olhos, viu seu irmão Alain no vestíbulo com uma bandeja de chá e pãozinhos. Diferente da maior parte de seus irmãos, ele tinha o cabelo loiro curto e um rosto que lhe recordava o de um querubim. Seus olhos azuis sempre estavam brilhantes e quentes, e mantinha uma pequena barba tipo cerrada, bem cortada.

Sentiu afeto ante sua consideração.

—Entre.

Ele abriu a porta lentamente, sempre era cuidadoso de entrar em território de um urso sem o correto convite. Sua companheira, Tanya, tinha-lhe ensinado bem.

—Sou eu. Queres um pouco de chá?

—Claro.

Ela colocou o livro na cama e foi segurar a porta enquanto ele entrava e colocava a bandeja na penteadeira.

Fechando a porta detrás dele, retornou à cama.

Alain serviu para ambos uma taça de chá de baunilha Rooibos e lhe trouxe o prato de sanduíches de porcelana que estava amontoado no alto com pãozinhos açucarados.

Ela não pôde evitar sorrir.

—Não tens feito isto para mim em anos.

Ele salpicou mel em sua taça... muito de mel, eram ursos depois de tudo. Segurou a vasilha plástica de urso para ela.

Aimee o tirou dele e duplicou o gesto enquanto ele lambia a doçura dos dedos.

—Sinto-me como um filhotinho, na espera de que Maman ou Papa entrem e nos gritem por quebrar o toque de silêncio, sempre foste tão bom para conseguir me colocar em problemas com festivais de chá noturno.

Alain riu.

—Maman nunca foi a que me assustava quando filhote... só como adulto lhe temo.

Aimee vacilou ante a nota estranha em sua voz.

—Por que dirias isso?

—Pela mesma razão que o farias tu. Amo a Maman, sabes. Mas há vezes que sinto

algo sobre ela que me põe nervoso.

Aimee esteve de acordo enquanto deixava a um lado o mel.

—Não gosta que os outros fiquem aqui conosco. Acredito que teme que eles descubram nosso segredo... Ou pior, que se voltem contra nós como o fez Josef. —Foi quem conduziu a festa que finalmente tinha matado a seus irmãos.

Como Wren, Josef tinha sido introduzido em sua guarida como um filhote adolescente ferido em lugar de ficar lá fora para morrer como Maman teria querido. Logo que Josef se curou, tinha-os odiado sem razão alguma. Era quase como se os tivesse odiado e se houvesse ressentido por ter uma família quando ele não a tinha. E somente por isso, tinha tentado destruí-los.

Sua traição tinha deixado uma cicatriz em todos eles, um momento de compaixão que se converteu em toda uma vida de arrependimento, mas Maman estava mais obcecada que outros. Ela se culpava por não ter suspeitado mais dele. Culpava-se pelas mortes de Bastien e Gilbert.

Era por isso que Maman era tão dura com todo mundo agora. Mantinha-se esperando que os outros se voltassem contra ela sem razão também.

Alain agitou seu chá com uma pequena colherzinha.

—Há muitos segredos nesta casa, *chere*. Algumas vezes acredito que muitos.

Aimee arqueou uma sobrancelha ante isso.

—O que estás ocultando tu?

Ele se deteve para baixar o olhar para sua palma onde estava o intrincado trabalho em espiral que o declarava emparelhado. Era uma marca que era idêntica a da palma de Tanya.

—Conheces meu segredo.

Seu coração se contraiu com força ante o aviso. Embora ele estava emparelhado a uma boa urso, seu coração pertencia à outra. Sempre pertenceu.

—Sinto muito, Alain.

Ele deu de ombros.

—Não tenho nada do que me queixar. Tanya é leal a mim. É amável e temos dois filhos lindos. Como poderia estar inconformado com isso?

—Ainda pensas em Rachel?

Ignorando sua pergunta, baixou o olhar a sua xícara enquanto continuava revolvendo o mel através do líquido escuro.

—Queria te perguntar uma coisa.

—Claro.

Ele golpeou ligeiramente a colher duas vezes antes colocá-la em seu prato.

—Notaste qualquer coisa em Kyle? —Kyle era seu irmão mais jovem. Um pequeno obstáculo às vezes, era basicamente amável e doce embora se mantivera mais isolado do que outros faziam.

—Como o que?

Ele vacilou antes de falar.

—Que ele seja um Aristos.

Aimee se congelou de incredulidade ante essas palavras.

—O que?

—Ele é um *Aristos*, —Alain repetiu, seu olhar ardendo no dela—. Estou seguro disso.

Os *Aristi* eram os feiticeiros mais poderosos em seu mundo. Mais fortes que os Sentinelas, eram a única coisa que cada Arcadiano suplicava ser e os seres que faziam que o sangue de todo Katagaria corresse frio.

—Como sabes?

—Nos divertíamos ontem, praticando sujeições, e ele me atirou com uma facilidade de força que ninguém da sua idade deveria possuir. E quando me imobilizou, vi-o em seus olhos.

Aimee se sentiu doente ante as notícias. Os *Aristi* eram os que tinham assassinado aos seus irmãos e eram a única coisa que sua mãe não poderia deixar estar. Era também outro segredo que Aimee reservava de todos. Ela também era uma.

—Maman o matará se fosse assim.

—Isso é o que me temo.

—Discutiste isto com Kyle?

Alain negou com a cabeça, seus olhos horrorizados pela só sugestão.

—Claro que não. Tu és a única em que confio para manter isto entre nós. Nunca faria nada para prejudicá-lo e sei que tu sentes o mesmo.

Aimee ouviu a corrente subjacente. Havia mais nisto do que lhe estava dizendo.

—Mas?

—Precisa ser adestrado. Esse tipo de poderes, se se deixarem sem guia. . .

Poderiam matá-lo. Ele não terminou a frase porque Aimee sabia disso assim como também ele. Um *Aristos* requeria um tutor, especialmente os varões. Enquanto uma fêmea poderia adaptar-se melhor e aprender a controlar esses poderes por si mesma, um macho não poderia fazê-lo. Era o que a tinha salvado, mas ela não podia treinar Kyle sem expor a ambos.

—O que podemos fazer?

—Esperava que tu tiveras algumas idéias.

—Não realmente. Nem sequer sei de um *Aristos*. —Isso não era completamente certo, mas ela não estava a favor de compartilhar isso com Alain—. São muito raros.

Ele assentiu.

—Eu sei. . . Pensa nisso. Faça-me saber se te ocorre algo. Não quero deixá-lo só nisto.

Nem tampouco ela. Kyle estaria tão assustado por seus poderes como ela o esteve pelos seus.

—Queres que fale com ele?

—Odeio descarregá-lo sobre ti, mas és com a qual está mais próximo. Poderia abrir-se a ti. Ao menos mais do que alguma vez faria comigo.

Aimee lhe sorriu. Ele tinha razão. Kyle mantinha a seus irmãos na escuridão, mas por alguma razão a via como a outra mãe.

—Falarei com ele amanhã. Averiguarei se sabe o que lhe está ocorrendo.

Ele deu a sua mão um apertão gentil.

—É o melhor.

Bufou.

—Em frente, Etienne, e me diga que sou a melhor irmana que tens.

Etienne era outro de seus irmãos que era um descarado e encantador. Sempre andava dizendo que não importava que mentira necessitasse para conseguir o que quisesse.

Alain riu outra vez de seu insulto.

—Ele é semelhante a merda, verdade?

—Sim, sim o é. E falando de excremento, ouvimos qualquer algo mais dos lobos e suas ameaças?

—Queres dizer do grupo de Eli?

Ela assentiu.

—Nenhuma palavra. Acredito que Dev pôs o temor a Zeus neles quando se recusou a recuar.

—O que duvido. São bastante estúpidos.

—Sim, mas ainda Eli tem um pinga de autoconservação. Ele deveria saber já que é melhor nos deixar em paz.

Esperava que isso fora certo, mas também o duvidava. Eli era tal narcisista que a idéia de que alguém na verdade o superasse acaba por não parecer estar ao alcance de sua realidade.

—Não estaria tão segura. Não o chamam de ódio cego sem uma razão. Acredito que está em um ponto conosco no qual poderia cruzar qualquer limite sem ter em conta as conseqüências.

Ele estreitou seu olhar nela.

—Tens uma de tuas premonições, verdade?

—Sim, mas não posso pôr um dedo nisso exatamente. Só sei que vai fazer algo que não esperamos. Só desejaria saber exatamente o que e quando.

—Então farei correr as notícias para que todos mantenham os olhos abertos.

—Obrigada.

Vane se sentou afastado a um lado do acampamento em forma humana enquanto escutava as conversações ociosas ao redor dele. A metade do grupo estava em forma humana enquanto que outros eram lobos.

Muitos dos homens estavam inquietos. Havia um inquietante cheiro no ar. Um que denotava problemas, mas ninguém podia dirigir isso. Nem sequer ele estava seguro do que o causava.

Mas estava tão nervoso como o resto deles. Uma palavra equivocada ou uma ação e ele estava justamente tão propenso de tomar uma vida como um Daimon. Tanto mais, de fato.

E talvez essa era a fonte de sua ansiedade. Desde que ele e Fang tinham ajudado a Acheron e Talon, tinha tido uma sensação de presságio que não podia sacudir-se.

Fang se aproximou dele e lhe ofereceu uma cerveja fria.

—Queres ir patrulhar e ver se podemos averiguar o que vai acontecer?

Vane levantou as pálpebras de repente e inclinou a cabeça para poder ver ao redor do corpo de Fang onde Stefan e outros se reuniam. Negou com a cabeça.

Se saísse com Stefan no estado de ânimo no qual estava, um deles terminaria morto.

—Seja o que for, vem para cá. Acredito que deveríamos estar presos às mulheres.

Fang riu disso.

—Amo a forma em que pensa, *adelphos*⁵. Estar preso às mulheres é o que melhor me dá.

Sorriu ante as palavras de Fang.

—Sim, mas não te vi fazendo isso ultimamente.

Fang olhou rapidamente a Petra que estava sentada em forma de lobo com várias outras Were-Hunters.

—Estive preocupado.

—Com o que?

—Coisas.

Vane não o pressionou. Seu irmão, com todo seu fluxo interminável de comentários sarcásticos e a arrogância de vive-para-o-momento, algumas vezes podia ser extremamente caprichoso. Inclusive reservado.

Era um espaço e liberdade que Vane voluntariamente lhe dava.

Vane!

Vane se engasgou com a cerveja ao tempo em que ouvia a voz frenética e assustada de sua irmã na cabeça.

—O que? —Ele enviou de volta silenciosamente.

Os cachorrinhos vêm. Preciso de ti.

—Ouviste isso? —Perguntou a Fang.

—Estou nisso.

Sua cerveja esquecida, Vane ficou rapidamente em pé e correu em busca dela. Encontrou-a a um lado do acampamento, perto de uma pequena correnteza onde devia ter ido conseguir algo para beber.

—Segurei-te, bebê —disse ele com delicadeza enquanto se ajoelhava ao seu lado para ajudá-la.

Ela lhe lambeu o queixo, então choramingou à medida que mais da dor do trabalho de parto a golpeava.

Fang se uniu a eles alguns segundos mais tarde com mantas.

—Deveria trazer a Markus?

Vane negou com a cabeça.

—O podemos controlar.

Enquanto se aproximava para acariciar Anya, seu telefone celular timbrou. Vane começou por não respondê-lo, mas o ID mostrava a Acheron, que não chamaria a menos que fora importante. Furioso pela inoportunidade do momento, desdobrou-o.

—Estou ocupado, Dark Hunter. Este não é um bom...

—Eu sei, mas há um grande número de Daimons se dirigindo ao redor do Poço de Miller. Vêm atrás da tua manada, Vane.

Vane ficou frio ante as notícias enquanto olhava para Fang para ver se seu irmão tinha ouvido as palavras tão claramente como ele.

—Estás seguro?

—Positivo. Parece que querem uma supercarga antes das festividades do Mardi Gras conosco, assim têm que sair daí, caras. Logo.

⁵ Irmão, em grego.

Como desejava que fora tão simples.

—Anya está com dores de parto. Não a podemos mover. Mas me assegurarei de que os outros se vão.

—Está bem, —disse Ash—. Não te movas e te conseguirei alguns reforços o antes possível.

A implicação insultou cada parte animal de Vane.

—Não necessito de tua ajuda, Dark-Hunter. Podemos cuidar de nós mesmos.

—Sim, de todas formas, estaremos aí em pouco tempo.

O telefone morreu.

Grunhindo, Vane devolveu o telefone ao seu bolso. Encontrou-se com o olhar glacial de seu irmão.

—Mobilize aos outros.

Fang assentiu, então se foi correndo para fazer correr a notícia.

Acheron Parthenopaeus, líder dos Dark-Hunters e um deus Atlante imortal sob uma situação de crise maciça, a menor das quais não era seu irmão tentando matá-lo, amaldiçoou enquanto desligava o telefone. Isto não era bom e piorava a cada pulsado. Se os Daimons conseguiram pegar essas lobas grávidas e aumentavam seus poderes, não haveria freio para eles e as ruas de Nova Orleans correriam vermelhas pelo sangue de seus ocupantes humanos.

Caminhou rapidamente pelo Bourbon Street para o Canal, que era onde seu Dark-Hunter se supunha estava patrulhando pelos Daimons que andavam lá fora para alimentar-se de almas humanas.

Não havia sinal dele.

E onde diabos estava Talon?

Supunha-se que o Celta estaria em seu pântano, protegendo à humana, Sunshine Runningwolf, e em lugar disso não houve sinal dele quando Ash tinha ido para lá.

Fechando os olhos, Ash detectou que o Celta estava bem. Mas não tinha tempo de afastá-lo da mulher que ele estava protegendo. Os Daimons se moviam rápido e não teria muito tempo antes que alcançassem a Vane e sua família.

Então poderiam chover arcos-íris e pétalas de rosa sobre eles. . . .

Não.

Abriu seu telefone e ligou para Valerius que estava ainda em casa. O antigo general romano era uma importante dor no traseiro em seu melhor dia, mas em uma crise, havia poucos melhores combatentes.

—Val, estou no Bourbon...

—Não me aventurarei nessa rua de enormes iniquidades e horror plebeu, Acheron. É a latrina da humanidade. Nem sequer o perguntes.

Ash pôs os olhos em branco ante o tom arrogante do romano.

—Necessito-te no pântano.

O silêncio lhe respondeu. Já podia imaginar Val em casa com seu lábio encrespado de repugnância. Não é que o general não tivesse estado em piores lugares lá nos dias nos que tinha comandado um exército romano. Ele era simplesmente resmungão em sua velhice.

—Temos uma situação, Valerius —disse severamente—. Um grupo de Daimons vai atrás de um grupo de Katagaria e eles têm a mulheres em trabalho de parto...

—Onde me necessitas?

Ash sorriu. O romano tinha seus momentos. Bons e maus. Felizmente, este era um bom.

—Estarei justo aí. —Ash desligou o telefone. Ele se precipitou dentro de um portal próximo onde ninguém pudesse vê-lo e se cintilou ao lado de Val em sua mansão.

Valerius reagiu com atraso vendo Ash na sala antes que o romano pudesse ainda retornar o telefone sem fio ao pedestal. Vestido com um traje Armani negro e uma camisa negra de seda, e com o cabelo escuro até os ombros e penteado para trás em um rabo-de-cavalo, Valerius era o epítome de um homem privilegiado, bem criado.

Patrício até o fim.

O único indício de sobressalto que Valerius mostrou foi um ligeiro arqueamento de sua sobrancelha direita.

—Não temos tempo para meios de transporte convencionais —esclareceu Ash.

Antes que Val lhe pudesse perguntar o que queria dizer, Acheron o agarrou e se materializaram perto da guarida Katagaria.

Val o olhou carrancudo.

—Como fizeste isso? És algum estranho Were-Hunter híbrido como Ravyn?

Ash lhe dirigiu um meio sorriso misterioso. Nenhum dos Dark Hunters sabia que ele era um deus e em realidade queria conservá-lo desse modo. Entre menos soubessem dele e seu sórdido passado melhor.

—É uma longa história. A parte relevante é que tenho que ser precavido usando meus poderes ao redor das Katagaria grávidas. Se as lobas grávidas são forçadas na forma humana por meus poderes, isso matará a elas e a seus bebês instantaneamente. Assim, estarei brigando estritamente com as mãos como um humano somente para nos assegurar. Teus poderes não estão iónicamente carregados pelo que deverias estar bem brigando como sempre.

Val assentiu entendendo.

Acheron manifestou seu bastão de guerreiro, então guiou a Val para a guarida.

O acampamento estava no caos total enquanto os varões, em sua maioria em forma humana, tentavam recolher às lobas grávidas e os cachorrinhos e movê-los sem usar a magia.

Vane e Fang permaneciam sobre uma loba grávida em trabalho de parto enquanto outro varão, que tinha uma semelhança notável com Vane, ajoelhava-se ao seu lado. O homem era muito maior que os irmãos.

Era Markus.

Ash lhe recordava bem. O cruel governante Katagaria odiava a todo mundo fora da manada.

Não obstante, Ash retificou, enquanto olhava a Vane e a Fang, seu pai odiava a muitos que estavam na manada também. Incluindo aos seus filhos.

—Nos faça sentir orgulhosos, Anya —disse Markus severamente—. Sabe que criarei a teus cachorrinhos sob minha completa proteção.

A *wolfswan* choramingou.

Seu pai ficou de pé e deixou cair uma frase com desprezo sobre Vane e Fang.

—Isto é vossa culpa. Amaldição o dia no qual alguma vez tive filhos were lobos.

Fang grunhiu pelo insulto que dava a entender que eram mais humanos que animais, e começou a andar para seu pai, mas Vane o agarrou.

Markus curvou seus lábios.

—Faria melhor em proteger a suas crias. Melhor que os deuses ajudem a ambos se algo lhes ocorrer. —Saiu à espreita de outros.

Acheron e Val se dirigiram para os irmãos.

—O que estão fazendo aqui? — demandou Vane logo que os viu—. Te disse que nos podíamos arrumar isso.

Acheron plantou o extremo de seu cajado no chão e lhe olhou com uma paciência que realmente não possuía.

—Não brinques de herói, Vane. A última coisa que precisas é lutar com os Daimons a suas costas enquanto Anya dá a luz.

Vane estreitou os olhos neles.

—Sabes algo sobre assistir no parto?

Ash assentiu.

—A verdade é que sim. Ajudei a trazer mais que minha justa parte deles durante os últimos onze mil anos. Humanos e outras coisas.

Apesar de suas anteriores palavras, Vane pareceu estar aliviado pela resposta de Ash. Vane olhou a Val.

—O que tu o que sabes?

A resposta de Val foi tão desajeitada para ele como sua presença aqui.

—Não sei nada sobre partos de cachorritos, Miss Scarlett, mas posso arrancar a cabeça de um Daimon sem suar.

—Está bem, podem ficar ambos. —Vane ficou de cócoras ao lado de sua irmã e acariciou seu focinho com seu rosto enquanto ela ofegou e gemeu—. Não te preocupes, coração. Não vou te deixar.

Ash se sentou ao seu lado e estendeu sua mão para que ela a farejasse.

—Sou um amigo, Anya —disse em voz baixa—. Sei que tens muita dor, mas vamos ficar contigo e ajudar para que dês a luz a tuas crias.

Ela contemplou a Vane quem fez ruídos do lobo em resposta a ela.

Uma maldição forte soou.

—Vane! —Fang gritou—. Temos crocodilos movendo-se por todo o lugar.

Ash sorriu.

—Está tudo bem. Estão comigo. Não atacam ao menos que os golpes.

Fang levantou a cabeça duvidosamente.

—Estás seguro? Não estão me olhando amigavelmente.

—Positivo.

O último do grupo Katagaria se foi, exceto por dois. Ash tinha visto ambos de antes, mas não os conhecia. . . .

Não, não era totalmente certo. Desde que podia ver dentro de suas mentes e corações, soube instantaneamente que o loiro era o irmão de Vane e de Fang. Um irmão que tampouco eles sabiam que tivessem.

O lobo de cabelo escuro era um amigo. Liam.

Fang estreitou seu olhar sobre eles quando se uniram aos irmãos.

—O que estão fazendo?

Fury se encolheu.

—Os lobos não brigam sozinhos.

—Desde quando dás tu uma merda?

Fury percorreu o olhar rapidamente para Anya e Ash sentiu não só sua dor, mas também seu desejo por ser contado entre seus irmãos. Era tão duro e profundo que trouxe uma dor ao seu próprio peito.

Era também uma dor da qual ele poderia mais que relatar.

—Vós dois necessiteis uma cabeça prudente para ajudar a brigar. —Fury indicou a ele e a Liam—. Esses somos nós.

Vane levantou o olhar.

—Deixe-os em paz, Fang. Se querem ficar, deixe-os. Quanto mais tenhamos para ajudar a proteger Anya, melhor.

Fang deu um passo para trás enquanto os outros dois lobos lhe davam distância. Foram afastar-se a um lado com Val e os crocodilos enquanto Ash, Fang e Vane estavam agrupados sobre Anya.

A tranqüila quietude do pântano foi quebrada só pelos ofegos e gemidos de Anya.

Enquanto esperavam, Ash sentiu a tristeza nos olhos de Vane. Recordou um tempo quando ele tinha escutado os gritos de sua irmã enquanto dava a luz aos seus bebês. Não havia nada mais inquietante.

Mas tudo isso desapareceu quando a primeira choramingação de bebê se escutou. Então o enfoque se converteu em um de alegria pela vida nova que tinha sido criada.

—Ela estará bem —Val reconfortou aos irmãos enquanto notava seu desconforto também—. Sairá desta.

—Não. —disse Vane, negando com a cabeça—. Tudo o que podemos esperar é salvar aos seus filhotinhos. Logo que o último deixe seu corpo, ela morrerá.

Val lhe olhou com o cenho franzido.

—Não seja tão fatalista.

Um músculo se moveu na mandíbula de Vane.

—Não o sou, Dark-Hunter. Ela foi reclamada por seu companheiro. Uniram suas forças vitais. Se não tivesse estado grávida e carregasse uma nova vida quando ele morreu, ela teria morrido com ele. Logo que os filhotes nasçam, ela irá se unir a ele no outro lado.

O estômago de Ash se contraiu apertado com a tristeza compassiva enquanto escutou a dor na voz de Vane. Ele sabia quanto significava Anya para ambos os irmãos. Também sabia o que estava a ponto de acontecer e embora queria mudá-lo, sabia que não podia. O destino era o que era e por tentar evitá-lo, poderia piorar o resultado para todos eles.

—Sinto muito, Vane.

—Obrigado. —Vane roçou sua mão através da coberta branca de sua irmã.

Fang se sentou longe a um lado, seu olhar rondando enquanto guardava silêncio. Era tão estranho de sua parte não estar ficando pouco cerimonioso e inclusive fazer comentários estúpidos. Isso disse a Ash mais que qualquer coisa, que tão alterado estava Fang.

Repentinamente, de um nada, uma horda de Daimons atacou.

Vane disparou a seus pés para enfrentá-los.

—Não sei como ajudar a nascer aos filhotes —disse a Ash—. Fique com ela e eu

brigarei.

Ash assentiu e permaneceu agachado junto a Anya enquanto ela sofria uma crise nervosa e choramingava.

Fang se transformou em lobo, sua forma mais forte, para combater, como fez Liam e Fury, mas Vane permaneceu humano.

Ash ouviu os Daimons gritarem enquanto encontravam aos lagartos espreitando-os.

Anya começou a agitar-se enquanto a briga estalava. Ash manteve sua atenção enfocada na loba e só levantou o olhar para assegurar-se que os Daimons não estavam abrindo caminho mais perto de Anya.

Fang, Fury e Liam estavam fazendo um trabalho notável mantendo-os a distância em forma de lobo enquanto Valerius e Vane os combatiam com faca e espada. Má coisa que os lobos não pudessem usar sua magia mais do que Ash poderia. Qualquer disparo ao azar de sua energia acidentalmente poderia pegar a Anya e aos seus filhotinhos e poderiam matá-los.

—Vane!

Ash se impulsionou ante o ruído humano da Were-Hunter. Levantou o olhar para ver um Daimon a ponto de atacar as costas de Vane. Prevenido, Vane viu o Daimon e se virou ao redor a tempo de apunhalar ao Daimon através do coração e matá-lo.

Anya te recoste.

Ash a segurou ainda enquanto o primeiro de seus filhotes coroa.

—Assim é —disse a ela em uma suave e tranqüilizadora voz —. Estamos quase lá.

Um Daimon subiu através das sebes ao lado deles. Ash se levantou de um salto e virou para defender Anya enquanto Fang apanhava ao Daimon e o nocauteava longe deles.

—*Te encarregue de minha irmã,* —disparou-lhe Fang em sua mente.

Ash rapidamente retornou a Anya.

Com os Daimons tão perto agora, tinha que controlar a chegada do filhote, a Anya e aos Daimons.

Não era fácil.

—Empurra —disse a Anya—. Só um pouquinho mais.

Os segundos seguintes passaram rapidamente e ainda pareceram mover-se lentamente através do tempo.

Pulsado a pulsado.

Dois Daimons se levantaram de sua briga com Fang. Um deles disparou a Fang com um Taser, voltando-o instantaneamente humano. Fang deixou sair um uivo enquanto seu corpo convulsionou incontrolavelmente de um a outro, entre lobo e humano.

Vane foi atrás do segundo ao mesmo tempo em que o primeiro apontou o Taser em Vane, que se agachou no chão. O Daimon pressionou o botão e os agulhões eletrificados erraram a Vane por uma fração de polegada.

Em lugar disso, golpearam a Anya.

Ash amaldiçoou furioso enquanto Anya foi transformada de loba a mulher e de novo a loba. Seus gritos ecoaram nas árvores e então ficou misteriosamente calada.

Retornou a sua forma de lobo, sem mover-se absolutamente.

Vane correu para ela, mas era muito tarde.

Estava morta.

Ash deixou sair seu grito de guerra e se precipitou ao Daimon que a tinha matado.

Golpeou duramente ao Daimon na mandíbula, então usou suas mãos nuas para rematá-lo. Empurrou sua mão diretamente no peito do Daimon, perfurando sua marca.

O Daimon se desintegrou em um rastro de pó dourado.

Agora que podia usar seus poderes sem restrições, Ash cortou o trabalho dos Daimons que restavam.

As transformações de Fang se haviam feito mais lentas, mas ainda se alternava entre as formas de humano e de lobo enquanto se arrastava lentamente para o corpo de sua irmã.

Vane caminhou inexpressivamente para Anya e se deixou cair ao seu lado. Recolheu o corpo da loba em seus braços e a embalou como se fora um bebê.

As lágrimas fluíram por seu rosto enquanto se balançava de trás para frente com ela e lhe murmurava ao ouvido.

Fang deixou sair um uivo agudo e se converteu em homem. Com o corpo nu, pôs sua cabeça nas costas de Anya e se abraçou também a ela.

Ash nunca esqueceria a visão dos três amontoados ali em sua dor. Perseguiria-lhe para sempre.

Muito bem, recordou seu passado.

Despedindo-se de sua irmã e seu bebê...

Doía como se isso nunca sарasse completamente. De fato assim era. Nem mesmo onze mil anos levaram a ardente amargura dele.

Com o rosto sombrio, Ash deu um passo para eles.

—Precisas de mim para...

—Fora —grunhiu Vane, sua voz feroz e fria—. Só nos deixe sozinhos.

Val arqueou uma régia sobancelha.

—Poderia haver mais daimons aproximando-se.

—E os matarei —Vane grunhiu—. Os matarei a todos.

Não havia nada mais a fazer para ajudá-los e Ash odiou isso sobretudo. Os irmãos necessitavam de tempo para levar sua tristeza.

Desintegrando seu cajado, deu a volta para Val que observava aos irmãos com um olhar afligido.

—Não havia nada mais que pudesse fazer — disse Valerius a Vane—. Não te culpes.

Vane deixou sair um grunhido desumano.

Ash puxou o braço de Val e o separou da cena antes que Vane o atacasse pelo pesar.

Os traços de Val estavam ainda perturbados com compaixão.

—Os inocentes nunca deveriam ter que padecer pelas batalhas de outros.

—Eu sei —disse Ash, com o coração pesado—. Mas assim parece ser sempre.

Val assentiu.

—*A furore infra, libera nos.*

Ash fez uma pausa ante a citação latina. *Tem piedade da fúria interna.*

—Sabes, Valerius, há vezes nas quais penso que na verdade poderias ser humano depois de tudo.

Valerius se mofou disso.

—Confie em mim, Acheron, não importa que parte de mim haja sido humana alguma vez, essa foi assassinada há muito tempo.

Fury observou silenciosamente durante horas enquanto Vane e Fang abraçavam a sua irmã e choravam como meninos. Recordou um tempo quando ele tinha chorado assim também, mas tinha sido uns séculos antes.

Ele tinha enviado Liam na frente não muito tempo depois que a briga tinha terminado para contar ao resto grupo o acontecido, então ficou para trás no caso de que houvesse mais briga a terminar. Sem ter em conta as batalhas do passado, as emboscadas, e os maus sentimentos, Vane e Fang não precisavam estar sozinhos agora mesmo. Tudo pelo qual eles se preocuparam estava morto. Era uma dor que Fury não desejava a ninguém.

A tristeza de Fury o golpeou a um nível diferente. Enquanto eles choravam pela irmã que tinham perdido, ele chorou internamente pela irmã que nunca conheceria.

Era tão duro observar aos seus irmãos abraçarem-se dessa maneira enquanto ele estava parado lá fora.

Para sempre um desconhecido.

Mas não podia dizer a verdade a eles. Sua mãe e irmãos com os quais se criou se voltaram contra ele e tinham tentado matá-lo. A única mulher que alguma vez tinha amado tinha estado entre essas que se voltaram contra ele. Por que então Fang e Vane poderiam aceitar alguma vez o fato de que ele tinha nascido da mesma união maldita que tinha dado nascimento a eles?

Além agora não era definitivamente o momento para uma reunião familiar.

Deu um passo adiante tentativamente. Não por medo, e sim por respeito.

—Caras? Estivemos aqui muito tempo. Já que o Taser desapareceu, acredito que deveríamos ir.

Vane lhe imobilizou com o olhar mais friamente mortal que alguma vez teria visto. Voltou esse olhar para Fang.

—Precisamos lhe dar um enterro apropriado. O devemos a ela.

Fang quis gritar e amaldiçoar. Queria golpear até que a fúria impotente dentro dele se calasse. Mas não sabia se alguma vez voltaria a estar em silêncio. Algo dentro dele se fez pedaços. Não se supunha que Anya morrera. Supunha-se que ela estaria aqui. Em todo o inferno e incerteza que tinham sido suas vidas, ela tinha sido a única coisa para a qual ele e Vane tinham vivido. Sua influência tranquilizadora.

Ela tinha humanizado o lobo.

Sem ela. . .

Não havia nada dentro dele agora a não ser o animal selvagem que só queria o sangue de todos ao redor dele.

Fury se aproximou deles lentamente em forma humana.

—Onde está Liam? —perguntou Vane.

—Enviei-lhe na frente para lhe dizer aos outros que os Daimons foram derrotados.

Vane o olhou carrancudo.

—Por que ficaste?

Fury percorreu o olhar para o corpo de Anya.

—Não acreditei que estivessem em condições de vos defender...

—Estamos bem —grunhiu Fang, e o agarrou pela garganta.

Fury cobriu o pulso com sua mão e a afastou de repente. Seus olhos turquesa jogaram faíscas de fúria.

—Com tristeza ou sem tristeza, se me tocas assim outra vez, matar-te-ei.

Vane os afastou.

—Já houve suficiente morte aqui esta noite. Temos que ir.

Fury deu um passo atrás.

Fang começou a desculpar-se, mas as palavras lhe entupiram na garganta. Além disso, não devia nada ao bastardo. Fury provavelmente estava sentindo oculta satisfação por isso. Era típico dele.

Descartando o pensamento, Fang se agachou até recuperar o corpo de Anya. Levantou-se lentamente com Anya em seus braços. Sua pelagem lhe fez cócegas à pele. Uma e outra vez viu imagens dela como cachorrinho, como adolescente e como mulher. Sobretudo, viu imagens delas como sua irmã e melhor amiga.

Deus, como sentiria saudades.

Vane suspirou.

—Estás preparado?

Não. Nunca estaria preparado para dizer adeus a ela. Mas não podiam ficar aqui para sempre. Assim assentiu, inclusive embora quis morrer ao lado dela.

Usando seus poderes, encontraram a sua manada e o lugar onde tinham feito uma guarida temporária em Slidell. Não muito longe devido a que as fêmeas carregadas não podiam viajar facilmente, mas o suficientemente longe de maneira que deveriam estar relativamente seguros.

Logo que apareceram, toda a atividade no acampamento se deteve.

Cada olho, humano e lobo, voltou-se para eles e Fang jurou que poderia ouvir suas brucas inspirações de fôlego.

Mas foi o aspecto cinzento de seu pai o que os fez deter-se.

A Fang pegou de surpresa a expressão de seu pai. Era ainda possível que o velho bastardo tivesse sentimentos para com eles?

Contudo, não havia negação na angústia em seus olhos cansados.

Markus se adiantou.

—Onde estão as crias?

Vane deixou cair sua mão do corpo de Anya.

—Ela morreu antes que nascessem.

Markus se afogou com um soluço. Aniquilado pela exibição inesperada de emoção, Fang não se moveu enquanto seu pai se adiantava para abraçar a Vane.

Ao menos isso foi o que pareceu que ia fazer até que seu pai plantou um pequeno colar de prata no pescoço de seu irmão. Antes que Fang pudesse mover-se, Stefan plantou um nele por trás.

Dando um passo atrás, Markus olhou para os outros ao seu redor.

—É o momento para a *timoria*. *Matem-nos*.

CAPÍTULO 10

Fang lutou quando Markus arrancou o corpo de Anya de seus braços. Não queria deixá-la ir, mas com o colar posto, era praticamente um humano sem poderes e sem a força necessária para fazer algo mais que amaldiçoá-los.

Stefan lhe agarrou e com ajuda dos bastardos de seus colegas pôde atirar Fang ao chão e lhe atar as mãos às costas. Tentou usar de novo seus poderes, mas o colar o evitou e em forma humana não era nem de longe tão forte como em forma de lobo.

Vane estava no chão a pouca distância dele, também amarrado.

Fury abriu caminho a empurrões através da multidão que os rodeava, seu rosto tinha expressão de asco quando olhou a Markus.

—Posso falar a seu favor?

Markus respondeu a sua pergunta com um cruel golpe de reverso. Fury cambaleou pelo golpe, o lábio e o nariz lhe sangravam abundantemente.

—Só se queres te unir a seu castigo.

A raiva pura que refletiam os olhos de Fury era abrasadora, encontrou o olhar fixo de Fang e o pesar e a tristeza que havia nele pegou Fang de surpresa. Por que merda teria que lhe importar um caralho se algo lhes acontecia?

Limpando a boca com a mão, Fury retrocedeu gradualmente e afastou o olhar.

—Senhor? —desta vez foi Liam quem deu um passo à frente.

Markus lhe lançou um olhar furioso e ele se retirou.

—Há algum outro bastardo que queira morrer com eles? —Markus jogou a todos um olhar raivoso.

Fang não esperava que ninguém saísse em sua defesa e não lhe desiludiram.

Inclusive Petra inclinou a cabeça e se retirou. Isso quanto a querer emparelhar-se com ele. Bruxa covarde.

Markus baixou o corpo de Anya enquanto Stefan e George os punham de pé.

—Como Regis deste clã, proclamo Vane e Fang traidores de nosso povo. Vane ajudou a um Dark-Hunter a proteger a um humano —cuspiu a palavra como se fora a coisa mais repugnante que se podia imaginar.

Houve uma inspiração bem definida quando essas palavras foram ditas.

Fang se voltou para Petra que recusou a aceitar seu fixo olhar. Suas bochechas eram de um vermelho intenso. Sua própria cólera cresceu ao compreender que Ihe tinha traído. Por que Ihe havia contado alguma vez isso?

Maldita seja, deveria ter tido melhor critério.

Quando aprenderia que as pessoas e os animais só traíam? Ninguém tinha sido nunca tão leal a ele como ele a eles.

Markus os assinalou.

—Os dois combateram contra os Daimons para ajudar aos Dark-Hunters e aos dois se viu conspirando com esses que caçam e matam a nossos primos, os Daimons. Como vingança por sua ação os Daimons atacaram nosso povo e ameaçaram a existência de todos nós —gesticulou para seus pés onde jazia o corpo sem vida de Anya—. Minha filha está morta por sua culpa.

A hipocrisia dessa declaração acendeu a ira de Fang.

—Filha? Nunca antes a reclamaste como tal. Não fizemos nada de errado! Os Dark-Hunters tentaram nos proteger enquanto *tu* corrias.

—Silêncio! —Markus fez um movimento com a mão e apareceu uma mordaca sobre a boca de Fang—. Como líder e protetor de nosso clã, ordeno a todos uma *timoria*.

Markus rasgou a parte traseira da camisa de Fang enquanto George rasgou a de Vane.

Fang encontrou o olhar de seu irmão.

“Sinto-o tanto, Vane” Ihe disse mentalmente.

Vane se esforçou por Ihe oferecer um sorriso aberto.

“Saíremos desta. Não te preocupes”.

Fang queria compartilhar seu otimismo, mas sabia a verdade.

Ambos iam morrer esta noite.

Fury se pôs a um lado quando seus irmãos foram atados a uma árvore e golpeados. Coléricas e amargas lembranças Ihe rasgaram quando recordou ao povo de sua mãe Ihe fazendo o mesmo, embora em seu caso tinha sido sua mãe quem encarregou sua *timoria*.

O motivo para isso tinha sido equivalente a este, não porque ameaçassem ao clã, não porque tivessem feito algo incorreto.

Foi simplesmente pelo fato de ter nascido de pais que os odiavam.

A culpa Ihe mordida por dentro, queria deter isto, protegê-los, mas... como poderia fazê-lo?

A manada se voltaria também contra ele e enquanto ele e Liam tinham tentado falar em defesa deles, ninguém falaria na sua. Estaria como antes, Ihe atacariam e deixariam para morrer.

Se tivesse sorte...

Assim deu um passo para trás, sua passividade o fazia tão culpado disto como dos delitos contra seus irmãos.

Ao menos desta vez não és tu.

A desculpa de um covarde. Fury queria ser melhor, ser tão valente como eles, ficar

ao seu lado e agüentar com eles o que viesse.

Mas não o era, o medo superou sua coragem e deu um passo para trás embora soubesse que devia fazer algo. Tentou descarregar a consciência dizendo-se que tampouco lhe teriam defendido.

Possivelmente fora certo.

Fang lhe odiava, sabia. Desde o dia em que Fury se uniu ao clã, não tinham se entendido nunca, eram muito parecidos.

E isso fazia isto ainda mais duro. Ele se viu refletido nos olhos de Fang, a dor... a traição... o ódio brutal.

Mas sobretudo viu a injustiça.

—Isto é ridículo —grunhiu Liam ao seu lado—. Deveríamos fazer algo.

—Algo como o que?

Liam afastou o olhar com o lábio franzido.

—Não nos irá bem uma vez que não estejam. Stefan estará encarregado agora, é indiscutível.

—Então desafie a Markus.

Liam bufou.

—Não sou o suficientemente forte.

E Fury tampouco o era, embora poderia lutar com Markus com pura força animal, não era competidor para a magia de seu pai porque lhe tinham jogado do clã de sua mãe pouco depois da puberdade e ninguém lhe tinha ensinado a forma de controlar seus poderes. Oh, se... podia mudar de forma, viajar através do tempo e do espaço, mas isso era tudo. E inclusive algumas destas coisas nem sempre podia controlá-las bem.

Fury se estremeceu quando desataram Fang e Vane, seus corpos estavam destroçados pelos látigos com pontas até o extremo de lhe dar náuseas.

Caíram sobre seus joelhos, ofegando e sangrando. Seu estômago se revolveu ante a visão. Estar preso em forma humana e não poder mudar a lobo era uma tortura em si mesmo, mas estar ferido e manter essa forma...

Ele só podia imaginar quão atroz seria sua dor.

E ainda assim continuavam juntos, não enfrentavam um ao outro culpando-se do que lhes ocorria.

Isso era o que invejava Fury, uma união pura e carinhosa que nunca tinha experimentado ou compreendido.

Vane e Fang eram irmãos.

Até o final.

Com mão tremente, Vane tentou alcançar a Fang que jazia imóvel, seu rosto estava deformado pela angústia.

—Fang?

A tortura e o medo que havia nessa fraca chamada trouxeram lágrimas aos olhos de Fury.

Fang fechou sua mão ao redor da de Vane.

O alívio no rosto de Vane foi intenso e de breve duração já que Stefan e George os puseram de pé e voltaram a lhes atar as mãos às costas.

Não havia piedade ou remorso no rosto de Markus.

—Leve-os ao pântano e deixe-os aos jacarés.

Essas brutais palavras deixaram claro a Fury que tinha estado certo ao decidir não dizer nunca ao seu pai que ele era seu filho. Tal carência de misericórdia e de amor...

Sua mãe havia tinha razão, Markus era um autêntico animal, mas ela era igual a ele. O instinto maternal tinha passado longe com tanta rapidez que não tinha deixado nenhuma marca sobre seu intolerante coração.

Fury ia saindo quando ouviu um sussurrou trazido pelo vento e viu Markus falando com Stefan ao ouvido.

—Pendure-os uma árvore, conjure aos Daimons para lhes rematar e diga-lhes que tomem tempo com eles. Quero que sofram.

Stefan dobrou sua cabeça com submissão enquanto a cólera rompia através de Fury.

E nesse momento, Fury soube o que tinha que fazer...

CAPÍTULO 11

Fang jogou a cabeça para trás enquanto todo seu corpo pulsava e ardia, pendurado no galho de uma árvore por uma fina corda que lhe cortava profundamente os pulsos, enviando rios de sangue por seus antebraços. O sangue gotejava diretamente desde seus cotovelos até a turva água e embora não teria que ter escutado o som da mesma, jurou que o fazia.

Uma e outra vez, viu em sua mente os acontecimentos que os tinham levado até ali e se sentiu completamente como uma merda.

—Sinto tanto, Vane. Juro que não era minha intenção nos matar assim.

Vane grunhiu quando voltou a cair ao tratar de elevar-se. Fang podia dizer que lhe doíam os braços pela tensão de levantar noventa quilogramas de puro músculo só com os ossos de seus pulsos.

Fang inspirou profundamente, tratando de ignorar a forte dor de seus pulsos enquanto pulsavam e ardiam.

—Não te preocupes, Fang. Nos tirarei desta.

Fang lhe escutou, mas realmente não registrou as palavras. Sentia-se muito mal pela situação. Tinha sido sua culpa. A morte de Anya, sua captura. Deveria ter sabido que seu pai lançaria algum tipo de merda.

Por que não o tinha visto vir?

Poderia ter lutado com mais ferocidade. *Teria* que ter lutado com mais ferocidade. Como pôde deixar que saltassem sobre ele tão facilmente?

Agora ia provocar também a morte de Vane...

Quando aprenderia?

Vane esticou a corda afiada que atava suas mãos juntas por cima de sua cabeça, amarrada ao fino ganho de um velho cipreste enquanto pendurava precariamente sobre a parte mais escura, mais suja, da água do pântano que já tinha visto. Não sabia que era pior, a idéia de perder as mãos, sua vida ou cair nesse asqueroso e lamacento espaço infestado de jacarés.

Embora, sinceramente, estaria morto antes de tocar o solo pelo fedor. Inclusive na

escuridão do *bayou*⁶ de Louisiana, podia ver o asqueroso e podre que era.

Havia algo seriamente de errado em alguém que queria viver aqui no pântano. Finalmente tinha a confirmação de que o Dark-Hunter, Talon dos Morriganes, era um idiota de primeira linha.

Fang estava amarrado a um galho igualmente fino no lado contrário da árvore onde lhes tinham deixado pendurados surpreendentemente no meio do gás do pântano, as serpentes, insetos e jacarés.

Com cada movimento que Vane fazia, a corda cortava a carne de seus pulsos. Se não conseguia soltar-se logo, essa corda cortaria de um lado ao outro através dos tendões e ossos, e cercearia suas mãos.

Seria o último engano que cometeria alguma vez seu pai.

Ao menos o seria se Vane pudesse tirar seus traseiros desse condenado pântano sem serem comidos.

Ambos estavam em sua forma humana, e apanhados pelos finos colares chapeados de metriazo⁷, que levavam ao redor do pescoço e enviavam impulsos elétricos. Estes os mantinham em sua forma humana. Algo que seu pai acreditou que lhes debilitaria.

Era certo no caso de Fang.

No de Vane, não.

Mesmo assim, os colares amorteciam sua habilidade para esgrimir a magia e manipular as leis da natureza. E isso realmente lhe irritava muito.

Como Fang, Vane estava vestido só com um par de jeans ensangüentados. É obvio, ninguém esperava que vivessem. Os colares não podiam ser tirados salvo com magia, a qual tampouco podiam utilizar enquanto os levassem postos e embora por algum milagre se desprendessem da árvore, havia já um numeroso grupo de jacarés que podiam cheirar seu sangue. Jacarés que simplesmente estavam esperando que caíssem ao pântano e fazer deles uma saborosa comida lobuna.

—Homem —disse Fang irritado—. Fury tinha razão. Nunca deveria confiar em algo que sangra durante cinco dias e não morre. Teria que te haver escutado. Disse-me que Petra era uma cadela, mas te escutei? Não. E agora nos olhe. Juro que se sair desta, vou matá-la.

—Fang! —estalou quando seu irmão seguiu amaldiçoando enquanto Vane tratava de guiar alguns poderes incluso através dos dolorosos golpes de corrente em seu pescoço—. Deixa o festival de culpa e me deixe me concentrar aqui, do contrário vamos estar pendurados nesta maldita árvore durante uma eternidade.

Fang grunhiu enquanto também tentava elevar-se, mas tinha inclusive menos êxito que Vane. Por alguma razão simplesmente não podia conseguir subir muito mais.

Malditos por isso. Olhou ao seu irmão e suspirou.

—Bem, não eternamente. Acredito que só temos perto de meia hora antes que as cordas cerceiem nossos pulsos. Falando de meus pulsos, realmente me doem. Que tal os teus?

⁶ Bayou: pântano.

⁷ Colar de Metriazo: um colar de prata fino que envia pulsos iônicos muito pequenos no corpo de um Were-Hunter para impedir ele ou ela de usarem os seus poderes mágicos.

Fang fez uma pausa enquanto Vane inalava profundamente e sentiu o diminuto movimento da corda que desceu afrouxada.

Também escutou o rangido do galho.

Fang entrou o pânico ante o som do rangido e a imagem do jacaré que esperava para tragá-los inteiros. Incapaz de ocupar-se disso, reagiu do único modo que podia. Com palavras.

—Juro que nunca vou te dizer que me mordas o traseiro. Da próxima vez que me digas algo, vou te escutar, sobretudo se for sobre uma fêmea.

Vane grunhiu.

—Então, poderias começar a me escutar quando te digo que te cales?

—Guardo silêncio. Só odeio ser humano. Isto absorve. Como o suportas?

—Fang!

—O que?

Vane pôs os olhos em branco. Era inútil. Sempre que seu irmão estava em sua forma humana, a única parte de seu corpo que fazia um pouco de exercício era sua boca. Por que sua matilha não havia amordaço a Fang antes de lhes pendurar?

—Sabes? Se estivéssemos em forma de lobo só teríamos que roer nossas patas. Claro que se estivéssemos em forma de lobo, as cordas não nos segurariam, então...

—Te cale —o censurou Vane de novo.

Fang fez uma careta enquanto seguia tentando-o e levantando as pernas, mas era inútil. Todo seu corpo estava intumescido e não podia suportar as agudas e dolorosas punhaladas que provocava a falta de circulação.

—A sensibilidade volta alguma vez depois de que as mãos se intumescem assim? Isto não ocorre quando somos lobos. Ocorre frequentemente aos humanos?

Vane fechou os olhos enojado. Assim desta maneira ia acabar sua vida. Não em uma gloriosa batalha contra um inimigo ou seu pai. Nem tranqüilamente em seu sono.

Não, a última coisa que escutaria seria Fang dizendo merda.

Em sentido figurado.

Inclinou a cabeça de modo que pudesse ver seu irmão através da escuridão.

—Sabe, Fang, por um minuto vamos deixar a culpa. Estou farto de estar aqui pendurado por tua maldita bocarra que decidiu explicar ao seu último brinquedo mastigável como protegi à companheira de um Dark-Hunter. Muito obrigado por não saber quando demônios fechá-la.

—Sim, bem, como podia saber que Petra correria para Markus e lhe contaria que estava com Sunshine e que ele pensaria que por isso os Daimons nos atacaram? Cadela de duas caras. Petra disse que queria emparelhar-se comigo.

—Todas querem emparelhar-se contigo, estúpido, é a natureza de nossa raça.

—Vai a merda!

Vane soltou o fôlego aliviado enquanto finalmente Fang se acalmava. A raiva de seu irmão lhe daria um alívio próximo aos três minutos enquanto Fang fervia para uma volta mais imaginativa e melhor expressiva. Só pedia que seus ossos lhe sujeitassem durante mais tempo sem separar-se.

Enlaçando os dedos, Vane elevou as pernas. Mais dor atravessou seus braços enquanto a corda cortava mais profundamente sua carne. Só rezava para que seus ossos agüentassem um pouco mais sem separarem-se.

Mais sangue se deslizou por seus antebraços enquanto elevava as pernas até o galho que havia sobre sua cabeça.

Se só pudesse as envolver... ao redor...

Golpeou ligeiramente a madeira com o pé descalço. A casca contra a qual arrastou sua suave planta do pé estava fria e quebradiça. Cavou seu tornozelo ao redor da madeira.

Só um pouco... um pouquinho...

Mais.

Fang lhe grunhiu:

—És tão idiota.

Bem, isso quanto à criatividade.

Vane centrou sua atenção em seus próprios batimentos rápidos e se negou a escutar os insultos de Fang.

Cabeça abaixo, envolveu uma perna ao redor do ramo e soltou o fôlego. Vane grunhiu aliviado enquanto tirava a maior parte do peso de seus pulsos palpitantes, ensangüentados. Ofegou por isso enquanto Fang continuava com sua diatribe sem ser escutado.

O ramo rangeu perigosamente.

Vane conteve de novo o fôlego, com medo de mover-se não fora a ser para que isso provocasse que o ramo se partisse e lhe enviasse em uma queda em ponta ao pântano podre, de águas verdes debaixo dele.

Repentinamente, os jacarés se agitaram na água, então se foram rapidamente.

—Oh, merda —assobiou Vane.

Esse não era um bom sinal.

Pelo que sabia, só existiam duas coisas que afastassem aos jacarés. Uma era que Talon ou Acheron os refreassem. Mas desde que Talon estava nessa noite no French Quarter salvando o mundo e não no pântano parecia extremamente improvável. Quanto ao Acheron, não tinha nem idéia de aonde tinha ido.

A outra opção muito menos atraente eram os Daimons... aqueles que eram mortos andantes, amaldiçoados a matar para manter suas vidas artificialmente estendidas. A única coisa da qual se orgulhavam mais de matar que aos humanos eram aos Were-Hunter Katagaria. Tendo em conta que as vidas dos Were-Hunter se estendiam durante séculos e possuíam habilidades mágicas, suas almas poderiam manter um Daimon dez vezes mais que um humano médio.

Inclusive mais impressionante que isso, uma vez que a alma do Were-Hunter era reclamada, suas habilidades mágicas eram absorvidas dentro dos corpos dos Daimons que podia utilizar esses poderes contra outros.

Era um dom especial ser o pequeno deleite dos não mortos.

Só havia uma razão pela qual os Daimons estariam aqui. Só um modo pelo qual pudessem encontrar a ele e a Fang nesse isolado pântano que os Daimons não pisavam sem uma razão. Alguém tinha oferecido a ambos como sacrifício de modo que os Daimons esquecessem a sua matilha Katagaria.

E não havia dúvidas em sua mente sobre quem tinha feito essa chamada.

—Maldito! —grunhiu Vane na escuridão, sabendo que seu pai não podia lhe ouvir. Mas precisando desabafar de algum modo.

—O que te fiz? —Perguntou indignado Fang—. Além de conseguir de todos os

modos que te matem.

—Tu não —disse Vane enquanto punha todo seu esforço em conseguir subir sua outra perna de modo que pudesse libertar suas mãos.

Algo saltou do pântano à árvore por cima dele.

Vane retorceu seu corpo para ver o alto e magro Daimon que estava justamente sobre ele, percorrendo-o com o olhar com um brilho divertido em seus olhos famintos.

Completamente vestido de negro, o Daimon estalou a língua.

—Deverias estar encantado de nos ver, lobo. Depois de tudo, só queremos te libertar.

—Vai ao inferno! —grunhiu Vane.

O Daimon riu.

Fang uivou quando um Daimon afundou suas presas em seu ombro. Provou a dar uma cabeçada. Foi um fiasco. Apinharam-se sobre ele como se fossem formigas enquanto não tinha forma de lhes deter. Tratou de chutar e morder... qualquer coisa para atacá-los.

Nada funcionou.

Estava impotente para proteger-se.

Estava impotente para proteger a Vane. Esse conhecimento lhe deixou totalmente sorvete. Nunca tinha conhecido esse sentimento de completo desamparo. Era um lutador. Um soldado.

Como podia não ser capaz de proteger as coisas que mais amava? Anya tinha ido e agora Vane...

—Afastem a merda de mim! —grunhiu aos Daimons, fazendo sua melhor tentativa para libertar-se.

Afundaram as presas profundamente, rasgando sua carne. A dor era insuportável. Tinha a impressão de que lhe estavam comendo vivo.

Vane viu como um grupo de dez Daimons desprendia a Fang da árvore. Maldito seja! Seu irmão era um lobo. Não sabia como lutar contra eles em forma humana. Ao menos não enquanto Fang levasse posto o colar.

Enfurecido, Vane chutou com suas pernas. O galho se rompeu imediatamente, lhe lançando direto à água estancada debaixo dele. Conteve o fôlego quando o gosto pútrido, lamacento invadiu sua cabeça. Tentou espernear até a superfície, mas não pôde.

Não é que isso importasse. Alguém lhe agarrou pelo cabelo e puxou até a superfície.

Logo que sua cabeça esteve por cima da água, um Daimon afundou suas presas no ombro nu de Vane. Grunhindo furioso, Vane acotovelou ao Daimon nas costelas e utilizou seus dentes para devolver a dentada.

O Daimon gritou e lhe soltou.

—Este briga —disse uma fêmea enquanto se dirigia para ele—. Nos sustentará mais que o outro.

Vane lhe chutou as pernas antes que pudesse lhe alcançar. Utilizou o corpo dela como se fora um trampolim para sair da água. Como qualquer bom lobo, suas pernas eram o bastante fortes para que lhe lançassem da água ao toco de um cipreste próximo.

Seu cabelo escuro e molhado caía e frente de seu rosto enquanto seu corpo pulsava pela briga e pela surra que sua matilha lhe tinha dado. A luz da lua cintilou sobre seu musculoso corpo molhado, enquanto se agachava com uma mão sobre o velho toco de madeira que se delineava contra a cortina de fundo do pântano. A escura Barba Espanhola pendurava das árvores e a madeira ressaltada pela lua cheia, escondida na névoa,

refletindo misteriosas ondas negras nas aveludadas águas.

Como o animal que era, Vane observou aos seus inimigos fechar linhas ao seu redor. Não estava perto de entregar a si mesmo ou a Fang a esses bastardos. Podia não estar morto, mas estava igualmente maldito como eles e inclusive mais zangado com o destino.

Subindo as mãos até a boca, Vane utilizou os dentes para cortar a corda que rodeava seus pulsos e libertar suas mãos.

—Pagarás por isso —disse um Daimon varão enquanto se movia até ele.

Com as mãos livres, Vane retrocedeu lançando-se do tronco cortado até a água. Atirou-se às profundidades turvas da água até que conseguiu arrancar um pedaço de madeira de uma árvore caída que estava ali sepultado. Impulsionou-se de caminho de volta até a área onde Fang estava sendo segurado.

Saiu da água justo ao lado de seu irmão para encontrar dez Daimons diferentes alimentando-se do sangue de Fang.

Chutou umas costas, agarrou outro pelo pescoço e cravou a estaca improvisada no coração do Daimon. A criatura se desintegrou imediatamente.

Outros se voltaram para ele.

—Adquiram número —lhes grunhiu Vane—. Há o suficiente deste para todos.

O Daimon que estava perto dele riu.

—Teus poderes estão presos.

—Diga-o ao diretor de pompas fúnebres —disse Vane enquanto se lançava até ele. O Daimon saltou para trás, mas não o bastante longe. Acostumado a lutar contra humanos, o Daimon não teve em conta que Vane podia saltar dez vezes mais longe.

Vane não necessitava de seus poderes psíquicos. Sua força animal era suficiente para terminar isto. Apunhalou ao Daimon e se virou para enfrentar aos outros enquanto o Daimon se evaporava.

Adiantarem-se até ele, mas não sortiu efeito. A metade do poder de um Daimon era a habilidade para golpear desprevenidamente e fazer que sua vítima entrasse em pânico.

Isso funcionaria se, como primo dos Daimons, Vane não tivesse sido treinado nessa estratégia desde o berço. Não havia nada a respeito deles que lhe fizesse aterrorizar-se.

Tudo o que sua tática fez foi lhe voltar frio e determinado.

E, finalmente, isso lhe faria vencedor.

Vane rasgou a dois mais com sua estaca enquanto Fang permanecia quieto na água. Seu medo começou a crescer, mas o forçou a baixar.

Manter-se tranqüilo era o único modo de ganhar uma briga.

Um dos Daimons o surpreendeu com uma explosão que lhe lançou em espiral através da água. Vane chocou contra um tronco cortado e gemeu pela dor que explodiu em suas costas.

Por costume, golpeou com seus poderes só para sentir que o colar se apertava e lhe eletrocutava. Amaldiçoou pela nova dor, então o ignorou.

Levantando-se, se jogou contra os dois varões que se dirigiam até seu irmão.

—Te dê já por vencido —grunhiu um dos Daimons.

—Por que não o fazes tu?

O Daimon se lançou. Vane se meteu rapidamente debaixo da água e puxou os pés do Daimon debaixo dele. Brigaram na água até que Vane lhe surpreendeu com a estaca no peito.

O resto se foi correndo.

Vane estava na escuridão, escutando-os se espalhar longe dele. Com o coração golpeando seus ouvidos deixou que a fúria lhe consumisse. Jogando a cabeça para trás, deixou sair o uivo de seu lobo que ressonou misteriosamente através do brumoso *bayou*.

Desumano e maligno, era o tipo de som que fazia com que inclusive as sacerdotisas do vodu corressem em busca de refúgio.

Certo agora de que os Daimons partiram, Vane penteou seu cabelo molhado afastando-o de seus olhos enquanto fazia o caminho até Fang, quem ainda não se havia movido.

Estrangulado pela tristeza tropeçou enquanto se movia cegamente através da água com um único pensamento em mente... *que não esteja morto*.

Uma e outra vez, viu em sua mente o corpo sem vida de sua irmã. Sentiu sua frieza contra sua pele. Não podia perder aos dois. Não podia.

Isso lhe mataria.

Pela primeira vez em sua vida, desejo ouvir um dos estúpidos comentários de Fang.

Nada.

As imagens passaram como um relâmpago por sua mente quando recordou a morte de sua irmã. Uma inimaginável dor destroçou através dele. Fang tinha que estar vivo. Tinha que está-lo.

—Por favor, deuses, por favor —respirou ao fechar a distância entre eles. Não podia perder ao seu irmão.

Isto não...

Os olhos de Fang estavam abertos, com o olhar perdido na lua cheia que lhes teria permitido saltar no tempo fora do pântano se não tivessem levando ambos os colares.

Tinha feridas abertas de dentadas por todo o corpo.

Uma intensa e profunda tristeza destruiu através de Vane, rompendo em pedaços seu coração.

—Vamos, Fang, não estejas morto —disse, rompendo sua voz quando se esforçou para não chorar. Em troca, grunhiu—. Não morras sobre mim, tolo.

Puxou seu irmão até ele e descobriu que Fang não estava morto. Ainda respirava e tremia incontrolavelmente. Superficial e abrasivo, o vazio cavernoso da respiração de Fang foi uma sinfonia nos ouvidos de Vane.

As lágrimas se revelaram enquanto o alívio o perfurava. Balançou cuidadosamente a Fang entre seus braços.

—Vamos, Fang —disse com tranquilidade—. Diga algo estúpido para mim.

Mas Fang não falou. Só jazeu ali em um completo choque enquanto tremia entre os braços de Vane.

Ao menos estava vivo.

No momento.

Vane chiou os dentes enquanto a cólera o consumia. Tinha que tirar seu irmão daqui. Tinha que encontrar um refúgio para ambos.

Se semelhante lugar existisse.

Com sua raiva solta, fez o impossível, destroçou o colar de Fang tirando-o de sua garganta com as mãos nuas. Num segundo, Fang se converteu em lobo.

Ainda assim, Fang não voltou. Não piscou ou falou.

Vane tragou o nó de dor da garganta e lutou contra as lágrimas que ardiam seus olhos.

—Está bem, irmãozinho —murmurou ao ouvido de Fang enquanto o recolhia da fedorenta água. O peso do lobo marrom era doloroso, mas a Vane não importou. Ignorou a dor de seu corpo que protestava ao levar Fang.

Enquanto houvesse um sopro de vida em seu corpo, ninguém voltaria a machucar a alguém ao qual Vane cuidasse.

E levaria a morte a quem quer que alguma vez o tentasse.

CAPÍTULO 12

Aimee deixou cair o prato enquanto a dor a atravessava. Tratando de respirar, recostou-se contra a pia da cozinha.

—Ocorre algo?

Ela olhou a Tony, um de seus cozinheiros e assentiu com a cabeça.

—Só uma estranha pontada.

Como era humano não lhe faria nada bem lhe explicar o que estava acontecendo com ela e seus poderes.

Fang estava ferido.

Podia-o sentir. E mais que isso, tinha uma assustadora necessidade de encontrá-lo.

Agora!

Não o faça...

Ele não a queria ao seu redor. Tinha-o deixado mais que claro. E mesmo assim, ela não podia sacudir o sentimento interior que lhe dizia que era imperativo chegar a ele. Estava muito próximo à morte. Fechando os olhos, dirigiu sua atenção e viu Vane lutando contra Daimons enquanto um grupo deles se alimentava de Fang. Ela viu seus colares claramente na escuridão e soube que isso os tinha deixado indefesos para a briga.

Seriam devorados.

Incapaz de suportá-lo, esqueceu-se do prato e correu para a casa Peltier. Dev tinha terminado suas funções há uma hora. Transportou a si mesma para sua porta e chamou.

—Entra.

Ela abriu a porta para encontrá-lo em sua cama, vendo televisão enquanto folheava uma revista de motocicletas.

—Os lobos que me salvaram estão em sérios problemas. Não posso deixá-los sozinhos nesta briga e poderia necessitar de reforços.

Dev não duvidou.

—Levarei Etienne e Colt. Tu vais atrás de Alain.

Agradecida por seu entendimento, deixou-o para ir ao seguinte quarto para bater na porta de Alain. Antes que inclusive pudesse levantar sua mão, seu celular soou. Aimee respondeu para encontrar ao lobo Fury na outra linha.

—Estavam falando a sério sobre oferecer proteção a Vane e Fang? —sua voz soava mortalmente séria.

—Sim, por que?

—Porque seu pai os traiu e os deixou para morrer. Não há nada que eu possa fazer, mas espero que vós sejais capazes de salvá-los.

Ela escutava enquanto ele a enchia com mais detalhes do que sua visão lhe havia provido. Sobretudo, deu-lhe sua locação exata.

—Por que me estás dizendo isto?

—Porque devo, mas não posso fazer mais. Salve-os Aimee, por favor.

—Farei tudo o que possa.

—Obrigado e eu tratarei de manter à manada longe. Além disso, não diga nada a ninguém a respeito desta ligação, especialmente não a Vane ou Fang —desligou antes que pudesse responder.

Ela franziu o cenho ante suas palavras de despedida. Que pedido tão estranho.

Sacudindo sua cabeça, guardou seu telefone, bateu na porta de Alain e lhe contou o que estava acontecendo. Como Dev, levantou-se imediatamente para unir-se a ele.

Uma vez que estiveram reunidos, levou-os para onde tinha visto Vane e Fang em sua visão e para a locação que Fury lhe tinha dado. Os Daimons já tinham voado quando eles chegaram.

A sua esquerda, Vane sustentava a Fang, que estava agora em sua forma de lobo. Ela correu para eles com seus irmãos bem atrás.

—Vane?

Ele olhou para cima, com um cenho furioso até que percebeu que não eram Daimons. Sua irritação se fundiu sob um severo gesto de confusão.

—O que estão fazendo aqui?

Ela duvidou em lhe dizer a verdade. Ninguém precisava saber a extensão de seus poderes ou sua habilidade de afinar-se na posição dos seres com uma exatidão surpreendente. E sobretudo, não desejava trair a Fury.

—O que aconteceu? —perguntou, tratando de mudar sua atenção para eles.

Vane sacudiu sua cabeça como se estivesse tratando de despertar de um pesadelo.

—Fomos atacados...

—Olhe —disse Alain, dando um passo adiante—. Não quero ser grosseiro, mas os Daimons estão aí fora e com força esta noite e enquanto a maioria deles é covarde, há suficientes Spathi pelos arredores e não queremos ser pegos em desvantagem. Retornemos ao Santuário e então falaremos.

Aimee não podia estar mais de acordo.

Vane os olhou com suspeita.

Dev pôs sua mão sobre o ombro de Vane.

—Vós salvastes a Aimee e meu pai lhes disse que seriam bem-vindos a qualquer momento. O dissemos a sério. Agora vamos. Limparemos e cuidaremos de vós.

Aimee não se moveu até que todos eles desapareceram. Olhou a área enquanto os eventos da noite jogavam em sua mente. A agonia de Vane e Fang persistia aqui como um fantasma que a apossava.

Anya estava morta e sua manada se voltara contra eles. Ela entrecerrou os olhos pela dor que sentia por Fang. Isto não seria fácil para ele.

Tratando de ajudar, apareceu de novo no Santuário. Seus irmãos tinham levado a Fang ao quarto de exames de Carson enquanto eles e Vane, que tinha vestido a si mesmo

com um novo par de calças e camiseta, permaneciam no escritório, relatando os eventos aos seus irmãos.

Carson estava na outra sala, sozinho, examinando a Fang.

Ela permaneceu ao lado de Dev e esperou silenciosamente enquanto eles falavam. Era surpreendente quanto horror tinha visto em suas visões que Vane não deixava sair. Mas, talvez não era tão estranho. Admitir que teu pai tinha a intenção de os matar, a ti e a teu irmão, sem razão alguma tinha que ser duro para ele. Quem quereria dizê-lo a completos estranhos?

Enquanto eles falavam, foi procurar comida para Vane. Trouxe-o das escadas e o colocou no escritório de Carson.

Vane sorriu com gratidão.

—Obrigado.

Ela inclinou a cabeça para ele.

—Necessita de algo mais?

O olhou melancolicamente para a porta da sala onde Carson estava tratando a Fang.

—Suponho que não.

Aimee lhe tocou o ombro com simpatia, sabendo que a única coisa que precisava era ver Fang normal e inteiro. Que tivesse sobrevivido ao ataque.

E por alguma razão que ela não podia dizer, também o necessitava.

Carson saiu da sala de exames um tempo depois que Vane tinha terminado de comer e ela tinha levado os pratos à cozinha.

Vane se levantou imediatamente.

Ela podia ver, pela tristeza nos olhos de Carson, que não eram boas notícias.

—E então?

Vane golpeou suas mãos contra suas coxas com agitação nervosa.

Carson o olhou e suspirou.

—Está completamente sem resposta.

Vane franziu o cenho.

—Isso o que significa?

—Está retraído em si mesmo, provavelmente pelo chowue, e não responde a nada do que faço.

Essa notícia não pareceu satisfazer a Vane mais do que satisfez a Aimee.

—E com respeito a suas feridas?

—Saração, mas não estou seguro sobre seu estado mental. Os ossos e as feridas posso ajeitar, mas o que está mal com ele... talvez necessitem de um psicólogo.

Vane o empurrou para passar atrás dele.

—Tolices.

Abriu a porta completamente para ver Fang descansando na mesa em sua forma de lobo. Exceto pela sutil subida e descida de suas costelas, seria fácil confundir-lo com um cadáver. Nem sequer se movia.

Aimee se moveu para olhar enquanto Vane o abraçava.

—Fang? Vamos garoto. Te levante.

Fang o ignorou completamente.

Vane crispou seus punhos na pele de seu irmão e apertou o suficientemente forte para fazer que Aimee se estremecesse.

—Maldito seja. Te levante!

Fang não respondeu absolutamente. Só estava aí, sem mover-se, sem piscar. Era como se tivesse deixado este mundo e tivesse ido a algum lugar mais longínquo.

Carson se foi para a parte oposta da mesa. Gentilmente, retirou as mãos de Vane da pele de Fang.

—Não está realmente conosco. É como se sua mente não pudesse controlar o que aconteceu com os dois e se retirou profundamente dentro dele.

Vane sacudiu a cabeça em negação.

—Ele é mais forte que isso. Sempre foi forte...

—Inclusive o mais magnífico carvalho pode ser derrubado pelo sussurro de um vento se vier da mais poderosa tormenta.

Ela tragou o nó que lhe queimava na garganta pelas emoções empáticas que a golpeavam. Uma e outra vez, via Fang como tinha estado no dia que lhe tinha levado o filé enquanto esperava a sua manada. Tinha um grande poder e integridade. Como podia lhe haver acontecido isto?

Estava de acordo com Vane. Não tinha nenhum sentido.

—Há algo que possamos fazer? —perguntou ela.

Carson suspirou.

—Não tenho idéia. Diria que chamassem a Grace Alexander e vissem se ela pode ajudar.

Vane franziu o cenho.

—Quem é ela?

Carson alisou a pele de Fang onde Vane a tinha apertado.

—Ela está casada com um semideus Grego e é uma psicóloga licenciada. É a única que conheço que pode alcançá-lo.

Vane tomou a cabeça de Fang e a colocou em um ângulo de tal maneira que o olhava com os olhos em branco.

—Olhe para mim Fang! Por todos os demônios, não faças isto. Preciso de ti lúcido. Não podemos ficar aqui. Me escutas? Tens que te levantar para poder lutar.

Carson tirou suas mãos novamente.

—Não acredito que mais violência seja a resposta. Deixe-lhe descansar esta noite. Talvez esteja melhor pela manhã.

Dev e Alain se aproximaram.

—Queres que o movamos?

Carson negou com a cabeça.

—Acredito que é melhor se permanecer aqui durante algum tempo. Mas estou seguro que Vane gostaria de um lugar mais confortável para passar a noite.

Aimee pôs sua mão sobre o ombro de Vane.

—Vá, tome uma ducha quente e descanse um momento. Estarei aqui com Fang até que retornes.

Vane duvidou.

—Não sei.

Ela deu tapinhas em seu braço e sorriu.

—Está tudo bem, Vane. Chamarei-te se algo muda. Prometo-o.

Assentiu desanimado. A agonia em seus olhos avelã era assustadora. Ela pediu aos

deuses que, de algum jeito, pudesse diminuir a dor aí, mas não havia nada que pudesse fazer por ele, exceto que retornasse Fang, e neste momento parecia impossível.

Suspirando, impulsionou a si mesmo e seguiu a Dev e Alain longe do quarto. Colt permaneceu por trás dela enquanto Carson retornava ao seu escritório para fazer a papelada.

Aimee pegou um lençol do armário para envolver Fang. Deslizou sua mão através de sua suave pele, acariciando-o tão meigamente como podia.

—Aqui estou Fang —sussurrou—. Quando estiveres preparado para enfrentar ao mundo de novo, não estarás sozinho. Vane está aqui e nós estamos aqui. Para ti.

Se as palavras o alcançaram, ela não tinha idéia. Ele nem sequer piscou.

Ela olhou para cima e captou o olhar de Colt.

Seu olhar estava vazio e era arrepiante.

—Eu sei como é esse estupor no qual ele está. É o mesmo no qual estive eu quando minha irmã foi assassinada.

—Recordo-o —disse ela pensando na noite quando Colt tinha aparecido em sua porta depois que ele e sua irmã os tivessem deixado durante um ano. Sua mãe tinha sido uma ursa Arcadiana... a babá de seu pai.

Colt e sua irmã tinham nascido aí. E só ele retornou a eles.

Família era família e eles lhe tinham dado a bem-vinda e o tinham mantido a salvo. Ele era como um irmão para ela também.

O engraçado era que quando ela o chamava de primo ou priminho, as pessoas pensavam que era de carinho. Não tinham nem idéia que em realidade eram primos.

Aimee assinalou com a mandíbula para a porta.

—Por que não vais e descansas? Estarei bem aqui com ele.

—Estás segura?

Ela assentiu.

—Carson estará justo lá fora.

—Se necessitar algo...

—Eu sei, obrigada.

Aimee esperou até que esteve a sós com Fang. Recostando-se, colocou seu rosto contra seu pescoço e o abraçou perto.

—Onde quer que estejas Fang. Precisa voltar conosco.

Fang se moveu bruscamente enquanto escutava uma suave voz lhe sussurrando.

—Aimee! —gritou.

Ninguém respondeu. Havia escuridão em todo seu redor. Sentia-se apertado e pesado como pedaços de gelo. Congelando-o enquanto caminhava com dificuldade através de uma lúgubre água que parecia atravessar seu corpo. Tilintavam-lhe os dentes, tinha as mãos envoltas a sua volta.

—Vane!

Ainda não havia resposta. Estaria morto?

Era isto o inferno?

Era a única explicação racional. Que mais seria tão horrível?

—Não estás morto.

Virou bruscamente para a voz que vinha atrás dele.

Tampouco havia ninguém.

—Quem disse isso?

—Eu disse.

Virou-se de novo enquanto escutava em seu ouvido uma vez mais. Aí não havia ninguém.

—Quem és?

—Sou Misery.

Ele a viu então. Um magro esboço de ser com flutuante cabelo negro que remarcava a pele branca mais pálida que tinha visto. Estava tão pálida que tinha uma leve tintura como cinzento. Seus penetrantes olhos eram negros e grandes. Parecia estar quase vazia.

—Onde estamos?

Ela sorriu desanimadamente.

—No Reino das Trevas.

Fang franziu o cenho ante a resposta.

—O que?

—Estamos cativos em um lugar entre a vida e a morte. Foste atacado pelos Daimons e tomaram suficiente de tua alma para que não estejas vivo. Entretanto, não estás realmente morto. Uma parte de ti ainda vive no reino humano. Agora estás preso nas sombras como o resto de nós.

—O resto de quem?

Ela levantou a mão e ele viu legiões ao seu redor. Tipo zumbis, golpeavam-se e grunhiam, caminhando com dificuldade na mesma água pesada que lhe pegava.

—Somos almas perdidas que foram renegadas a este lugar por crueldade.

Ele sacudiu a cabeça cuidando para que tudo tivesse sentido. Como era que ele podia estar aí?

—Não entendo. Como foi que chegaram?

Ela baixou seu braço e a luz desapareceu.

—Sou um demônio que foi apanhado há séculos. Minha família ainda me procura, mas nunca me encontrarão. Deverei viver toda a eternidade aqui nesta agonia. Incapaz de escapar sem ajuda humana. Incapaz de dormir ou comer comida real. Não há nada a fazer exceto sofrer e ter saudades —suspirou—. Mas cedo ou tarde, seu corpo mortal morrerá e serás libertado... não como eu. Inclusive se escapar, nunca serei realmente livre.

Fang sacudiu de novo a cabeça.

—Tolices. Isto é só um sonho. Um louco pesadelo.

Ela riu.

—Se tão somente o fora.

Ainda assim, recusou-se a acreditar nisso. Ela estava mentindo. Tinha que estar fazendo-o. Virou-se longe dela e esbofetou a si mesmo. Com força.

—Vamos Fang, acorda.

Misery o seguiu.

—Todos passamos por um período de negação. Mas não muda para nada. Estamos aqui e aqui permaneceremos.

—Vane! —gritou Fang tão alto como pôde, ignorando a ela e a sua nefasta predição.

Enfocou-se tão forte como pôde, tratando de alcançar através deste reino ao seu irmão.

Vamos irmão, me escute!

—Demônios, Vane! Desperta-me!

Lá vêm os Coletores! Lá vêm os Coletores! Frenéticas vozes gritavam na escuridão.

Misery tomou seu braço.

—Venha, temos que nos esconder.

—Nos esconder do que?

—Dos Coletores. Se te encontrarem, destruirão essa parte de ti e estarás para sempre aqui preso como seu escravo.

Ele se burlou.

—Que merda é esta?

Ela o empurrou para frente rumo a uma tenebrosa greta.

Fang começou a lhe dizer coisas, mas mordeu a língua. O que acontecia se não era um retorcido pesadelo? Ele era um Were-Hunter. De todas as criaturas, ele sabia que havia muito mais no universo que a ordem “natural”.

Melhor estar a salvo que apenas até que se desse conta exatamente do que estava acontecendo aí.

Empurrou a si mesmo profundamente dentro do estreito e escarpado espaço. Além da bruma, podia escutar algo se aproximando. Parecia como balbuceios humanos ou um falatório demoníaco sem sentido. Horripilante e ameaçador inclusive para o mais sólido dos corações.

Aproximava-se.

Até mais perto, até que pôde ver a figura de seu grande e retorcido corpo. Como Misery, o ar flutuava ao seu redor. Musculoso e alto, recordava aos ogros e *trolls* com grandes e afiadas unhas.

Aproximou-se de uma dos zumbis que tinha visto. Tomando-a, atravessou-lhe o pescoço com os dentes. Ela gritou, então ficou em silêncio e rígida enquanto o Recoletor parecia inalar sua essência. Deixou cair seu corpo sem vida a um lado e procurou outra vítima.

Misery colocou um dedo sobre seus lábios para lhe recordar que permanecesse em silêncio.

“O que estão fazendo?” Projetou para ela.

“Te disse isso, estão tomando uma parte deles e deixando-os presos neste lugar para sempre. Agora são escravos dos Coletores e farão qualquer coisa que peçam”.

“Com que propósito?”

“Os Coletores levam as partes recoletadas aos demônios e outros de sua espécie como troca para utilizar o corpo dos demônios para poder escapar daqui por um tempo. Conduzem-nos para a terra para poder fazer uma troca conosco. Mas não são os únicos dos quais terás que tomar cuidado. Há outros demônios que tratarão de te escravizar ou te torturar. É um lugar perigoso para todos nós”.

Fang não se moveu até muito tempo depois que os Coletores se fossem. Misery escalou primeiro. Duvidando e temerosa, recordou a um tímido coelho.

—Já se foram, acredito.

Fang estava desconcertado por tudo isto.

—Não entendo como posso estar preso aqui. Sou um Were-Hunter.

—E eu sou um demônio com poderes muito maiores que os teus, lobo. Este é o vórtice entre dimensões, um lugar de má morte de inimaginável crueldade.

—Então por que estás me ajudando?

Ela lhe jogou um insidioso meio sorriso.

—Misery adora companhia.

—Não és engraçada.

Ela riu enquanto dançava ao seu redor.

—Não te preocupes Were-Hunter. Agora venha, devemos estar fora da principal via de entrada antes que os Coletores retornem.

Fang não estava tão seguro de que devesse segui-la, mas não tinha razão para duvidar dela. Tinha razão, não sabia nada a respeito deste reino, de seus perigos e seus habitantes.

—Tem que haver uma forma de sair daqui.

Misery riu.

—Sempre esperançado. Eu gosto disso. Mas toda a esperança do universo não fará que apareça uma porta quando não há. Acredite em mim.

Ele desejou poder fazê-lo. Mas não era ingênuo. Nunca o tinha sido. Seguindo-a cautelosamente, tratou de ver através da escuridão. Era opressiva.

Finalmente chegaram a um espaço parecido a uma cova e mesmo assim se curvava acima para o sombrio céu. Fang se deteve na entrada.

—O que é este lugar?

—Eu o chamo lar. Venha, Lobo.

Contra seu melhor juízo, entrou.

Misery riu de novo enquanto se balançava diante dele. Recordava a uma criança enquanto saltava e dançava com um ritmo que só ela podia escutar.

Fang não estava muito entusiasta e enquanto entrava no delgado corredor, finalmente entendeu seu sexto sentido. Ali havia centenas de demônios.

Misery se virou para olhá-lo com um radiante sorriso enquanto um grande e feio demônio se manifestava ao seu lado.

—Olhe, Ceryon. Trouxe o café da manhã.

CAPÍTULO 13

Fang tentou por todos os meios converter-se em um lobo, mas não podia. Não era nada bom, mas não havia nada que pudesse fazer.

Bom. Era humano e como humano lutaria com tudo o que lhe tinham deixado. Mas eles estavam a ponto de aprender a única realidade quanto a ele concernia.

Ninguém tomava o melhor de Fang Kattalakis. Nunca.

—Dancemos, idiota. —Tratou de esmagá-los com sua força.

Seus poderes não estavam funcionando.

Oh. Merda...

Misery riu.

—Este não é teu reino, lobo. Aqui tu és só uma pessoa... uma com uma força vital que pode alimentar a todos.

—Bebê, não vale a pena a indigestão. Acredite em mim —lhe replicou Fang.

Puxou o primeiro demônio que tratou de alcançá-lo. O demônio ficou estupefato e se afastou. Tomou ao seguinte com um golpe em sua mandíbula que o deixou cambaleante.

Mas estava seriamente ultrapassado.

Ultrapassado pela magnitude de seu grupo, foi derrubado até o frio e úmido chão. Amaldiçoando, Fang fez tudo o que pôde para libertar-se.

Não era suficiente.

O puxaram mais profundamente dentro da cova e o estamparam contra uma parede de pedra.

—Muito bem, lobo. Briga contra nós com tudo o que tens. —A risada correu em seus ouvidos um instante antes que algo atravessasse sua pantorrilha.

Fang gritou de dor.

Mais risadas encheram seus ouvidos.

Misery se aproximou baixando o olhar para ele.

—Quanto mais sofras, mais fortes nos voltaremos. Nos alimentamos da dor. Da miséria. Assim me dê o melhor de ti.

Um homem se colocou junto a ela.

—Passou muito tempo desde que tivemos um assim forte aqui. Quanto pensas que durará?

—Não sei... mas será interessante e dada a sua natureza, deveria ser suficiente para

nos tirar daqui para o reino mortal. —Ela tomou a adaga de sua mão—. Enquanto isso...
Afundou-a através do estômago de Fang.

—**C**omeu?

Vane tragou saliva ante a pergunta de Mamãe Urso Peltier e negou com sua cabeça. Fang não tinha comido um bocado desde que os ursos haviam o trazido por volta de dois dias.

Seu irmão estava morrendo e assim como a Anya, não havia nada que Vane pudesse fazer para salvá-lo.

Uma raiva impotente o encheu e queria sangue pelo que lhe tinha acontecido. Não só a Anya, mas também também a Fang.

Mamãe Urso lhe sorriu gentilmente.

—Se necessitas de algo, peça-o.

Vane forçou a si mesmo para não lhe grunhir.

O que precisava era que seu irmão estivesse inteiro de novo. Mas o ataque dos Daimon tinha deixado Fang sem nada pelo qual sobreviver. Tinham tomado mais que o sangue de seu irmão, tinham tomado sua dignidade e seu coração.

Vane duvidava se seu irmão seria normal de novo.

Maman mudou a sua forma de urso e se retirou. Vane estava vagamente consciente de Justin brincando lá fora em sua forma de pantera, seguido de um tigre e dois falcões. Todos se dirigiam a seus aposentos onde podiam passar o dia em seus verdadeiros corpos animais, seguros do mundo que não suspeitava.

Se tão somente ele pudesse fazer o mesmo.

—É um zoológico. Certo?

Elevou o olhar aonde procedia a voz de Colt, próxima à porta. Com 1,90 de estatura, Colt era um dos membros dos Howlers. Como Mamãe e seu clã, Colt era um urso, mas diferente deles, também era um Arcadiano.

Vane estava impressionado de que os ursos o tolerassem. A maioria dos clãs Katagaria mataria qualquer Arcadiano à vista.

Mas também, Mamãe Lo e Papai Ursos não eram a tribo usual.

—O que queres? —perguntou Vane.

Colt cruzou seus braços sobre o peito.

—Estava pensando... sabes que seria muito mais seguro para todos no Santuário se houvesse dois Sentinelas protegendo os Peltiers.

Vane lhe mostrou os dentes.

—Desde quando um Sentinela protege um clã Katagaria?

Colt lhe dedicou um olhar zombador.

—Isso vem de um Sentinela que está acariciando uma pele de lobo Katagaria?

A raiva escureceu a vista de Vane, ante o fato de que Colt podia ver o que sempre tinha mantido oculto de todos outros. Se não fora pela necessidade que tinha de permanecer ali pela segurança de Fang, estaria lançando-se à garganta de Colt.

—Não sou um Sentinela e não sou Arcadiano.

—Não podes te esconder de mim, Vane. Como eu, escolheste esconder tuas marcas

faciais, mas não muda o que és. Nós somos Sentinelas.

Vane o amaldiçoou.

—Nunca serei Sentinela. Recusei esse direito de nascimento. Não caçarei e matarei a minha própria raça.

—Não o tens feito já? —Colt arqueou sua sobrancelha—. Quantos Sentinelas massacraste por tua manada?

Vane não queria pensar nisso. Isso tinha sido diferente. Eles tinham ameaçado Anya e Fang.

Colt deu um passo adiante.

—Olhe, não estou aqui para te julgar. Só estou pensando que seria mais fácil para...

—Não estou ficando —grunhiu Vane—. Os lobos não se misturam com outros. Uma vez que esteja o suficientemente forte para proteger a Fang de novo, iremos.

Colt inalou profundamente e assentiu com a cabeça.

—O que seja. —Se virou e se foi.

O coração de Vane doía enquanto deixava o quarto o suficiente para levar a comida intacta de Fang para a cozinha.

Se seu irmão não retornava logo, não saberia o que devia fazer. Ambos estavam sob sentença de morte.

Não passaria muito antes que seu pai mandasse exploradores de novo para determinar seu destino. Uma vez que descobrissem que ambos tinham sobrevivido, os assassinos viriam atrás deles. Necessitava que Fang se movesse.

Podia brigar sozinho, mas carregar o catatônico traseiro de Fang com ele não seria fácil e não era algo que desejasse fazer quando tudo o que desejava era descansar e lamber suas feridas também.

Maldito Fang por ser tão egoísta.

Quando Vane retornou acima ao seu quarto, encontrou Wren justo dentro da porta e a Aimee Peltier na cama junto a Fang.

Aos seus trinta e poucos anos, Wren parecia muito mais jovem. Levava o escuro cabelo loiro em rastas e quase nem tinha falado com Vane.

Mamãe Lo Ihe havia dito que Wren tinha sido levado ao Santuário pelo próprio Savitar. Ninguém sabia nada a respeito de Wren, além do fato de que era um híbrido Katagaria e feroz como o demônio.

Aimee era uma bela loira, se a um homem gostasse das mulheres extremamente frágeis e a Vane não gostava. Era a jóia e o orgulho do clã Peltier e pelo que tinha visto era uma dos verdadeiros ursos com bom coração.

Vane franziu o cenho quando Aimee se inclinou para frente e sussurrou algo a Fang. Acariciou a pele de Fang e se levantou da cama. Congelou-se quando viu Vane.

—Que Ihe disseste? —perguntou Vane.

—Disse-Ihe que ambos são bem-vindos aqui. Que ninguém voltará a feri-lo de novo.

Vane olhou ao seu irmão.

—Não ficaremos.

Wren Ihe deu um sorriso sarcástico.

—Tem graça. Isso é o que eu disse também, entretanto aqui estou.

—Não sou tu, Tigard.

A raiva se mostrou em seus olhos.

Vane preparou a si mesmo para o ataque.

Aimee os separou então.

—Vá para cama Wren. Sei que estás cansado.

Isso pareceu diluir seu temperamento o suficiente para virar-se e ir embora.

Aimee olhou a Vane.

—Sei o que Carson disse a respeito de Fang, mas...

—O que?

Olhou através de Vane para onde Fang descansava em seu estupor.

—Não sei. É só que para mim não parece Fang. Ele não é o tipo de pessoa que só se abandona a si mesmo desta maneira. E não sai disso.

Vane replicou:

—Não conheces meu irmão. Não está acostumado que ninguém seja melhor que ele. Nunca. Tiraram-lhe uma grande porção de seu ego no pântano, mas estará bem. Eu sei. — Vane olhou por cima de seu ombro ao seu irmão—. Estará melhor pela manhã.

Aimee não respondeu a isso. Era o que Vane tinha estado dizendo desde que chegaram. Não acreditava nisso muito mais do que ele o fazia.

Mas sentia que algo estava muito errado. Não podia assinalá-lo...

Ainda assim o sentimento persistia.

—Boa noite —disse, oferecendo a Vane um sorriso antes de deixá-lo.

Ainda incômoda, percorreu o caminho para seu quarto, onde se preparou para ir para cama. Enquanto lavava o rosto e escovava o cabelo, não podia sacudir o sentimento dentro dela. Era como se Fang lhe estivesse gritando. Como se houvesse algo que ele queria que ela soubesse.

Frustrada se dirigiu para sua cômoda e tomou seu telefone celular. Nunca tinha chamado antes a Acheron, mas não podia pensar em ninguém mais que pudesse lhe ajudar.

Respondeu ao primeiro toque.

—Olá Ash, sou Aimee Peltier Como estás?

—Confuso. Como conseguiste meu número?

Aimee passou a mão através de seu cabelo enquanto passeava sobre o tapete Oriental de seu quarto.

—Dev me deu ele quando o deste. Só no caso de precisar.

—Ah. Desculpe por ser tão abrupto. Não estou acostumado a que vós me chameis. Em geral me chamam da ala dos Dark-Hunters.

Ela riu.

—Sim, suponho-o.

—Então, o que posso fazer por ti?

—Eu... —Ela duvidou o que dizer. Ele provavelmente pensara que estava louca. Como podia lhe explicar o sentimento quando inclusive ela não o entendia?—. O que é que sabes a respeito de ataques de Daimons?

Sua deliciosa risada encheu-lhe o ouvido.

—Nenhuma maldita coisa. Por que?

Ela pôs os olhos em branco ante seu sarcasmo. Sim, era uma pergunta estúpida dado o fato de que ele tinha estado lutando contra eles por mais de onze mil anos.

—Não sei se conheceu Fang Kattalakis, mas foi atacado por Daimos há uns dias e... —

Suas palavras morreram ao mesmo tempo em que Ash apareceu ao seu lado vestido todo de negro.

Seu longo cabelo negro combinava com sua vestimenta, à exceção de profundas umas nervuras borgonhas nele. Apesar de ser o mais velho dos Dark-Hunter em idade, fisicamente parecia só ter vinte e um anos.

—O que aconteceu?

Aimee estava muito ocupada acostumando-se à inesperada entrada em seu quarto para responder a sua pergunta. Parado sobre seus dois metros de altura, o homem abrangia muito espaço em seu quarto e possuía uma poderosa aura de poder e desejo fora do normal.

—Como o fizeste? Não sabia que os Dark-Hunters pudessem se teletransportar.

—Alguns podemos. Agora, o que aconteceu com Fang?

Fechou seu telefone e o retornou à mesa.

—Foi atacado no pântano e agora está em coma.

—Mas não morto?

—Não, não está morto.

Ele deixou sair um suspiro de alívio.

—Onde está?

Aimee o guiou para baixo ao salão, onde tinham dado a Fang seu próprio quarto. Tocou a porta e esperou pelo agudo grunhido de Vane antes de empurrá-la para abri-la e encontrá-los onde os tinha deixado.

Vane ficou de pé no momento que viu Acheron.

—O que estás fazendo aqui? —Seu tom era acusatório e frio.

—Inteirei-me do de Fang. O que aconteceu?

Um tique começou na bochecha de Vane.

—Foi uma *timoria*. Fomos dados por mortos e depois atacados pelos Daimons.

Depois de entrar na sala, Ash se ajoelhou diante da cama para examinar o corpo de Fang. Colocou uma grande mão no pescoço de Fang e lhe elevou as pálpebras.

Aimee trocou olhadas com Vane.

—Carson diz que está em choque pelo ataque.

—Disse que está morrendo —adicionou Vane.

Ash baixou sua mão e olhou para eles.

—Isto é estranho. Parece como que se estivesse já morto.

—Não digas isso.

Ash se inclinou enquanto Vane lhe lançava um golpe.

—Podes me atacar tudo o que queiras, mas não muda nada.

Aimee pôs sua mão no braço de Vane, tratando de reconfortá-lo.

—Viste algo como isto? —perguntou a Ash.

—Não em onze mil anos e tampouco o entendo. Os Daimons podem alimentar-se de humanos e Were-Hunter sem causar dano. Entretanto isto...

Aimee engoliu seco.

—Parecera como se lhe arrebatassem a alma.

—Não —disse Vane com um suspiro—. Arrebataram-lhe mais que isso. É Anya. Ele não suporta deixá-la ir. —moveu-se para sentar-se a um lado de Fang—. Não penso que seja capaz de dirigir a dor de viver sem ela.

Aimee animou a Ash a sair da sala.

No corredor, fechou a porta lentamente atrás dela e esperou que Vane não estivesse escutando.

—Pensas que é assim simples?

Ele negou com a cabeça.

—Eu tampouco.

Ash olhou de volta à porta, como se pudesse ver dentro da sala.

—Me deixe examiná-lo com Savitar. Estou contigo. Acredito que há mais que o que é óbvio.

—Obrigada.

Inclinou sua cabeça antes de deixá-la sozinha. Aimee fez o caminho de volta ao seu quarto onde terminou de preparar-se para a cama.

A madrugada estava iniciando quando finalmente se deitou.

Aimee?

—Fang?

Seus sonhos mudaram até que o viu envolvido em uma escura névoa. Parecia cansado e pálido, mas inteiro. Estava vestido só com um par de sangrentos jeans e seus pés nus estavam marcados com cortes e machucados.

Correndo para ele, tratou de alcançá-lo só para afastá-lo de novo.

—Fang! —chamou-lhe.

—Shh. —sussurrou ele, sua voz ecoando na escuridão.

—Onde estás?

—Não sei. Em uma cova.

Caminhou para frente até que ele a tomou e a empurrou contra uma rugosa parede.

—Não te movas —seu tom era um sussurro ameaçador.

Aimee se estremeceu ante sua proximidade. Tinha esquecido o tão alto e formidável que era em sua forma humana. Mas cheirava delicioso e parecia inclusive melhor. Com a barba de uma semana tinha uma aparência rude que só adicionava ao seu formidável atrativo sexual.

Envolvendo seus braços ao seu redor, aproximou-o mais, revelando a dureza de seu corpo. Revelando de fato que estava com ela e não morto.

Ele afundou seu punho em seu cabelo e colocou seu rosto em seu pescoço como se ela fora a linha de vida a qual se aferrava. Ninguém nunca a tinha segurado com tal ternura. Deuses, que bom sentia e quanto desejava estar justo aí com ele.

Mas algo úmido e quente estava molhando seu estômago. Foi nesse momento quando se precaveu do que era. Fang estava sangrando profusamente de uma ferida em seu estômago. Surpreendida, empurrou-o para ver seu sangue lhe cobrindo a bata.

—Que demônios?

Cobriu sua mão com a sua e a separou de sua ferida.

—Um grupo de demônios babões me atacou. Afastei-os, mas não foi fácil. —Franziu o cenho em desgosto—. Olhe não tenho muito tempo antes que me encontrem de novo e tu não podes permanecer aqui. Se algum deles te encontra, te matarão ou pior, te tomarão prisioneira.

—Não entendo.

Ele engoliu seco antes de falar de novo.

—Não posso despertar, Aimee. Preciso que alguém encontre aos demônios que se alimentaram de mim e os mate.

Ela se assustou.

—O que?

—Os Daimons... tomaram o suficiente de minha alma e está presa dentro deles. Assim enquanto vivam não posso despertar ou usar meus poderes. Isso também o têm. Alguém tem que matá-los para que possa estar inteiro de novo. Entendes?

Ela assentiu.

—Como os encontrarei?

Ele tomou sua mão e a sustentou contra seu peito nu, justo sobre seu coração. A calidez de sua pele a fez estremecer-se.

—Use teus poderes.

Fechando os olhos, ela se concentrou na noite em que ele foi atacado. Um por um ela viu os rostos dos Daimons que o atacaram.

Ele se reclinou para lhe sussurrar ao ouvido, sua voz profunda e sedutora.

—Não posso fazer isto sozinho, Aimee. Não posso encontrá-los daqui.

Ela franziu o cenho ante seu pedido, que estava tão fora de seu caráter. Fang nunca pediria ajuda de ninguém.

—Quem és?

Ele tomou seu rosto entre suas mãos.

—Sou eu. Juro-o.

—Não. Fang não pediria ajuda. Não de minha parte.

Ele riu amargamente.

—Acredite, isto tampouco é o que eu quero fazer. Mas não posso brigar por minha conta. Tentei tudo e Vane não está respondendo. Pensa que sou um sonho e não importa quanto o tente, não responderá. Tu és a única que veio a mim. Por favor, Aimee. Não me deixe aqui assim.

A dúvida a encheu.

—Como sei que és tu?

Respondeu sua pergunta com um apaixonado beijo, um que a deixou sem fôlego e quente. Necessitada. Tremendo. Oh, sim... era Fang. Não havia dúvida. Ninguém mais beijava como ele o fazia. E ninguém mais tinha sua essência.

Ele se retirou, seus olhos atormentados.

—Me tire daqui. Por favor. Tu és a única esperança que tenho.

Ela assentiu enquanto escutava um feroz grunhido.

Fang a empurrou rapidamente.

—Os Coletores estão vindo de novo. Vá bebê. —Beijou-a na bochecha—. Não volte. Não é seguro para ti.

Empurrou-a de novo e se foi.

Aimee despertou tremente.

Assustada, olhou ao redor de seu quarto para ver a luz do sol muito mais alta no céu enquanto se desfazia das remelas de suas pálpebras. Desorientada olhou ao seu relógio. As dez da manhã.

Só foi um sonho.

Então por que estava sendo caçada por ele? Aimee se virou e tratou de voltar a

dormir.

Necessito mais de cinco horas.

Ainda assim, não podia sacudir o som desesperado da voz de Fang em sua cabeça.

Necessitava dela.

Repreendeu a si mesma.

—Ele está na cama, idiota. Volta a dormir.

Não podia. Não importa quanto o tentasse, não podia relaxar ou fazer com que o sentido de urgência a deixasse. Repreendeu a si mesma por sua estupidez, levantou-se, agasalhando-se em seu penhoar verde e se dirigiu ao corredor em frente para o quarto de Fang.

—Gah, pareces como a merda.

Olhou a Dev enquanto se encontravam no corredor.

—Pelo menos tenho uma razão para isso amigo. Rompeste o espelho esta manhã ou o que?

Dev riu enquanto seguia caminhando afastando-se dela.

—Pensei que estavas no turno da noite.

—Estou. Só vou ao banheiro.

Ela lhe deu um olhar malicioso.

—Deixei a tampa levantada.

—É obvio que o fizeste. Ao menos desta vez me avisaste.

Ele enrugou seu nariz brincalhonamente antes de desaparecer.

Sacudindo a cabeça ante seu irmão e suas travessuras, redirecionou seus passos ao quarto de Fang. Cuidadosamente abriu a porta para assegurar-se de que estivera sozinho, o qual, felizmente, estava. Vane devia haver-se ido finalmente ao seu quarto.

Aimee se deslizou por volta do quarto e fechou a porta.

Tudo estava em silêncio. Nem sequer se podia escutar um sussurro.

Devo estar louca...

Tinha que está-lo.

Movendo-se para colocar-se junto ao seu comatoso corpo, colocou sua mão sobre sua suave pele. Sua respiração era fraca, mas calma. Não havia sinais de violência ou de nada.

Fang estava bem.

Exceto pelo fato de que se negava a retornar ao mundo. Não entendia esse tipo de debilidade. Parecia tão forte e capaz. O que tinha acontecido para destruí-lo dessa maneira?

Não tinha sentido.

Mas não havia nada que ela pudesse fazer por ele. Acariciando seu ouvido, sussurrou-lhe.

—Durma bem, bebê. —Depois se virou e retornou ao seu quarto.

Repreendendo a si mesma por ser dez mil vezes tola, tirou a bata e a jogou sobre a cama.

Enquanto caía viu algo estranho...

Uma mancha.

Uma mancha *vermelha*.

Inclusive ainda mais confusa. Olhou até a bata e viu o sangue da ferida de Fang. E enquanto olhava a si mesma no espelho, viu algo mais que adicionou realidade ao seu

sonho. Seu rosto estava marcado pelos bigodes de Fang. Seus lábios inflamados por seu beijo.

Tinha sido real.

Todo ele.

Fang estava preso e ela era a única esperança que tinha para regressar...

CAPÍTULO 14

— **O** que estás fazendo?

Aimee saltou ante o inesperado tom zangado de Dev saindo da escuridão do corredor, enquanto estava tratando de escapulir sem ser vista. Por que não fez suas necessidades lá fora em lugar de fazê-lo no banheiro como qualquer ser humano?

Isso te ensinará.

—Maldição, Deveraux Alexander Aubert Peltier. Juro que vou te pôr um sino se não deixar de andar sigilosamente sem fazer nenhum ruído! O que fazes? Esperas até que me tenha ido de meu quarto para te pendurar sobre mim como um gato com um camundongo?

Estreitando seu fixo olhar nela, cruzou os braços sobre o peito em uma rude postura.

—Tu só te zangas comigo quando te apanho fazendo algo que não deves. Então, no que andas?

Tratou de não se mostrar culpada, mas era difícil.

—Não estou fazendo nada.

Ele lhe dirigiu um olhar que dizia que a conhecia melhor que isso.

—Então, por que não estás trabalhando esta noite?

—Não me sentia bem.

Posou um olhar fixo em suas sapatilhas brancas.

—Isso é pelo qual estás vestida para sair?

E o teria feito se ele não tivera intrometido.

—Não disse que ia sair.

Ele bufou.

—Não me trates como um idiota, Aim. Conheço-te melhor que isso. Algo acontece. Está acontecendo há semanas com teus estranhos desaparecimentos. O que é?

Deixou sair um irritado sopro. Tinha razão. Durante semanas, tinha estado procurando em vão aos Daimons. Esses pequenos roedores eram bons escondendo-se.

—Não me acreditarias se tratasse de te explicar isso.

—Me ponha a prova.

Não digas uma palavra. Ela viu vir esse “choque de trens” e entretanto, não havia forma de acautelá-lo. Se não respondia, reclamaria com ela até que o fizesse.

Ou pior, a seguiria. O urso podia ser terrivelmente fastidioso de qualquer maneira.

Portanto, sem opção, optou pela verdade.

—Bem, vou caçar Daimons.

Ele exclamou rindo.

—E eu sou uma gorda fada voadora.

—Fantástico... Sininho. Agora, se me desculpas.

Agarrou-a pelo braço para mantê-la ao seu lado.

—Falas a sério?

—Como Maman sobre fechar com chave a porta traseira.

Sacudiu sua cabeça em total incredulidade.

—Por que, em nome do Olimpo, irias caçar Daimons?

Ela jogou uma olhada à porta que dava ao quarto de Fang e soube que não podia decepcioná-lo.

—Porque se não o faço, Fang morrerá.

Ele soprou.

—Estás drogada?

—Não.

—Vamos, Aim, admite-o. Aqui há uma enorme quantidade de drogas envolvidas. Tem que as haver.

Ela se sacudiu de seu agarrão.

—Tenho que ir.

Ele a agarrou de novo.

—Não acredito. Da última vez que notei, não éramos Dark-Hunters, e tu não tinhas nenhum motivo para perseguir um Daimon.

E outra vez, ela escapou dele.

—O que é que se supõe que devo fazer, Dev? Vane foi expulso daqui esta manhã, e tem as mãos cheias com sua manada lhe seguindo o rastro e a humana a qual está agora protegendo. A última coisa que precisa é saber que Fang está longe de estar a salvo. Esses demônios estão tratando de matá-lo em outro reino. Não é exatamente algo no qual ele possa se focar neste momento.

—Aimee...

—Deveraux —disse bruscamente, imitando seu tom sinistro—. Sabes que não posso só me afastar.

—Por que não?

—Fang me salvou a vida. Agora está sendo ameaçado e pediu minha ajuda. Sabes o que acontecerá se os Daimons ficam com sua alma. Cedo ou tarde, esta morrerá e ele ficará preso sem vida, sem alma e sem amigos ou família, isso é algo que não desejo nem ao meu pior inimigo, não importa que seja um lobo que salvou minha vida e a tua. Só tenho um tempo limitado para salvá-lo.

Dev grunhiu alto através de sua garganta.

—Nós só temos um tempo limitado.

—Nós?

Dirigiu-lhe um olhar severo.

—Não esperas, realmente, que me afaste a um lado e deixe que arrisques tua vida, não? Se tu estás dentro, eu também o estou.

Aimee o abraçou.

—És o melhor.

—Não. Sou o pior. Maman me agarrará pelo meu traseiro sem esforço, se alguma vez se inteira disto. Juro aos deuses, devo ser o mais tolo idiota no planeta para me meter nisto.

—Não. És o melhor irmão que há nascido e eu estarei em dívida contigo para sempre.

—Oh, que bom —disse com exagerada felicidade—. Justo o que sempre quis —soltou um cansado suspiro antes de resmungar—. Então, o que vamos fazer?

—Bom, os Daimons os atacaram no pântano. Isso significa que eles estão aqui, em Nova Orleans... em alguma parte. Eu digo que começemos dando com seus usuais lugares prediletos até que os encontremos e destruamos seus desprezíveis esconderijos.

—E como saberemos onde encontrá-los?

—Eu saberei. Vi-os.

Ele pôs outra cara de totalmente exagerada excitação.

—E como os encontraremos então, Wendy?

Odiava-o quando se referia a ela como a personagem do Peter Pan. Mas ignorou sua brincadeira.

—Fang me mostrou isso. Agora começemos.

Deteve-a de novo. Agora seu rosto estava mortalmente sério e era todo atenção.

—Mostrou-lhe isso, como?

—Em um sonho.

Isso resultou como um globo de chumbo. Seus olhos lhe lançaram chamas.

—Deveria te proibir entrar em seu quarto?

Ela virou seus olhos ante sua extrema superproteção, a qual estava altamente fora de lugar enquanto Fang estivesse em coma.

—Não seas ridículo, e precisamos continuar. Ou, de outra maneira, vou sozinha.

Ele franziu seus lábios em uma feroz careta.

—Bem, urso cabeça de porco.

Fang gritou assim que a lâmina do demônio cortou através de seu flanco e saiu por suas costas.

Enfurecido, agarrou a lança e a manteve em seu flanco com uma mão enquanto saltou com um golpe ascendente de sua espada que abriu o peito do demônio.

Gritando, este morreu aos seus pés.

Seu flanco palpitava, Fang cambaleou para trás, ofegando pela dor ao tirar a arma com uma violenta torção através de seu tecido, e logo a jogou no chão. Suor e sangue o cobriam, um frio vento congelava sua pele e essa água suja cobria suas pernas. Estava tão cansado deste lugar, de brigar a cada minuto por sua sobrevivência. Parte dele estava preparada para fazer e deixar que o tivessem, mas a outra...

Não sabia como se render e se entregar.

Secando o suor da testa, baixou a espada com a qual tinha tido outra matança e escutou os ventos uivantes que açoitavam ao seu redor. Seu corpo inteiro se estremeceu pelo frio e pela agonia de suas feridas. A tormenta fazia difícil perceber se os Coletores ou demônios estavam próximos e isso era a pior parte de tudo.

Em duas oportunidades, Misery apareceu diante dele com sua equipe atrás dela e enquanto que fez o melhor que pôde, ainda tinha que matar a essa pequena puta.

Se só pudesse encontrar Vane e lhe fazer saber o que estava acontecendo. Vane seria um aliado vital, mas seu irmão não acreditaria nele. Seguiu pensando que era um sonho ou que se estava tornando louco cada vez que ouvia a voz de Fang.

Maldito sejas, Vane.

Só Aimee tinha respondido a sua chamada. Só ela tinha acreditado que o inferno no qual se encontrava encerrado era real.

Aimee...

Deixo-se cair aos pés de uma árvore negra para descansar enquanto uma imagem de seu doce rosto passava por sua mente. Ele jurou que ainda podia cheirá-la, sentir a suavidade de sua pele. E ali na escuridão, encontrou um conforto momentâneo nesses pensamentos.

Seria capaz de abraçá-la de novo?

Deuses, ter cinco minutos nos quais nada o estivesse caçando, que não estivesse brigando para assim poder sustentá-la perto e deixar que seu corpo o aliviasse.

Um chiado soou sobre sua cabeça.

Fang se pressionou mais perto da árvore assim que reconheceu a chamada de Reaper. Eles eram demônios com garras e asas que rasgariam a qualquer criatura que encontrassem. Não havia nenhum lugar seguro aqui neste mundo. Todos eram predadores.

Às vezes inclusive a folhagem.

Mas estas árvores desengançadas tinham provado serem seguras. Só elas lhe deram refúgio aqui.

—Pelo menos estou aprendendo a brigar como um humano.

Sentiu-se doente apesar de assim ser, tornou-se totalmente competente neste sentido através dos meses que tinha passado aqui.

Ou eram anos?

Estava tendo dificuldades em estimar o tempo. Mas podia escutar coisas provenientes do outro lado. Sabia que Vane estava emparelhado e escutou às vezes em que seu irmão o tinha amaldiçoado por ser tão egoísta ao não despertar.

Como se ele quisesse estar aqui.

Somente Aimee tinha continuado lhe sussurrando palavras de conforto. *Tome seu tempo, Fang. Dorma bem.* Quando nada mais podia alcançá-lo, ele sentiu suas gentis mãos sobre sua pele.

E essa amabilidade o manteve e o tinha feito fraco ao ter saudades de um mundo que não estava seguro que alguma vez pudesse voltar a alcançar.

Fang elevou a cabeça para ouvir a aproximação de Reaper. Dando uma olhada, tratou de procurar um melhor lugar para esconder-se.

Ali. A sua esquerda havia uma caverna.

Dirigiu-se para ela, esperando que não houvesse nada pior lá dentro aguardando para atacar. Mas assim que alcançou a abertura, uma adaga branca e afiada lhe acertou justo no meio do peito. A dor era tão severa que deslizou rapidamente ao chão onde tentou levantar-se de novo.

Não podia. A agonia era paralisante.

O Reaper se centrou nele.

Fang amaldiçoou. Tratou de pegar sua espada, mas outra adaga o alcançou e o cravou ao chão.

Incapaz de agüentar, gritou e ao fazê-lo, sentiu uma sacudida por dentro. Calor e ferocidade se estenderam como lava.

Eram seus poderes.

Ofegando, lançou suas mãos em direção ao Reaper e jogou uma explosão direto a ele. O demônio chiou ao ser frito no lugar.

Fang lançou um grito vitorioso ao dar-se conta do que acabava de acontecer.

Aimee acabava de matar a um dos Daimons e libertou uma parte de sua alma. Apesar de ainda não estar completo, ao menos tinha algo melhor que só suas próprias mãos com as quais proteger-se. Isto se devia tudo a ela.

—Que garota. Bebê, poderia te beijar!

Manteve suas mãos no alto e viu o resplendor de seus poderes emanando da ponta de seus dedos. Realizou um lançamento com suas mãos e explodiu as três árvores, aos pés das quais tinha estado poucos minutos antes.

Converteram-se em chamas.

Apertou sua mão em um punho, havia uma coisa a mais que estava morrendo para provar.

Fang fechou seus olhos e tratou de mudar de forma, assim poderia ser um lobo de novo.

Não ocorreu nada.

—Maldição.

Seguia sendo humano.

Está bem. Ao menos tinha recuperado parte de seus poderes e neste momento isso valia tudo para ele.

—Assim tens uma ajudante...

Virou em volta para encontrar Misery ali. Como demônios ela podia fazer isso? Era como se tivesse um farol sobre ele.

Instintivamente, lançou-lhe uma explosão. Ela rodou afastando-se desta e contra-atacou com uma das suas.

Fang girou, distanciando-se antes que o golpeasse e se inclinou para recuperar sua espada. Lançou uma estocada aos seus pés, mas ela era rápida como o vento.

Fang arremeteu contra ela.

—Não a toques!

Rindo, ela desapareceu antes que pudesse fazer contato.

Uivou com frustração.

—Cadela! Volte aqui.

Mas sabia que não serviria de nada. Misery não escutava a ele.

—Aimee —sussurrou—. Por favor, cuida de tuas costas.

—**A**imee!

Aimee amaldiçoou quando Dev a agarrou pelas costas.

—O que?

Ele apontou ao pedaço quebrado de calçada aos seus pés.

—Estavas a ponto de tropeçar.

—Bem, não tens por que gritar comigo. Ssh!

Seu coração estava pulsando violentamente pelo susto que lhe tinha dado. Aqui estavam eles, caçando Daimons e ele estava preocupado que tropeçasse com um pedaço de ladrilho?

O urso estava louco e tinha um sentido de prioridades atrofiado.

Ele lhe lançou um sorriso zombador.

—Gritar contigo é a *segunda coisa* melhor que faço.

Ela bufou.

—Perguntar-te-ia o que seria a primeira, mas não acredito que queira sabê-lo. Um metido, isso és. Estou segura de que envolve mulheres de algum jeito.

Ele riu conduzindo-a por uma rua lateral.

—Não estou seguro de que vamos encontrar mais de seus amigos Daimons esta noite. Parece que eles estão gordos, felizes e escondidos.

Odiava admiti-lo, mas provavelmente tivesse razão. Estiveram procurando durante horas.

—Tivemos sorte de apanhar um dos quais procurávamos. Não há rastro de onde estão os outros.

—Quantos estamos procurando, de qualquer modo?

—Nove. Bom, agora oito.

Ele ficou boquiaberto ante o número.

—Oito? Estás louca? Nove? Como achas que encontremos nove Daimons desconhecidos?

Ela deu de ombros.

—Sempre poderíamos convidá-los ao Santuário e matá-los na parte traseira.

Ele voltou os olhos.

—Te tornaste louca, não?

—Bem, estou aqui fora contigo. Isso diz tudo.

Deixou sair um comprido e sofrido suspiro como se ela o estivesse torturando.

—E pensar que poderia estar na porta agora mesmo, checando longas pernas e minissaias.

Ela, com sua cabeça, indicou-lhe a rua.

—Não deixes que te retenha.

O rosto de Dev se tornou pálido ao olhar por trás dela.

Aimee virou sua cabeça para ver o que estava observando, logo se congelou ao ver as sombras saindo das paredes. Estes não eram Daimons.

Eram demônios.

E iam até eles.

CAPÍTULO 15

—**N**ão! —gritou Fang, ao ver na parede da caverna imagens de Misery e companhia rodeando a Aimee e a Dev.

Golpeou o punho contra a rocha, ignorando a dor, ao dar-se conta que estava a ponto de ser o causador da morte de outra mulher. Tudo se repetia, como aconteceu com Stephanie. Seus inimigos a tinham encontrado por sua culpa.

Quando aprenderei?

As mulheres deviam ser protegidas e ele estava maldito no que a elas concernia. Era por isso que tinha tratado tão arduamente de não se aproximar de outra.

Aimee não devia significar nada para ele, mas assim era e a só a idéia de sua morte o rasgava.

Grunhindo de frustração, ficou de costas à parede, assim não teria que vê-la morrer. Mas não funcionou. Em sua mente, viu o que ia ocorrer e o adoeceu.

O que podia fazer? Estava preso aqui, sem apenas poderes nem força. Não havia nada, além de demônios chupadores de almas.

Demônios...

Nesse instante soube o que poderia fazer para salvá-la. Havia de uma coisa que um demônio e um Daimon tinham em comum. Uma coisa que ambos necessitavam para prosperar e sobreviver.

Uma alma.

E embora ele podia não ter toda a sua, tinha o suficiente para tentá-los.

Fang jogou sua espada às águas negras.

—Demônios! —gritou—. Tenho uma alma para vós! Venham atrás dela.

Apenas as palavras abandonaram seus lábios, o som de milhares de asas encheu seus ouvidos. O fedor de enxofre e cheiro corporal de demônio invadiram suas fossas nasais. Odiava-o. Mas não tinha alternativa.

Era ele ou ela, e não estava disposto a deixar que fora ela.

—Tornaste-te louco?

Fang franziu o cenho enquanto um homem alto e esbelto aparecia junto a ele. Vestido com um manto ensangüentado que cobria uma armadura negra com pontas, tinha os olhos de um azul tão claro que se destacavam por sua intensidade. Seu cabelo castanho lhe

chegava até os ombros, com a franja caindo sobre aqueles olhos que pareciam conter toda sabedoria da eternidade.

E uma crueldade sem par.

Completamente sereno ante a horda invasora, elevou uma sobrancelha finamente arqueada.

—O que estás tratando de fazer?

Fang se negou a responder.

—Quem és?

Um canto de sua boca se levantou, insinuando um sorriso zombador.

—Neste momento, o único amigo que tens.

—Sim, claro.

Os demônios se atiraram.

Fang se preparou para o ataque.

—Minha alma é...

Uma focinheira apareceu sobre sua cara.

O homem se estremeceu.

—Nem sequer o diga, rapaz. Não tens idéia do que significa vender tua alma. Não é prazeroso e de verdade não queres oferecê-la a esta turma. Não quando podes fazer algo muito melhor com ela.

Fang o fulminou com o olhar, ao tempo que lhe lançava um golpe de energia.

Ele absorveu o golpe sem mover-se ou pestanejar.

—Não desperdice a energia. Necessita de algo muito mais forte que tu para me sacudir.

Girando-se, disparou uma rajada de fogo aos demônios. Chiando, estes se retiraram.

Seu rosto era uma máscara de chateação total. Tirando um pequeno celular de seu bolso direito, sustentou-o como um rádio.

—Acabem com eles e os enviem de volta.

—Temos que ser amáveis? —perguntou uma voz masculina muito acentuada.

—Diabos, não. Os façam sofrer.

—Obrigado chefe.

O homem devolveu o celular à armadura e se enfrentou à expressão perplexa de Fang.

—Oh. Sinto o da focinheira. Mas foi necessário para te proteger de tua própria estupidez.

O artefato desapareceu do rosto de Fang, que esfregou incomodamente a mandíbula e lançou um olhar hostil ao estranho que parecia muito cômodo eliminando demônios.

—Quem demônios és?

O homem riu.

—Isso é mais acertado do que imaginas. Meu nome é Thorn e, como já te disse, sou o único amigo que tens nestes momentos.

—Sem ofender, mas Misery me disse o mesmo e podes ver quão bem resultou — disse, assinalando para as feridas que o marcavam dos pés a cabeça.

Thorn aceitou o sarcasmo sem perturbar-se e o devolveu com acréscimo.

—Sim, pois no caso de que não o tenhas notado, eu não sou Misery. Não, ao menos até que me agarres pelo lado mau. Então... bem, só digamos que aqueles que o têm feito

não desfrutaram da experiência.

Fang ignorou a advertência, embora pôde notar, por seu comportamento, que estar de mal com Thorn seria na verdade nefasto.

—Então o que és?

Nesse momento baixou o capuz do manto. Havia um ar incongruente ao seu redor. Uma aura de poder e total crueldade. Entretanto, ao mesmo tempo, era como se as mantivera sob um rígido controle. Como se estivesse em guerra consigo mesmo.

Que estranho.

—Pensa em mim como um carcereiro ou como um vaqueiro. Meu trabalho é me assegurar de que os reclusos aqui dentro obedeçam às leis, especialmente quando saem em liberdade condicional.

—Que leis?

Sorrindo diabólicamente, ignorou por completo a pergunta de Fang.

—Tu me surpreendeste, lobo, e não muitas pessoas o fazem... ao menos não no bom sentido.

—A que te referes?

Thorn lhe deu uma palmada nas costas. Em um momento estavam na caverna e no seguinte, dentro de um grandioso vestíbulo de pedra obsidiana⁸. A luz resplandecia desde candelabros iridescentes, moldados em formas de rostos retorcidos de gárgulas e mãos de esqueletos. O teto se elevava uns bons dez metros, com contrafortes lavrados em forma de colunas vertebrais humanas. Opulento, enorme e horripilante como o inferno, era frio e absolutamente nada acolhedor.

A única coisa remotamente atraente do lugar era a gigante lareira onde ardia um fogo enorme. Um lar flanqueado a cada lado pelos esqueletos alados de dois Reapers. Os quais ainda conservavam uma adaga encaixada entre suas costelas.

Fang fez uma careta ante a visão, perguntando-se se eram reais ou nada mais que mórbida decoração.

Ou possivelmente ambas ...

—O que é este lugar?

Thorn tirou o manto com uma floritura. A armadura negra cintilou com a luz frágil, fazendo destacar suas mortíferas pontas.

—O Salão Estigio. Nome estúpido, eu sei, mas em meu favor devo dizer que eu não o inventei. Só sou o idiota que atualmente o vigia —uma taça de vinho apareceu em suas mãos e a estendeu para Fang.

Fang declinou o oferecimento.

Thorn riu diabólicamente.

—Temes que o tenha envenenado ou posto alguma droga? Acredite-me, lobo. Não necessito de um líquido para fazer nenhuma das duas coisas. Se te quisesse morto, a estas alturas, estaria dando um festim com tua carne —de um gole comprido bebeu o vinho.

Fang estava perdendo a paciência com toda essa merda críptica. Nunca tinha tido paciência para tais coisas.

—Olhe, não sou muito conversador e todo este dramatismo teu está me matando de

⁸ Mineral vulcânico vítreo de cor negra ou verde muito escuro.

aborrecimento. Quem és e por que estou aqui?

Thorn atirou a taça à lareira, fazendo explodir as chamas. Enquanto estas flamejavam para ele, suas roupas mudaram da armadura a um moderno traje bege, com camisa celeste. Em vez de um guerreiro antigo, parecia mais um executivo multimilionário. À exceção de sua mão esquerda, que continuava coberta com as garras metálicas que formavam parte de sua armadura.

—Sou o líder de um grupo de elite, conhecidos como os *Hellchasers*.

Fang arqueou uma sobrancelha ante o nome.

—Caçadores do inferno?

Thorn assentiu.

—Quando os demônios violam as leis que os regem ou decidem escapar enquanto estão de licença, somos nós quem se encarregam deles.

—Encarregar-se, como?

Thorn estendeu a mão e uma imagem apareceu na parede, à esquerda de Fang. Misery e sua turma eram trazidos de volta aos seus domínios, encadeados. Ensangüentados e com golpes, pareciam como se alguém os tivera usado para praticar tiro ao alvo. Era óbvio que os dois homens que os traziam de volta não tinham sido nada gentis.

—Resumindo a história, somos caçadores de recompensas, sem as recompensas.

—Então, por que o fazeis?

Thorn fechou o punho e a imagem desapareceu.

—Mais que tudo, por pura diversão. Mas se não o fazemos, os demônios invadiriam o reino dos humanos e pareceria como este em pouco tempo.

—Te põe os cabelos pra cima.

Thorn assentiu.

—Felizmente, opinamos igual, razão pela qual fazemos o que fazemos.

—E como entro eu nisto?

Aproximando-se dele, Thorn o percorreu com um olhar especulativo como julgando cada molécula de seu ser, por dentro e por fora.

—Tu tens certos talentos que me resultam atraentes. Um lobo que sobreviveu entre demônios por seus próprios meios, sem seus poderes... é impressionante.

A declaração encolerizou a Fang.

—Claro, e por que não apareceu antes?

—Porque acreditei que pertencias aqui. Que tinhas sido enviado a este reino por tuas ações passadas. Não foi até que começaste a oferecer tua alma para proteger Aimee que descobri que estavas aqui por engano.

—Não és muito intuitivo, verdade?

Em lugar de se irritar, Thorn levou o insulto esportivamente.

—Só digamos que em muitas contadas ocasiões vejo o bem nos outros. É uma mercadoria tão rara no mundo, que nem sequer me incomodo em procurá-la —Thorn desdobrou o braço e um banquete de comida apareceu sobre a mesa—. Deves estar faminto.

—Sim, e tampouco como na mesa de desconhecidos.

Um canto de sua boca se elevou em amarga diversão.

—É sábio ao pensar desse modo.

—Também sei que nada é de graça —Fang assinalou com o queixo em direção à mesa—. Qual é o preço dessa comida?

—Diria que é um presente para aliviar minha consciência, por te deixar tanto tempo aqui onde não pertences, mas não tenho consciência e, honestamente, importa-me uma merda quanto tenhas sofrido.

—Então por que encurralas aos demônios para proteger aos humanos?

Thorn soltou um longo suspiro, como se o tema tirado por Fang o tivesse irritado.

—Assim, ao que parece, sim tenho consciência depois de tudo. Condenada essa coisa. Nego-a constantemente, mas não quer me deixar em paz. Entretanto, esse não é o ponto. Durante a noite do Mardi Gras, umas centenas de demônios escaparam do *Kalosis*. Alguma vez ouviste mencionar a ele?

—Não.

Thorn deu de ombros.

—Em resumo, é o inferno Atlante. Os demônios comeram um par de meus homens e agora me encontro mais escasso de pessoal em Nova Orleans —abriu a boca, como assombrado—. Espera um momento! Tu és de lá... agora o vês?

—Queres que te ajudes a apanhá-los.

—Não exatamente. Mais que tudo, tu ajudarás a mantê-los vigiados e, se passarem dos limites, os traga de volta... ou os mate.

—E se me nego?

Thorn gesticulou para a porta, onde o vento uivava no exterior.

—És livre de deixar meu salão e os valer por ti mesmo quando queiras.

A idéia de ir era menos que atraente, mas isso ambos sabiam.

—E se fico?

—Ajudaremos a tua namorada e a seu irmão a caçar esses Daimons, e lhe tiraremos daqui.

Fang não acabava de aceitar o trato. Devia haver mais do que lhe estavam contando. Tinha que havê-lo.

—Com todos teus poderes, parece-me que te seria fácil recrutar centenas de pessoas para este trabalho. Por que a mim?

Thorn riu.

—Há uma certa raça, um certo grupo pequeno de pessoas que são capazes de fazer o que fazemos sem saírem massacrados aos três segundos de cruzar a porta. Não tem a ver com as habilidades para lutar ou inclusive sobreviver. Tem a ver com o caráter.

Fang se burlou ante a só idéia.

—Eu não tenho caráter.

À medida que cortava a distância entre eles, Thorn ficava mais sério. Com aqueles olhos azuis o atravessava, como se pudesse ver no profundo de sua alma e sua mente.

—Aí é onde te equivocas, lobo. Tens lealdade e coragem. Sem iguais. Duas coisas quase impossíveis de achar. Tens idéia de quantas pessoas teriam deixado morrer a Aimee antes de oferecer suas próprias almas para salvá-la? Essa, meu amigo, é uma qualidade excepcional que não posso ensinar a ninguém. Ou a tens, ou não. E acontece que tu a tens de sobra. Essa habilidade de sacrificar a ti mesmo para salvar ao outro. Não tem preço.

Fang não o sentia assim. Em ocasiões o sentia mais como uma maldição.

Thorn lhe estendeu a mão.

—Então, te alistas comigo?

—Tenho alternativa?

—É obvio que sim. Nunca me importaria sobre teu livre-arbítrio.

Aceitou então a mão que Thorn lhe estendia.

—Tu te encarregues de manter Aimee a salvo e eu te entregarei até minha alma.

As pupilas de Thorn cintilaram em vermelho, tão rápido que por um instante Fang acreditou haver imaginado. Com o rosto impassível lhe soltou a mão.

—Rapaz, tenho que te ensinar a tirar essas palavras de teu vocabulário. Acredite-me, não é uma brincadeira de crianças, assim como tampouco o é ao que estás a ponto de te unir.

—**D**ev?

Atraiu a Aimee atrás dele enquanto encarava aos demônios que saíam das sombras.

—Devemos sair daqui —a empurrou em direção à rua.

Aimee começou a correr, mas não chegou longe antes que outro demônio a interceptasse. Tratou de transportar-se e não pôde.

—Dev? Podes nos tirar daqui?

—Esse poder parece estar quebrado.

Se pôs costas com costas contra Dev. Enquanto os demônios iam se aproximando, podia cheirar o enxofre neles.

—O que está ocorrendo aqui?

—Não tenho nem idéia, mas não parecem demônios alegres.

Não, não o pareciam. De fato, pareciam resolvidos a fazer deliciosa comida de urso com eles.

Aimee manifestou seu cajado.

—Alguma idéia de como matá-los?

Dev encolheu os ombros com uma despreocupação que, ela sabia, não sentia.

—Cortar a cabeça deles funciona com a maioria e se não resultar com estes, estamos seriamente fodidos.

—Ou podem ficar onde estão e se manterem à margem de nosso caminho.

Aimee franziu a testa aos dois homens que se transportaram junto a eles. Não eram demônios, aparentavam ser humanos, entretanto se moviam com uma velocidade que desmentia essa aparência. Antes inclusive que afastasse sua arma, tinham aos demônios algemados e contra o chão, em atrativos montões ensangüentados.

Sacudindo a cabeça, tratou de repassar os acontecimentos, mas honestamente, havia acontecido tudo tão rápido que a única coisa que pôde ver foram manchas no ar.

—O que foram esses movimentos?

Dev desdobrou um grande sorriso.

—Chuck Norris conhece Jet Li.

Os demônios grunhiam e amaldiçoavam enquanto os homens os retinham, a golpes, contra o chão.

—Já te cale —o mais alto dos dois homens levantou a mulher de um puxão—. Por uma vez, não poderia me tocar um demônio sem cordas vocais?

O outro homem riu sem humor.

—Ao menos, desta vez não nos estão vomitando em cima.

—Pequeno favor.

E ignorando-os por completo, desapareceram.

Aimee trocou um olhar perplexo com seu irmão.

—Isto está totalmente fora da esfera de minha experiência. E dadas às coisas estranhas com as quais lidamos, isso o diz tudo.

—Sim, eu também estou alucinando.

Aimee sacudiu a cabeça, tratando de encontrar sentido ao ocorrido.

—Tony colocou as ervas especiais em nossa comida outra vez?

Dev riu.

—Não acredito. Mas perguntarei a ele de todos os modos quando retornarmos.

—Eu não o faria.

Voltaram-se para encontrar uma mulher no beco, justo onde os outros tinham desaparecido. Seu cabelo vermelho escuro estava amarrado às costas e vestia uma blusa decotada, com as costas descobertas, e calças, ambas de couro negro e ajustadas como uma segunda pele. Era estonteante e fazia sentir a Aimee pouca coisa em comparação.

Dev desdobrou seu sorriso mais sedutor.

—Olá, linda. Onde estiveste toda minha vida?

Ela pôs os olhos em branco.

—És muito charmoso urso. Mas não. Não és meu tipo.

Aimee reprimiu a risada ante o comentário desdenhoso que Dev aceitou de boa maneira.

—E tu és?

—Me chame de Wynter.

Dev riu entre dentes.

—Não há nada melhor que o fogo para uma fria noite de inverno⁹.

Wynter lhe devolveu um olhar curioso.

—Essas frases bregas funcionam com outras mulheres?

—Te surpreenderias.

—Se alguma vez funcionaram, então sim, estou-o —passou ao longo ao seu lado, para dirigir-se a Aimee—. Thorn me enviou para te ajudar a encontrar aos Daimons que têm a alma de Fang.

Aimee franziu o cenho ante a menção do nome que nunca tinha ouvido antes.

—Thorn?

—Meu chefe. Não discutimos suas ordens. Simplesmente obedecemos. Queres o lobo a salvo, assim aqui estou.

—Não discutem? Quem mais? —perguntou Dev, olhando ao redor se por acaso havia alguém espreitando entre as sombras.

Wynter lhe sorriu com os lábios apertados, ignorando sua pergunta.

—Então, os Daimons desapareceram enquanto os perseguiam?

Aimee assentiu.

—Acreditamos que escaparam através de um portal.

⁹ Winter é “inverno” em inglês, daí o jogo de palavras.

—Isso vai ser difícil.

Dev apoiou o peso do corpo sobre sua perna direita, dirigindo um sorriso impaciente a Aimee.

—Sigo opinando que teríamos que deixá-lo nas mãos dos Dark-Hunters. É seu trabalho, não o nosso.

Aimee estava se cansando de discutir com ele sobre o mesmo assunto.

—Eles não podem identificar aos indicados e tampouco atravessar um portal para tirá-los dali.

—Nós tampouco. Em caso de que não o tenhas notado, somos um manjar seletos para eles e não quero acabar como Fang, atirado em uma cama, em coma... ou pior ainda, morto.

—Então volte para casa, Dev.

—*Volte para casa, Dev* —se burlou—. Como se *Maman* não fora a me esfolar vivo se te deixar aqui e retornas para casa em coma. Tudo volta para “não quero morrer” que estou tratando arduamente de evitar.

—Então me deixe em paz, ou eu mesma te porei em coma.

Wynter suspirou.

—Sempre discutem assim?

—Sim —responderam ao unísono.

—Mas é ela quem sempre começa.

Wynter pôs os olhos em branco e fez um som de desgosto supremo.

—Obrigada Thorn. Isto era o que me faltava e vou te fazer pagar por isso.

—**F**ang?

Fang abriu os olhos para encontrar Aimee inclinada sobre ele. Ao vê-la inteira e ilesa o alívio o inundou. De algum jeito, Thorn tinha conseguido cumprir sua promessa.

—Olá.

Deu-lhe de presente um sorriso que irradiou por cada parte do corpo de Fang e quando falou, seu tom era suave e zombador. Mais que qualquer outra coisa, o fez sentir quase normal outra vez.

—Pareces muito melhor que em nosso último encontro. Talvez deva te deixar aqui depois de tudo.

Ele riu, embora a só idéia o deixava horrorizado.

—Preferiria que não o fizeras. Mas tampouco quero te ver machucada. Antes de vê-lo, prefiro ficar aqui e que tu estejas a salvo.

Ela lhe tomou a mão. A cálida ternura desse toque se esparramou por todo seu ser. Seu corpo doía para prová-la de verdade.

Oh, ter um minuto no reino humano....

—Apanhamos a três esta noite.

Fang assentiu.

—Eu sei. É por isso que minhas feridas sararam tão rapidamente —também por isso, estava muito mais forte—. Obrigado.

Aimee o beijou na mão.

—De nada. Dentro de pouco lhe teremos de volta. Prometo-o.

Por Deus que assim o esperava. Era duro estar ali, dia pós dia. Sentia-se sozinho e tão afastado da realidade. Mas ao menos ela estava aqui, com ele, e esse era um simples consolo que nunca poderia pagar.

—Como está Vane?

—Não estamos muito inteirados. Está ficando com um dos Dark-Hunters, durante estes dias, para proteger a sua companheira.

—Com qual?

—Valerius.

Fang amaldiçoou ao ouvir o nome. Se esse bastardo tivesse cumprido com seu trabalho no pântano, Anya ainda estaria com vida. Por que, no nome do Olimpo, Vane foi a ele depois daquilo?

—O romano?

Aimee fez uma careta e assentiu.

—Sinto muito, Fang. Não acreditei que fora a te incomodar.

Mas lhe incomodava. Não só porque Valerius não foi capaz de ajudá-los a proteger a Anya, mas sim porque Fang não estava ali para ajudar Vane quando seu irmão mais o necessitava.

—Sabes quem de nossa manada o estão caçando?

—Stefan é o único ao qual vimos. Veio ao Santuário um par de vezes, sem dúvida para tratar de te achar.

Fang amaldiçoou.

—Tenho que sair daqui. Vane não pode enfrentá-los sozinho.

—Não está sozinho.

Fang ficou gelado pela inesperada contradição.

—O que queres dizer?

—Fury está com ele.

—Fury? —a indignação o deixou sem fôlego. Obviamente Vane tinha perdido alguns parafusos desde que Fang tinha caído ferido. Em que diabos estava pensando seu irmão?—. Esse desgraçado. O que está fazendo Vane com ele?

Aimee se distanciou ao dar-se conta do engano que tinha cometido. O que acontecia com ela, que cada vez que se aproximava de Fang, cometia uma gafe?

—Já teria que ir.

Ele se negou a lhe soltar a mão.

—Tu sabes algo —seu tom era pura acusação.

Ela estava duvidosa. Não era sua história.

—Fang, não me corresponde contá-lo.

—Me contar o que?

Aimee não podia fazê-lo. Era coisa de Vane. Ou de Fury. Mas não sua.

—Devo ir.

—Aimee —disse em um tomo agônico que a rasgava por dentro—. Por favor. Preciso saber que está ocorrendo com ele. É a única família que me resta. Não me deixes aqui sem sabê-lo.

Tinha razão. Isso seria mais cruel ainda, e ele já tinha sofrido suficiente.

Respirando profundamente, preparou a si mesma para sua reação.

—Fury é seu irmão.

Seu charmoso rosto perdeu toda a cor.

—O que?

Ela assentiu.

—É verdade. Assim mesmo como Vane, mudou de forma na puberdade e se converteu em Katagaria. Assim como teu pai fez convosco, tua mãe chamou a sua *tesera* contra ele e o golpearam, deixando-o por morto. Agora está trabalhando com Vane contra eles para proteger a Bride, a companheira de Vane.

Fang sacudiu a cabeça, incrédulo. Mas foi a tortura em seus olhos escuros o que a fez pedaços. Odiava ser a causador de mais dor.

—Fury é meu irmão? Aff, o que segue? Mamãe Lo terminará sendo uma irmã perdida de tempos?

Ela pôs os olhos em branco.

—Isso já é exagerar.

Voltando-se para recostar na cama, tampou os olhos com a mão.

—Sinto-me doente.

Aimee o golpeou, brincando, no estômago.

—Oh, basta de dramatismo, Fang. Tens outro irmão. Deverias estar agradecido.

A maneira em que ela o golpeou o deixou assombrado. Qualquer outro teria perdido o braço. Mas seu tom carinhoso conseguiu acalmar a raiva e a sensação de traição.

—E se fosse eu quem te dissesse isso?

—Em caso de que não o tenhas notado, meu copo está transbordando de irmãos. Mas tu... deverias estar contente de ter mais família.

Possivelmente.

—Sim, mas é Fury. A última criatura na terra com a qual queria estar aparentado.

Não suportava a esse filho de puta.

Aimee riu ante o tom que usou.

—Todos temos um Remi na família. Confronte-o, chorão.

O apelativo o deixou com a boca aberta. Ninguém tinha se atrevido a insultá-lo, jamais. Nem sequer Vane.

—Chorão?

Ela assentiu.

—Se a carapuça te serve...

Ele se lançou para lhe fazer cócegas.

Aimee gritou e tratou de escapar, mas Fang a derrubou na cama e a sustentou debaixo dele. Retorceu-se, brincalhona, com seus olhos dançando divertidos, ao lhe devolver cosquinha por cosquinha.

Fang ficou paralisado ao compreender o que estava acontecendo. Estava preso no inferno e Aimee o estava fazendo rir...

Ficando sério, olhou esses olhos celestiais que deixavam marcas em seu coração. Essa covinha tentadora que infestava seus sonhos. Como podia lhe fazer sentir dessa maneira? Sua vida inteira parecia pedaços, entretanto ela o fazia rir. O fazia esquecer que estava preso num reino com demônios que lhe torturavam a cada oportunidade. Esquecer que tinha vendido sua alma para mantê-la a salvo.

Como era possível?

O olhar no atraente rosto de Fang fez estremecer a Aimee. O cabelo lhe caía sobre os olhos, enquanto a observava com uma expressão abrasadora e mortífera de uma vez.

No que estaria pensando?

Então, lentamente, aproximou seus lábios até os dela, que gemeu ao sentir seu sabor, ao tempo em que o rodeava com os braços para aproximá-lo mais. Fechou os olhos assim que inalou a escura essência de sua pele e deixou sua língua dançar com a dele.

Isto estava tão mal. Não tinha nada a fazer aqui. Com ele. Ainda assim, não podia imaginar nenhum outro lugar no qual queria estar mais que aqui.

Não é real.

Era um sonho. Só estava ali em espírito. Isso contava?

Talvez.

A contra gosto se afastou.

—Devo ir Fang.

—Eu sei—lhe cheirou o pescoço, lhe provocando mais calafrios ao lhe fazer cócegas com a barba.

Essas palavras lhe romperam o coração. Seguiu triste por sua irmã e estava perdido neste mundo de trevas, sem ninguém em quem confiar.

—Tome —disse, tirando o relicário que sempre levava e pendurando-lhe redor do pescoço.

Fang franziu o cenho ao ver o relicário com forma de coração, gravado com trepadeiras que se entrelaçavam e formavam redemoinhos em torno a uma caveira. Não tinha nada de masculino. Devia estar horrorizado de tê-lo ao pescoço.

Mas não o estava.

Aimee pôs sua mão sobre a de Fang, que sujeitava o relicário.

—Estou a um só grito de distância, se me necessitares.

Necessito-te agora mesmo...

Mas não pôde obrigar-se a dizer essas palavras em voz alta. Em seu lugar, aproximou-se para sentir seu cheiro de lilás uma vez mais.

—Cuida-te.

—Tu também.

E com isso, desapareceu. Quase foi suficiente para fazê-lo chorar. Pelo menos seu aroma permanecia em sua pele, como um sussurro fantasmal. Se tão somente pudesse conservar também seu calor.

Suspirando, tirou-se o pingente e o abriu. Em seu interior guardava a imagem dela de filhotinho, junto a dois homens que nunca tinha visto antes. Tinham ao pequeno urso negro entre seus braços e sorriam orgulhosos. Estes deviam ser seus irmãos mortos e o fizeram pensar em Anya. Sentia como se uma faca se retorcesse profundamente em suas vísceras.

A dor seguia a flor de pele. Pior ainda, nunca desapareceria. Sentiria falta da sua irmã durante o resto de sua vida.

Passando um dedo sobre a imagem, descobriu um poema também guardado dentro.

Onde eu esteja, sempre estarão. Vossa imagem vive em meu coração.

As palavras o comoveram, afogando-o com uma corrente de emoções que lhe nublaram os olhos. Piscando rapidamente, amaldiçoou a sensação. Era um guerreiro. Um lobo com L maiúsculo. Não era nenhuma anciã que chora com os comerciais do Hallmark.

Entretanto, uma pequena ursa o fazia sentir como nunca antes.
Como um ser humano.

Mais concretamente, o fazia sentir querido.

Que estupidez era essa? Seu irmão e sua irmã sempre o tinham amado... Talvez Vane não o amasse justo agora, que não era de nenhuma utilidade no reino humano, mas Vane e Anya sempre tinham sido seu refúgio. Eles o amavam e ele amava a eles.

Mas o que sentia por Aimee...

Não é correto, lobo. Não deverias pensar sequer nela.

Onde eu esteja, sempre estarão. Vossa imagem vive em meu coração.

Era exatamente o que sentia por ela.

Fechando o relicário, beijou-o brandamente e o pôs de volta sobre seu pescoço. Sim, era o suficientemente efeminado para fazê-lo vomitar. Mas era de Aimee e ela obviamente o entesourava.

Assim que ele também o faria até devolver-lhe quando retornasse ao seu mundo.

Agora não podia dormir nada. Insônia assegurada. Era a primeira vez em meses que se sentia o suficientemente a salvo para fazer algo mais que tomar sestas de combate, à espera de ser atacado. E se não alcançava com isso, além disso, tinha uma ereção infernal. Dolorosa e demandante.

Golpeando a cabeça contra a cama, grunhiu. *Sim, estou no inferno.* Mas ao menos não tinha fome e não estava brigando com os demônios. A isso adicionemos que estava mais forte.

Quase inteiro.

Logo voltaria a ser ele mesmo e ao mundo ao qual pertencia, e todo este tempo ficaria para trás.

Isso esperava.

—**N**ão falas a sério sobre recrutar a esse lobo, verdade?

Thorn não se incomodou em voltar-se ao ouvir a voz de Misery saindo de entre as sombras por trás dele. Tomou a grandes goles o vinho de seu enorme copo enquanto seguia olhando fixamente para o fogo, que lhe recordava tanto ao lar que nunca quis reclamar.

—Há alguma razão significativa pela qual vens a me chatear?

Ela se situou por trás de sua cadeira. Apoiando um braço ao redor do respaldo e inclinando o quadril, baixou o olhar, vagamente, para ele.

—Quero saber por que enviou aos seus valentões atrás de nós.

—Vós quebrantastes a lei.

Misery lançou um som de desgosto antes de acomodar-se ela mesma no colo de Thorn, que quase nem pôde conter-se para não atirá-la ao chão.

Acariciando-o na bochecha com uma de suas unhas, sorriu-lhe, coquete.

—Não estás pensando seriamente em ir até lá, verdade? Venha ao lado escuro comigo, amor. Sabes que o desejas.

Sim, queria-o. Sentia a atração constantemente e seu pai continuava lhe enviando demônios, como Misery, para dobrá-lo de todo.

Mas ele se recusava.

Havia feito uma promessa e pela pequena parte dele que era decente, não seria tentado. Fazendo uso de seus poderes se transportou fora da cadeira para ir se colocar de pé junto ao fogo, deixando Misery esparramada no chão.

—*Vade retro*, Misery. Não estou de humor para lutar contigo.

Esta ficou de pé e anunciou:

—Está bem. Mas pensa nisto... estripamos ao seu anterior soldado instalado em Nova Orleans. Só espera para ver o que temos planejado para seu lobo.

CAPÍTULO 16

Cada dia parecia eterno enquanto Fang treinava para lutar contra demônios em forma humana e amaldiçoava aos Daimons que continuavam vivendo. Ao menos Aimee era capaz de instruí-lo rapidamente a respeito do que estava passando fora no mundo real, mas estava cansado de estar preso aqui. Estava cansado do fedor de demônio.

Sobretudo, estava cansado de estar sozinho. Aimee era o único contato que tinha com o mundo que tinha deixado para trás. Essa era a parte mais difícil. Por que Vane não teria falado com ele? Era Fury muito melhor irmão que ele para que Vane já nem sequer o recordava?

Era um pensamento estúpido. Sabia e entretanto persistia. Provavelmente porque se sentia traído e abandonado por seu irmão. Como pôde Vane simplesmente descartá-lo como a um sonho e não escutá-lo?

Como pôde não ajudá-lo quando mais o necessitava?

—Ei, lobo... aqui há algo que acredito que precisas ver.

Fang se deteve enquanto Thorn ingressava na sala onde tinha estado treinado. Tomou o bastão da mão de Fang enquanto as imagens começaram a piscar nas paredes ao seu redor.

Inseguro a respeito do que esperar, Fang observou como as imagens se voltavam nítidas e viu Aimee Peltier em um clube que estava em construção. Havia escadas e baldes de pintura em toda parte, assim como também serrotes e ferramentas. Mas o peculiar era o fato de que se encontrava rodeada de demônios Carontes enquanto o mais novo de seus irmãos, Kyle, estava ao seu lado.

Um alto Caronte de cabelo escuro com pele azul salpicada sacudiu a cabeça enquanto o som os alcançava.

—Aqui não há nenhum de nós o suficientemente idiota para fazer isso.

Aimee o deslumbrou com um doce sorriso.

—Vamos, Xedrix... certamente alguém deve se sentir nostálgico?

Ele soprou.

—Conheceste realmente alguma vez à Destruidora? —Seu tom era azedo e frio—. Sabes, houve uma época, admito que foi antes que se registrasse a história, mas houve um tempo durante o qual foi como uma segunda mãe para mim. Mas então os humanos

tiveram que massacrar ao seu único filho e desde o dia em que foi ressuscitado e ela foi enviada de volta ao seu buraco, esteve um pouquinho resmungona e tive que sofrer um perpétuo SPM durante onze mil anos. Não te ofendas, mas não há suficiente cerveja, carne ou *beignets* no mundo que me façam voltar ali.

Os demônios ao redor dele lançaram aclamações de conformidade.

Aimee suspirou.

—Tenho que entrar no Kalosis.

Xedrix lhe soltou uma apática careta desdenhosa.

—Vá comer um Daimon.

Kyle riu.

—Isso não a seduzirá desde que tendem a converter-se em pó quando morrem e a tortura tampouco funciona. Tentamos nessa última noite. Os pequenos pegajosos são altamente pouco cooperativos.

—E nós também.

Xedrix tomou um martelo para assim poder retornar ao trabalho.

Aimee lhe lançou um olhar zangado a Kyle que fez Fang querer abraçá-la.

Kyle fez uma careta, então se colocou frente aos demônios para cortar seu caminho.

—Xed, vamos. Fiz muito por vós, meninos. Não poderiam ajudar a um irmão? Um demônio que nos leve e nos tire dali. Ninguém tem que sabê-lo.

Xedrix lançou o martelo de volta à caixa de ferramentas. Olhou para Aimee.

—Por que é tão importante para ti?

—Fang me salvou a vida. Quero lhe devolver o favor.

Xedrix se mofou.

—Bobagens. As pessoas, e especialmente os Were-Hunters, não são assim altruístas. Acredite-me. Estive ao redor deste desde o amanhecer dos tempos. Vós, pequenos bastardos, são egoístas até o final. Me dê uma razão para ser suicida.

Aimee lhe jogou uma olhada envergonhada a Kyle antes de responder.

—Ele é importante para mim.

—E as partes de meu corpo são extremamente importantes para mim.

Thorn se voltou para olhar a Fang enquanto as imagens cintilavam ao seu redor.

—Tua ursinha pensa espantosamente muito em ti, não é assim?

Fang não respondeu. Estava muito surpreso pelo que ela estava tratando de fazer em seu nome.

—Por favor, Xedrix —Aimee suplicou—. Perdi suficientes pessoas que importaram em minha vida. Não quero perder a outra. Fang é um bom lobo e não posso deixá-lo como está. Só temos que assassinar um Daimon a mais para libertá-lo. Pela primeira vez posso salvar a alguém que me importa. Não poderia viver comigo mesma sabendo que falhei estando assim tão perto da meta.

Uma fêmea demônio deu um passo a frente e dirigiu a Xedrix um olhar de recriminação.

—Olhe a pobre urso. Ama-o... como podes dizer que não a isso? —A demônio sacudiu a cabeça, logo olhou a Aimee—. Eu te levarei.

Xedrix levantou a mão.

—Não, não o farás. Não arriscarei a nenhum de vós. Têm sua liberdade, assim desfrutem dela. Apollymi será clemente por minha deserção, o que só significa que me

assassinará rápido em vez de me torturar primeiro —suspirou pesadamente—. Eu os levarei.

Os demônios fizeram ruídos de protesto.

—És nosso líder —soltou um dos homens.

—Sim, cara de bunda, esse sou eu.

Xedrix tomou a toalha que estava sobre seu ombro e a deu ao macho que tinha falado.

—Desfrutem do bar, caras. Recordem o que disse Kyle. Só vos coma aos turistas. Ninguém os sentirá falta deles.

Transformou-se em sua verdadeira forma de demônio, completo com seus chifres e asas negras. Suas roupas se desintegraram em uma tanga.

Encontrou o olhar de Aimee e seus olhos brilharam com um amarelo sinistro.

—Me siga.

Aimee puxou-o até detê-lo.

—Obrigada, Xedrix. De verdade o aprecio.

—De verdade eu gostaria de poder dizer o mesmo. Malditos ursos, fazendo assassinar aos demônios. O que lhes tenho feito?

Kyle deixou escapar uma risada um pouco nervosa.

—Bom, trataste de me comer.

Xedrix se mofou.

—Homem, Kyle. Só foi uma pequena dentada.

—E se infeccionou. Essa dentada doeu durante um mês.

Aimee riu.

—Agradeça de que não se converteu em raiva ou algo pior.

Xedrix arqueou uma sobrancelha ante o comentário.

—Sabe, ursa, poderias esperar pelos insultos até depois que te leve e te traga. Não é muito tarde ainda para que meu sentido comum prevaleça.

Aimee desprezou seu comentário.

—O sentido comum está seriamente sobrestimado. És um demônio. Pensei que seu lema era “Mutile até ser vencedor.”

—Não, nosso lema é “Tudo tem gosto melhor com molho picante”.

—Então menos mal que escaparam para o país Cajun aonde temos molho picante em cada esquina.

Xedrix exibiu um sorriso dentuço.

—Me acredite, a beleza disso não nos escapou —suas feições se tornaram sérias, levou-os para o beco atrás do clube e elevou o braço—. De verdade, espero que Apollymi esteja dormindo agora mesmo... —os atravessou com um olhar ameaçador—. Protejam os olhos.

Fizeram-no e um instante depois uma luz branca brilhante inundou o beco.

Aimee fez uma careta de dor. Inclusive com os olhos protegidos, era terrível e cegador. Finalmente, a luz desapareceu. Baixou a mão para ver um círculo negro abatendo-se sobre o beco.

Xedrix sorriu malignamente.

—Bem-vindos ao inferno *bolt-hole*¹⁰. A única coisa boa é que não saltaremos no hall central dos Daimons aos pés de Stryker. Os Caronte têm uma entrada à parte —lhes deu um olhar duro—. Escutem-me e façam o que os diga ou na verdade federá ser vocês. Entraremos em domínio Caronte e devem estar famintos.

Aimee assentiu.

—Estamos justo atrás de ti.

—A alegria de minha vida —disse, com seu tom destilando sarcasmo.

Xedrix entrou em primeiro lugar, lentamente. Guiou-os até um sombrio beco. Elevando o braço, manifestou uma tocha enquanto continuava passando as portas onde puderam ouvir o som dos demônios falando.

—Como parecia esse Daimon?

Kyle respondeu antes que ela tivesse oportunidade de falar.

—É alto e loiro.

Xedrix o olhou com chateio.

—Bom, isso o reduz a cada Daimon aqui exceto Stryker. Quanto poderia ser isso? Vários milhares deles? Poderias ser um pouco mais específico e se me dizes que estava vestido de negro, assassinar-te-ei eu mesmo e me economizarei a agonia da morte.

Aimee sacudiu a cabeça.

—É um pequeno demônio carrancudo.

—Deverias conhecer minha ama. É uma verdadeira jóia.

Então sem aviso, colocou as mãos em sua cabeça e fechou os olhos.

Aimee franziu o cenho enquanto as imagens se derramavam através de sua mente como se ele estivesse escaneando suas lembranças ao usar um botão de avanço rápido. Fez-a enjoar-se e atordoar-se.

Depois de um momento, afastou-se.

—Cadmon... Sei onde está esse covarde.

Kyle pareceu impressionado.

—Assim podes sugar os pensamentos?

Xedrix fez uma careta.

—Prefiro sugar tripas, mas os pensamentos têm suas vantagens de vez em quando. Agora lhes sugiro que fiquem em silêncio. Só sou um demônio entre muitos aqui e enquanto eu... bom, realmente não me importa se vivem ou morrem, mas a vós sim, e desde que necessitamos de Kyle para terminar o clube... *sep*, têm que viver, assim me sigam em silêncio.

Aimee se manteve justo atrás dele através dos ziguezagueantes corredores e becos do Kalosis. Deteve-se ante a vista do imenso palácio na longínqua colina. Reluzia como o mármore polido contra o fundo e o céu escuros. Sinistro e inspirador, tinha que admirar sua beleza.

—Me deixe adivinhar —sussurrou—. A residência do Apollymi?

Xedrix assentiu. Pondo um dedo sobre seus lábios, sacudiu o queixo para o pequeno edifício ao outro lado da rua.

¹⁰ O refúgio - um buraco pelo qual um animal pode disparar quando perseguido na sua toca ou toca. Um caminho de fuga, um lugar de ocultação, exclusão, etc.

—Não posso ser visto aqui por ninguém —sussurrou—, ou Apollymi exigirá minha volta e morte. Vós dois tereis que entrar e encontrá-lo.

—Como sabes que está aí dentro?

Colocou a mão na dela e viu uma perfeita imagem de Cadmon dormindo na cama com uma mulher.

—Obrigada.

Ele inclinou a cabeça para ela.

—Boa sorte.

Aimee duvidou.

—Kyle, quero que fique aqui com Xedrix.

—Mas...

—Sem mas. Ainda és novo com teus poderes e isto é sério. Fique aqui e faz que não os vejam.

Ele assentiu.

Aimee se deslizou através das sombras, assegurando-se de evitar algo que pudesse expô-la. Seus nervos estavam completamente crispados e fez o possível para não ter medo. Sabia que era mais poderosa e forte, mas nunca antes tinha tido que brigar sozinha. Embora estava segura de si mesma, não era arrogante. Era um lugar perigoso e não tinha idéia da extensão dos poderes de Cadmon.

Mantenha teus pensamentos em Fang...

Isso ajudou. Entreabriu a porta, agradecida de que não estivesse debaixo de chave, e se deslizou dentro da pequena casa. Estava tudo tão calado que sua mente encheu o silêncio com o tamborilar de seu coração.

Estás a ponto de massacrar a um homem adormecido.

Vacilou ante aquele pensamento. Todos os outros Daimons a tinham atacado, mas esse...

Estava dormindo em casa.

Aimee duvidou até que este pensamento a cobriu. Como poderia fazê-lo?

Matou a centenas de pessoas para viver. Não era inocente por nenhum motivo.

Tinha atacado a Fang quando este tinha estado amarrado e indefeso. Impotente. Mas tudo isso empalideceu ante sua consciência. Isto era assassinato. Não era em defesa própria. Não era justiça.

Assassinato.

Apertou a estaca na mão. *É muito tarde para ser uma galinha. Vê e acabe com ele.*

Como poderia?

Dando um passo para trás, chocou-se contra uma cadeira fazendo o mais ligeiro e sussurrante arranhão no chão. Seu coração se deteve.

Ainda assim, não se ouviu nenhum som.

Graças aos Deuses, não tinha despertado a ninguém.

Aimee girou só para encontrar a Daimon atrás dela. Seus olhos se viam escuros e famintos enquanto arrastava um olhar encantado sobre seu corpo.

—Bom, bom, que saboroso petisco és. Desde que não ordenei nenhuma entrega, longe estaria de mim o rechaçar tal atento presente.

Aimee lhe deu uma dura joelhada na virilha. Enquanto se dobrava, apunhalou-o nas costas, mas saída de nenhuma parte, uma fêmea Daimon a agarrou e a estampou contra a

parede.

Aturdida, voltou-se a brigar só para encontrar-se com outros três Daimons.

—O que é isto? Uma orgia?

Eles atacaram.

Aimee evitou ao primeiro, e se dirigiu para o mais importante. Cadmon. Que retinha a alma de Fang. Era ao que principalmente tinha que matar. Os outros eram simples alvos de prática.

A fêmea a enviou de um chute ao chão. Aimee atirou a Daimon sobre seu corpo, logo rodou até ficar de pé. Um dos homens a sacudiu. Deu-lhe um duro murro no rosto, a mão lhe vibrou em protesto.

Girando, apontou ao alvo e estampou o punho em seu peito.

Funcionou. A estaca entrou e ele estalou em um pó dourado.

Mas antes que tivesse canído, os outros a rodearam. Aimee gritou ao tempo em que a fêmea afundava as presas em seu braço...

Fang cambaleou para trás enquanto sentia o último pedaço de si mesmo voltar para casa, ao seu corpo. Pela primeira vez em meses, realmente respirou profundamente.

Thorn sorriu perversamente.

—Bem-vindo de volta, lobo.

Mas não havia tornado ainda e tampouco Aimee. Ainda estava preso nesse inferno.

—Posso ir com ela?

Thorn fez uma careta.

—É um pouco complicado. Rompe uns quantos tratados te enviar a um reino que tecnicamente não controlamos.

Fang se sentiu presa do pânico enquanto observava a cena na parede. Aimee estava perdendo.

Gravemente.

—Vão matá-la, Thorn —então Fang fez a única coisa que nunca tinha feito em toda sua vida. Rogou—. Por favor.

Thorn estendeu a mão para a parede onde as imagens apareciam.

—O portal está aberto. Mais vale que saias correndo.

Fang não vacilou. Correu para as imagens, meio esperando colidir contra a parede e romper os membros ou o pescoço.

Não o fez.

Em troca, encontrou a si mesmo no quarto com Aimee e os Daimons. Tomou a que tinha as presas ainda enterradas na carne do Aimee e puxou sua cabeça. Manifestando uma adaga, apunhalou-a diretamente no peito e deixou ao pó cair sobre ele.

Aimee se moveu para matar ao recém-chegado até que seu olhar se enfocou em seu rosto. A incredulidade a encheu.

—Fang?

Ele manifestou outra adaga e colocou a si mesmo entre ela e os Daimons. Apunhalou um e chutou outro de volta.

—Saia daqui. Agora.

—Não sem ti.

Fang não podia acreditar enquanto ela se posicionava atrás dele, seus ombros pressionados contra os seus.

—Aimee, me escute. Estamos em zona zero para os Daimons, aqui não há forma de que possamos vencer a todos. Preciso que saias daqui e me despertes. Então ambos estaremos a salvo. Agora vá.

Aimee odiou esse plano. Mas tinha razão. Não podiam brigar contra cada Daimon Spathi que havia ali e se a Destruidora os apanhava...

Como Xedrix disse, cheiraria mal ser eles.

—Não te atrevas a morrer, Fang.

Correu pela porta e se dirigiu para onde tinha deixado Kyle e Xedrix.

—Me leve para casa, agora.

Xedrix os teletransportou imediatamente.

Aimee franziu o cenho enquanto se dava conta que estava de volta em seu clube e não no deles.

—Referia-me ao Santuário, Xed. Maldição!

Grunhindo, cintilou-se de volta ao quarto de Fang.

Aí estava deitado, quieto e imóvel.

Seu coração palpitou com terror e culpa por havê-lo deixado sozinho enfrentando aos Spathi. Estaria ainda vivo?

—Por favor, não deixes que esses Daimons te apanhem de novo.

Não sabia se poderia caçá-los outra vez.

Aterrorizada, correu para a cama e sacudiu seu corpo para levantá-lo.

—Fang?

Não respondeu. Como antes, estava inerte e frio.

As lágrimas encheram seus olhos enquanto as emoções a estrangulavam.

—Maldito sejas, lobo! Não te atrevas a me fazer isto. Mais vale que te levantes. Agora! Escuta-me? Fang? Fang!

Então o sentiu. Era como uma faísca de eletricidade sacudindo-o enquanto se estremecia fortemente entre seus braços. Um momento sustentava um lobo e no seguinte, era um homem nu olhando-a com um confuso assombro.

Uma lágrima se deslizou por sua bochecha ante a visão dele vivo e completo.

—Fang?

Fang olhou ao redor do escuro quarto sem acreditar que estivesse realmente de volta e que não fora outro sonho que pudesse tornar em um pesadelo. A essência de Aimee o ancorou e lhe manteve na terra. Embalou sua cabeça entre suas mãos e soube que tudo havia valido a pena.

—Retornei...

Ela o abraçou e riu.

—Estava aterrorizada de que te tivessem apanhado de novo.

Sua risada se uniu a dela enquanto se afastava para lhe mostrar a sangrenta ferida em seu braço.

—Tentaram-no —então a observou—. Não te machucou, ou sim?

—Não realmente. Só uma mordida, mas não é tão profunda. É só que não posso acreditar que estejas aqui de novo —sustentou suas mãos a cada lado de seu rosto e lhe

sorriu—. Colega, necessitas de uma barbeada e um corte de cabelo.

Fang riu.

—*Sip*, posso imaginá-lo.

Seus olhos dançaram peraltas e cheios de lágrimas.

—Sabes o que isso significa, não?

—Que preciso de um banho mais do que preciso de uma barbeada?

Seu sorriso se alargou enquanto tirava sarro dele.

—Bom, sim, isso também. Mas não. Estás em dívida comigo. Uma grande.

—Serei teu eterno escravo. Sempre —apoiou a testa contra a sua—. Obrigado, Aimee.

Essas palavras pareciam tão miseráveis comparadas com a autentica gratidão que sentia.

Tinha-o salvado de um inimaginável inferno. Sem ela, jamais poderia ter escapado...

—De nada.

Beijou-lhe a testa antes de deitar-se de novo na cama e puxar a ponta do edredom sobre seu regaço.

—Sinto-me como se tivesse sido atropelado por um caminhão.

—Bom, estivemos tratando de mover teus membros enquanto eras um lobo, mas em ocasiões estavas tão duro que não podíamos.

Fang tratou de não pensar nisso. Provavelmente tinha sido quando estava sendo atacado por Misery e sua equipe. Mas tudo isso era passado. Estava de volta no lugar ao qual pertencia.

Aimee lhe afastou o cabelo do rosto.

—Estás faminto?

—Esfomeado.

—Te trarei algo para comer e voltarei logo.

Tomou sua mão quando começava a afastar-se. A calidez de sua pele o apanhou com a guarda baixa. No outro reino, sentia-se diferente. Agora sentia o verdadeiro calor e a suavidade de seu corpo.

—Fica comigo um pouquinho mais.

Tinha estado só durante tanto tempo que não queria voltar a estar nesse momento. Tinha medo de que se o estava, de algum jeito o levariam de volta para esse reino infernal.

Aimee ouviu a necessidade em sua voz.

—Chamarei Dev para que te traga algo.

Ajudou-lhe a meter-se debaixo das mantas enquanto usava seus poderes para pedir a Dev que trouxesse comida e água.

Fang deitou de lado, quieto e silencioso. Tinha o braço metido debaixo da cabeça enquanto seus olhos dançavam ao redor do quarto como se, se não olhasse a todas as sombras, cobriam vida e o atacariam.

E ainda assim, se convenceu para lhe parecer encantador. Inclusive com o cabelo emaranhado e a barba descuidada. Embora seu corpo fora muito mais magro, ainda enviava uma sacudida de desejo através dela.

—No que estás pensando?

Esses olhos escuros encontraram os dela e a enfeitiçaram. Também lhe tiraram o fôlego.

—No agradecido que estou de que não te rendetas.

Tomou sua mão na dela e a apertou brandamente.

—Os lobos não são os únicos que são leais, sabe? Nós os ursos temos uma boa reputação nesse departamento também.

Dev bateu na porta ligeiramente antes de abri-la. Ficou com a boca aberta quando viu Fang acordado.

—Santa merda. O lobo vive.

Aimee se ergueu para tomar a bandeja de suas mãos e colocá-la sobre a penteadeira.

—Por que achas que pedi caldo?

—Pensei que tinhas sofrido uma lesão na cabeça ou algo.

Ela rodou os olhos.

Dev fechou a porta e avançou até estar ao lado da cama de Fang.

—Assim que quando recuperaste a última?

—Há alguns minutos.

Seu olhar se endureceu.

—Sozinha?

—Não. Kyle estava comigo.

Isso não ajudou com seu olhar absolutamente. De fato, intensificou-a.

—Maldita sejam, Aimee. Arriscou ao filhote?

—Não é somente um filhote.

—Tens razão. Ele é um passageiro que há caído do mini-ônibus. Maldição, Aimee, de todas as pessoas que podias levar contigo em uma briga...

—Dev! —Interrompeu-o, seu próprio aborrecimento acendendo-se. Não estava de humor para sua reprimenda.

Ele sacudiu a cabeça.

—Conheces ao garoto. Não pensa a maior parte do tempo exatamente. É o pedreiro que deixou a metade das ferramentas na fábrica.

Irritada, apontou para a porta.

—Vá embora.

Quando se recusou a fazer o que lhe disse, empurrou-o através da porta, logo a fechou de uma portada em sua cara.

—Isso foi de verdade muito grosseiro, irmã —gritou do corredor—. Realmente feriu meus delicados sentimentos —sua voz soou como a de um menino.

—Não tens sentimentos, Devereaux. Esse ônibus te ultrapassou faz muito tempo.

—Oh, sim. Esqueci-o. Bem. Que assim seja. Tenho coisas mais importantes a fazer de qualquer forma. Tenho um padraço que necessita de minha atenção.

Aimee pôs novamente os olhos em branco enquanto tomava o caldo da bandeja para Fang, que tinha estado extraordinariamente silencioso durante sua discussão.

—Sempre é assim?

Desejou poder dizer o contrário, mas não podia.

—Basicamente, sim.

Fang lhe tirou a tigela e sorveu dela como se fora uma taça.

—É incrível que não o tenhas assassinado.

—É-o, verdade?

Deteve-se como se desse conta do que estava fazendo. Lançou-lhe um olhar envergonhado.

—Supõe-se que tenho que usar algo para comer isto, não?

Essa pergunta a comoveu profundamente. Que pudesse estar preocupado a respeito de ofendê-la depois de tudo o que tinha acontecido. Era inesperado e isso a reconfortou.

—Não te preocupes. Sei que estás morto de fome.

Fang assentiu. Estava certa. Seu estômago lhe doía tanto que foi tudo o que pôde fazer para não atacar. Terminou a sopa rapidamente e logo trocou a terrina pelo copo com água.

—Sabes, de verdade poderia devorar um filé agora mesmo.

—Seu corpo não está habituado à comida real. Carson te manteve com intravenosas e te alimentamos manualmente com líquidos todo este tempo. Não quero que adoeças por comer algo sólido antes que fale com ele.

Fang olhou para baixo e se deu conta de quão magro estava.

—Maldição. Estou da metade de meu tamanho.

—Não de todo, mas levará tempo sarar.

De todas as formas, estremeceu-se. Não gostava de ver-se assim. Sobretudo não gostava desse débil sentimento. Era um lutador, não um inválido.

—Necessito de um banho.

—Podes te levantar?

A pergunta o ofendeu gravemente.

—Não estou indefeso.

—Oh, olhe! —Aimee exclamou em um exagerado falsete—. O Senhor Macho está de volta em toda sua glória. Olá, Senhor Macho, não é estupendo lhe ver novamente. Mas sabe, Senhor Macho, que estive acamado até o ponto de que suas pernas não estão acostumadas a suportar seu peso e não é precisamente humano. Assim se quer se levantar e e cair, os Deuses proibam que faça qualquer coisa para detê-lo. Depois de tudo, vivo para Os Vídeos Mais Divertidos da América. Deveria ir procurar a câmara de vídeo agora?

Quis zangar-se com ela. Pelo menos ofender-se, e entretanto se encontrou estranhamente entretido.

—Te cale e me ajude a chegar ao banheiro.

—OK, mas poderia ser que querias pôr algumas roupas em cima antes que Maman, Papa ou Dev tenham uma apoplexia. Em segundo lugar, queremos que Dev tenha uma, mas por minha sorte serão só Maman ou Papa que nos vejam e isso não seria bom para nenhum de nós.

Sorrindo ante seu humor, vestiu a si mesmo com um par de jeans e uma camisa. E enquanto tratava de ficar de pé se deu conta de quanta razão tinha ela. Seus membros se sentiam como se caminhasse sobre talharins úmidos. Mas com sua ajuda, foi capaz de chegar ao banheiro e dentro da banheira. Dissolveu as roupas enquanto Aimee ligava a água e ajustava a temperatura.

—Deveria perguntar a respeito de quão cômoda estás comigo nu?

Tomou uma toalha e a colocou junto à banheira.

—Tenho muitos irmãos.

—Viu-os nus?

Colocou a mão na água para comprovar a temperatura.

—Os ursos se despem muito durante o dia e mais vezes das quais me importaram. Além disso, ajudo a Carson na clínica.

Cruzou os braços sobre a borda da alta banheira com patas em forma de garra e descansou o queixo sobre as mãos. Era uma pose adorável e o fez desejar ter a força para puxá-la ao interior da banheira com ele e aliviar a dor de sua entreperna.

—Se isto alivia teu ego, és um lobo muito atraente —lhe aproximou uma toalhinha e uma barra de sabão, logo lhe pôs um barbeador elétrico de barbear, espuma e um espelho no chão ao alcance de sua mão—. Entretanto, tenho que ir antes que Maman ou Papa casualmente me apanhem a sós contigo. Nenhum deles ficará feliz e passei por muito para te salvar a vida para que eles acabem com ela agora.

Fang realmente não queria estar sozinho de novo. Tinha passado muito tempo dessa maneira nos últimos meses, mas sabia que tinha razão. A última coisa que queria era colocá-la em problemas.

—Se me necessitas, chama.

Assentiu enquanto ela saía caminhando pela porta como uma pessoa normal. Mas não era normal e tampouco o era ele. Eram dois animais que não tinham nenhum assunto que os relacionasse um com o outro.

Suspirando, ensaboou a toalhinha e se dispôs a lavar-se para assim não ofender a suas próprias glândulas olfativas. Bah, Como pôde agüentar Aimee ao seu lado? Estava enojado de seu próprio cheiro.

Barbear-se foi um pouco mais difícil que se banhar. Nunca o tinha dominado muito bem em seu melhor dia.

Vaiando, encolheu-se ao tempo em que se cortava o queixo.

Aimee esteve aí imediatamente.

—O que ocorre?

Surpreso, franziu o cenho. Tinha-o estado escutando?

—Cortei-me.

Ela fez uma careta ante a visão do atoleiro de sangue. Sustentou um pedaço de papel e o cobriu.

—Deus, lobo. Não posso te deixar sozinho por três segundos?

—Nunca pude fazer esta mer... coisa bem.

Tirou-lhe a lâmina e a passou cuidadosamente sobre sua bochecha.

—Não é tão difícil.

Esperou até que afastou lâmina para limpá-la antes de falar.

—E novamente, pergunto-te como é que és tão boa barbeando homens.

Ela riu.

—Sou um urso e tenho muita mais área para barbear que tão só o rosto.

Arqueou uma sobrancelha ante o comentário, então inclinou a cabeça para olhar para suas pernas como se tratasse de imaginar como pareciam debaixo dos jeans.

—Sim, tens.

Aimee tomou seu queixo com a mão e o forçou a inclinar a cabeça para trás para assim poder barbear seu pescoço. Seu olhar se deslizou seguindo os músculos ondulantes até onde sua ereção era evidentemente visível sob a água. O calor cobriu suas bochechas. Embora podia estar cômoda com sua nudez, esse era outro assunto completamente distinto. E era algo que nunca tinha visto antes.

Desde que jamais havia sentido a aceleração, nunca tinha se emparelhado com um macho. Não é que fora ingênua e ignorante a respeito do que os machos e as fêmeas

faziam. Conhecia todos os matizes do sexo à medida que seus irmãos se haviam sentido livres de compartilhar os mais vergonhosos fatos de suas façanhas pré-maritais, mas...

Nunca as tinha experimentado por si mesma.

E até Fang, nunca se sentiu completamente curiosa a respeito do que estava perdendo. Mas agora não podia evitar perguntar-se como seria provar Fang. Como se sentiria dentro dela. Inclusive embora fora feroz, sabia que seria delicado. Carinhoso.

Forçando a voltar sua atenção de volta ao seu pescoço, admirou as perfeitas curvas que formavam a linha da mandíbula. Realmente era um homem bonito. Inclusive gasto e debilitado.

Te concentre, Aimee.

O problema era que estava concentrada. Só que não no que precisava estar concentrada.

Fang lambeu os lábios enquanto terminava de barbeá-lo. Tratou de manter as mãos sobre a parte rígida de si mesmo e rogou aos Deuses que ela não fora capaz de vê-lo. Mas era difícil e sentia uma dor insuportável ali.

Afastando-se, colocou o barbeador elétrico sobre o lavabo.

—Sei que não estás indefeso, mas necessitas que te ajude a te secar?

A simples oferta fez com que seu pênis se sacudisse com expectativa.

—Um, não, acredito que posso fazê-lo.

—Seguro?

Sentiu-se endurecer inclusive mais.

—Bastante. Sim.

—Está bem. Podes usar teus poderes para te levar de volta à cama enquanto apresso a limpar aqui dentro?

E mantê-la afastada de ver quanto desejava prová-la?

—Absolutamente.

Ela franziu o cenho ante a palavra que tinha saído como um estranho chiado.

—Estás bem?

Fang se amaldiçoou silenciosamente.

—Bem.

Ou ao menos tão bem como um homem morrendo por intoxicação de testosterona poderia estar.

Dirigiu-lhe um olhar receoso.

—Não pareces estar bem. Pareces um pouquinho agitado.

—Estou absolutamente estupendo.

Cintilou fora daí tão rápido que esqueceu de secar-se.

Amaldiçoou-se enquanto se dava conta do desastre em que tinha convertido sua cama. Grunhindo a si mesmo, usou seus poderes para acomodar tudo em seu lugar antes de conjurar um par de calças de pijama de flanela. Mas não fizeram nada para ocultar sua ereção que agora formava uma sólida tenda em sua virilha.

A ponha fora de sua mente.

Sim, correto. Seu toque era como se marcasse seus sentidos com sua essência e não havia alívio à vista.

Me matem...

Suspirou e se obrigou a dar volta. Mas no momento em que o fez, sentiu uma

poderosa mudança no ar. Uma que só poderia anunciar a chegada de uma entidade extremamente poderosa.

Preparado para a batalha, agachou-se na cama para encontrar Thorn parado justo dentro da porta.

—O que estás fazendo aqui?

Thorn lhe obsequiou um olhar penetrante.

—É hora de que ganhe tua manutenção, lobo. Preparado?

CAPÍTULO 17

—**G**anhar o pão? —perguntou Fang muito lentamente, enunciando cada palavra com clareza, para assegurar-se de ter entendido bem a Thorn—. Ficaste completamente louco? Acabo de retornar e quase nem posso me manter em pé. O que queres que faça? Que sangue sobre eles?

Thorn riu.

—Soas saudável para mim.

Que diabos. O homem estava alucinando se acreditava, embora seja por um segundo, que Fang podia fazer algo mais do que estava fazendo justo agora. Estar sentado. Thorn se tinha fumado algo, sem dúvidas.

Voltando a recostar-se na cama o olhou seriamente.

—O que queres exatamente?

—Que acabem com o mau trato aos pequenos e esponjosos coelhinhos do pó¹¹. Mas isso não parece factível de momento, assim em vez disso quero que saibas que embora Xedrix e companhia podem ter ajudado a Aimee e a ti, não deixam de ser demônios que devem ser vigiados e executados se for necessário.

Sip, isso soava como algo que ia estar ansioso de fazer. Me marquem para... jamais.

—Se significam tanto problema, por que não os enviam de volta ao Kalosis?

Thorn parecia muito desiludido.

—Em realidade não estão sob minha jurisdição. Os demônios Caronte são de outra entidade e têm um panteão à parte ao qual respondem. Isso não quer dizer que façamos vista grossa com eles, mas enquanto tomem com calma, quer dizer, só comam aos corruptos e não aos cidadãos honrados, e seus deuses os mantenham sob controle, não nos preocupamos, muito, por eles.

Fazendo aparecer uma foto de 13x18, Thorn a entregou. Mostrava um homem de uns vinte anos cujo coração tinha sido arrancado do peito.

¹¹ Dust bunnies (no original): coelhinhos de pó, conhecidos por nós como bolinhas de pó e bola de poeira ou pêlo, que se acumulam nos cantos e debaixo dos móveis.

—Isto, por outro lado, é o que nos concerne. Mais pontualmente, a *mim* e por consequência a ti.

Embora era horrenda, era uma cena que Fang tinha visto em várias ocasiões desde sua chegada à Nova Orleans.

—Parece como um típico sacrifício vodu.

—Bom, me golpeie e me chame de Sally se não for um menino esperto. É parte de um ritual de chamada para um *Grand Laruae*.

Esse não era um termo que um were-lobo escutava todos os dias. De fato ele nunca o tinha escutado.

—Um o quê?

As feições de Thorn se mantiveram imperturbáveis.

—Um demônio sacana com complexo de superioridade, que poda os dentes com ossos de infantes. Mantenhamos simples e digamos que é um demônio que quero fora do reino humano o quanto antes.

—E por que não podes tu ir atrás dele?

Thorn pareceu profundamente perturbado por sua pergunta.

—É uma longa história, para uma dessas noites onde esteja bêbado como um gambá. No momento, a história mais curta e simplificada é: política, a qual me produz ardência no traseiro. Acredite-me, disto eu não gosto mais que a ti. De fato, nada eu gostaria mais que cravar o couro verrugoso desse bastardo à árvore mais próxima, preferivelmente um carvalho... mas não vamos por aí. Infelizmente, eu, em pessoa, não posso tocá-lo sem desatar uma guerra.

Com um movimento de queixo assinalou a foto.

—Phrixis eliminou alguns de meus melhores homens através dos séculos e daria nada menos que minha alma para tirá-lo de serviço de uma vez por todas.

Fang voltou a observar o rosto do rapaz na fotografia. Seus traços estavam desfigurados pelo medo. O pobre menino nunca teve oportunidade e isso acendeu sua própria ira. Algo que Fang nunca tinha podido suportar era a quem abusava dos mais fracos. Thorn tinha razão. Tinha que deter o imbecil.

Thorn o imobilizou com um olhar letal.

—Tu, meu pequeno *loup-garou*, é a melhor arma nesta batalha, posto que nem nossa perita em Vodu, nem Phrixis, ver-te-ão vir.

—O que acontece com a sacerdotisa? —Perguntou, já que Thorn tirou o assunto—. O que queres que faça com ela?

—Dessa me encarrego eu. Não há nenhum tratado no qual a ela concerne, assim tenho carta branca para fazer com ela o que queira. A rameira lamentará o dia que decidiu libertar Phrixis no mundo.

Fang arqueou as sobrancelhas, divertido. Essa era uma frase que não se ouvia todos os dias.

—”Lamentará o dia”?

Thorn deu de ombros.

—Sou o suficientemente velho para te fazer parecer como um embrião. Em ocasiões se nota. Tens vinte e quatro horas para encontrar Phrixis ou te enviarei de volta ao reino das trevas.

Essa ameaça, dita nesse tom, era como colocar sal na ferida. Fang lhe lançou um olhar

feroz.

—Vai a merda, imbecil!

Os olhos de Thorn se tornaram vermelhos. Um vermelho profundo e ardente que cintilou como sangue fluindo sob uma luz tênue. Por alguma razão que não podia nomear, uma imagem de Thorn com asas e vestindo armadura negra cruzou por sua mente. Mas se foi tão rápido que não estava seguro do que a causou.

—Recomendo-te que não uses esse tom comigo, lobo. Apesar de ser muito bom domando à besta em meu interior, nem sempre o consigo. E, definitivamente, não queres ver essa parte de mim. De fato, deverias estar agradecido de ter as vinte e quatro horas. Se estivesse de todo recuperado e não fora sua primeira atribuição, não seria tão indulgente.

—Eu não gosto de receber ordens.

—E eu não gosto de repetí-las. —Depois de olhar à porta por onde Aimee tinha saído momentos antes, imobilizou a Fang com um olhar imisericordioso—. Ofereceu sua alma a quem fora que te ajudasse a salvar Aimee. Eu respondi e agora me pertences. Em corpo e alma. Faça o que te ordenei, lobo, ou ambos passarão a eternidade em um lugar que fará que o Reino das Trevas pareça a Disneylândia.

Os cabelos do lombo de Fang se arrepiaram. Odiava o tom e a ameaça, mas Thorn estava certo. Foi ele quem fez o trato, por vontade própria, e a ele se asseguraria.

Embora significasse sua morte.

—Tens sérios problemas em te relacionar com as pessoas.

O vermelho foi desaparecendo dos olhos de Thorn à medida que um sorriso insidioso curvava seus lábios.

—E me suspenderam do curso de controle da ira depois de jogar o conselheiro através de uma parede de pedra. Talvez queira o ter em mente.

Os músculos da mandíbula de Fang se esticaram.

—Desde já posso ver que vamos nos dar tão bem como Batman e Curinga.

—Só recordas uma coisa, lobo. Sou o melhor amigo que jamais terás ou o último inimigo que farás.

Porque não viveria tempo suficiente para fazer outro. Thorn não disse essas palavras, mas seu tom o implicava.

Entregou outra fotografia a Fang junto a uma parte de tecido que conservava o fedor de demônio.

—Este é teu objetivo. Não me faças lamentar de te haver salvado.

Fang se dispunha a lhe mostrar o dedo do meio. De ter estado mais recuperado, provavelmente o teria feito. Mas justo nesse momento, a idéia de atravessar uma parede, quando teria que sair para caçar um demônio, não parecia o curso de ação mais prudente.

Vane estaria orgulhoso. O Reino das trevas lhe tinha ensinado, finalmente, um indício de instinto de sobrevivência.

—Quando começa a correr meu prazo?

—Há dez minutos.

Fang soprou.

—Obrigado. É muito generoso de tua parte.

Thorn parecia imperturbável ao seu sarcasmo.

—Provavelmente deveria te advertir que não sou muito dado à justiça e tenho uma tolerância abaixo de zero para a maioria das coisas. Faça teu trabalho. Faça-o bem e não

teremos nenhum problema. O cagas e te mato. O cagas completamente e te torturarei primeiro.

—Algo mais que deva saber?

—Só isto.

Thorn se adiantou e o tomou pelo pulso. Antes que Fang pudesse reagir, tinha-o de barriga para baixo na cama, e lhe pressionava a palma contra a omoplata.

Fang amaldiçoou enquanto seu ombro ardia. Sentia como se estivesse sendo marcado. Tratou de lutar, mas não podia mover-se. Era como se algo desumano e invisível o sujeitasse. Quando Thorn finalmente o libertou, viu que não tinha estado muito errado. O cheiro de carne queimada flutuava pesado no ar e em seu ombro havia um círculo com símbolos antigos.

Estirando-se para tocá-lo gritou, ao aumentar a dor ao fazê-lo.

—O que é isso?

—Proteção contra os demônios menores e os feitiços que os peritos e feiticeiros possam usar contra ti, uma vez que descubram que é um dos meus. Me acredite, estarás agradecido de tê-lo.

Possivelmente quando a dor cessasse, mas justo nesse instante queria chutar o traseiro de Thorn até que o bastardo estivesse tão dolorido como ele.

—Funcionará com Phrixis?

Thorn riu.

—És engraçado. —Retirando-se, entregou uma empunhadura de ouro. Ao pressionar para cima uma pedra de rubi, projetava-se para fora uma lâmina com noventa centímetros de fio—. Esta é tua espada —disse num tom que implicava que Fang era menos que inteligente—. Tens que inserir o extremo pontiagudo no inimigo. Trata de não fazer contato visual com ele e recorda: cospe veneno invisível.

—Oh, legal.

Thorn ignorou o comentário e tirou um telefone celular.

—Me ligue quando terminar. Pressione dois e atenderei.

—E se morrer?

—Saberei e não estarei feliz. Recorda, lobo, sou um dos poucos seres que podem te seguir e te foder a estadia mais à frente. Não me falhes.

—Nota importante, assentada. Obrigado, Doutor Mórbido.

Thorn inclinou a cabeça antes de desaparecer.

Fang soltou um profundo suspiro enquanto debatia o que fazer. Mas não havia nada o que pensar em realidade. Tinha que começar a rastrear ao demônio e o relógio estava correndo.

Melhor sair daqui antes que Aimee retornasse.

Levantando o relicário de seu peito, apertou-o forte no punho. Retornaria.

Mas primeiro tinha obrigações.

Respirando fundo, vestiu-se com jeans, uma camiseta e uma jaqueta de couro antes de aproximar o pedaço de tecido do seu nariz e inspirar profundamente. Com o fedor de demônio afogando-o, partiu para rastreá-lo.

Aimee se deteve ao entrar no quarto vazio de Fang. O edredom branco ainda estava desalinhado e os travesseiros torcidos, como se recentemente tivesse saído da cama.

—Fang?

Ninguém respondeu.

Franziu o cenho, sabia que não estava no banheiro, pois vinha dali recentemente. Aonde teria ido? Examinou a Casa Peltier e o Santuário com seus poderes e ainda não havia sinais dele.

Teria saído para procurar seu irmão?

Fechando os olhos, deixou seus poderes vagar pelo éter, até que o encontrou. Estava no Distrito Warehouse, caminhando pela rua, como se não acabasse de retornar do inferno. As lojas de antiguidades alojadas, antigamente, nos edifícios de depósito fechavam pela noite, enquanto ele passava frente a eles.

Que diabos fazia ali?

Observou, enquanto ele se recostava contra um edifício cinza de tijolos, como se tratasse de recuperar o fôlego. Envolvendo um braço ao redor de suas costelas, endireitou-se e continuou descendo pela rua. Pela cabeça agachada e os movimentos predatórios, podia ver que estava rastreando a alguém.

Por que faria algo tão estúpido? Tomou-se um motão de moléstias para salvá-lo, para que agora ele desse a volta e o esfaqueassem em um beco escuro quando deveria estar de cama descansando.

—O que achas que fazes, lobo?

Não estava em condições de ir atrás de alguém ou algo. E antes que pudesse deter a si mesma, transportou-se para estar bem ao seu lado.

Fang se virou para ela com um grunhido tão feroz que a fez dar um passo atrás por temor. Tinha esquecido quão imponente podia ser. Magro e débil, era ainda tão feroz como qualquer Slayer que tinha visto. Seu cabelo comprido caía sobre uns olhos selvagens e a espada que brandia se moveu tão rápido que tudo o que pôde fazer foi conter o fôlego e elevar as mãos.

A espada se deteve tão perto dela que sentiu quando lhe produzia um pequeno raspão em suas mãos levantadas.

—O que fazes aqui? —exigiu Fang, com a voz apertada pelo aborrecimento.

—O mesmo digo, amigo. Sabes, da última vez que nos vimos, como a vinte minutos atrás, não estavas precisamente em forma para sair para passear. —Tomando cuidado de não cortar a mão, pôs a espada a um lado—. Não digamos já para lutar contra algo para o que necessites *disso* —olhou para baixo, a sua arma—, para lhe chamar a atenção. Sabes, ao menos, como usar uma espada?

Ele se burlou de seu aborrecimento.

—Não é muito difícil. São bastante fáceis de entender. Usa-se o extremo afiado para fincar no oponente.

—Sim, claro... não são tão fáceis de usar, te diz isso alguém com séculos de experiência.

Deslizando um trilha no punho retraiu a lâmina.

—Aprendo rápido, te diz isso a alguém que passou os últimos meses dependendo delas para manter-se com vida.

Talvez era certo, mas ainda assim não o queria sozinho, na rua, até que não estivesse em ótimas condições para lutar.

—O que fazes aqui, Fang?

Queria lhe responder, de verdade queria. Mas como lhe explicar que a tinha salvado, oferecendo sua alma em troca? Não era algo que fosse agradecer. Conhecendo-a, o ia amaldiçoar por isso. Se havia algo que Aimee não queria, era que as pessoas tratassem de protegê-la.

Mas que diabos, parada ali, frente a ele, com a luz da rua refletindo em seu cabelo claro e o cenho franzido de preocupação por ele, era a coisa mais bonita que jamais tinha visto.

Como gostaria de uma dentada *dessa* maçã...

Forçando seus pensamentos a afastar-se desse desastre, clareou-se a garganta.

—Necessito de uns minutos a sós. Importaria-te?

Ela não cedeu nem o mínimo.

—Para fazer o que? E se for dizer algo desagradável, como faria Dev para me escandalizar, te economize-o.

—Tudo tem que ser uma discussão contigo? —perguntou, deixando sair um suspiro exasperado.

—Fiz-te uma simples pergunta. —Conteve a respiração, com expressão ofendida.

—Que tem uma resposta extremamente complicada. Agora...

Suas palavras foram interrompidas por um grito estridente. Fang soltou uma maldição ao reconhecer que provinha da direção para onde pretendia dirigir-se.

Era o demônio. Podia senti-lo. Se tinha aprendido algo no reino das trevas era a sentir um apenas estando perto.

—Por favor, Aimee. Vá embora.

Como era de se esperar, negou-se. Inclusive se dirigiu a toda pressa para o lugar onde ouviram o grito.

Fang sacudiu a cabeça aborrecido, enquanto se transportava até o demônio, em um beco escuro, chegando apenas antes que Aimee. Não se supunha que as mulas eram as teimosas?

Parou-se em seco assim que divisou uma montanha de besta. Ao menos dois metros e quinze de alto, o demônio tinha cabelo negro, comprido e solto, e olhos sem pupilas nem branco discerníveis. Um par de pedras negras, em um rosto retorcido pelo prazer proveniente de infringir dor.

A humana parecia ter uns vinte e cinco anos. Bonita e pequena, vestia o uniforme azul de um restaurante. Sua cara tinha sido rasgada pelas garras do demônio.

Assim que Phrixis se deu conta que não estavam sozinhos, soltou-a e se virou em volta de Fang.

Este, desdobrando a espada, transportou-se entre a humana e Phrixis.

—Tire-a daqui.

Aimee assentiu, enquanto abraçava à mulher histérica e a afastava do perigo.

Phrixis riu ao arrastar um olhar repugnante sobre o corpo de Fang.

—Que tipo de criatura patética és tu?

—Patético não é uma palavra que combine comigo.

—Não? —A besta lhe lançou uma descarga.

Fang esquivou o golpe e lançou a espada direto à garganta do demônio.

Phrixis riu.

—Tão débil e inútil achas que sou? —Um sólido golpe deu em cheio no flanco de Fang.

Foi tão duro que podia jurar que lhe rangeram as costelas.

A dor o deixou sem ar. Fang caiu sobre um joelho, mas se negou a cair completamente. Era um lobo e Phrixis estava a ponto de aprender o que isso significava. Trocando de forma, atacou.

O demônio retrocedeu estupefato enquanto Fang lhe cravava os dentes no braço e o rasgava.

Phrixis o açoitou contra a parede, com toda a força de um caminhão Mack¹².

Fang sentiu que seu agarrão cedia diante da pancada. Quando o demônio se moveu para apanhá-lo, apoiou-se em suas patas e cruzou entre as pernas da besta, saindo por trás dele. Mudando a forma humana, rodou para poder tomar a espada do chão.

Phrixis virou para enfrentá-lo.

Quando o fez, Fang lhe atravessou o coração, afundando a espada até o punho. Logo a retirou e a voltou a cravar uma vez mais.

Phrixis começou a rir.

—Achas que...?

Fang interrompeu seu discurso com um golpe de reverso, que lhe cerceou a cabeça do corpo, por completo.

O demônio se derrubou lentamente para o pavimento, onde caiu como um vulto, com o sangue saindo a jorros.

Fang cuspiu sobre seus restos.

—Me diga outra vez quão bom és, idiota. Nada pior que um enema de aço para arruinar até teu melhor dia. —Com o corpo debilitado e tremendo, recostou-se contra uma parede enquanto lutava para respirar com suas costelas danificadas.

Ao menos tinha sido mais fácil de matar que os demônios no reino das trevas. Ofegante, tirou o telefone de seu bolso e chamou Thorn.

—Parece. Matei-o.

Para sua surpresa, este apareceu imediatamente ao seu lado.

—Que diabos fizeste?

—Fantástica atitude, safado.

Thorn deixou escapar um som, mescla de indignação e raiva. Suas roupas mudaram do traje azul de empresário para uma armadura, vermelho brilhante, enquanto seu cabelo parecia em chamas.

—Não te disse que o matasse, imbecil. Disse que o enviasses de volta ao lugar de onde veio.

—É o que fiz.

Thorn chutou ao demônio atirado no chão e amaldiçoou.

—Não. *Mataste-o.*

Obviamente lhe estava faltando uma peça importante nesse quebra-cabeças, porque

¹² Caminhões Mack: grandes caminhões de trabalho pesado, como os Scania na Europa.

em seu universo, matar a um demônio não era considerado como algo ruim. A maior parte dos dias era considerado como um serviço público.

—Em meu mundo essas duas coisas são sinônimos.

Thorn inspirou profundamente, apertando os dentes. Sustentava suas mãos, como tratando de refrear a si mesmo, de matar a Fang.

—Sabes, de fato, não é muito difícil matar a um demônio, em especial com a marca que te fiz. Qualquer criatura sobrenatural com o meio cérebro pode fazê-lo. O que necessitava que fizesses, era retorná-lo ao seu reino. Isso é um pouco mais sofisticado e cem vezes mais difícil.

—Então para que me deu uma espada?

—Olhou-a antes de usá-la?

—Sim.

Thorn lhe dirigiu um olhar cheio de dúvidas.

—Repito. A-olhaste-antes-de-usá-la?

Arrebatando o punho das mãos de Fang, sustentou-a frente de seus olhos para que visse as palavras inscritas nela.

Golpeia forte. Golpeia rápido. Golpeia três vezes. Avast¹³.

Quem ia pensar que Thorn fora um pirata. Fang abandonou essa linha de pensamento. *Avast* era, sem ofender ao ferreiro da espada, uma palavra tão antiga que ele não a tinha usado sequer quando vivia em sua terra.

Não pôde tirar o sarcasmo de sua resposta.

—E em teu mundo, Capitão Tenebroso, isso quer dizer...?

—Golpeia-o três vezes e logo te detenhas. É inglês. Diabos, é em *teu* inglês. Nasceste lá.

Fang assinalou para o corpo do demônio, nesse momento em decomposição.

—Esse foi meu terceiro golpe.

Thorn cobriu o olho esquerdo com a mão direita, como se uma terrível enxaqueca se estivesse gerando.

—Tenho um tumor. Sei que tenho um tumor. Quem dera fora mortal, assim poderia me matar.

Frustrado, Fang pôs os olhos em branco ante a dor de Thorn.

—Ainda não compreendo o que fiz de errado com... —Suas palavras foram afogadas por uma onda de insuportável dor.

—Espera, lobo. —Thorn o assinalou com sarcasmo—. Estás a ponto de ser ilustrado. Vai cheirar mal ser tu, *mein freund*.

Fang gritou quando a mais colhedora pontada de agonia imaginável lhe atravessou o corpo inteiro. Sentia como se estivesse sendo partido em dois. Não podia mover-se ou respirar.

—O que está me ocorrendo?

—Estás absorvendo os poderes desse demônio.

—Hã?

Thorn assentiu.

¹³ Avast, no original: Inglês antigo, usado na náutica, significa parar, alto.

—*Sip*. E não só seus poderes. Tua alma se está fundindo com a essência do demônio morto. Tudo o que ele foi, está agora penetrando no que tu és. Os demônios são imortais sem alma. Quando morrem, como seja, suas forças vitais saltam ao que destruiu seu corpo, e tratará de apropriar-se de ti de agora em diante.

—O que queres dizer? Preciso de um exorcismo?

—Não. Não há corpo ao qual possa retornar. Tens que carregar com ele. *Mazel tov!* — Thorn o felicitou, com uma voz exageradamente feliz. Foi se pondo sério, enquanto seu corpo retornava à normalidade, com exceção dos olhos. Eram vermelhos, com umas finas pupilas amarelas que recordaram a Fang uma serpente—. E é pelo que tratamos, com esforço, de não matar a nenhum. Não é uma bonita realidade.

Fang sentiu como sua visão mudava. Voltava-se mais aguda. Mais clara. O cheiro de sangue impregnava sua cabeça e podia ouvi-lo correr, não só por suas veias, mas também pelas de Thorn.

—O que está acontecendo?

Thorn o agarrou pelos ombros e sorriu cruelmente.

—É o sabor do maléfico, fluindo denso por de tuas veias. Sedutor e convidativo, te tentará daqui adiante. E agora já sabes por que não sou um alegre feliz, a maioria dos dias. É a batalha que luto a cada segundo de cada minuto de minha vida. Como te disse, agora cheira mal ser tu.

Antes que pudesse evitá-lo, Fang vomitou na calçada. Argh, nada digno. Sem mencionar a dor de fazê-lo, ao sentir que suas vísceras cobravam vida, como se estivessem se retorcendo.

Thorn não se alterou nem o mínimo e retrocedeu para lhe dar espaço.

—Não te preocupes. Tuas tripas não sairão, embora assim o sintas. Teu estômago se assentará, eventualmente. Entretanto, a necessidade que tens de sangue e morte, que está crescendo dentro de ti, nunca desaparecerá.

Fazendo uma careta, Fang envolveu os braços ao redor de seu estômago e se apoiou contra a parede para recuperar o fôlego. Levantando a cabeça olhou a Thorn.

—Honestamente, não pensei que em teu atual estado de debilidade pudesses matá-lo. Imaginei que ao terceiro golpe da espada, ou estarias morto ou ele estaria banido... me deixe voltar atrás, à parte onde este demônio em particular tinha eliminado alguns de meus melhores homens no passado. Devia ter avaliado tuas habilidades com mais precisão. Meu engano.

—Odeio-te, Thorn.

Este deu de ombros, indiferente.

—Todas as criaturas o fazem, e na verdade não me importa. Por certo, sua namorada está retornando para cá. Trate de não comê-la embora a sede de sangue vai ser muito difícil de resistir.

Fang se deslizou pela parede, tratando de acalmar seu estômago e seus nervos. Mas não era fácil. Ainda sentia como se estivesse sendo esmigalhado de dentro para fora.

Deuses, o que vou fazer?

Aimee apareceu ao seu lado uns minutos depois, enquanto ele se recostava para trás, com a cabeça apoiada na parede e os olhos fechados.

—Fang? —A mão que tocou sua testa era fresca—. Estás ardendo.

Sua única resposta foi lhe sujeitar a mão contra sua bochecha, enquanto o suave

cheiro de lavanda de seu pulso o acalmava. Mas Thorn tinha tido razão, podia cheirar o sangue em suas veias e queria lhe abrir o pulso para saboreá-la.

—Podes me levar para casa? —sussurrou, temeroso de usar seus próprios poderes nesses momentos.

—Certamente. —Ajudou-o a ficar em pé e só então se deu conta que o demônio se desintegrou.

Não restava nada, exceto um vago contorno negro. Aconteceria o mesmo com ele, se morrera agora?

Maldito seja Thorn, por não me dizer tudo.

Aimee os transportou de volta à cama de Fang e o ajudou a recostar-se.

—Vou procurar ao Carson.

Puxou-a pela mão e a reteve ao seu lado.

—Não. Não há nada que ele possa fazer.

—Mas Fang...

—Aimee, confie em mim. Só preciso descansar um momento, de acordo?

Podia ver o debate em seus olhos enquanto lhe apertava a mão com mais força.

Depois de uns segundos, assentiu.

—Apenas me necessite...

—Chamar-te-ei. Prometo-o.

Ela acariciou sua mão antes de soltar-se.

—De acordo. Que descanses.

Fang não relaxou até que a viu deixar o quarto. Só então se recostou e sucumbiu às emoções conflitivas que o rasgavam. Queria matar algo.

Qualquer coisa.

Mas sabia que não podia.

A única coisa não sabia era quanto tempo seria capaz de conter ao demônio em seu interior. Pelo como se sentia, ia converter-se em um Slayer. Um *verdadeiro* Slayer.

Mas isso, em seu mundo, conduzia a sentença de morte.

CAPÍTULO 18

Fang jazia em sua cama como um lobo, sua mente estava presa pelos poderosos demônios que se enfrentavam dentro dele enquanto convertiam seu corpo ainda mais. Só era vagamente consciente dos sons do mundo exterior.

Agora via as coisas em infravermelho enquanto dormia. Cada diminuto inseto em seu quarto. Cada criatura que caminhava pela frente de seu quarto no corredor. Era consciente de tudo a um nível que nunca tinha imaginado, mas estava incapacitado para responder. Parecia um espectador externo que não podia transpassar a vitrine sem importar com quanta força a golpeasse.

—Fang?

Vane. Reconheceria essa voz profunda de barítono em qualquer parte. Mas na mente de Fang, Vane não era nada mais que uma silhueta avermelhada de pé ao lado de sua cama. Havia uma mulher com ele. Uma que cheirava doce e completamente a humana. Ela se mantinha tão perto de Vane que parecia agasalhada por ele.

Fang tratou de estender a mão ao seu irmão, mas não pôde. Era quase como estar de volta no Reino das Trevas onde só as vozes podiam lhe alcançar. Só que agora ele não podia entender as palavras que seu irmão estava lhe dizendo. Estas estavam desordenadas e mal construídas quando ele e a mulher as diziam.

Agachando a cabeça, Fang suspirou cansadamente.

—Ai! O que vai errado, lobinho? Não podes despertar?

Fang ficou rígido como uma baqueta ao ouvir a voz chiante de um demônio.

—Alastor.

Não sabia como é que conhecia o nome da criatura, não obstante sabia.

Seu corpo diretamente adotou o comportamento de um predador letal. Fang baixou a cabeça e olhou ao demônio aproximar-se com sua visão periférica, preparado para lhe abater com precisão mortal quando chegasse o momento.

Pequeno e robusto, o demônio era feio e tinha a pele cinzenta. E o pior, fedia a enxofre e sangue. Seu nariz aquilino e a cabeça calva lhe faziam parecer um gárgula. Na escuridão de seu sonho algo prateado cintilou.

Fang reagiu por instinto. Agarrou a mão do demônio para ver uma adaga sustentada ali. Rindo da audácia, ou melhor da estupidez, envolveu sua outra mão ao redor da garganta do demônio e lhe levantou de seus pés.

No momento em que o fez, viu os pensamentos de Alastor em sua mente. Ouviu sua própria mãe convencendo ao demônio para que seqüestrasse a companheira de Vane e a levasse para ela, de modo que Bride não pudesse completar o ritual de emparelhamento com Vane. Este era um pacto que sua mãe tinha feito com o demônio para capturar a todas suas companheiras para impedir que tivessem nem sequer uma pequena possibilidade de serem felizes.

Ou para sermos mais diretos, para lhes impedir de procriar e propagar suas naturezas animais as quais sua mãe desprezava tanto.

Uma fúria crua explodiu em seu interior.

—Tu, bastardo putrefato —grunhiu enquanto a sede de sangue de seu demônio abria passagem em seu interior rugindo à vida.

Deu-lhe vontade de lhe arrancar a cabeça ao demônio com suas mãos nuas e se dar um banquete com suas vísceras. Nunca tinha experimentado algo como isto.

—Só estava fazendo o que me disseste.

A choramingação da voz do demônio foi como uma cadeira chiando através do chão. Provocou que os cabelos da nuca lhe arrepiassem e não moveu um dedo para conter sua febre de sangue.

Antes inclusive que Fang se desse conta do que estava fazendo, afundou os dentes na garganta do demônio a fim de poder provar seu sangue.

Pare!

O som de sua consciência teve êxito em lhe alcançar. Afogando-se no líquido espesso que tinha gosto de metal quente, obrigou-se a retroceder. Alastor se deslizou até o chão, segurando o pescoço enquanto pateticamente rogava por sua vida.

Uma parte de Fang exigia que matasse a besta chorona que estava aos seus pés. Era o que merecia. Mas a parte dele que era lobo rechaçava matar por prazer.

Os Katagaria só matavam para proteger ou defender. Nunca matavam por diversão.

Ao menos não freqüentemente.

Mas o lobo nele tampouco podia deixar ir ao demônio enquanto Alastor plantasse sequer um indício de ameaça para sua família, a qual os lobos mataram sem remorso.

—Tu caças a algum de nós ou àqueles aos quais amamos de novo, e te juro que não me deterei até que te tenham que recolher em tantos pedaços que pensarás que te passaram por um triturador.

Alastor se dobrou até o chão enquanto lhe agradecia sua misericórdia.

—Nunca caçarei outra vez, amo. Juro-o.

E desapareceu imediatamente.

Fang limpou os lábios que ainda estavam cobertos do sangue fétido do demônio. Amaldiçoou pelo que tinha feito. Mas o pior, era o desejo que ainda sentia de causar dor e matar.

O demônio era forte dentro dele e era duro resistir a ele.

—Não o farei —grunhiu a si mesmo.

Jamais.

Ele era um Were-Hunter, não um demônio, e não se abandonaria a esse inferno. Não

se converteria em um deles. Por nada. Sem importar a tentação ou a fome. Manteria-se firme.

Desperta-te!

Não podia. Um pânico frio lhe consumiu ao cambalear pela escuridão que não tinha forma ou substância, procurando algo que o devolvesse ao seu quarto. Teria-lhe relegado Thorn de volta ao inferno depois de tudo?

Não, isto era pior que o Reino das Trevas. Não havia cavernas ou qualquer outra coisa aqui. Isto recordava a uma marcha por um deserto interminável que não tinha margens ou limites. A paisagem era de obsidiana e não havia trégua.

—Fang?

Ouviu Aimee lhe chamando, entretanto não podia localizá-la no negrume opressivo. Isso foi ainda mais aterrador para ele que estar encerrado ali.

—Aimee?

—Fang? Desperta, céu.

Aquela preciosa voz de sereia...

Se tão somente ela pudesse lhe encontrar outra vez.

—Aimee! —gritou até que sua garganta esteve em carne viva, mas não pareceu que, desta vez, lhe ouvisse.

O que estava acontecendo? Como poderia lhe haver ocorrido isto de novo?

Algo lhe golpeou com força atrás da cabeça.

Em um momento, estava perdido na escuridão e, no seguinte, estava em sua cama com Aimee inclinada sobre ele com seus traços deformados pelo medo e pela preocupação.

Aimee começou a afastar-se bruscamente enquanto Fang mudava de lobo a humano, mas o pânico nos olhos dele a imobilizou. Com respiração desigual, ele se aferrou a suas mãos como se fossem uma corda de salvamento para ele e temesse que ela a retirasse.

Isto a fez sofrer por ele.

—Estás bem?

Agarrou-a com força e puxou-a até seus braços onde a sustentou em um abraço esmagante.

Ela franziu o cenho ao dar-se conta de que ele estava tremendo por completo. Temendo por ele, envolveu seus braços ao redor de seu corpo para lhe ajudar o melhor que podia.

—O que é?

—Nada.

Mas ela não era tola. Algo havia lhe acontecido outra vez. Algo que ele não queria compartilhar.

Fang a abraçou estreitamente, permitindo que seu cheiro e seus braços lhe ancorassem de volta no mundo da vida. Fechou seus olhos e tentou pôr em ordem seus nervos e sua respiração. Parecia um idiota por agir desta forma...

Mas o trauma do Reino das Trevas ainda estava fresco e ferindo. Não queria voltar ali jamais. Não queria ir dormir jamais sem contar com um modo de retornar.

Com estresse pós-traumático e fraco, o que queria era sentir-se seguro de novo. Mas era como se já não tivesse nenhum controle sobre si mesmo. Nenhum controle sobre nada.

Era um sentimento que odiava.

Aimee se afastou de repente para lhe olhar. Posou-lhe a mão pela bochecha enquanto explorava seus olhos com seu olhar penetrante.

—Estiveste dormido durante dois dias. Estava começando a me preocupar de que te tivesses perdido outra vez.

Ficou olhando com incredulidade. Dois dias? De verdade tinha sido tanto tempo?

—O que?

Ela assentiu com a cabeça.

—Hoje é Ação de Graças e já dormiste a maior parte do dia.

Fang sacudiu a cabeça quando aquelas palavras penetraram nele. Como é que tinha passado tanto tempo e ele não o tinha sabido? Tinha a sensação de que só se deitou para descansar.

Aimee franziu o cenho.

—Não ouviu quando Vane e sua companheira entraram para falar contigo um pouco, há pouco?

—Não —mentiu, não querendo admitir diante dela o perto que tinha estado de cair de volta no estado comatoso no qual tinha estado anteriormente—. Estão ainda aqui?

As sobrancelhas dela se elevaram enquanto erguia a cabeça com receio.

—Não ouviu o escândalo no quarto contíguo há uns minutos?

—Que escândalo?

Ela fez gestos em direção à parede onde um espelho gigantesco estava montado. Era estranho que nunca tivesse olhado através dele em seu sonho. Só através da porta.

—A companheira de Vane, Bride, derrubou a tua mãe no quarto do lado quando Bryani veio aqui para te matar. Bride de fato, enjaulou-a durante a luta... de verdade estavas adormecido durante tudo isto?

Ficou pasmo com o que Aimee descreveu. Sua mãe tinha vindo atrás dele?

Era por isso que tinha visto Alastor?

Mas a parte mais incrível era que um humano tinha derrotado a sua mãe... isso requeria coragem e força. E um carregamento gigantesco de estupidez.

—Suponho que o estava.

Ela sacudiu a cabeça.

—Hei ouvido de caras com o sono pesado antes, mas caramba, lobo. Tu és especial. —ela deu um passo para trás—. Vane e Bride estão ainda abaixo se gostaria de vê-los antes que partam.

Podia ser que tivesse sentimentos encontrados a respeito, mas seu irmão precisava saber que ele estava vivo e de volta no mundo real. Ao menos no momento.

Ao passo que ia, poderia ser sugado de volta ao inferno em um abrir e fechar de olhos.

Sem uma palavra, Fang se vestiu com uma camiseta negra de manga comprida e jeans antes de levantar-se e quase cair de novo. Enganchou-se na coluna de cama, aborrecendo-se do fato de que ainda estivesse fraco. Necessitava de sua força em plena forma o quanto antes.

Ela pôs suas mãos sobre ele para estabilizar seu equilíbrio. Aquele toque inocente lhe queimou o centro de seu ser. Cobriu a mão direita dela com sua esquerda e lhe deu um apertão suave.

Aimee se deteve ante a inusitada ação de Fang. Normalmente ele a afastaria, diria-lhe

que estava bem e brigaria com ela por lhe tratar como se estivesse indefeso. Aquilo só lhe disse o agitado que se encontrava ele pelo que fora o que lhe estava ocultando.

Era um lobo forte e orgulhoso.

Ela retrocedeu para lhe dar espaço enquanto este se encaminhava para a porta e saía. O fato de que não usasse seus poderes também foi muito revelador.

Aimee lhe seguiu pelo corredor até a escada e para a cozinha que estava animada com a atividade. Uma das poucas vezes ao ano em que o Santuário estava fechado ao público, Ação de Graças sempre tinha sido uma celebração para eles, uma época em que celebravam um banquete enorme. Todos os Were-Hunters que viveram na Casa Peltier se reuniam para festejar e passar o tempo e, neste ano, também tinham a vários dos antigos Dark-Hunters, e a Acheron e Simi, entre os convidados.

Todo mundo ria e se divertia. Suas ovações ressonavam na cozinha onde Cherif e Etienne serviam mais batatas e carne e acrescentavam um montão de molho de churrasco às mesmas, já que Simi ainda devia ter fome. Rindo ao pensar na gótica demônio Caronte que podia comer o peso de um elefante em comida, devolveu-lhes a alegre saudação a seus irmãos enquanto ajudava a Fang na porta.

Fez uma parada ali enquanto Fang seguiu para o bar e para a mesa onde Vane e Bride estavam sentados juntos e agarrados pela mão. Manteve-se aí de pé e se moveu fluidamente, mas ela pôde sentir seu dano e inquietação. Sua cólera sepultada ante o fato de que Vane não tinha estado ali para ele.

—Boa sorte — sussurrou ela em voz baixa. Esperava que tudo se resolvesse entre eles.

Seu olhar se dirigiu a Fury que ficou petrificado e parecia aflito no momento em que viu Fang erguido e em movimento. Sentia-o por todos eles, pela família que agora tinha recuperado uma parte deles a qual estava de volta.

Com um nó na garganta, ela explorou o quarto em busca de sua própria família... Alain estava sentado com Tanya e seus pequenos, alimentando-os com palitos de mel tratando de evitar que Zar os roubasse em brincadeira. Kyle e Cody rindo de algo que Colt havia dito enquanto Carson tomava uma cerveja dos gêmeos. Mamãe e Papai se sentavam ao lado, agarrados pelas mãos enquanto sussurravam um ao outro como dois adolescentes humanos desejando estar a sós e sabendo que não poderiam. Dev sentado conversando e rindo com Remi, Acheron, Jasyn, Quinn e Simi, enquanto esta abria passagem ante um prato de peru recheiado e presunto.

Não podia imaginar não tê-los em sua vida. Por tudo, a família era a família, e contudo, Fang e seus irmãos, neste momento, receavam uns dos outros.

Isto lhe rompia o coração.

Fang queria dar meia volta e partir ao dar-se conta de que todos os olhos no Santuário estavam postos nele. A maior parte deles não tinham nem idéia de que ele despertou e se sentia como um monstro em um laboratório onde todo mundo tratava de entender o que estava equivocado em seu DNA.

Mas ele não era um covarde.

Fazendo caso omissa do frio nó em seu estômago e envolvendo os braços ao redor, Fang manteve seu olhar fixo em seu objetivo, seu irmão e sua companheira. Mesmo que Bride estivesse sentada, podia dizer que ela era alta e cheinha, justo como gostava a Vane suas mulheres. Com o cabelo castanho avermelhado e os olhos tão brilhantes que dançavam cheios de vida, ela era deliciosa. E o amor em seu olhar quando olhava a Vane

era algo excepcional. Algo que sempre deveria ser apreciado e não fazer nunca mau uso dele.

A seu irmão tinha ido bem por si mesmo e isso só provocou que o nó em seu interior se apertasse muito mais.

Fang fez todo o possível para ignorar a todos os outros Were–Hunter, a Acheron e a Simi enquanto caminhava para eles. Eram a única coisa que lhe importava e quando se aproximou sua cólera cresceu.

Fang odiava o que estava sentindo, mas não podia detê-lo. O ressentimento e a amargura aumentavam em seu interior. Como se atrevia Vane a partir e encontrar a felicidade enquanto ele tinha sido torturado e maltratado. As imagens dos demônios lhe golpeando, das feridas que lhe tinham talhado profundamente até o osso passavam por sua mente. Uma vez mais, recordou a fome implacável e a sede que nunca tinha sido saciada. Os meses de penosa agonia.

Todo esse tempo Vane tinha estado com Bride...

Calcando sua raiva, Fang ofereceu a mão a Bride no instante em que chegou até ela.

Ela vacilou um momento antes de tomar a mão na sua e ele sentiu o modo em que Bride tremeu de incerteza. O cheiro de seu nervosismo era espesso em suas fossas nasais e o lobo protetor nele desejou apaziguá-la. Não era culpa dela que ele tivesse estado encerrado no Reino das Trevas. Era a companheira de seu irmão e ele a honraria como se não importasse o que estivesse sentindo por dentro.

—Ela é bonita, Vane. Estou contente de que a tenhas encontrado —deu a sua mão um apertão suave antes se retirar e encontrasse o olhar emocionado de Fury.

Ao menos o bastardo tinha a decência de parecer envergonhado. Bem que deveria. Era tudo o que Fang podia fazer para não lhe dar um murro por lhe substituir no afeto e na lealdade de Vane.

Mas a presença de Fury no quarto não era nem de perto tão ofensiva para Fang como o era a de Stefan. Stefan que tinha sido o cabeça que golpeiou a Vane e a ele e que logo os encadeou à árvore para que os Daimons os comessem. Stefan que tinha mandado matá-los. Obviamente as coisas tinham mudado enquanto Fang tinha estado isolado.

Agora, o grandíssimo idiota de seu pai estava sentado a uma mesa com toda a pinta de ter recebido uma boa surra. Sem dúvida, a merecia.

Stefan rechaçou encontrar o olhar penetrante de Fang.

Vane ficou de pé.

—Fang?

Fang não se deteve em seu caminho de volta à cozinha. Tinha medo de que se o fazia, atacaria a seu irmão por lhe abandonar no Reino das Trevas e a última coisa que queria era estragar a felicidade que compartilhavam Bride e Vane. Vane merecia ser feliz e Fang não tinha nenhum direito a lhe fazer mal. Ele sabia que Vane teria movido céu e terra para lhe tirar... se tão somente tivesse respondido quando Fang tinha chamado.

Deuses, suas emoções eram absolutamente bipolares e voláteis no que a Vane concernia.

Aquela dor e dano ainda estavam em carne viva em seu interior. Os meses de brutal sobrevivência não podiam desfazer-se com um simples encontro. Necessitava de tempo para aceitar pelo que ele tinha passado.

Ao que se relegou.

Com um sorriso indeciso em seu bonito rosto, Aimee lhe encontrou na porta da cozinha. A camiseta que levava hoje ficava um pouco mais justa ao corpo e isto fez com que uma onda viciosa de luxúria lhe consumisse. Graças aos deuses algo anulava sua dor.

Antes inclusive de que se desse conta do que tinha feito, estendeu a mão para ela e pôs seu braço por cima de seus ombros. Ela envolveu seu braço ao redor de sua cintura e lhe ajudou a atravessar a cozinha e a subir de volta até seu quarto.

Fang não falou em todo o caminho subindo a escada de mogno enquanto o cheiro de lavanda de Aimee lhe apanhava.

Uma vez em seu quarto, tombou-se de volta na enorme cama com baldaquino enquanto lhe cobria com um edredom de alegre colorido.

Com olhar desconfiado, ela se colocou ao seu lado.

—Sei que algo de errado te acontece, lobo. Tu nunca estás tão silencioso.

Fang soprou em uma pobre tentativa humorística. Provavelmente não deveria mencionar nada disto e apesar disso se encontrava confiando nela inclusive contra seu melhor julgamento.

—Se minha mãe está derrotada e Stefan está lá embaixo no bar com Vane e Fury e não estão lutando até a morte... —não terminou o pensamento.

Já se tinha feito uma boa idéia do que isto significava.

Alguém estava agora a cargo daqueles dois clãs.

E esse não era ele.

Isto lhe picou profundamente dentro. As coisas tinham mudado tão dramaticamente e ele se sentia absolutamente sozinho. Desvinculado. Aturdido. Mas sobretudo, profundamente traído. Talvez deveria haver ficado no Reino das Trevas. Era óbvio que aqui já ninguém necessitava dele. Vane tinha seguido adiante com sua vida.

Seu clã inteiro se reestruturou sob o comando de algum outro.

O que ia fazer ele agora? Sentia-se perdido e odiava essa sensação.

Aimee sentiu a confusão de Fang e lhe fez querer gritar por não poder lhe ajudar. Não podia suportar sentir-se tão indefesa. Sobre tudo, não queria ver suas famílias separadas no momento em que mais necessitavam uns aos outros.

—Sabes que teu irmão vinha te ver a cada dia enquanto estavas inconsciente. Inclusive hoje, ele se assegurou de vir te ver. Fury estava aqui também.

—Eu sei.

E ainda assim estava tão triste.

Sem pensar, ela se acomodou na cama ao seu lado e envolveu seus braços ao seu redor para abraçá-lo estreitamente. Era o único modo de lhe consolar que ela sabia.

Fang fechou os olhos enquanto seu coração pulsava com força pelo calor de seu abraço. Ninguém lhe tinha abraçado jamais desta maneira antes.

Ninguém.

Não havia nada sexual nisto. Era um abraço destinado a lhe consolar. E já podiam ter os deuses misericórdia de sua desprezível alma, porque o fez.

Colocando sua mão na dela, muito menor, sentiu que algo dentro dele se rompia e naquele momento, ele soube uma verdade que lhe assustou inclusive mais que o demônio que vivia em seu interior.

Ele a amava.

Isto fazia com que o que ele tinha acreditado que sentiu por Stephanie, há todos

aqueles anos, fora uma farsa. Este não era o amor de um lobo jovem fascinado com uma bela loba que era cobiçada pela manada. Isto era o ensangüentado e ferido coração de um animal que nunca tinha sido, em realidade, aberto antes.

Aimee tinha vindo atrás dele e tinha estado de pé ao seu lado quando ninguém mais o esteve. Ela sozinha tinha lutado para lhe salvar do inferno.

Inclusive agora...

Que os deuses me ajudem. Ele não deveria se sentir desta maneira. Deveria jogá-la pela porta e, apesar disso, não se sentia com coragem para destruir a serenidade desse momento com ela. A ternura dentro dele que seu toque despertava.

Pela primeira vez em toda sua vida estava em paz.

Sem uma palavra, ela arrastou a mão para cima para passá-la por seu cabelo. O corpo dele estava ao vermelho vivo, lhe recordando o fato de que tinha passado literalmente meses desde que tinha estado com uma mulher.

E ele a desejava com uma loucura que lhe estava consumindo. Uma loucura que tinha que rechaçar pelo bem de ambos.

—Embora esteja desfrutando enormemente disto, Aimee, vais ter que parar.

—Por que?

—Porque te desejo tão endemoniadamente que quase posso saboreá-lo.

Ela lhe derrubou lhe pondo de barriga para cima. Seu olhar de um azul cristalino só se acrescentada à necessidade nele por tê-la. Aqueles delicados dedos, tão suaves e reconfortantes, brincavam sobre seus lábios enquanto lhe sorria. Então, ela fez a coisa mais assombrosa de todas, baixou sua cabeça e lhe beijou.

Fang grunhiu ante seu sabor. Ante o calor de seu fôlego misturado com o seu ao dançar suas línguas juntas. Ele se rendeu à magia de sua boca.

Durante um momento, todos seus pensamentos se dispersaram.

—Não —disse ele, retrocedendo—. Não podemos fazer isto.

—Eu sei. Sinto muito.

Beijando-lhe ligeiramente na bochecha, ela se levantou devagar e se colocou bem a roupa.

Seu pênis puxou bruscamente quando os seios dela se marcaram ainda mais por aquela ação. Maldição, é que nenhum de seus irmãos ou seus pais lhe disseram alguma vez que não passeasse por aí dessa maneira? Seus mamilos estavam duros e perfilados de um modo que lhe torturavam ainda mais que os demônios que tinha.

Deuses, saborear só um daqueles...

O lobo em seu interior estava salivando.

—Estás faminto?

Sim, estava-o, mas não de comida.

—Não. Estou bem.

Ela assentiu com a cabeça.

—Estarei em meu quarto se me necessitares.

Nua? Ele quase gemeu em voz alta quando aquela imagem passou por sua mente com uma claridade que deveria ser ilegal. *Maldita seja sua imagem, sai de minha cabeça.* Mas a imagem de seu corpo nu estava aí e isto lhe levantou bolhas.

Logo que ela partiu, posou sua mão em seu pênis para tentar aliviar um pouco a dor que ela tinha causado. Não serviu de nada. Estava tão duro, que poderia bater um prego

com sua ereção.

—O que vou fazer?

Se a tocava, violaria todas as leis do Omegríón e a família dela fixaria seu bolas ao espelho que pendurava sobre o bar.

Assim, se agüentaria. Queixar-se... não lhe daria o que ele realmente queria, o que era estar dentro de seu corpo pecaminosamente delicioso.

—Fang?

Ouviu a voz de Vane ao outro lado de sua porta. Puxando os lençóis sobre seu regaço para esconder o que Aimee lhe tinha ocasionado, suspirou ante a bem-vinda interrupção, ainda quando temesse ver seu irmão outra vez.

—Entre.

Vane abriu a porta.

—Tudo bem?

Fang teria estado divertido com sua incomum vacilação, mas agora mesmo pouco podia produzir uma resposta assim por sua parte. Não enquanto seu corpo estivesse assim faminto.

Um silêncio embaraçoso encheu o quarto enquanto se olhavam um ao outro.

Vane se apoiou contra a porta fechada.

—Não posso acreditar que por fim estejas acordado. De verdade pensei que te tinha perdido.

—Sim, bom, terás que me perdoar por ser um idiota egoísta —Fang se encolheu quando aquelas palavras voaram de sua boca antes que pudesse detê-las.

Vane ficou rígido ao reconhecer o dito.

—Ouviste-me?

Fang afastou o olhar, relutante a responder. Então mudou de assunto.

—Por que está Stefan lá embaixo?

—Markus há caído e Stefan já não é líder. Pus Fury a cargo da manada.

Fang não podia haver-se irritado mais se seu irmão lhe tivesse dado uma bofetada. Entretanto, isso é exatamente o que ele tinha feito ao pôr Fury como seu líder.

Deveria ter sido *ele*.

—Ele não é o bastante forte para liderar.

—Com meu apoio o é.

E com o apoio de Vane, Fang não podia lhe desafiar pela liderança. Bom, *poderia*, mas isto romperia sua união e os debilitaria ante os outros, lhes deixando acessíveis ao ataque. O que era exatamente o que os outros lobos machos fariam. Perfeito. Tinham suprimido completamente seus direitos de nascimento.

Markus estaria emocionado.

Vane se adiantou com cautela enquanto observava a espera solene de Fang. Este não era o reencontro que ele tinha esperado quando Fang finalmente saiu de seu coma. Tinha sonhado com este momento uma e outra vez. Fang despertando, contente de estar vivo. Seu irmão lhe abraçando...

Mas algo era diferente agora. Havia um ar ao redor de Fang muito mais mortal que qualquer coisa que Vane houvesse sentido proveniente dele com antecedência.

Seu irmão estava zangado e havia uma amargura para com ele que não compreendia. Por que se sentiria assim dado que ele tinha posto Vane e Fury nessa situação?

—Estiveste desligado durante meses.

—Me acredite, eu sei —seus olhos cintilaram com malícia brutal.

Frustrado, Vane suspirou.

—O que queres de mim?

—Nada, Vane, só quero que sejas feliz.

Sua boca poderia haver dito isso, mas seu tom não. Vane tratou outra vez de aliviar a tensão entre eles.

—Sou. Finalmente. Bride é melhor do que nunca mereci. E ambos temos um quarto para ti em nossa casa.

Fang fez caretas ante sua oferta.

—Não sei. Vós estais recém emparelhados. A última coisa que precisas é de teu irmão, o deficiente mental, assustando de morte a tua mulher.

Era um comentário clássico de Fang. Uma das réplicas sarcásticas que Vane tinha estado ansiando ouvir ao longo de todos esses meses passados.

—Bride não se assusta facilmente.

—Provavelmente seja certo se tu és a primeira coisa que vê pela manhã.

Vane riu de sua jocosidade. Seu peito se apertou ao dar-se conta exatamente do quanto tinha sentido falta do seu irmão em realidade, enquanto Fang tinha estado inconsciente. Não havia ninguém mais no mundo como ele.

—Te queremos conosco.

Fang se atirou da cama como se estivesse a ponto de atacar.

—Não sou teu filho, Vane —grunhiu com uma raiva inesperada—. Não sou um menino. Sou um lobo adulto e realmente não acredito que tenha lugar com tipos como vós.

Ele assentiu com a cabeça, mas se negou a se recuar. Sabia perfeitamente que não devia deixar Fang perceber suas emoções. Isto só faria ao lobo nele mais volátil.

Assim tentou mudar de assunto a algo mais seguro.

—Há algo mais que tens que saber sobre Fury.

Fang se burlou:

—Ele é meu irmão. Aimee já me disse isso.

Isto lhe surpreendeu muitíssimo. Exatamente, como íntimo era seu irmão com a ursa? Isso não podia ser bom.

—Queres lhe ver? —perguntou Vane.

—A verdade é que não. Se por acaso o esqueceste, nós dois não somos exatamente amistosos.

—Sim, eu sei. Mas ele foi uma grande ajuda protegendo a Bride.

—Estou contente de que o tivesses.

O tom de sua voz desmentiu aquelas palavras.

Vane franziu o cenho ante sua atitude, que começava a lhe tocar as bolas. Tinha estado mantendo seu caráter bem seguro, mas começava a deslizar sob o constante assalto do qual não era merecedor.

Estava tentando, mas Fang não fazia nenhum esforço absolutamente.

Em troca Fang seguiu atacando e a parte de lobo de Vane estava se realmente fartando dele.

—Por que estás tão zangado comigo?

Fang estava a ponto de estalar por dentro. Sua fúria era vulcânica e ansiava arremeter contra Vane da pior maneira.

Tu falhaste comigo, idiota!

Mas esse não era o único veneno que ardia em seu interior. Era o fato de que enquanto Vane tinha falhado com ele, ele lhe tinha amaldiçoado por estar preso. De maneira que seu irmão lhe havia dito coisas más e ferinas.

E totalmente imerecidas.

Ele queria sentir, agora, o mesmo amor e lealdade por seu irmão que havia sentido na noite em que Anya tinha morrido. Mas ele já não estava ali, nem sobre tudo, esse dano.

Fang não era o mesmo e tampouco o era Vane.

Resistente a lutar mais quando isto não mudaria nada, Fang se retirou.

—Olhe, ainda não me sinto bem. por que não vais e passas o tempo com sua companheira e Fury?

—E t?u Tu também és minha família.

Sim, certo.

O engraçado é que ele já não se sentia assim.

—Só imagine que ainda estou em coma. Estou seguro que isso te resultará bastante fácil de fazer.

Vane retorceu seu rosto com um gesto de desgosto.

—Ah, que te fodam, bastardo egoísta. Sabes? Fury e eu fomos os únicos que te mantivemos seguro enquanto estavas na cama, inútil para nós. E agora te atreves a mostrar essa atitude comigo? És um amargurado de merda.

Fang varreu a Vane com uma risada de desprezo.

—Certo, como que *tu* não sabes nada sobre ser egoísta.

—O que se supõe que significa isso?

—Abandonou-me para procurar um pinto e assim quando não me levantei a tua ordem, aliou-te com um bastardo que odeias. Não esqueças que conheço teu amor pelas correrias de Fury tão profundamente como o meu. Onde estava *tua* lealdade em tudo isto?

Vane lançou sua mão e embotar Fang contra a parede.

—Melhor te alegrar de ter estado doente ou te faria engolir essas palavras.

Fang lhe sacudiu com uma onda das suas. Isto fez pedacinhos os poderes que Vane usava para lhe segurar e deixou a seu irmão cambaleante enquanto ele ficava livre.

—Não é o único que pode dominar a magia, imbecil.

Vane elevou a vista de onde tinha aterrissado no chão contra a parede com a consternação marcada em seus traços.

—Como fizeste isso?

—Há muito sobre mim que não sabes, *adelphos*. Agradeça que não lhe quero mostrar tudo. Agora saia daqui.

Vane ficou de pé. Não, este não era o mesmo Fang com quem tinha atravessado uma amarga infância. Algo estava seriamente errado em seu irmão e não tinha nem idéia do que.

Mas se Fang não o dizia, não havia nada que pudesse fazer.

Passou a mão pela boca.

—Muito bem. Sente-se aí e te apodreça.

Fechou com uma portada quando partiu.

Aimee saiu em disparada de seu quarto ante o som e se deteve no corredor ao lhe ver.

—Estás bem?

—Não, não o estou —Vane fulminou com o olhar a porta fechada enquanto imaginava estilhaçar tanto a esta como abrir a cabeça de Fang de par em par—. Estou a um passo de matar a esse idiota.

—Fang?

—É há outro aqui?

Com expressão aturdida, ela assentiu com a cabeça.

—Um bom número debaixo deste teto, de fato, e estou aparentada com vários deles. Mas por que quereria fazer mal ao seu irmão depois de tudo pelo qual ele passou?

—Depois de tudo pelo qual passou? —mofou-se Vane—. Por favor! Soas como ele. Lamenta ter jazido na cama e ter sido alimentado na boca, porque não podia enfrentar-se à mesma realidade que o resto de nós tivemos que encarar e ele tatear sem cuidado o que estivemos passando Fury e eu. Quase nem sobrevivemos à caça. Tive que combater a um demônio e aos Daimons e...

—E tu achas que Fang queria estar naquele coma?

Vane lhe disse com desprezo:

—Já ouviu o que Carson e Grace disseram. Poderia ter saído disso a qualquer momento se tivesse querido.

Aimee sacudiu a cabeça.

—Não, Vane, não podia. Acredite em mim.

—O que te crês? Não —disse quando sua amargura se incrementou profundamente dentro dele. Como se atrevia ela a apoiar Fang—. Conheço meu irmão melhor que ninguém e sei exatamente quão egoísta é. Tudo do que se preocupa é dele mesmo.

—Vane... estás equivocado. Fang não estava em coma. Estava preso no inferno. Eu sei porque fui eu que entrei e lhe tirou dali. Tu combatestes a um único demônio. Ele combateu a centenas.

CAPÍTULO 19

Fang se sentou na beira da cama com os pés no chão, os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre suas mãos. Estava tão cansado de tudo, cansado de tratar de resistir, cansado de machucar. De desejar coisas que não podia ter.

Só queria um minuto de paz.

Por que era algo tão difícil de encontrar? Certamente deveria ser fácil e, ainda assim, era o objetivo mais difícil de alcançar que tinha conhecido.

Antes que se pudesse mover, Vane apareceu ante ele no quarto. Levantou Fang da cama e lhe abraçou tão forte que sentiu suas costelas quebrar-se.

Fang lutou contra o agarrão.

—Me solte, maldito pervertido!

Vane lhe soltou e lhe golpeou com força no braço.

Fazendo uma careta, Fang lhe empurrou e lhe haveria devolvido o golpe com um próprio se Vane não o tivesse esquivado.

—A que veio isso?

Vane lhe grunhiu.

—Por não me dizer o que te aconteceu, imbecil.

Essa última palavra estava carregada com suficiente veneno para derrubar a um furioso elefante macho.

Completamente confuso, franziu o cenho.

—Do que estás falando?

Vane lhe agarrou pela camisa e, furioso, sustentou-lhe com os punhos.

—Aimee me disse onde estiveste todos estes meses. Pensei que estavas em coma. O que mais me incomoda, é que devias ser tu quem me dissesse isso, não ela.

Zangado por seu tom e seu agarrão, Fang o empurrou outra vez.

—Sim, bom, tu deverias ter sido o que me ajudara a recuperar minha alma, não ela.

—Pensei que estava sonhando.

Fang soprou.

—Vane, vem me ajudar —o disse friamente, usando as palavras com as quais tinha tratado repetidamente de conseguir a atenção de seu irmão—, não é exatamente sutil.

Um tique palpitou na mandíbula de Vane. Fez gestos para a cama enrugada.

—E quando vinha aqui a te ver, parecias comatoso. Todos me disseram que isso era o que te estava ocorrendo. Como podia supor outra coisa?

Que convincente. Fang o fulminou com o olhar e a sua obtusa estupidez.

—Devias me ter conhecido melhor. Quando me recostei e lambi minhas feridas? Francamente?

Vane olhou para outro lado, seus traços envergonhados enquanto se dava conta da verdade, Fang não era um covarde. Era um lutador até a medula.

—Tens razão, deveria havê-lo sabido. Devia ter pensado melhor de ti. Mas sei quanto significava Anya para ti, assumi que...

Que Fang era fraco e incompetente, o que Vane sempre tinha pensado dele, e já estava cansado de estar a sua sombra.

—Olhe, não quero falar disso. O que está feito, feito está. Graças a Aimee e a seus irmãos, estou de volta.

Que irônico, dada a forma injusta em que Fury e Vane o tinham tratado. Mas para bem ou para mau, estava aqui no reino humano.

Agora que o pensava, basicamente negociou um inferno por outro.

Diga-me outra vez por que briguei tanto para voltar para cá...

Uma vez mais, ao menos aqui ninguém estava tratando de estripá-lo.

Ainda.

—Só esqueçamos o que aconteceu.

Vane escutou as palavras, mas conhecia seu irmão. Tinha ferido Fang e levaria aos dois bastante tempo para voltar a dar-se bem com o que tinha acontecido. E com toda honestidade, odiava-se assim mesmo por não ter estado aí quando deveria havê-lo feito.

Mas tal e como disse Fang, não se podia desfazer o que estava feito. Tudo o que podia fazer era assegurar-se de não deixar que voltasse a acontecer.

—Somos irmãos, Fang. Significas tudo para mim. Espero que saibas.

Fang fez uma careta.

—Quando te converteste em mulher? Argh, se isso for o que te faz estar emparelhado, eu passo.

Vane sacudiu sua cabeça.

—Bride não me ensinou isso, fez-o perder a Anya. Há muitas coisas que desejaria lhe haver dito antes que morrera. Não quero cometer esse erro contigo.

Fang fez um gesto.

—Sim. Bom, por favor cometa o erro. Estás me assustando com essas patranhas amorosas —indicou com sua mandíbula para a porta—. Sua mulher está lá embaixo. Não deveria deixá-la esperando.

Ele não se moveu.

—Queremos que vivas conosco.

Fang ainda não estava preparado para isso. Tinha mudado muito e viver com Vane e sua parceira humana... Na verdade, preferia não fazê-lo.

—Acredito que ficarei aqui por um tempo. Seria bom para vós dois ter um tempo juntos sem seu odioso irmão misturando-se.

Vane se burlou.

—É essa a verdadeira razão?

—Que mais poderia ser?

Vane olhou para a porta, então baixou sua voz num sussurro.

—Aimee.

Fang soprou, embora seu irmão estava muito perto da verdade do que queria admitir.

—Somos amigos.

—Se tu o dizes. Mas tens que saber de algo se te estás atando com ela...

—Não sou idiota —disse entre dentes—. Lobos e ursos não se misturam.

—Mantenha isso em mente. Poderia ser a única coisa que te salve a vida.

Fang voltou os olhos.

Vane lhe bateu nas costas.

—Se me necessitares...

—Chamarei.

Vane sacudiu a cabeça.

—Não te decepcionarei de novo Fang, juro-o.

—Eu sei.

Mas Fang ainda não estava seguro se poderia confiar em Vane. Seu irmão não tinha querido decepcioná-lo antes, mas mesmo assim, tinha-o feito.

Vane lhe estendeu a mão.

Fang tomou e permitiu que Vane o arrastasse num apertado abraço de homens. Acariciou-o nas costas antes que se fora.

Sozinho, Fang retornou à cama unicamente para ouvir alguém mais batendo na porta. Instantaneamente soube quem era. Só uma pessoa tinha esse suave, hesitante golpe e cheirava a baunilha com cheiro de lavanda.

—Entre, Aimee.

Empurrou a porta aberta para lhe franzir o cenho enquanto sustentava uma bandeja de comida.

—Como soubeste que era eu?

—Cheirei-te.

Ela se horrorizou.

—E pensar que desperdicei todo esse tempo me banhando e todo meu dinheiro em sabão. Por que me incomodo quando evidentemente cheiro mal?

Sorriu apesar de si mesmo enquanto ela punha a bandeja a um lado.

—Eu gosto de lavanda mais que esse cheiro de baunilha que tens agora.

Inclinou sua cabeça em fingida ofensa e apoiou uma mão em seu quadril.

—Oh, estou sendo discriminada pelo lobo que não tomou banho em... Quantos meses foram?

—Não é culpa minha. Poderias ter me banhado.

—Isso! Então terias estado sem pele e já não necessitarias de um banho.

Desprezou o encantado que estava por esta troca. Mais concretamente, por sua presença.

—Por que estás aqui?

—Quería me assegurar de que tu e Vane estivésseis bem.

—Sim.

Ela o olhou desconfiadamente enquanto se aproximava da cama.

—Não parece tão seguro disso.

—Não é isso, amo ao meu irmão, isso só...

Amargura. Essa era a única palavra que fazia justiça ao seu mal-humorado estado de ânimo. Esperava que fora temporário.

—Não é nada do qual não possa sair.

Aimee lhe passou uma cerveja.

—Se tu o dizes.

Tomou e olhou a bandeja de comida que ela tinha posto em sua cômoda.

—Pensei que havia te dito que não tinha fome.

—Supus que estavas mentindo.

Ele riu.

—Obrigado pela fé.

Enrugando seu nariz para ele, descobriu o prato para lhe mostrar presunto, peru, tempero e batatas.

—Necessitas de algo mais?

A ti...

Deuses. Era um idiota, seu traseiro era a única coisa com a qual queria dar uma dentada, inclusive agora podia se imaginar despindo-a e lhe fazendo amor até que os dois estivessem cegos por isso.

Clareou a garganta, desejando poder clarear sua mente assim fácil.

—Não, e de verdade estou arrependido pela forma na qual te tratei antes.

—Deverias está-lo, mas o entendo. Tenho os mesmos sentimentos, o que em realidade me incomoda.

Tomou um comprido gole de sua cerveja.

—Há algo errado em nós não é assim?

—Sim, estamos lascados.

Pondo a cerveja a um lado, atraiu-a para ele até que esteve de pé entre seus joelhos abertos. Sua essência o envolveu como uma manta quente enquanto se imaginou deslizar sua camiseta sobre sua cabeça e libertar seus seios.

—Nunca desejei a uma mulher tanto como desejo a ti.

Descansou as mãos em seus ombros enquanto olhava para ele, seu olhar quente.

—Nunca desejei a um homem até te conhecer.

Inclinou sua cabeça contra seu estômago enquanto ela passava sua mão através de seu cabelo e logo por seus ombros.

—O que vamos fazer?

Seu contato enviou calafrios sobre ele.

—Devemos nos manter afastados. Sou a herdeira de minha mãe. Tenho que encontrar um urso com o qual me emparelhar.

A ira disparou através dele com essas palavras. Não podia suportar o pensamento de outro homem tocando-a, mas deixou que o calor de seu corpo o apaziguasse até que estivesse calmo de novo.

—Podemos nos comportar como adultos.

—Absolutamente, somos amigos.

Amigos. Alguma vez existiu uma palavra mais asquerosamente inventada?

Aimee baixou o olhar enquanto ele se afastava para olhá-la. Seu cabelo estava

despenteado e suas costeletas estavam começando a escurecer suas bochechas de novo. Isto lhe dava um selvagem *sex-appeal* que era difícil de resistir. E esses belos olhos... poderia facilmente perder-se neles.

Não...

—Vou ao meu quarto.

Fang assentiu e a soltou. Com o coração pesado a viu ir, ainda quando o que realmente queria fazer era chamá-la e fugir para um lugar onde a ninguém interessasse se ele era um lobo e ela uma urso.

—O que tenho feito?

Fazer uma completa e destrutiva ruína de tua vida.

Era verdade. Tudo se havia fodido e não tinha nem idéia de como ajeitá-lo de novo.

Suspirando, foi até a bandeja que Aimee havia trazido e se sentou para comer.

Aimee fez o melhor que pôde para poder dormir. Mas por alguma razão, não podia. Eram por volta das três da madrugada quando foi ao banheiro e viu luz sob a porta do dormitório de Fang.

Contra seu melhor julgamento, atravessou o corredor para golpear brandamente em sua porta.

Ele não respondeu.

—Fang? —sussurrou.

De novo, não respondeu.

Fechando os olhos, olhou dentro do quarto e o encontrou aí. Estava passeando pelo quarto como um animal enjaulado. Selvagem. Frio. Letal.

Algo estava errado.

Sem considerar o perigo, Aimee entrou para vê-lo.

Ele se lançou sobre ela tão rápido, que não pôde nem sequer proteger-se. Fixou-a contra a parede, sua mão em seu pescoço, como se pudesse matá-la justo onde a tinha.

Mas no momento em que a tocou, seu olhar se clareou e se enfocou em seu rosto.

—O que estás fazendo aqui?

—Vi a luz acesa e estava preocupada contigo.

Fang se voltou para trás, suas feições atormentadas, enquanto passava uma mão por seu escuro cabelo.

—Não posso respirar, Aimee. Não me posso relaxar. Tenho medo de ir dormir. O que acontece não me acordo outra vez?

O fato de que lhe confiasse isso lhe disse quão transtornado estava.

—Estás bem. Estás de volta e seguro.

—Estou-o? Não pude despertar antes.

Ela o atraiu para seus braços e o manteve perto.

—Já terminou, Fang.

Fang queria acreditar nisso, mas como podia?

—Não, não terminou. Posso senti-los ainda me agarrando. Posso escutar o bater das asas dos Reapers e ver os Coletores procurando vítimas. Vêm atrás de mim. Eu sei.

Ela lhe agarrou o rosto entre as mãos e lhe fez olhá-la.

—Vou estar contigo e me assegurar de que ninguém te afaste.
Ele se mofou.

—Me escute —disse ela firmemente—. Realmente não pensarás que passei meses de inferno, espreitando aos Daimons e descendo ao Kalosis para deixar que te tenham de novo, verdade?

Bom, quando punha as coisas dessa forma.

—Não.

—Então acredite, não vou deixar que venham atrás de ti. Se há algo que um urso pode fazer, é brigar.

Fang assentiu e voltou para a cama. Aimee lhe cobriu com a manta e se sentou na beira da cama.

Ele tomou sua mão entre as suas e as manteve perto. Thorn o tinha marcado. Mas ela não podia ver a marca através de sua camiseta. Queria lhe falar sobre a troca que tinha feito.

Se só pudesse. A verdade era, que estava envergonhado de não poder protegê-la sem isso.

Sobretudo, estava assustado de que o demônio de seu interior pudesse manifestar-se e feri-la.

—Se eu chegasse a fazer algo estranho, me deixarás imediatamente. Entendes?

Aimee enrugou sua testa com suspeita.

—Estranho, como?

—Não sei. Tentar te comer?

Ela arqueou sua testa ante isto.

—Certo. Faz esse tipo de coisas usualmente?

—Não realmente, mas quem sabe depois disto. Talvez, até pode ser que me saiam chifres e me converta em Simi quando não estejas olhando.

—Bom, prometo-te que se vier a mim com um mau yuyu, arrancar-te-ei as tripas. E se te transformas em uma demônio Gótica adolescente, vou rir as gargalhadas.

—Bem.

Ela riu.

—És o único que conheço que poderia encontrar nessa ameaça um alívio.

Fang tentou sorrir, mas seu cansaço o estava ultrapassando. Havia algo em Aimee que o fazia sentir seguro. Antes que se desse conta, estava adormecido.

Aimee ficou por volta de uma hora vendo Fang dormir. Era tão estranho lhe ver dessa forma. Recordava a sua sobrinha, a qual não gostava da escuridão.

Só que Micah tinha quatro anos.

Que horrores tinha passado Fang ali embaixo para que ainda acreditasse ser açoitado por eles?

—Eu gostaria de poder ajudar.

Mas só o tempo podia curar o que se havia quebrado dentro dele. Tudo o que ela podia fazer, era estar lá quando necessitasse de força e companhia.

No que estava pensando?

Precisava manter distância dele. E mesmo assim, era muito difícil quando tudo o que ela queria fazer era tirar a roupa, meter-se na cama junto a ele e ter seu corpo enterrado profundamente no seu.

Havia algo tão estranho com respeito a ele.

E se for meu Companheiro?

Claro que as Destinos não seriam tão cruéis.

Oh, no que estava pensando? Claro que poderiam ser cruéis. Elas conspiravam para que os homens comessem aos seus próprios filhos. Que as mães matassem seus bebês. Não havia nada mais traidor que As Moiras.

Com o coração lhe pesando, passou um dedo por sua bochecha a barbuda. Adorava como se sentia. Como parecia.

Sobretudo, amava seu sarcasmo, seu humor amargo.

Soltando um cansado suspiro, recostou-se contra a parede.

—O que vai acontecer conosco?

Eli levantou o olhar enquanto Cosette entrava em seu estúdio. A pálida mulher crioula era tão bela como sua antecessora, Marie Laveau, uma das mais notórias sacerdotisas Vodou no mundo. Apenas uma diminuta mulher, vestia uma saia branca solta e uma túnica que tinha um ombro descoberto. Seu cabelo loiro estava afastado de seu rosto por um cachecol vermelho, de modo que seus cachos apertados caíssem desordenadamente sobre seus ombros.

Mas o que destacavam eram seus olhos verdes doces amêndoados, vigilantes. Recordava a um gato sem domesticar e seu passo era suave, com um movimento sedutor que poderia fazer que qualquer homem se virasse a olhá-la quando passava. Aquele passo também fazia que campanhas não vista soassem com cada movimento que ela fazia.

Diabos, era bonita.

—O que posso fazer por ti? —perguntou, fechando a agenda em que estava escrevendo.

—Temos um problema, *cher*.

—E que problema é?

—Meu demônio está morto.

Eli não se moveu durante três pulsados de coração enquanto essas palavras faziam racho nele.

—A que te referes?

—Meus espíritos me hão dito que um *Loup-Garou*¹⁴ o assassinou enquanto ia atrás da puta a qual eu o tinha enviado para matar. É difícil para mim terminar com teus inimigos enquanto meus criados são massacrados antes que eles possam realizar sua atribuição. Somente pensei que devias sabê-lo.

Eli uniu suas mãos com uma calma que estava longe de sentir. O demônio tinha, supostamente, que assassinar a uma estudante e deixar a evidência que implicava a Kyle Peltier no homicídio. O beco para o ataque tinha sido cuidadosamente escolhido, já que estava a umas quantas quadras do clube que o jovem urso estava reformando.

—Não estou feliz, Cosette.

—Pareço como se o estivesse celebrando?

¹⁴ No Francês Original. Homem Lobo.

Ela o cravou com um olhar que faria a um homem mais fraco temer por sua alma.

—Não poderias convocar a outro demônio?

Ela fez um som de profunda ofensa.

—Convocar a um como esse não é algo fácil de fazer. Estive de cama durante três dias depois de havê-lo feito.

—Os detalhes não me importam.

—Bom, pois deveriam.

—E por que deveriam?

Um canto de sua boca se elevou num sorriso zombador.

—O universo é um balanço delicado. O que tu envias sempre encontra uma forma de retornar. Este *Loup-garou* é um caçador, um perseguidor. Meus espíritos me hão dito que o deixe em paz.

Ele se mofou de suas babaquices supersticiosas.

—Deverias tomar cuidado, *ma petite*. Existem coisas mais escabrosas neste universo que seu caçador.

—Sei disso muito bem. Mas... há algo malvado que está se cozinhando na cidade. Uma convergência de espíritos. Isso me preocupa.

—Deverias estar mais preocupada de me desobedecer. Eu não gosto de decepções — moveu sua mão ociosamente sobre o couro negro enquanto contemplava as últimas notícias—. Diga-me... teus espíritos pelo menos te deram o nome do *Loup-garou*?

—Eles o chamaram de Fang.

Sua mão parou a meio caminho.

Fang...

Aquele bastardo que supunha que tinha morrido. O único que tinha posto suas patas asquerosas sobre seu filho.

Eli levou sua mão para trás enquanto a raiva crua e absoluta se derramava sobre ele.

—Não tens idéia de quão infeliz isto me faz.

—Aí estás equivocado. Eu sei. Mas me escute. Meus espíritos nunca se equivocam. Um malvado poder emergirá e ameaçará a todos. Devemos estar prevenidos.

Eli tinha a intenção de ser mais que cauteloso com respeito ao problema. Ia confiar nisso e usá-lo. E isso foi o que lhe deu um plano brilhante.

Por que não o tinha pensado antes?

As leis do Santuário não se aplicavam a todas as espécies. Havia uma em particular que eles não protegiam ou controlavam. Uma espécie que não estava atada às regras do Omegríon.

Esqueçam de Varyk e no que estava trabalhando. Isto era muito melhor. Seria algo que os Peltiers nunca poderiam imaginar vir.

Algo que os destruiria para sempre.

—Cosette, minha selvagem menina, tenho uma nova idéia para ti e teus espíritos.

CAPÍTULO 20

Fiel a sua palavra, Fang ficou no Santuário para trabalhar como guarda-costas. Papai Urso tinha tratado de lhe fazer garçom, mas uma noite tinha demonstrado o desastroso da decisão já que Fang carecia do temperamento apropriado.

Sempre que alguém se queixava de seu consumo, não era bom para eles.

Se não fosse pela mediação de Aimee, teriam inclusive a algum turista na cadeira de rodas. E agora havia um buraco no muro que estava reparando Quinn e que sairia do próximo cheque do salário de Fang.

Assim trabalhava como brutamontes quando eles lhe necessitavam, enquanto Dev ficava na porta e fiscalizava quem entrava e saía.

Não era o pior trabalho do mundo e lhe deixava livre para olhar Aimee sem que seus irmãos lhe tirassem os olhos das órbitas. Melhor ainda, pagavam-lhe por manter um olho sobre ela e assegurar-se de que ninguém se aproximava dela enquanto trabalhava. Definitivamente era um trabalho com benefícios.

E como adorava olhá-la. A forma em que ria com os clientes habituais ou se divertia com os mais jovens que tinham vindo a comer com seus pais. Ela sempre lhes dava algum doce, e inclusive se sentava e desenhava com eles se não havia muito trabalho. Ela amava crianças de todas as espécies.

Não podia deixar de perguntar-se quanto melhor seria com seus próprios filhotes...

Tinha uma graça incomparável em tudo o que fazia e lhe doía só o olhá-la.

Se pelo menos ele fora um urso...

O pensamento lhe torturava constantemente quando se roçavam mutuamente tratando de permanecer indiferentes. Era tão injusto, mas sabia que assim era a vida. E ele parecia ser a cabeça de turco a maior parte dos dias.

—Ei, Fang? —ladrou Remi com seu temperamento habitual—. Nos dê uma mão.

Girou a cabeça para ver Wren, Colt e Remi tratando de mover os pesados alto-falantes do palco para uma nova posição para que Angel, o vocalista principal dos Howlers, não sacanearia outra vez com o acople do som.

Hérnia lá vou eu.

Aimee fez uma pausa em seu caminho para o bar para olhar como Fang saltava em cima do palco sem apoiar-se. Colocando o caderno de pedidos em seu bolso, ela mordeu o

lápiz que tinha na boca ante a magnífica vista de seu traseiro.

O lápis se partiu em dois.

Cuspindo os pedaços da carga e madeira sobre o pano para as mãos, reprovou a si mesmo.

Que asco! Há algo mais asqueroso?

E tudo era por culpa de Fang.

O que faço?

Comer com os olhos o melhor pedaço de traseiro de Nova Orleans.

Bom, aí estava. Viu que seus músculos se sobressaíam quando levantou um lado da torre de alto-falantes, enquanto o grupo o deslizava pelo palco.

—Maldição... Alguma vez teria uma melhor vista? —disse Tara, a garçonete humana estudante universitária, enquanto se detinha ao seu lado—. Eu adoro trabalhar aqui. Em dias como este, acredito que deveria lhes pagar pelo privilégio.

Aimee riu.

—Sabes, rara vez penso nisso.

—Isso é porque estás aparentada com a maior parte da deliciosa carne quente daqui. Penoso para ti. Porque para o resto de nós... —fez um grunhido que desmentia seu nascimento humano.

Aimee sacudiu a cabeça. Menos mal que Justin não tinha escutado isso. Faria o possível para que o repetisse estando nua. Ou ainda melhor, a faria ronronar.

Tara aspirou bruscamente.

—Isso, nenê. Te abaixe e recolha isso. Tome seu tempo, carinho. Não há pressa absolutamente. Ooo, mamãe!

Aimee se se pôs a rir até que se voltou para ver a quem se dirigia Tara. A ira estalou quando viu que a forma arredondada do traseiro de Fang se delineava nos jeans justos. Pior, a camisa lhe tinha subido para mostrar uma interessante porção da parte inferior das costas, de pele tersa e bronzeada que ela morria para provar.

Teve um impulso repentino de arrancar o cabelo da humana por atrever-se simplesmente a lhe dar uma olhada. Inclusive, quis pendurar um pôster ao redor do pescoço dele que pusesse: É meu. Olhar é arriscar-se a perder os olhos... e o cabelo.

—Temos que voltar para o trabalho.

Tara pôs cara feia.

—Desmancha-prazeres —saiu trotando para examinar uma mesa enquanto Aimee dava outro olhar a Fang. Ao menos ele estava erguido outra vez. Mas com seu peso sobre uma perna e as mãos nos quadris, estava inclusive mais sexy que antes.

Uma imagem caminhando para ele e esfregando seu corpo ao seu a atravessou. Em sua mente, ela podia lhe ver ali jogando a cabeça para trás enquanto ela deslizava uma mão sobre seu robusto peito, para baixo por esses perfeitos abdominais até que pudesse introduzir a mão em seu jeans e lhe colher nela.

Seu corpo palpitou e se umedeceu ante a sensação que provocou a mesma idéia. *Maman* tinha tido razão. A excitação era quase impossível de resistir. Isto a deixava faminta e irritável. E não ajudava que ela entrava no cio outra vez. Era pelo que seus irmãos eram particularmente cuidadosos sobre deixar que as pessoas aproximassem dela. Queriam proteger a linhagem tão estreitamente como o faziam seus pais.

Então por que ela não o fazia?

A pele de Fang se arrepiou pela poderosa sensação de ser observado. Esperando a algum inimigo, percorreu com a vista o clube escuro e se surpreendeu ao achar Aimee lhe olhando abertamente, como se quisesse comê-lo de um bocado.

Isso estava bem para ele, pois não lhe incomodaria ter um pedaço dela tampouco.

—Cara!

Virou-se ante o grunhido zangado de Colt. Adiantando-se, tomou seu lado correspondente e ajudou a movê-lo. Mas ainda podia sentir Aimee lhe observando. Fazia com que cada terminação nervosa de seu corpo faísasse e sua entreperna se inchasse a ponto de deixá-lo praticamente coxeando.

Quando tiveram o alto-falante em sua nova posição, Aimee já se foi.

Fang queria amaldiçoar.

Era o melhor.

Sim...

De um salto desceu do palco, para encontrasse com Fury, que lhe esperava no bar. Uma fúria instantânea o abraçou. O bastardo vivia atualmente com Vane e isso precisamente não fazia com que Fang lhe amasse mais.

—Queres algo? —perguntou grosseiramente Fang, enquanto cruzava por trás do balcão para pegar uma cerveja. Outro dos benefícios de trabalhar aqui. Alcool grátis.

—Sim —Fury se virou para lhe enfrentar—. Vou abdicar da manada.

Fang ficou gelado e baixou a garrafa.

—O que queres dizer?

Fury suspirou, com os braços na cintura.

—Olhe, ambos sabemos que não sou o suficientemente forte para me defender de qualquer um que me ataque com magia. Se não fora por Vane, não seria o chefe agora. De todos os modos, o posto do Regis Katagari deveria ser teu. É o justo.

Fang demonstrou seu sarcasmo ante a oferta “magnânima” que o insultava até o fundo de seu ser.

—Não necessito de tua maldita caridade.

—Então me desafies por ele.

Fang mostrou os dentes ao idiota e sua estupidez.

—Não me tentes. Se lutar contra ti, debilito o poder de Vane e não penso fazê-lo. —Acabou com sua cerveja e foi tomar uma flanela para ajudar Wren a limpar mesas.

Fury foi atrás dele.

—Por que me odeias tanto? Que mal te tenho feito?

Tu estiveste com Vane, quando ele precisou de mim para ajudar a proteger Bride. E ele estava com Vane quando Fang necessitou que Vane lhe ajudasse. Mas nunca admitiria essa ferida diante de ninguém. Era sua para suportá-la, não para compartilhá-la com outros e que pudessem burlar-se dele.

Quando não respondeu, Fury lhe percorreu com um olhar de desgosto, enquanto Fang limpava uma mesa próxima.

—Sabes o que, Fang? Importa-me uma merda. Tu segue te comportando como um idiota tudo o que queiras. Não me importa. Fique aqui, se fodendo entre os ursos. Não me

afeta em nada, mas me deixe te dizer algo. Eu nunca tive o que Vane e tu tendes. Nunca tive um irmão me cuidando as costas, nunca. De fato, deverias conhecer nosso irmão Dare e ver a peça que é. Só para tua informação, foi o primeiro a lançar-se contra minhas costas quando compreendeu que eu era Katagari. Perdoa o trocadilho, mas ele me lançou aos lobos e foi até meu jugular. Assim se queres ser tão humano como ele, apreciaria que primeiro me avisasses.

Fang olhou como Fury partia. Queria lhe dar uma descarga. Lhe derrubar e lhe abrir a garganta.

Mas eram irmãos.

Fury veio até aqui e ofereceu abdicar como líder. Fang conhecia o lobo o suficiente para saber que não se voltava para trás facilmente. Tinha sido um golpe enorme para seu ego fazer essa oferta.

Deixe de ser um idiota Fang. Seu irmão estava tratando de fazer as pazes.

Fang olhou ao longe, tratando de imaginar o que tinha sido para Fury estar na manada com eles nestes últimos séculos, sabendo que eram sua família e sem dizer nada a respeito.

Por que? Por que o teria feito?

Querendo uma resposta, foi atrás dele. Alcançou-lhe lá fora, onde Fury destravava sua motocicleta enquanto sustentava o capacete em um punho apertado.

—Queres algo?

Fury se deteve.

—Por que nunca nos disseste a verdade?

—Já respondi a isso —disse Fury depreciativamente—. Da última vez que meu irmão descobriu o que era, traiu-me e tratou de me matar, e esse era o irmão com o qual me criei. Ao que estava acostumado a proteger quando o resto da manada queria lhe golpear por ser parte Katagari. Assim mesmo, nossa irmã me cuspiu na cara e afundou sua adaga entre minhas costelas, a mesma irmã a qual habitualmente protegia de nossa mãe, de Dare e de todos os outros. Assim não esperava nada melhor de vós. Muito obrigado por não me decepcionar, idiota.

Fang não soube porquê, mas essas palavras foram à gota que transbordou o copo. A raiva se apoderou dele com vontade, e antes de dar-se conta do que fazia, lançou-se contra Fury. Rodeando-lhe com os braços a cintura, atirou-lhe ao chão e procedeu a lhe tirar a imbecilidade a golpes.

Aimee conteve o fôlego ao ver uma imagem de Fang recebendo um golpe na cabeça. Estava lutando lá fora. Tudo o que ela podia ver era um borrão de partes corporais e couro negro.

Antes que pudesse pensar melhor, correu à porta onde lhe viu com Fury ao outro lado da rua, lutando entre eles com tudo o que tinham. No momento que deu um passo para fora para lhes deter, Dev a segurou contra ele.

—Me solte —exigiu, tentada de lhe dar um pisão. Se estivesse calçando qualquer outra coisa que não fossem suas botas com pontas de aço de motoqueiro, teria-o feito. Mas com esse calçado, ele não sentiria nada e ela machucaria o calcanhar.

A experiência com Remi a tinha ensinado.

Ele apertou o agarrão.

—Deixe que eles se virem, Aimee.

Deixando de resistir, olhou-lhe.

—Se machucarão.

—Muito provável, mas tens muitos irmãos para saber que às vezes precisamos dar golpes na cabeça entre nós. É nada menos que uma necessidade moral.

Era certo. Ela mesma nunca tinha entendido a compulsão, mas por alguma razão um irmão dizia algo ou olhava estranho ao outro e então lá iam. Ao menos até que Papai os separasse.

—Por que estão brigando?

Dev deu de ombros enquanto a soltava e se afastava um passo para voltar a apoiar-se contra a parede que tinha por trás. Cruzou os braços sobre o peito e dobrou um joelho, para apoiar também o pé contra o muro.

—Não tenho idéia. Mas estou apostando em Fang

Ela não achou graça.

—Então, como sabes que isto é o melhor?

—Porque vi o olhar nos olhos do Fang quando foi atrás de Fury. É a mesma que tenho eu justo antes de administrar uma surra em Remi.

Aimee rangeu os dentes com frustração, mas Dev tinha razão. Ela conhecia esse olhar de perto e o usou em um par de ocasiões.

—Papai sempre os separa.

—Sim, e se forem muito longe, eu o farei. Mas acredito que eles precisam tirar isto de seus sistemas.

—E se transformam-se em lobo enquanto estão brigando em via pública?

—Nos ocuparemos disso no caso de que ocorra.

Aimee não estava tão segura enquanto observava como Fury levantava Fang e lhe atirava contra o chão. Fang ficou de pé de um salto e deu em Fury um golpe tão duro que até lhe doeu. Parecia como se estivessem tratando de matar-se a punho limpo.

Que diabos estavam pensando?

Fang golpeava Fury com uma vida de cólera contida. Pelas vezes que Fury lhe tinha mostrado o dedo ou tinha articulado as palavras com a boca durante séculos e Vane lhe tinha impedido de atacar ao pequeno imbecil. Pelas vezes que ele tinha necessitado de Vane no reino das trevas e tinha sido forçado a lutar contra os demônios sozinho...

Tudo saiu à superfície.

Mas enquanto golpeava outras imagens lhe assaltaram. Fury tratando de enfrentar-se ao seu pai, quando ninguém mais o fez. Fury ficando com eles quando Anya tinha morrido...

Fury lutando junto a eles...

Irmãos.

Lançou um golpe ao queixo de Fury que o lançou diretamente de costas ao chão do estacionamento. Ficou de joelhos e retorceu o punho na camiseta negra de Fury, com a

intenção de lhe golpear de novo. Mas ao lhe ver o rosto se deteve.

Havia um corte sobre seu olho direito pelo qual emanava sangue que descia por sua têmpora.. Seus lábios estavam partidos, seus dentes ensangüentados. Hematomas se estavam formando no queixo e nas bochechas.

E embora seus olhos cuspiam veneno, Fury não se havia transformado em lobo. A humana era sua forma mais frágil e entretanto lutava contra ele como um homem.

Não estava brigando para feri-lo gravemente ou para ganhar...

Não para me machucar...

Os olhos escuros de Fang se travaram com aqueles misteriosos turquesa. A vergonha se apoderou dele ante seus atos. Tinha atacado a Fury como um patético humano com os sentimentos feridos.

Não, tinha atacado ao seu irmão como um demônio descontrolado.

Baixando o punho, soltou o puxão na camiseta de Fury e o deixou cair sobre a calçada.

—Já acabaste? —burlou-se Fury enquanto jazia ali—. Isso é tudo o que tens, maricas?

Fang se mofou do insulto.

—És um imbecil de merda.

—E tu és um idiota.

Fang se sentou sobre suas nádegas e os dois começaram a rir no meio da rua, sangrando. Nem sequer estava seguro de porquê encontrava o patético da situação tão engraçado, mas assim era.

Quando limpou o lábio ensangüentado, gritou pela dor.

—Teu gancho de esquerda é impressionante.

Fury se virou a um lado para cuspir sangue na calçada antes de erguer-se para sentar-se.

—Posso dizer o mesmo do teu.

Fang sacudiu a cabeça ao notar quão doloridas estavam suas costelas pelos golpes de Fury. Apesar da carência de habilidades e capacidades psíquicas como Were Hunter, o pequeno bastardo era um excelente lutador.

—Não posso acreditar que dentre todos os lobos do universo tu sejas meu irmão.

—Sim, pois tampouco consegui exatamente o mais seletivo da ninhada.

Fang voltou a rir.

—Não, não o fizeste. As Moiras te foderam ali.

Fury entreceerrou os olhos enquanto testava seus dentes frouxos com o polegar. Cuspiu mais sangue.

—Então seguimos sendo inimigos?

Fang vacilou. Uma parte dele queria seguir odiando a Fury, mas o problema era que não sabia o porquê.

Era na verdade tão humano que podia odiar sem nenhuma razão? Ou era o demônio dentro dele que queria a cabeça de Fury?

Afinal, foi o saber que era de sua família o que prevaleceu sobre todo o resto. Para o bem ou para o mal, tinham o mesmo sangue. E para um lobo, isso era o mais importante.

Fang lhe ofereceu a mão.

—Irmãos.

Fury a estreitou.

—*Adelphos*.

Fang puxou-o, para poder abraçá-lo de uma forma que só tinha reservado para Vane e Anya.

—Mas isto não significa que me caias bem.

Fury lhe empurrou.

—Não te preocupes. Eu não gosto de ti tampouco, cretino. Mas mataria para te proteger.

Fang lhe dedicou um sorriso inclinado.

—O mesmo digo eu. —ficou de pé e logo estendeu a mão a Fury.

Fury a separou de um golpe.

—Não sou tua fêmea, lobo. Posso me levantar sozinho.

Fang cuspiu um pouco de sangue. Sim, sua mandíbula ia ficar dolorida durante ao menos uma semana e não haveria nenhum alimento nesta noite que requeresse muita mastigação.

Fixou um penetrante olhar sobre Fury.

—Somos muito parecidos para nos dar bem.

—Isso é o que disse Vane. —Fury recolheu o capacete da calçada onde tinha caído quando começou a briga. Tirou os restos de terra fora do capacete antes de colocá-lo.

—Ouça!

Fury se deteve.

Fang lhe estendeu a mão outra vez e quando Fury a tomou, atraiu-lhe dando um rápido abraço masculino.

—A manada é tua.

Fury soprou.

—Realmente não te vejo como meu subordinado. Em nenhum momento.

—Nem eu. Mas já não sou parte da manada. Declaro-me independente.

Fury levantou a viseira do capacete.

—Isso é um suicídio.

—Não. Estou aqui —indicou o Santuário por cima do ombro—. Preciso de um tempo para clarear minhas idéias. Quando conseguir, retornarei. Mas por agora acredito que isto é o melhor para mim.

Fury lhe dirigiu um penetrante olhar dúbio.

—Se tu o disses. O direi a Vane. —Baixou a viseira, levantou uma perna sobre a motocicleta e arrancou.

Fang retrocedeu quando Fury abriu o regulador e o ligava. Foi então que se deu conta que Aimee estava parada do outro lado da rua com Dev, observando cada um dos movimentos que tinham feito.

Repentinamente se envergonhou, colocou as mãos nos bolsos e se aproximou deles.

—Sente-se melhor? —perguntou Dev sarcasticamente.

—Sim. Obrigado por não interferir.

O urso encolheu os ombros.

—É! Entendo-o. Desejaria que alguém me deixasse fazer isso com um par de meus irmãos.

Aimee deu um passo à frente enquanto soltava um suspiro exasperado.

—Pareces horrível —se aproximou e lhe puxou o queixo inclinando-o para poder

observar seu olho direito, que palpitava e picava—. Gezz. Carson tem que ver isto.

—Não sou um bichano, Aimee. Tive piores e curaram sozinhas. Isto também passará. Ela soltou seu queixo e ele grunhiu.

—Não te ofendas, mas odeio ao *macho* Fang. Realmente lamento que não o encerres num armário, com cadeado na porta e que percas a chave.

Dev ria.

—Sinto muito, lobo. Nós somos a razão pela qual ela se comporta assim.

—Está bem. Enquanto não me bata ou me morda, estaremos bem.

Dev suspirou bruscamente.

—Homem, o sexo com um lobo deve ser duro.

—Sim, pois inclusive no quero saber como o fazem os ursos.

Aimee fez um som de angústia.

—Desculpem? Meninos? Ainda estou aqui, sabem?

Dev sorriu malvadamente.

—Sim, sabemos. Mas não nos importa.

Zangada, deu a volta e partiu.

Fang quis detê-la, mas fazer isso diante de Dev não seria a ação mais inteligente. E um traseiro açoitado pela noite era o melhor no momento.

—Por que não vai lá pra cima e tomas um banho? Tome um tempo livre. Ao amanhecer podes ajudar a fechar.

—Obrigado —Fang voltou para o interior.

Wren se deteve assim que lhe viu.

—Me recorde não te incomodar.

Fang lhe ignorou enquanto voltava para seu quarto. Surpreendeu-se ao encontrar-se ali a Aimee, lhe esperando.

Ele fechou a porta rapidamente antes que alguém passasse e a visse aí.

—O que estás fazendo?

Ela lhe mostrou uma garrafa de peróxido e um depósito com bolas de algodão.

—Estava preocupada contigo. Senhor Grande *macho* —ela arrastou a cadeira da pequena mesa—. Agora te sente.

—Aimee...

—Sente-se, lobo. —Era o tom mais áspero que ele tinha escutado dela em muito tempo—. Pudeste ter vencido a Fury, mas eu posso vencer a ti.

Sim, claro. Quase era engraçado. Entretanto, sabia o que ela tinha feito... os lobos não atacavam às mulheres a menos que tratassem de matá-los ou a alguém que estivesse sob sua proteção. Por isso ela estava a salvo e ele indefeso.

Suspirou e se sentou como lhe tinha ordenado.

Ela inclinou o peróxido para umedecer a almofadinha de algodão.

—O que é o que acontece convosco os homens que têm que lutar assim?

—Estamos saindo do sério?

—Aparentemente.

Fang gritou quando ela tocou um ponto particularmente sensível.

Ela fez um som exasperado.

—Deixa de choramingar, como um grande bebê. Se vais brigar, ao menos atua como quando te ferem.

Lançou-a um olhar irado.

Ela tocou um novo ponto não menos doloroso, mas desta vez simplesmente esticou o corpo.

—Poderia me explicar por que os dois se comportaram assim?

Fang deu de ombros.

—Há uma parte de mim que lhe odeia.

—Por que?

—Não sei. Alguma vez tomaste o caminho errado?

—Sim. Contigo há muito tempo. Mas te dá conta que ainda não te golpeei na cabeça.

Ele separou sua mão do rosto para poder elevá-la e olhá-la.

—Então por que segues a minha volta?

—Deve ser pelo golpe que me deu Remi há treze anos. A comoção cerebral deve ter sido mais profunda do que qualquer um de nós pensou.

A tomou pelos flancos e puxou-a fazendo com que avançasse até sentá-la escarranchada sobre a coxa esquerda. Maldição, era a mulher mais bonita que alguma vez tinha visto e em tudo o que podia pensar era rasgar sua camisa para poder saboreá-la.

Aimee deixou cair o algodão que tinha na mão quando ele capturou seu olhar. A contemplação de seus olhos chamuscava e combinada com seu próprio calor...

Ele tomou a garrafa de sua mão e a deixou a um lado. Devagar, colheu a bochecha dela com a mão. Ela inclinou a cabeça para poder lhe beijar.

Aimee gemeu pelo tão bom que saboreava e lhe sentia sob suas pernas. Choramou quando sua parte sensível entrou em contato com os músculos de sua coxa. A dor era insuportável.

Ele grunhiu, quando o joelho dela roçou ligeiramente o vulto dentro de seu jeans.

Fang não podia pensar mais que em deslizá-la entre os braços e prová-la totalmente. Sim, isto fez com que seus inchados e machucados lábios doessem, mas não lhe incomodou. Não quando a dor em sua virilha se impunha àquela dor minúscula.

Por seu cheiro, ele sabia que ela estava no cio. Poderia tê-la num instante. Sempre que uma fêmea Katagari estivesse no cio, sua necessidade de companheiro era muito intensa.

Ela se separou de seus lábios beliscando-os com os dentes antes de enterrar o rosto em seu pescoço. Roçou ligeiramente o lóbulo de sua orelha. Os calafrios percorreram todo o corpo dele.

—Fang, desejo-te —ofegou em seu ouvido.

—Não podemos fazer isto.

—Eu sei —ela desabotoou suas calças e abriu o zíper para poder lhe tocar.

Naquele momento, ele não soube nada mais. Pôs os olhos em branco ao sentir sua suave mão lhe acariciando. Deuses, quanto fazia que uma mulher não lhe tocava?

Ele mordeu seu lábio antes de enterrar a cabeça em seu pescoço para cheirá-la.

Aimee se estremeceu ao sentir a língua de Fang sobre sua pele. Sentiu como a desabotoava as calças e afundava sua mão para tocá-la, ela gritou de prazer. Levantou ligeiramente os quadris para que ele pudesse deslizar um dedo dentro dela profundamente. Ninguém a havia tocado aí antes.

Ela percorreu a longitude de seu pênis, deixando que sua umidade a cobrisse os dedos enquanto a carícia o fazia maior. Seu corpo o queria dentro, mas o último vestígio de prudência lhe dizia que não podiam fazê-lo. Se a penetrava, poderiam ser

emparelhados.

Era algo que não podiam permitir-se.

Assim que ela se contentaria com esta momentânea intimidade enquanto se deleitava lhe acariciando.

Fang inclinou a cabeça para trás enquanto Aimee lhe percorria com a língua a garganta até o queixo. Sentiu como se estivesse morrendo. Seu corpo estava em chamas, e a ensinou como lhe acariciar.

Maldição, ela aprendia rápido. E sentir sua mão sobre ele, enquanto que sua língua chegava ao seu ouvido era mais do que podia suportar.

Fang se levantou tão rápido que quase nem teve tempo de agarrá-la antes que caísse ao chão. A pôs sobre a mesa, atirando a garrafa de peróxido ao chão onde o conteúdo se derramou para o ralo de ventilação. Mas não se preocupou. Não quando seu corpo tremia e rogava por algo que poderia matar a ambos.

Mas a vista dela se posava em suas calças...

Os olhos dela eram escuros e atraivos enquanto lhe olhavam.

—Por favor, Fang. Não posso suportar mais. Isto está me matando.

Ele sabia que a sensação e o fato que estivesse no cio o pioravam para ela. Condenando-se pela estupidez, tirou as calças.

Aimee sentiu como seu rosto se ruborizava quando Fang ocultou seu faminto olhar dela. Ele se ajoelhou em frente enquanto separava suas pernas e deslizava as mãos por cima de suas coxas até o centro de seu corpo.

Sustentou seu olhar cativando-a quando a tomou em sua boca. Aimee uivou de prazer. Afundou a mão no cabelo dele e o sustentou contra ela enquanto sua língua acalmava o fogo interior.

Fang nunca tinha provado nada melhor. Devorou-a, explorando cada parte até que seu cheiro se marcou nele. E quando finalmente teve um orgasmo, ele não se deteve até obter o último espasmo dela.

Aimee se apoiou ofegando contra a parede, enquanto seu corpo retornava lentamente à normalidade. Mas ela viu a dor que ainda havia nos olhos de Fang. Seu membro ainda duro.

—Necessitas de ajuda com isto?

Ele agarrou sua mão.

—Não és engraçada, Aimee.

Ela aspirou bruscamente enquanto ele conduzia sua mão para que lhe colhesse. Agora era enorme. Era uma dessas coisas que sabia dos lobos. Seus pênis cresciam cada vez mais durante o sexo, e depois de libertar-se demoravam vários minutos antes que eles pudessem voltar para um estado normal.

Fang enterrou a cabeça em seu pescoço ao tempo em que empurrava os quadris para sua mão. Ele parecia uma besta selvagem e isso a maravilhou, quanto gostaria de tê-lo profundamente dentro dela.

Quando finalmente ele chegou ao orgasmo, gritou seu nome. Aimee lhe sustentou perto, mantendo a pressão da mão enquanto ele a necessitasse.

Ele levantou a cabeça para acendê-la com um olhar de ternura.

—O que temos feito?

Ela lhe beijou gentilmente.

—Nada. Isto não pode nos emparelhar.

Fang não estava seguro sobre isso. Mas ao fim e ao cabo sua palma não ardia com a marca. Ao menos ainda não. Afastando-se dela, fechou-se rapidamente o zíper das calças, tão rápido que se enganchou.

—Merda! —grunhiu, apesar de estar agradecido pela dor. Necessitava que o sangue retornasse ao seu cérebro.

Aimee encontrou seu fixo olhar e ele viu as lágrimas brilhar em seus olhos.

—Te amo, Fang.

Apertou a mandíbula para impedir de dizer a ela que ele também a amava. Isso o debilitaria mais.

—O que vamos fazer?

—Nem idéia. Não sei. —Ela desceu da mesa para recuperar suas calças e colocá-las.

Tudo o que ele queria fazer era tomá-la entre os braços e sustentá-la durante o resto da eternidade.

Fang tomou seu medalhão e o deu.

—Não podem nos apanhar juntos. Tua mãe é a Principal Regis Ursulan e meus irmãos governam ambas as sedes dos Lykos. Se se inteirarem, Savitar poderia anular cada tratado que tem com eles.

Ela assentiu enquanto segurava as calças.

—Isto contaminaria nossas linhagens.

Ele a lançou um olhar ardente.

—Isso me importa uma merda —tomou seu rosto entre as mãos, e lhe sorriu.

—A mim tampouco.

—Aimee?

Ambos olharam para a porta quando ouviram a voz de Mamãe Lo no corredor.

Ah, merda! Isto era ruim.

—Onde está essa garota?

—Tenho que ir —sussurrou ela antes de desaparecer.

Fang amaldiçoou. Mas apenas ela se foi, Mamãe Lo abriu a porta do quarto. Ele usou seus poderes para camuflar o que acabavam de fazer.

Ao menos esperava que assim fora.

Nicolette explorou o quarto com desconfiança.

—Onde está Aimee?

Ele sabia que não podia negar que ela tivesse estado ali já que seu cheiro era mais que evidente aos sentidos aumentados de Nicolette e embora pudesse mascarar a maior parte, não podia tirar cada rastro dela.

—Não sei. Trouxe-me peróxido e desapareceu.

Isso era verdade, e assim Nicolette não poderia cheirar a mentira nele. Simplesmente excluiu alguns detalhes importantes.

Nicollete suspirou.

—Há outra reunião de ursos lá embaixo para que tome um companheiro. Juro que nunca está onde deve estar.

Fang teve que controlar seu temperamento ante aquelas palavras, assim como o impulso de descer em busca de uma pele de urso.

—Se voltar atrás do peróxido, avisarei a ela.

—Por favor faça-o.

Ele notou uma estranha nota em sua voz.

—Há algo errado?

—*Non*.

Mas ele sabia que mentia.

—O que acontece?

—Nada —ela se foi fechando a porta.

Franzindo o cenho, Fang abriu a porta e a observou afastar-se e a Wren subindo a escada. Nicollete fez uma careta ao Tigard, mas não disse nada.

Wren, por sua parte, fez um gesto obsceno a suas costas. Deteve-se quando compreendeu que Fang lhe tinha visto.

—O que é que há entre vós dois?

Wren deu de ombros.

—Ela acredita que sou um monstro. Eu penso que é uma cadela. Nicollete não acredita que as espécies devam misturar-se e me odeia por ser um híbrido.

—Ela me aceita.

—Sou um pouco diferente de ti.

Fang soprou.

—Não leve a mal, Wren, mas és muito diferente de todo mundo.

Marvin subiu correndo as escadas com uma banana. Saltou ao ombro de Wren e assinalou a Fang com a banana como se fora uma arma. Isso falou por si só. E ambos foram golpeados.

—Por que ficas aqui?

Wren tomou a banana de Marvin para cortá-la e dar ao primata.

—Pela mesma razão que tens tu.

—E é?

Wren jogou uma olhada para a escada.

—Ela é a única pessoa ou animal que conheci que realmente é amável. Não tenho nenhuma família e quando fui trazido aqui não confiava em ninguém. Ainda não confio. Exceto nela.

Aimee. Ele não disse seu nome porque não tinha que fazê-lo. Ela era a única com a que Wren realmente falava.

—A amas?

—Como irmã e amiga. Morreria para protegê-la. —Wren se aproximou um pouco mais e baixou sua voz—. Vi como se olham e isso me assusta.

—Por que?

—Porque está bem visto que um Katagari se mescle com um Arcadiano. Mas mesclar espécies... escuta de alguém que está cruzado, não queres passar por isso. E se não for por ela, pensa se as Destinos são tão frias para vos dar filhos. O ódio de outros voltou para minha mãe louca e ao final ela me odiou por isso.

—Não somos companheiros, Wren. E sabes tão bem como eu que não temos controle sobre isso.

—É obvio que o tens. Se não dormirem juntos, não vos emparelhais. Isso o controla.

—rompeu um pedaço de banana e o deu a Marvin—. Confie em mim, lobo. Te afaste dela pelo bem de ambos. —Wren lhe deixou e se dirigiu ao seu quarto.

Essa era uma advertência que realmente não necessitava.

Fang retornou ao seu quarto enquanto aquelas palavras ressonavam em seus ouvidos. O problema era que, não havia sentido tanto por nenhuma outra mulher. Parecia como se as Destinos os tivessem emparelhado...

O que vou fazer?

Ao entrar um pouco mais viu uma sombra em um dos cantos.

Esta avançou para a luz para lhe mostrar à última pessoa que esperava ver.

Thorn.

CAPÍTULO 21

Fang avançou dentro do quarto, assegurando-se de não mostrar a Thorn nenhum sinal de hostilidade.

—O que estás fazendo aqui?

Thorn se apoiou casualmente na mesa. Cruzou os braços sobre o peito enquanto sondava com o olhar a Fang.

—Só vendo como vais. Queria saber se o demônio ia ganhando e se precisávamos te matar por causa disso.

—Encantado de te ver também. Vejo que este tempo afastado não te tornou mais encantador.

—Ah, posso ser encantador. Simplesmente escolho não sê-lo. As pessoas começam a pensar que tu gostas delas e logo, quando os apunhalas pelas costas eles tomam como algo pessoal. Isso realmente me incomoda.

Fang se sentou na cama e começou a tirar as botas.

—Fazes isso freqüentemente, não é mesmo?

—Rapaz, não me faças te bater—. Cruzou uma longa perna sobre outra.

Fang atirou as botas a um lado e riu.

—Que idade tens?

—Não precisa saber nada sobre mim. É muito mais seguro dessa maneira.

—Mais seguro para quem?

—Definitivamente para ti—. Havia uma corrente mortal na voz de Thorn. —Só há dois, talvez três entidades que me ameaçam. E tu não és nenhuma delas.

Entendido. Fang se apoiou para trás enquanto estreitava o olhar em Thorn. Honestamente, estava se cansando desta troca sem sentido.

—Então, para que estás aqui realmente? Tens outra atribuição para mim?

—Não. Só uma advertência.

—Para que?

Thorn coçou o queixo como se só estivessem disparando merda entre eles e não dirigindo informação que poderia resultar vital.

—Um dos feiosos do demônio daqui convocou a Jaden fazendo-o sair de sua fossa.

Esse era um nome que Fang não tinha escutado antes.

—Jaden?

Um sorriso malicioso curvou os lábios de Thorn.

—É um... agente de demônios. Negocia com a fonte primária para conseguir poderes e outras coisas para os demônios. Pessoalmente, detesto ao bastardo e ele não sente carinho por mim tampouco. Dado que é novo em tudo isto, queria te advertir que te mantivera fora de seu caminho.

—Por que?

—É suficiente dizendo que é muito reconhecido por usar ao meu pessoal como alvo de pontaria. Não acha realmente que esteja no topo do topo, assim que os vê como estúpidos peões.

—Tem alguma razão para pensar isso?

—Não realmente. É só outro idiota com o qual tenho que lutar. Acredito que são as cicatrizes da infância as quais não o deixam acreditar em nada. Ou talvez seja uma desordem de stress pós-traumático ou simples dano cerebral. Ao final do dia, importa-me uma merda, mas é letal, assim mantenha-se afastado.

—E como o reconhecerei? Por alguma casualidade vestirá camisas com seu nome nelas?

Thorn riu.

—Maldição, lobo, eu adoro teu sarcasmo. Não, sua mãe não lhe costurou o nome em cima ou nas camisas. Mas não podes passá-lo por alto. Um bastardo alto com um olho marrom e o outro verde. Realmente desagradável. Tem um colar de escravo e uma aura de poder que destila uma divindade que não possuí. Também dirige um humor demoníaco em todo seu ser.

Sinceramente adorável. Fang já podia relaxar.

—Entendido e anotado.

—Bom. Agora terás que ir com extremo cuidado. Se for convocado aqui, é que alguém está brincando com fogo e estão atrás de algo altamente brutal que requer muito poder para consegui-lo. És um dos três Hellchasers estacionados aqui e espero que os três joguem limpo e se façam de bombeiros.

—Bombeiros?

—Sim. Quando os fogos do inferno transbordam, vós tereis que contê-los.

Maldição, era muito pensar que pudesse funcionar uma simples mangueira.

—Os outros Hellchasers têm nome?

—Varyk e Wynter. Já conhecestes Wynter e estou mais que seguro que não te gostará Varyk absolutamente.

—Por que?

—É um Lycos Arcadiano.

A notícia o golpeou como um chute ao fígado. Durante um minuto, não se pôde centrar enquanto o percorria uma fúria vermelha vivo.

—Pensei que era o único que tinhas.

Thorn sorriu malvadamente.

—Varyk é um homem lobo, tu és um lobo que pode converter-se em homem. Embora para a maioria não há muita diferença, em nosso mundo sim há. Mas se te faz sentir melhor, vós sois os únicos Were-Hunters que tenho na lista. Além disso, há políticas de

por meio, pelo qual Varyk não pode ser utilizado contra Phrixis.

—Tu gostas dessa palavra, não é assim?

—Phrixis? Dificilmente. Nem sequer é uma palavra atraente de pronunciar.

Fang lhe lançou um olhar cômico.

—Regras.

—Se isso for o que quiseste dizer, por que não o disseste assim?—Refutou Thorn irritadamente—. E para responder a sua pergunta, não, nem o mínimo. Detesto os jogos, mas minha existência é um eterno estudo de uma partida de xadrez de altos coeficientes. Nós movemos, eles rebatem e vice-versa. Deus nos ajude se o inimigo alguma vez captura ao nosso rei... e que fique a mostra, que esse seria eu. Não deixes que isso aconteça porque te iria muito mal.

—Manterei os olhos abertos.

—Bem, lobo. E aqui outro conselho que vou te dar.

—E isso é?

—A marca que te pus formigará cada vez que um demônio se aproxime de ti, como advertência. Quanto maior seja a sensação, mais poderoso será o demônio.

—Mas não matarei ao demônio, só o golpearei com minha espada.

Thorn inclinou a cabeça sarcásticamente.

—Agora estás começando a entendê-lo. Enfim, como está indo a ti e ao teu demônio interior?

—Não me há possuído ainda.

—Bem. Mantenha-o dessa maneira. Odiaria ter que te matar sendo tão recente nossa relação.

Fang arqueou uma sobrancelha ante isso.

—Temos uma relação? Isso quer dizer que me abandonarás?

—Oh, cravarei teu traseiro na parede mais próxima. Isso realmente iluminaria meu, de outro modo, nauseabundo dia. Queres?

—Não te preocupes. Não estou de humor e detestaria ter que fazer que te esforçasses tanto.

Thorn sacudiu a cabeça.

—Proteja as costas, lobo. Há uma sombra sobre este lugar e os ursos estão acumulando inimigos mais rápido que as vendas de desconto no Wal-Mart. Quando chegar o momento, vai ser sangrento.

—Não o preferiria de outra maneira.

—Não sejas tão arrogante. Muito antes de ser este modelo de sofisticação ante ti, era um senhor da guerra. Pus mais sangue na lâmina de minha espada que a Senhora Guilhotina. A única coisa que todas as batalhas me ensinaram é que ninguém sai sem uma cicatriz. Ninguém.

Fang se deteve enquanto se dava conta de quanta razão tinha Thorn. Vane utilizava um ditado similar. Na briga, todos saem sangrando.

—Te cuide as costas, lobo, e recorda, quando chegar o momento de escolher o lado, te assegures de escolher bem.

Ao amanhecer, Fang se encaminhou escada abaixo para ajudar a limpar e fechar. Embora o Santuário tecnicamente ficava aberto 24 horas, 7 dias da semana, para os seres sobrenaturais, eles fechavam às 4:30 da manhã e abriam às 10:00 da manhã para os humanos. Mamãe Lo e Papai ficavam na espera na Casa Peltier durante as horas de descanso.

Entrou no bar ao mesmo tempo em que o irmão mais velho de Aimee, Zar, quem era quase indistinguível na aparência entre os quadrigêmeos, vinha trazendo uma bandeja com copos da cozinha.

Agradeceu-lhe por lhe segurar a porta.

—Podes ajudar Aimee a terminar. Eu já terminei por esta noite.

Fang assentiu enquanto via Aimee tirar um pano de Wren e empurrá-lo para a porta. A música se escutava em um baixo volume do tocador. Eram as Índigo Girls, uma das bandas favoritas de Aimee.

—Wren, vá embora. Has levado quatorze horas com apenas um pequeno recesso. Vai dormir.

Ainda assim, Wren vacilou.

—Não deverias ficar sozinha aqui embaixo.

Olhou atrás dele para ver Fang.

—Não estou sozinha.

Wren se voltou para olhá-lo, logo apertou a mandíbula. Assentindo para Aimee, fez o que lhe pedia.

Fang franziu o cenho quando Wren se transportou, logo se moveu para onde estava Aimee pendurando uma toalha branca sobre o ombro.

—Gosto dele, mas é um rapaz estranho.

—Eu sei. Embora acredite, tem suas razões para sê-lo.

Sem dúvida, dadas as histórias que tinha escutado. A metade dos Were-Hunters que trabalhava aí pensava que o tigard tinha assassinado aos seus próprios pais. Nicolette não o suportava e Papai Urso parecia principalmente ambivalente, ele prestava um pouco mais de atenção nele que os outros.

—És a única com quem em realidade fala.

Aimee se moveu para levantar uma cadeira, virá-la e pô-la sobre a mesa. Fang não a deixou continuar.

Ela se afastou com um sorriso.

—Amo a Wren e ele sabe.

—Sim, mas parece não acolhê-lo.

—Algumas vezes não o faz. Mas é como diz Cherisse, os mais difíceis de amar são os que mais o necessitam.

Mofou-se ante o cego otimismo. Por um lado, admirava-a, mas por outro... Era muito benevolente.

—Realmente achas isso?

Sorriu-lhe.

—Absolutamente. Te amo, não é verdade? E os deuses sabem que definitivamente não és fácil de tratar—. Ficou nas pontas dos pés para lhe dar um rápido beijo na bochecha antes de voar a seguinte mesa para acomodar as cadeiras.

Como um simples comentário podia agradá-lo e ofendê-lo ao mesmo tempo?

Mas claro, era boa nisso.

—Obrigado, Aim. Por certo, ainda tenho um pouco de confiança. Por favor, te assegure que a pisoteias enquanto estás aí. Os deuses proíbam que cresça isso chamado de auto-estima—. Continuou empurrando as cadeiras.

Aimee ria enquanto passava a o pano no piso.

—Quando queiras, lobo. Vane me disse que não se supunha que te deixasse acreditar que és grande coisa.

Papa Roach foi a seguinte canção a tocar.

—Interessante mescla essa que tens aí.

—Só espera. Debbie Gibson está em algum lugar.

Deteve-se para olhá-la enquanto cantava ao ritmo da canção.

—Estás brincando, não?

—Nop. Eu gosto de uma ampla variedade de melodias.

Deixou escapar uma profunda respiração.

—Encontraste uma forma completa de torturar a um homem. Maldição, e acreditei que Misery era má.

Rindo, ela dançou com o rodo enquanto ele admirava a fluidez de seu corpo ao mover-se. Despertou seu lobo interior e o fez uivar.

Como podia estar excitado de novo?

Isto se estava tornando irritante. Tratando de distrair-se, olhou ao redor do bar vazio. Aparentemente, eram os únicos que ficavam.

—Onde estão todos?

—Nunca servimos aos humanos depoi das 2:00 a.m. Só em caso que algo realmente estranho aconteça no último par de horas da noite. E por minha família, os meninos sempre desaparecem logo que podem. Acreditam que é divertido me deixar limpar tudo sozinha.

—Por que o fazes?

—Não quero escutar a Maman se queixar. Chega como um implacável sargento e faz uma inspeção a cada manhã.

O console mudou para “Day after day” de Badfinger. Deteve-se ante uma canção que não tinha escutado há anos. Sempre tinha gostado dela por alguma razão.

Aimee dançou dando voltas enquanto trabalhava, cantando-a.

Encantado, se perdeu nos grácis movimentos. Antes que se desse conta do que fazia, estava frente a ela, lhe estendendo a mão para que dançasse com ele.

Pondo o pano a um lado, ela sorriu antes de aceitar. Girou-a entre os braços e a segurou perto ao mesmo tempo em que ambos se balançavam enquanto a música flutuava ao seu redor. Estavam em perfeita sincronia. Os braços estavam tão bons ao seu redor enquanto seu cheiro inudava a cabeça.

Posou uma mão delicada em sua bochecha.

—Dou-te meu amor —cantou ela, a voz lhe enchia de emoção a garganta.

Apoiou a bochecha na sua para poder saborear a sensação de tê-la entre os braços. Isto era o que o tinha sustentado durante seu inferno no Reino das Trevas. Seu calor e sua ternura.

Seu cheiro.

Aimee revolveu os dedos em seu cabelo.

—Eu gosto de teu cabelo comprido. Te cai bem.

Não respondeu enquanto tomava a mão e a dirigia à boca para poder morder os dedos.

—Quero fazer amor contigo com tanta vontade que o posso saborear.

Deslizou a mão para baixo para agarrá-lo.

—Eu também.

Seu penis se sacudiu, demandando que a tocasse sem a barreira do tecido. Isso também lhe recordava que não tinha direito sobre ela. Que não poderiam estar juntos, não importava quanto sofresse por fazê-la sua.

—Assim, como foi tudo com os outros ursos?

Soltou uma risada curta.

—Desastroso. Um quis ultrapassar comigo e lhe dei tal joelhada que tiveram que lhe fazer uma retração testicular.

—*Ui!* —Riu Fang, retorcendo-se ante o mero pensamento—. Isso deixará uma marca.

—Não foi o bastante respeitoso com meus virginais ouvidos quando aconteceu.

—Aposto que não. Queres que vá e termine o que começaste? Estarei mais que feliz de castrá-lo... e a qualquer imbecil que queira chatear a minha garota...

Silenciou as palavras posando uma mão sobre sua boca.

—Cuidado, lobo. Qualquer um que te escute dizer isso e o que terminará castrado serás tu.

Mordiscou as suaves pontas dos dedos.

—Eu sei. É só que é tão duro para mim ter que deixar que qualquer traseiro peludo do universo queira te conquistar enquanto nem sequer posso fazer contato visual.

—Eu sei, bebê—. O beijou gentilmente nos lábios.

Inclinou a cabeça e deixou que a paz do momento o inudasse enquanto dançavam. Venderia a alma para ficar assim.

É muito tarde. Já a vendeste para protegê-la.

Sim, devia ter posto outra estipulação nesse contrato. Uma que o deixasse em seus braços para sempre.

Sou um idiota...

Tratando de distrair-se, mudou de assunto.

—Ontem à noite estava conversando brevemente com Justin e disse algo interessante.

—E isso é?

—Que Dev e teu pai foram treinados como Strati.

Lançou-lhe um olhar tão reservado como se fora a proteger segredos de segurança nacional.

—Por que é isso estranho?

Fang começou a repetir a conversa, mas era algo que o tinha incomodado a respeito dos ursos Peltier e queria ver se ela podia confiar nele.

—São Arcadianos.

Aimee gaguejou ante a palavra. O coração palpitava com temor. Como podia saber isso? Ninguém *já* o tinha suspeitado.

—Não sei do que estás falando.

Deteve o movimento para olhá-la cautelosamente.

—Não minta para mim, Aimee. Não sou estúpido. Estive tempo suficiente aqui para me dar conta e protegi a um Arcadiano muito tempo em minha vida para não notar os sinais de um que se esconde no meio de uma manada de Katagari. Se quiseres que finja que não sei, então te seguirei a corrente. Mas queria que soubesses que o sabia.

E estava pondo a vida em suas mãos. Se sua família alguma vez suspeitasse que o tinha sido descoberto, matariam-no sem perguntar. Esqueça a *erini* ou as leis do Omegríón, seria esfolado vivo.

Ele inclinou-se para lhe sussurrar.

—Também sei teu segredo.

Ela estremeceu enquanto um suor frio brotou de seu corpo. Como tinha adivinhado o único segredo que tinha protegido durante tantos séculos? Um segredo que nem sequer sua família sabia...

Sem dúvida, odiava-a por isso.

—Que segredo?

—Que Kyle é um Aristos e o estás ajudando a exercitar os poderes.

Cheia de náuseas, Aimee começou a se afastar, temerosa de escutar algo mais.

—Não o direi a ninguém, Aimee. Juro-o. E não é porque tenha medo. É o que menos me importa. És tu a quem não poderia machucar, de maneira nenhuma.

E por causa de que estava lhe confiando seu segredo, ela queria lhe dizer um de volta.

Tinha posto a vida em suas mãos. O mínimo que podia fazer era devolver o favor.

—São os únicos aos que apontaste?

—Acredito que Zar pode ser um e possivelmente Quinn.

Aimee engoliu com força enquanto um medo galopante a percorria. Possivelmente não deveria dizer-lhe. E se a rejeitava somente por isso? Os Arcadianos tinham matado a sua irmã. Era certo que não tinham disparado o Taser que tinha acabado com sua vida, mas igualmente morreria posto que eles tinham matado ao seu companheiro.

Já a tinha afastado outras vezes. Poderia fazê-lo também, desta vez teria o poder para destruí-la.

Deuses! Tinha vontade de vomitar. Isto era algo que nunca poderia dizer nem sequer a sua mãe ou ao seu pai. Mas tinha direito de sabê-lo. Não era justo lhe manter ignorante...

Respirou fundo e lhe olhou.

—Eu também o sou.

Fang se afastou para olhá-la enquanto as palavras lhe soavam nos ouvidos. Não. Não era possível. Seguramente que o teria sabido se era como seus irmãos. Como tinha podido lhe enganar por completo?

—O que?

Viu o medo naquele olhar azul claro que não se separava do seu.

—Sou Arcadiana. Mudei na puberdade, como Vane. É algo que não contei a ninguém em minha vida. Nem sequer minha família sabe.

—Por que me dissesse isso ?

Puseram-lhe os olhos cristalinos de agüentar as lágrimas enquanto lhe mostrava as marcas de Sentinela do rosto.

—Pensei que deverias saber com o que estavas te envolvendo.

Fang lhe agarrou a bochecha aonde se retorcia o desenho grego antigo que a marcava

como um dos grupos mais odiados de sua espécie. Viu o medo nos olhos. E o fato de lhe confiasse algo como isto...

Amava-lhe. Tinha que lhe amar porque só uma louca com tendências suicidas poria algo assim nas mãos de um Katagaria que sabia o que Nicolette Peltier sentia pelos Arcadianos. O fato de que Aimee tivesse escondido de sua mãe dizia tudo.

Aimee tinha se despido completamente ante ele. Com razão estava tremendo.

—Sabes que não me importa.

Aimee engoliu um soluço enquanto lhe atraía contra ela e lhe abraçava.

—Não tens nem idéia de quão assustada estou há séculos. Acredito que é por isso que tinha tanto medo de tentar me emparelhar com um Katagaria. Imaginas o que me faria se o averiguam?

O menos ruim, matá-la. O pior, mutilá-la. Tinha razão, não era algo que pudesse compartilhar à toa.

—Foste muito valente ao me contar isso.

—Tanto é o que confio em ti, lobo.

—E jamais trairei essa confiança. Juro-o.

Aimee sentiu uma só lágrima que se deslizava pela bochecha. Fang a enxugou.

A ternura dos olhos a fez derreter-se. Não a trairia, sabia. Mas ainda assim não podiam unir-se. Era a relação mais impossível que os deuses teriam concebido.

—Então, onde nos deixa tudo isto? —sussurrou, muito aterrorizada para sequer contemplar sua própria resposta.

O olhar de Fang se voltou de aço.

—Venha comigo. Só nós dois. Nos esqueçamos das diferenças e dos prejuízos. Vamos embora e fiquemos juntos.

Como desejava que fora tão simples! Mas não o era.

—Não podemos, Fang. Meus irmãos morreram me protegendo. Se não tivesse sido por Bastien, nunca teria aprendido a utilizar meus poderes. Ensinou-me quando não podia confiar em ninguém mais. Agora sou a única que pode ensinar a Kyle a usar seus poderes. E a Maman se destroçaria de me perder também. Sou a única esperança de manter nosso legado. Os Peltier estiveram no Omegrion desde o começo. Sabes o raro que é algo assim.

Os olhos se voltaram frios.

—De verdade isso é mais importante para ti que eu?

—Não, mas não podes me fazer escolher entre tu e minha família.

Estremeceu-se ao dar-se conta de que tinha razão. Estava sendo egoísta.

—Sim. Era uma idéia estúpida.

E era um idiota por pensar, sequer por um segundo, que lhe poria por cima da família. Ninguém o tinha feito. Por que teria ela que fazê-lo?

Afastou-se com o coração destroçado.

—Será melhor que terminemos de limpar. Como hás dito, não quero que Nicolette grite contigo.

Aimee lhe olhou voltando a amontoar as cadeiras. Tinha-lhe machucado e não estava segura de como. Mas podia notar que se ergueu um muro entre eles que não tinha estado ali antes.

Quando terminaram, guiou-lhe escada acima. Deteve-se diante de seu quarto.

—Boa noite, Fang.

—Para ti também.

Nem sequer a olhou antes de desaparecer e deixá-la no corredor.

Suspirando, dirigiu-se ao quarto.

Fang não respirou até que Aimee esteve em seu quarto. Tirou a roupa, fazendo um gesto ante o dolorido que estava ainda pela briga com Fury. O pequeno filho da puta dava como um maço.

Caiu sobre a cama, exausto, mas não podia dormir pensando em Aimee.

Em seu coração, sabia que não podia ficar para sempre. E se começava a emparelhar-se com outros, teria que partir ou matar a alguém. A idéia de que qualquer um pudesse tocá-la lhe lançava aos limites galácticos da irritação.

Vou ter que ir embora. Porque cada dia que ficasse e não a tivesse, morreria um pouco por dentro.

CAPÍTULO 22

Umas semanas mais tarde, Fang ainda não partiu.

Sou um incômodo total.

Não, era um retardado mental e não podia pensar na idéia de abandonar Aimee. Preferia ficar ali e ser desventurado aonde, ao menos, podia abraçá-la quando ninguém estava por perto antes que ir e ser completamente desgraçado sem ela.

Mas a cada dia que ficava, era pior.

Thorn tinha estado certo. Havia todo tipo de merda forjando-se no Santuário. A Wren tinham jogado à rua depois que se juntou com a filha de algum político e agora os Peltier e o Omegrión inteiro estavam atrás do tigre para lhe matar por algo que seu próprio primo havia dito na última reunião do conselho.

Nicolette estava convencida de que o rapaz era uma ameaça para sua preciosa família e Aimee estava empenhada em que tudo era um mal-entendido. Mãe e filha tinham estado brigando por isso constantemente e houve um momento ou dois em que Fang quase tinha ido a garganta de Nicolette pela forma em que falava com sua filha.

«*Por favor, Fang. Deixe-lhe ir. É minha mãe e a amo.*» Isso foi tudo o que Aimee alguma vez disse, mas era difícil não fazer nada enquanto sua mãe a tratava como uma merda.

No concernente a Wren, Fang estava de acordo com Aimee em que isso tinha o sabor dos parentes longínquos de Wren tentando colocar a mão na sua herança. Mas não havia maneira de prová-lo. Agora mesmo estavam os de seu sangue procurando implacavelmente ao tigre e uma manada de tigres lhe espreitavam.

Fang sentia por ele e esperava o melhor no que a Wren se referia.

Nessa noite ele estava servindo no bar com Sasha, Etienne, Colt, e Cherif. De todos os irmãos Peltier, Dev era seu favorito, mas Cherif era o segundo mais próximo. Cherif carecia da atitude desagradável de Remi. Em troca, tinha uma aura de mal-encarado que proclamava que não tinha que se esforçar ou intimidar para reinar absolutamente.

Simplesmente era assim, e morte a qualquer um que quisesse jogá-lo abaixo daquele trono.

Sasha era outro Katagari Lykos que ficava aí de vez em quando, dependendo de seu

humor. O último sobrevivente de sua manada, era tecnicamente o guarda-costas de uma deusa. Mas já que sua deusa se havia casado, seus deveres tinham sido aliviados, o que significava que sempre que se aborrecia, devia passar o tempo com o resto dos animais no Santuário.

Alto e loiro, Sasha tinha um caráter desagradável e um sarcasmo cortante que podia, definitivamente, apreciar. Em conjunto, Fang gostava do outro lobo, mas a natureza de sua espécie fazia com que lhes resultasse difícil estar ao redor um do outro muito tempo. Posto que não eram da mesma manada eram extremamente territoriais ali.

O gêmeo de Kyle, Cody, estava sentado no bar ao lado de Sasha, bebendo uma Coca Cola. Engasgou-se com sua bebida.

Franzindo o cenho, Fang se voltou para ver o que o tinha desencadeado. Seu olhar penetrante se concentrou em Aimee que levava uma justa camiseta de alças e um par de jeans curtos que eram muito curtos.

—Ah, demônios não —disse antes que nem sequer pudesse pensá-lo—. Não vais trabalhar com isso.

Cherif esteve de acordo.

—Escuta, escuta! Leva teu traseiro de volta escada acima e troque antes que Mamãe ou Papai te vejam.

Ela dirigiu a todos um olhar jogando faíscas ao «vão ao diabo».

—É que terão nascido no sol? Faz um calor sufocante aqui e diferentemnte de vocês perdedores, sou eu que tenho que ir de cá para lá com os pedidos.

Fang se burlou.

—Então te alegres de que não te ponhamos uma parka.

Ela o olhou com os olhos entrecerrados.

—Não tens nenhuma autoridade sobre mim, lobo. —Fez um percurso ao seu irmão com uma careta nos lábios—. E tu inclusive menos.

Cherif tirou o telefone de seu bolso.

—Vou chamar a Mamãe. Agora mesmo.

Ela lhe sussurrou:

—Odeio-te. Juro-te que um dia vou te envenenar a comida. —Então voltou sua fúria por volta de Fang—. E não penso falar contigo durante o resto da noite.

Por ele estupendo, enquanto ela se cobrisse. Não pensava em tê-la passeando por aí dessa maneira com o corpo que tinha. Já tinham muitos problemas mantendo as mãos de homens e animais fora dela.

Cherif sustentou sua garrafa de cerveja no alto para Fang.

—Aí tu, irmão.

Rindo, Fang sustentou a sua no alto para chocar o fundo das garrafas em um brinde de solidariedade contra a moda feminina comum que só ficava bem em uma mulher com a qual não mantinha uma relação.

—Ouça, Fang, tens uma visita.

Franziu o cenho ante a voz de Dev em seu fone.

—Vane ou Fury?

—Nenhum deles.

Fang posou sua garrafa enquanto franzia o cenho. A única outra pessoa na qual podia pensar seria Thorn, mas Thorn não entrava em geral pela porta principal.

Sua respiração se entupiu enquanto uma dor abrasadora lhe atravessava o ombro onde estava a marca de Thorn.

Que demônios?

Tratando de não mostrar a dor, explorou a estadia até que seus olhos caíram sobre Varyk. Não sabia como o conhecia, mas o nome saltou em sua cabeça como um farol.

Vestido com um traje de linho suave e com seu cabelo imaculadamente penteado, parecia tão fora do lugar ali como Fang pareceria no iate de luxo de um milionário.

Tirando o fone e desligando-o, Fang se encontrou com ele na metade do bar.

—O que fazes aqui?

Antes que Varyk pudesse responder, Sasha estava ali, parecia como se estivesse contemplando um fantasma.

—Sobreviveste?

O olhar de Varyk se dirigiu a ele devagar. A diferença de Sasha, seus traços estavam completamente sem expressão.

—Traidor.

Havia bastante veneno naquela única palavra para abastecer a um exército de cobras. Sasha soltou um grunhido profundo e desnaturado.

—Não traí a ninguém.

Pelo rosto de Varyk era óbvio que não acreditava em nenhuma palavra disso.

—E ainda assim sobreviveste enquanto o resto de nós era caçado na terra.

—Para estar morto, pareces terrivelmente bem.

—Há mais ironia nessa declaração da que te dás conta, trapaceiro. Agora saia de minha vista antes que decida que te matar é mais importante para mim que as leis bobocas de Savitar.

Sasha começou a afastar-se, logo se deteve.

—Lera tomou sua decisão apoiada exclusivamente em minha idade.

—E meu irmão era mais jovem que tu e apesar disso foi sacrificado. Saia de minha presença, Sasha, ou perde a vida.

Sasha partiu.

Fang não falou até que o lobo partiu.

—O que acontece com os dois?

Varyk, obviamente era um dos que não gostava de explicar-se, deu de ombros deixando-o de lado.

—História passada. Tu, entretanto, és minha presente.

—Ah, bom. Tenho que colocar um laço?

Seu rosto não mostrou diversão, Varyk tirou um pedaço de tecido.

—Reconheces o cheiro?

Fang captou a baforada, inclusive antes que o pusesse no nariz. O fedor era inequívoco e lhe fez sair do sério.

—Misery.

Ele assentiu com a cabeça.

—Escapou. Não posso encontrá-la. Alertei a Wynter e agora aviso a ti. Estou seguro de que está no corpo de algum outro. A pergunta é... em qual. Mantenha teus olhos abertos já que a pões brincalhona. Esperamos que entre em contato ou a foda de modo que possamos encontrá-la e devolvê-la aonde pertence.

—Estarei atento a ela.

Varyk inclinou a cabeça antes de dar a volta e deixar o bar. Fang colocou de novo o audíofone e o ligou enquanto Varyk se detinha na porta onde Dev estava plantado.

—Sinto a necessidade de um tapete de pele de urso.

Dev se mofou.

—Que engraçado. Eu pensava que a cabeça de um lobo ficaria bem no suporte de minha chaminé.

—Vigia tuas costas, urso.

—Tu melhor vigiares tua frontal. Quero ver teu rosto quando te derrubar.

Varyk o afastou em sua saída pela porta.

Fang sacudiu a cabeça.

Dev pressionou seu fone mais profundo.

—O que queria de ti, Fang?

—Nada. Só assuntos de lobos.

Inclusive a essa distância, podia ver o olhar furioso de Dev. Ignorando-o, Fang voltou para o bar onde Aimee havia voltado. Agora vestida com uma camiseta e jeans, ainda lhe punha duro.

Mas ao menos não podia queixar-se dessa roupa.

—Muito melhor.

Agarrando rapidamente sua bandeja do balcão, lhe grunhiu:

—Cale a boca, lobo.

—Ui —disse Cherif quando ela se afastou com passo irado.

Fang teria ido atrás dela, mas não podia com a metade de sua família olhando-os. Em troca, projetou seus pensamentos a Aimee.

Sabes o que? Vou me dirigir àquela mesa de colegiais que estiveram me olhando toda a noite como se fora o último pedaço de filé em Nova Orleans, e falar com àquela pequena ruiva. O que te parece?

Aimee olhou a mesa e ficou rígida.

Te tirei os olhos.

Então por que estás fazendo que me zangue contigo?

Ela teve a decência de parecer um pouco envergonhada enquanto limpava uma mesa.

Porque isso é diferente.

Não acredito assim.

Ela lhe soltou a língua antes de ir tomar um pedido.

Fang soltou uma gargalhada.

Aimee tratou de ignorar Fang enquanto se dedicava ao seu trabalho. Essa noite andavam um pouco necessitados de pessoal, que era pelo qual estava ali embaixo em vez de lendo acima. Matt tinha ligado dizendo que estava doente e Tara estava agindo de um modo estranho. Aimee viu agora mesmo como ela confundia os pedidos, o qual não correspondia absolutamente com seu caráter.

Aimee se aproximou dela quando esta se encaminhava de volta à cozinha com um prato de frango frito.

—Algo vai errado, garota?

Tara sacudiu a cabeça.

—Só estou cansada e esta gente é imbecil. Te disse alguma vez o quanto odeio a vida?

Aimee soprou.

—Aproximadamente tanto como eu o faço a maioria dos dias.

—Eu sei. É só que... —Fez uma pausa para olhar para o bar onde os homens estavam reunidos—. Fang me põe os cabelos de ponta.

Aimee não podia haver ficado mais assombrada se lhe tivesse jogado o prato de frango em cima.

—Fang?

Tara assentiu com a cabeça.

—Eu não gosto do modo em que me olha.

—Fang? —repetiu Aimee, incapaz de acreditar nessa discussão.

É que à garota estava viajando?

Drogas... definitivamente droga.

—Sim, Fang. —Tara tremeu—. Seus olhos sempre estão sobre mim. Como se fora a atacar ou algo assim.

Aimee franziu o cenho ao voltar a vista para Fang, que estava de costas enquanto falava com Colt. Não parecia que tivesse nenhuma preocupação ou interesse por elas absolutamente.

—Estou segura que não tem nenhuma intenção disso.

—Sim, certo. Já sabes que ele tinha a uma garota acima ontem à noite.

O estômago de Aimee lhe caiu até o chão ante o que Tara estava insinuando. Seus irmãos tinham construído um quarto insonorizado que em teoria era um lugar para pôr a qualquer um que tivesse problemas com seus poderes enquanto lhe mantinha fora da vista do público. Em realidade, converteu-se em um lugar onde qualquer um dos porcos de seus irmãos solteiros, podiam passar o tempo com qualquer mulher que captasse seu interesse.

—No armário?

—Sim. Ouvi-os.

Durante um momento, Aimee duvidou. Logo se negou a acreditá-lo. Fang não era um caça putas como Dev. Além disso, tinha estado com ela depois que todos se deitaram ontem à noite e podia testemunhar o fato de que ele tinha terminado rígido e necessitado de «uma mãozinha» dela.

Deu uns passos afastando-se da Tara, e usou seus poderes se pôr em contato com ele.

Ouça, fofo? Estiveste incomodando a Tara?

Quem é Tara?

A garçõnete atrás de mim.

Fang se virou para olhar. Pareceu tão perplexo como ela se sentia.

Incomodando-a para que?

Isso era exatamente o que ela pensava.

Não importa, céu. Era uma estupidez.

Nunca tinha tido conhecimento de que Fang olhasse a outra mulher. Só tinha olhos para ela e, diferente de Dev, Etienne, e Serre, não era um jogador. Sabia disso.

Assim, a que jogo estava jogando Tara?

Possivelmente o esteja imaginando...

Esse era o argumento mais provável.

Tirando-o da cabeça, Aimee voltou ao trabalho.

Fang saiu do trabalho antes e se dirigiu ao seu quarto. Estava rígido e dolorido por todas as horas que tinha estado em forma humana e necessitava desesperadamente ser um lobo durante um momento. Deitou-se em sua cama em sua forma real e suspirou.

Mas ainda assim, sentia falta de Aimee. Podia ouvi-la lá embaixo no bar e senti-la com sua alma.

Fechando os olhos, esperou para que ela se unisse a ele.

Tinha apenas passadas as duas quando apareceu em sua cama. Os dois tinham estado compartilhando a cama durante as últimas semanas. Ela dormia como humana enquanto que ele mantinha sua forma de lobo. Iam “brincar” no quarto dele, já que esse estava o bastante afastado para impedir que qualquer um de sua família alcançasse para lhes ouvir. Mas dormiam no quarto dela no caso de sua família batesse na porta.

No momento em que o faziam, Fang cintilava fora antes que entrassem. Era um jogo perigoso o que jogavam.

Um que significaria sua vida se os pegavam, mas em sua mente, isso era de mais coragem que isso.

Suspirou quando ela acariciou a pelagem de seu pescoço. Nada no mundo parecia melhor que o modo em que o tocava. Seus dedos faziam magia sobre sua pele e pelagem.

Inclinando-se para baixo, Aimee esfregou seu rosto em sua pele e lhe deu um apertão.

—Senti falta de ti.

Fang se voltou humano e rodou sobre si. Completamente nu, arrastou-a aos seus braços para abraçá-la estreitamente.

—Também senti falta de ti.

Aimee suspirou de felicidade quando seus lábios tocaram os dela. Aquele corpo forte e desenfreado era tudo o que necessitava em sua vida. E o impulso de fugir com ele nunca foi mais forte do que o era essa noite.

Só queria estar com ele. Estendendo a mão para baixo, colheu-lhe e riu pelo modo em que ele se estremeceu e suspirou.

Fang queria ficar ali, assim para sempre, quando ela arrastou sua mão descendo pela longitude de seu pênis. Embora não tivessem feito nada mais que se bolinar, estava perdendo rapidamente a paciência nisso.

Queria muito mais, mas não queria pressioná-la em nada, sobretudo considerando o ódio que seus pais tiveram um ao outro. Se realmente fossem companheiros, então queria que ela lhe aceitasse completamente sem reservas ou dúvida.

Ao relaxar-se na cama, seu sentido de demônio se ativou. Houve um suave rangido no corredor.

Preocupado porque fora um de seus irmãos, inclinou a cabeça e então amaldiçoou.

Era Wren.

E estava aqui para matar Nicolette.

CAPÍTULO 23

—**O** que foi isso?

Fang duvidou dizer-lhe. O demônio nele queria soltar ao tigar sobre Nicolette e deixar que matasse ao urso. Isso arrumaria muitos de seus problemas.

Mas afinal, Nicolette era sua mãe e a amava. Só isso fez com que as partes não demoníacas dele ganhassem a luta.

—É Wren. Acredito que vai atrás de tua mãe.

Aimee ofegou quando elevou o olhar para Fang.

—Tens que lhe deter.

Agora?

Tinha perdido a cabeça?

Baixou o olhar para os seios nus que estavam pressionados contra seu peito. A única coisa que levava era umas finas calcinhas rosas. Calcinhas que havia tentando lhe tirar com os dentes antes de lambê-la até que esteve lhe rogando piedade.

Mas ela já havia se secado sobre ele.

Inclusive mais frustrado sexualmente do que o tinha estado antes, grunhiu.

—Deixemos que a coma.

—Fang!

—De acordo. Já vou. —Fazendo aparecer um par de calças sobre o corpo, deixou a cama e amaldiçoou ao tigre com cada passo que dava. A este passo Wren teria sorte se não o matava ele.

Abriu a porta.

Em forma de tigre, Wren estava espreitando através das escadas do andar de cima do Santuário. Era óbvio que estava caçando.

—Merda —ofegou quando se deu conta que o tigre se dirigia realmente direto ao quarto de Nicolette.

Logo que o ouviu amaldiçoar, Wren se voltou e se escondeu como se estivesse preparado para atacar.

Deteve-se de precipitar-se à ação. De modo que pudesse permanecer de pé diante de Fang.

—Tira o traseiro daqui, —Estalou Fang—. Agora!

Wren começou a afastar-se o que não ajudava ao seu atual humor. Se não o escutava, faria voltas dele.

Aimee se precipitou ao seu lado, saiu, rodeando-o.

—Lhe escute, Wren, por favor.

O tigre se congelou ante a voz de Aimee. Esperando que não estivesse ainda nua, Fang jogou uma olhada sobre o ombro e se deu conta que um lado do rosto estava vermelho e os lábios machucados das brincadeiras. Mas ao menos estava vestida.

Antes que qualquer um deles se movesse, abriu-se outra porta. Aimee saiu em disparada antes que a vissem, quando seu irmão mais novo Etienne se congelou na soleira da porta. Alto e loiro ao igual ao resto dos irmãos, o urso só era uns poucos anos mais velho que Wren, mas não parecia muito maior em forma humana.

Imediatamente cintilou a sua forma de urso.

Fang amaldiçoou em voz baixa.

—Não se permitem brigas no Santuário. —Sussurrou entre dentes, fechando a porta para proteger Aimee enquanto se movia para ficar entre ambos—. Ambos conhecem as leis de *eirini* que nos governam.

—Está marcado, lobo. Te coloques a um lado.

Deteve-se ante o som da profunda voz de Papai Urso. Normalmente o urso era amigável e jovial. Mas o tom era completamente sério e letal.

Wren cintilou a sua forma humana para enfrentar ao famoso Papai Urso.

—Não fiz nada de errado. Isto é uma mentira e todos sabem.

—Te tornaste louco. —disse Papai Urso—. Ameaçaste aos meus filhotes e a minha companheira.

Fang tinha se mantido em silêncio. Diabos, todos ameaçavam aos filhotes. Tinha chamado Dev de idiota quando se interpôs em seu caminho e tinha ameaçado lhe bater.

Mas obviamente Papai Urso não ia intimidar assim a Wren.

Wren entrecerrou o olhar sobre o urso.

—Não, não me tornei. Mas podes dizer a tua puta que estou aqui atrás dela.

Papai Urso correu para ele.

Fang se colocou entre eles e pegou a Papai quando se lançou. O urso era forte, mas o demônio em seu interior lhe deu a habilidade para segurar ao urso e evitar que matasse a Wren.

Rugindo em frustração, Papai golpeou a Fang em um flanco com um bom murro e foi atrás de Wren.

Wren se transformou a sua forma de tigre e se lançou sobre Papai que se transformou instantaneamente em urso. Agarrou ao enorme urso pela garganta enquanto Etienne lhe atacava pelas costas. Wren vaiou quando Etienne o lançou contra a parede e lhe abriu uma perna com a enorme garra.

Aturdido, Wren saltou para trás para olhar sua pata ferida.

Fang estava tentando levantar-se, mas lhe tinham rasgado o ombro e o sangue emanava de seu flanco. Gah, doía e ardia.

Os ursos arremeteram novamente contra Wren. Só deram dois passos quando uma

brilhante luz cintilou no corredor.

Wren se preparou, preparado para brigar, só para deter-se quando viu Vane e Fury agora no corredor.

Em forma humana, Vane jogou uma olhada ao sangrento ombro de Fang e grunhiu em voz baixa.

—Aubert? Te tornaste louco?

Papai Urso, ou Aubert como se chamava na realidade, cintilou de volta a sua forma humana enquanto Etienne permanecia como urso.

—Está marcado para morrer. Nós te acolhemos, lobo, quando não tinhas nada. Assim é como nos pagas?

Os olhos de Vane cintilaram.

—Não, Aubert. Não esqueci minha dívida para contigo ou Nicolette. Mas não ficarei quieto e verei que aconteça isto a um inocente. Wren não tem clã ao qual retornar. Assim que lhe ofereço o meu.

Fang ficou atônito quando ouviu essas palavras. Se havia tornado louco? Oferecer teto a alguém procurado pelo Omegrión era suicida.

Papai Urso estava tanto ou mais incrédulo.

—O respaldarias contra o decreto do Omegrión?

Vane não vacilou na resposta. Seu rosto era severo e mortal.

—Tu o condenaste diretamente.

Fang olhou mais à frente do ombro de Wren e sentiu como escapava o sangue do rosto quando viu a intenção nos olhos de Aimee.

“Não te atrevas a te meter nisto.” Projetou mentalmente a Aimee.

Como sempre, não lhe escutou.

—Não!

Voltaram-se para ver Aimee no meio do corredor atrás deles. Só Wren e Fang sabiam em que quarto tinha estado.

Ela engoliu seco quando olhou de seu pai a Fang.

—Papai, por favor. Não faças isto. Está errado e tu sabes. Wren não supõe uma ameaça para nós.

—Estás louca, filha? Está aqui para matar a tua mãe.

Agora se abriram mais portas. Mais animais chegavam para investigar o distúrbio. Isto ficava cada vez pior para Wren.

—Nunca sairás daqui com vida. —Disse Papai Urso em advertência—. Nenhum de vós.

Fang olhou a Aimee.

Que demônios vamos fazer?

Me tome como refém.

Esse golpe lhe deixou sem ar.

O que?

Já me ouviste, Fang. Temos que tirar Wren daqui antes que o matem.

Se o fizer, jogar-me-ão daqui. para sempre.

As lágrimas brilharam nos olhos.

Eu sei, bebê. Eu sei. Mas se Wren morrer, não serei capaz de perdoar a mim mesma. Por favor, lhe ajude.

Queria gritar. Estava lhe pedindo muito. E contudo quando olhou a Wren que era tão jovem... e inocente, soube que tinha razão.

Não podiam deixar morrer ao rapaz. E mais que isso, agora que Vane e Fury estavam ali tentando lhe proteger, também seriam assassinados. Tinha que proteger aos seus irmãos a toda custa incluso embora o demônio dentro de si risse diante da proposta de querer vê-los morrer.

Maldição!

Uma batida de coração depois, agarrou-a em seus braços, fazendo aparecer uma faca nas mãos e sustentando-a então ameaçadoramente contra sua garganta. A ironia disto não lhe escapava. Estava a ponto de perdê-la da mesma maneira que a tinha conhecido.

—Não se atrevam a nos seguir —Advertiu à família dela—. A matarei se o fizerem—. Se voltou para olhar aos outros três. —Fury, Vane, tirem Wren daqui.

Wren começou a protestar, mas antes que pudesse, Vane o agarrou pelo pescoço e cintilou do corredor.

Fang inclinou a cabeça contra a dela e quis soluçar pelo que estavam fazendo. Usando seus poderes, rastreou aos seus irmãos e cintilou aos dois a um escuro quarto sem janelas.

A única luz procedia de duas lâmpadas alógenas sobre duas mesas no lado oposto do quarto. O mobiliário era moderno e de alta tecnologia, sem mencionar que as paredes eram feitas de escuro aço cinza.

Isto era um navio.

Fang apenas se deu conta disso antes que Aimee se voltasse em seus braços e o abraçasse mais perto.

Vane amaldiçoou.

—Vocês perderam a fodida cabeça? Entre tu e o tigre, estamos fodidos.

—Não, não o estão. —Wren tentou teletransportar-se de volta ao Santuário—. Que demônios?

—Te tenho preso. —disse Vane.

Wren sabia que era melhor não ir contra Vane—o lobo era muito poderoso para vencê-lo—mas pelo olhar no rosto, era óbvio que o tigre queria tentá-lo.

—Me liberte.

Vane sacudiu a cabeça.

—Não. Não acabo de pôr em perigo a todo meu clã para ver como cometes suicídio.

—Esta não é Tua luta.

—Sim, é. Não vou me sentar e ver morrer um inocente por cousa de algum ambicioso idiota.

Wren bufou ante o heroísmo de Vane.

—Bom, obrigado, Senhor Altruísta, mas o tigre não quer tua ajuda. Assim te economize-o.

Alguém começou a aplaudir.

Fang, ainda sustentando a Aimee ao seu lado, viu o Dark-Hunter Jean-Luc entrando na sala de uma porta a sua direita. Pirata em sua vida humana, o caça vampiros imortal ainda conservava muito de seu antigo aspecto.

Com uma pequena argola de ouro brilhando no lóbulo direito, estava vestido completamente de negro com um par de calças de couro, uma camisa de seda de botões baixos, e botas de motoqueiro. O comprido cabelo negro o recolhia em um passador que

ênfatizava os afilados ângulos de seu rosto. Os olhos eram tão escuros que nem sequer as pupilas se diferenciavam e aqueles olhos estavam dançando com diversão.

—Linda exposição, tigre.

—Te cale, cão mulherengo, tampouco é tua luta.

Jean-Luc ofegou com força ante o insulto.

—Rapaz, melhor conter essa tua língua antes que te encontres sem ela.

Wren deu um passo para ele, então se congelou quando a humana com a qual tinha estado passando tempo atravessou a porta por trás do pirata. O alívio no rosto era mais que óbvio.

A humana correu ao lado de Wren e se lançou com os braços abertos para ele.

—Estou tão contente de que tenham conseguido ir atrás de ti antes que fora muito tarde. Realmente não ias fazer nada estúpido, verdade?

—Oh, não, coração, nós chegamos muito tarde. —Sussurrou Fury—. O menino tigre há fodido o mel da árvore errada e tem feito com que as abelhas, ou neste caso os ursos, se irrite.

Fury jogou uma olhada a Fang e a Aimee.

—Então de novo, conhecendo os ursos, disparariam ao lobo antes que ao tigre. Bom movimento, Fang. Fodendo com sua única filha. Verdadeiramente rápido. Sabes que o chocolate é letal para os de nossa espécie. Estou pensando que se queres cometer suicídio, essa seria uma maneira muito menos dolorosa de fazê-la.

—Deixa-o já, Fury. —Disse Vane, movendo-se para onde estavam parados Fang e Aimee—. Temos que enviá-la de volta. Agora.

Fang contemplou a morte e enterro de Fury. Irmão ou não, esse lobo ainda lhe punha nos nervos, mas Vane tinha razão.

—Eu sei.

Lágrimas brilharam nos olhos de Aimee e o rasgaram, queria beijá-las, até apagá-las.

—Não quero ir.

Aquelas palavras trituraram sua resolução.

Vane parecia tão doente como se sentia Fang.

—E eu pensando que minha relação com Bride estava condenada. Demônios, gente e animais, esta merda cheira mal.

Fang não podia estar mais de acordo.

Fury grunhiu.

—Tu és o líder, Vane. Nos lidere.

Vane elevou o olhar ao teto e suspirou.

—Se tivesse um pouco de cérebro em tudo isto, o qual obviamente não tenho, nunca me teria envolvido. Entregaria ao meu irmão e a Wren aos ursos e pegaria a minha esposa para procurar um bonito, e tranquilo lugar no qual criar aos nossos filhos.

Contemplou-os com um irritado olhar.

—Mas obviamente, sou realmente o homem mais estúpido do planeta.

Jean-Luc tirou um comprido e delgado estilete da bota e o ofereceu a Vane.

—Aqui, *mon ami*. Para ti ou para eles. Um corte e todos teus problemas estarão resolvidos, né?

—Não me tentes. —Grunhiu Vane do fundo da garganta enquanto contemplava a todos—. Wren, me escute atentamente, porque cara, tuas oportunidades estão escapando.

Mata a Nicolette e estás morto. Não há maneira de voltar daí.

Wren lhe bufou.

—Não há maneira de voltar de uma ordem de execução. Por certo.

Negando com a cabeça, Fury deu um passo adiante.

—Vós não estáveis ali quando se emitiu a votação. O concílio ficou dividido quanto à ordem.

Wren franziu o cenho.

—O que estás dizendo?

—Que tens uma oportunidade de redenção. —disse Vane—, mas se assassinas a Nicolette por vingança...

Wren vacilou como se tivesse uma discussão interior.

Vane suspirou.

—Dê ao concílio a prova de que és inocente de matar aos teus pais e Savitar rescindir a ordem do Omegrión.

Wren franziu o cenho ante ele.

—De que merda estás falando? Estão tentando me matar porque estou saindo com Maggie.

Fury fez um som de desgosto.

—O que és, estúpido? Tua relação com a humana é só o catalisador do porquê Mamãe Lo te jogou à rua. A ordem de execução é porque assassinaste aos teus pais.

—Quem disse isso?

—Teu primo Zack.

Wren apertou a mandíbula como se quisesse matar algo. O demônio dentro de Fang de fato sabia que o tigre era inocente. E se sentia ultrajado. Não é que pudesse lhe culpar nem o mínimo.

Mas isso só o fodía. Se Wren tivesse mantido o traseiro com Maggie e se afastado do Santuário, Fang não se veria obrigado a abandonar Aimee.

Maldito bastardo egoísta.

—Podemos te ajudar, Wren. —disse Vane de forma calma—. Mas tens que confiar em nós.

Wren se mofou.

—Não poria meu destino ou minha vida nas mãos de ninguém. Tudo o que consegui é que me fodam e neste momento meu traseiro já está cansado disso.

Fury curvou os lábios com repugnância.

—Linda essa imagem, tigre. Muito gráfica. Pensaste em escrever livros para crianças?

Fang esbofeteou ligeiramente ao seu irmão na parte de trás da cabeça.

—Ouch! —queixou-se Fury, esfregando o lugar onde lhe tinham batido. Fulminou Fang com o olhar.

Fang olhou a Vane.

—Eu era assim irritante antes de meu ataque?

Vane não vacilou.

—Sim, e ainda o é na maioria das vezes. E saímos do assunto.

—Não há nada que discutir. —Disse Wren irritado—. Não podes me manter aqui para sempre, lobo. Me pôr a bordo de um navio há sido um bom truque para evitar que captem minha essência, mas não lhes levará muito tempo imaginar onde estou. Tudo o

que têm feito é arrastar aos Dark-Hunters a nossa luta, e conhecendo Acheron, estou seguro que não achará graça.

Deteve-se para deixar escapar um cansado suspiro.

—Virão atrás de mim e todos sabemos que não se deterão. Preferiria enfrentá-los em meus próprios termos a que me ataquem pelos seus.

Dirigiu-se à porta.

Quando passou junto Jean-Luc, o Dark-Hunter o agarrou. Antes que pudesse reagir, o pirata lhe administrou um tranqüilizador.

Furioso, grunhiu e mudou, mas antes que pudesse fazer algo mais que isso, derrubou-se no chão.

O rosto da humana empalideceu.

—O que tens feito?

—Sedá-lo.

Fury inclinou a cabeça enquanto baixava o olhar ao inconsciente Wren em sua forma de tigre.

—Vai estar realmente irritado quando despertar.

—Não o duvido. —Assentiu Jean-Luc—. Seja como for, sugiro que o mantenhamos abaixo ao menos um ou dois dias até que possa curar-se e vós possais planejar que é o que tem que fazer.

Vane parecia menos que convencido.

—É, mas se não escutar...

—Sigam com vosso plano, —disse Maggie—, e eu me assegurarei que o escute.

Fury riu dela.

—Não sejas tão pretenciosa, humana. Wren não é o tipo de besta que possas manipular.

Aimee sacudiu a cabeça diante dele quando trocou um conhecido olhar com Fang.

—Não, Fury, estás errado. Com ela, Wren é diferente.

Fury se adiantou e agarrou a mão de Maggie na sua. Voltou-a para ver a palma.

—Não são companheiros.

Aimee olhou a Fang e seu coração deu um tombo. Amava-o com cada parte de seu ser.

—Não tens que estar emparelhado para amar profundamente a alguém. Acredito que Wren a escutará.

—Tudo o que podemos fazer é tentá-lo. —Vane se aproximou de Wren—. Me dêem uma mão, caras.

Aimee puxou Maggie a um lado enquanto os homens levantavam a forma de tigre de Wren e a levavam corredor abaixo a um luxuoso dormitório.

—Achas de verdade que há alguma forma de que Wren possa provar sua inocência? —perguntou Maggie quando Vane cobriu Wren com um lençol.

—Não sei. Diabos, nem sequer estou seguro de que não matara aos seus pais. Seu primo deu um infernal argumento no concílio.

Aimee tinha que lutar com a urgência de sacudir a cabeça dura do irmão de Fang. Agora sabia de onde o tinha tirado Fang.

—Ele não os assassinou. Eu estava lá quando o trouxeram. Estava muito traumatizado por isso. Sentou-se num canto durante três semanas completas com os

braços ao redor de si mesmo, balançando-se para frente e para trás cada vez que estava em forma humana. Como tigrard, leopardo ou tigre, ficava encolhido.

Vane franziu o cenho.

—Estava ferido quando lhes trouxeram ele?

Aimee vacilou ante a pergunta. Vane queria saber se tinha estado lutando com seus pais. Honestamente, tinha parecido igual ao inferno. Mas ela não queria que soubessem porque sabia em seu coração e com os poderes de Aristos que Wren era completamente inocente.

—Estava um pouco arranhado.

Vane parecia cético.

—Um pouco ou muito?

—Certo, muito. —Admitiu Aimee a contra gosto—. Mas se tivesse estado em uma briga de dois adultos Katagaria, teria estado muito mais ferido do que estava.

—A menos que os envenenasse. —Disse Fury—. Zack não disse realmente como os tinha matado.

Maggie se adiantou.

—Ainda não acredito. Ele não é assim.

Fury deixou escapar uma zombadora risada.

—É, e tu és uma iludida. Bebê, últimas notícias, com exceção de ti e o pirata, todos os que estamos aqui somos animais. E todos temos um instinto assassino.

Sim, mas eles matariam para proteger e por comida. Não assassinaríamos por ganância.

Aimee suspirou enquanto olhava com tristeza a forma inconsciente de Wren.

—Passou realmente mal pela puberdade. Não podia manter as formas e tinha ataques extremamente violentos pelas coisas mais pequenas.

Vane arqueou uma sobrancelha.

—Como por exemplo?

—Bom, na primeira noite que trabalhou na cozinha, Dev lhe assustou e Wren cortou a garganta de Dev com a faca que tinha nas mãos. Felizmente Dev se retirou o bastante rápido para que isto só fora uma pequena ferida, mas se seus reflexos tivessem sido um pouco mais lentos ou se Dev tivesse sido humano, poderia ter sido fatal.

Fang ainda sabia a verdade. Graças a Thorn e seus “presentes”, não tinha dúvida a respeito do que estava acontecendo.

—Isso não quer dizer que assassinasse aos seus pais.

Jean-Luc fez um som de desacordo.

—É bastante discutível. As pessoas normais não fazem coisas como essa.

Possivelmente não no mundo do pirata, mas Fang sabia que podia ser selvagem. Tinha-lhe levado muito tempo depois que Aimee o tirasse do inferno para deixar de ter terrores noturnos. Antes que tivesse deixado de arremeter contra as pessoas em um infundido frenesi de pânico. Se não fosse por Aimee, ainda teria estado dessa maneira.

—Não, mas alguém que tinha sido gravemente atacado e que estava impotente para detê-lo, o faria.

Fury sacudiu a cabeça.

—Não sei, irmão. Acredito que estás projetando o que te aconteceu em Wren.

Não, não o estava fazendo, mas não podia lhes falar de seus poderes ou o fato de que tinha vendido a alma.

Maggie olhou a Aimee.

—Quando foi a última vez que Wren atacou a alguém sem que o atacassem primeiro?

Aimee não vacilou com a resposta.

—Só essa única vez com Dev, mas como disse, estava assustado e tremendo quando aconteceu.

Maggie assentiu.

—Isso é o que pensei. Wren é inocente. Disse-me que seus pais mataram um ao outro e acredito nele. Agora precisamos unir nossos cérebros e pensar na maneira de prová-lo.

Mas Fang sabia que era mais fácil dizê-lo que fazê-lo.

Deixando-os sozinhos para discutir os detalhes, puxou Aimee da sala e entraram no corredor.

—O que temos feito, Aim?

Aimee se estirou para lhe afastar o cabelo do rosto. Poderia chorar toda à noite. Como desejava poder voltar no tempo e estar com Fang outra vez em seu quarto.

Mas não podia.

—Me deixe voltar e ver se posso evitar que persigam Wren.

—Sigo dizendo que se fodam. Vamos ...

Sua família lhes caçaria até o fim do mundo.

Aimee acariciou com os lábios a barbuda bochecha enquanto depositava o camafeu em sua mão.

—Encontrarei a maneira de estar contigo, Fang. Juro-o.

Fang assentiu, inclusive embora não tinha acreditado numa palavra do que lhe dizia. Antes tinha sido desesperador.

Agora... era um adeus para sempre e ele sabia.

CAPÍTULO 24

Aimee respirou profundamente enquanto entrava pela porta traseira da Casa Peltier. Este era o último lugar no qual desejava estar, mas sabia muito bem por que tinha que retornar.

Sua família poderia assassinar a Fang e a sua família inteira se não o fizesse.

Endurecendo-se pelo que se aproximava, fechou a porta e se encaminhou para as escadas. Só tinha chegado à mesa do corredor quando Dev saiu pela porta que dirigia à cozinha. Ela viu alívio em seus olhos antes que fora substituído por ira.

—Então, estás de volta.

Aimee deu de ombros.

—Este é meu lar.

Ele lhe soprou.

—Eu procuraria outro lar, se fosse tu.

Ela ficou rígida ante a frieza de seu tom que foi mordendo todo o caminho até sua alma.

—Estão me despejando?

—Estás sendo advertida. Escolheu seu lado e foi o errado.

—Nos deixe.

Aimee olhou para cima ante o autoritário tom de sua mãe. Maman estava no alto das escadas, olhando-os fixamente. Dev sacudiu a cabeça para ela antes de encaminhar-se de volta à cozinha.

Ela se teletransportou até o lado de sua mãe.

—Nem sequer penses em me bater, Maman. Não estou de humor para isso. E devolverei o golpe desta vez.

Sua mãe entrecerrou os olhos para ela.

—Sacrificaria a todos por um órfão híbrido sem clã?

Maman estava falando de Wren e embora ele tinha a lealdade de Aimee como amiga, era a vida de Fang o que mais importava a ela.

—Nunca. Mas não me vou ficar parada vendo como um inocente é condenado por nada. Não podes ver a mentira que diz, Maman? Eu conheço Wren. Falo com ele. Não é nenhuma ameaça para ninguém salvo para si mesmo.

Ainda assim, o rosto de sua mãe era de ira e frieza. Sua família, em especial sua mãe, não eram estúpidos. Ela não tinha nenhuma dúvida de que sua mãe e seu pai sabiam que se foi voluntariamente com Fang. Dada a maneira em que a tinha protegido o mês passado, eles deviam saber que ele nunca a machucaria.

—Traiu a todos.

Aimee suspirou.

—Se fazer o correto é traição, então sim, suponho que o fiz. Assim, o que vais fazer agora, Maman? Me matar?

Sua mãe grunhiu ferozmente para ela, mas Aimee se manteve em seu posto.

O ar ao redor delas sussurrou antes que algo se estrelasse no quarto de Wren.

Aimee seguiu a sua mãe que se apressou para a porta e a empurrou. Ela meio esperava encontrar Wren aí, embora lhe havia dito que se afastasse até que isto estivesse acalmado. Pôde dizer pelo cheiro que era um tigre, mas o homem loiro no aposento não era Wren.

—O que estás fazendo aqui, Zack? —perguntou sua mãe.

O tigre torceu os lábios enquanto abria uma gaveta.

—O bastardo nos escapou. Preciso de algo com seu cheiro para disseminar entre os Strati que o procuram.

Aimee arqueou uma sobrancelha ante isso. Os Strati eram a elite dos soldados Katagaria, cuidadosamente treinados para caçar e matar. Seus irmãos Zar e Dev, junto com seu pai, eram tecnicamente guerreiros Strati embora não deveriam sê-lo. Mas o clã Peltier devia manter as aparências.

—Não precisas de nada disso —disse sua mãe, ante sua profunda surpresa enquanto defendia ao Wren—. Fora de minha casa.

Zack não escutou. Moveu-se para abrir outra gaveta.

Sua mãe usou seus poderes para fechá-la de repente.

—Disse-te que fosses.

O tigre se voltou para enfrentá-la.

—Não fodas comigo, urso. Tens tanto a perder nisto como eu.

—A que te referea?

Mas Aimee já sabia. Seus poderes esboçavam uma perfeita imagem do que acontecia aí.

—Tu foste quem falou contra Wren no Omegrión... mentiste.

Sua mãe moveu sua cabeça para observá-la.

—Não sejas tola, filhote. Teria cheirado a mentira.

Aimee sacudiu sua cabeça.

—Não se o animal tiver feito um hábito disso. Facilmente pôde esconder seu cheiro.

Zack tomou um passo para ela só para encontrar seu caminho bloqueado por sua mãe.

—Está Aimee dizendo a verdade?

Zack respondeu com uma pergunta própria.

—Estavas tu? —Arqueou-lhe uma sobrancelha a sua mãe—. De verdade pensou que

Wren se tornou louco? Honestamente? Tu só o querias fora daqui e agarrarias a qualquer desculpa para expulsá-lo. Admite-o, Lo. Não queres ninguém aqui a não ser a tua família e te amargura ter que brincar de ser boa com o resto de nós.

Sua mãe grunhiu baixo em sua garganta.

Isso não era verdade. Sua mãe protegeria à maioria deles com sua vida, mas eram aqueles, como Wren, nos quais não confiava nada. E a esses, ele estava correto, Nicolette detestava tê-los sob seu teto. Graças a Josef.

Sua família tinha muitas cicatrizes pelo passado. Por esse em quem tinham confiado e tinha assassinado aos seus irmãos. E por isso, não podia culpar a sua mãe em absoluto.

Zack entrecerrou seu olhar.

—Se Savitar se inteirara da verdade, virá atrás ti e teus filhotes. Não ficará nem um tijolo de teu precioso Santuário.

Sua mãe o agarrou e o atirou contra a parede. Ele aterrissou sobre suas costas, mas isso não pareceu chateá-lo.

Zack, em realidade, riu.

—O que aconteceu às leis do Santuário, Nicolette?

Aimee deteve sua mãe antes que pudesse golpear ao tigre de novo.

—Vá embora, tigre —lhe grunhiu Aimee, lhe mostrando os dentes—. Se deixo ir a minha mãe, não haverá o suficiente de ti para preocupar Savitar ou a alguém mais.

Zack se empurrou da parede. Olhou com firmeza a ambas.

—Tens inclusive mais a perder que eu. Dê-me o que necessito para cobrir nossos traseiros.

Agora foi sua mãe quem riu.

—És completamente estúpido? Wren nunca deixou seu cheiro em algo. Olhe ao teu redor, idiota. Não há nada pessoal aqui. Logo que uma peça de roupa saía de seu corpo, ele sempre a lavava ou destruía. Inclusive mantinha a esse macaco aqui para assim camuflar a sua própria. Nunca serás capaz de rastreá-lo. Aceite-o, Zack, o filhote tem mais inteligência que tu e teu pai juntos.

Aimee esteve de repente assombrada com sua mãe. Ela tinha sabido disso e ainda assim tinha permitido a Wren conservar a Marvin. Nada próprio dela. E isso causou uma nova onda de respeito que encheu seu coração.

As fossas nasais de Zack ondularam da ira.

—Isto não terminou.

—*Oui*, mas assim é. Se retornas aqui, código ou não código, verei-te morto.

Grunhindo, Zack desapareceu.

A tensão no ar se aplacou grandemente.

Maman deixou escapar uma lenta respiração enquanto se voltava para ela.

—Aimee, ligue ao teu lobo e o conte o que aconteceu. Estou segura que sabe onde está Wren e poderá lhes advertir que o tigre está encurralado e desesperado. Em sua posição, Zack é capaz do que for.

Ela franziu o cenho ante a súbita mudança de sua mãe.

—Não entendo. Por que estás sendo incrivelmente compreensiva? Não te ofendas, Maman, mas me assusta.

Sua mãe lhe lançou um duro olhar.

—Não tenho nenhum carinho por Wren, isso tu sabes. Mas respeito ao predador que

há dentro dele e não aprecio ser manipulada por outro. E eu não gosto que me façam passar por idiota —sua mãe agitou a cabeça—. Devia ter questionado por que Zack e seu pai ligavam continuamente para tentar a Wren depois de que fora enviado aqui. Permiti-lhes que plantassem sementes de dúvida em minha mente e vi o que quis ver. Não posso acreditar que fora tão tola.

Seu olhar se suavizou enquanto tocava a bochecha de Aimee.

—Darei-te crédito, filhote. Não estiveste cega. Agora devemos reparar isto antes que o peso da fúria de Savitar caia sobre nós —empurrou Aimee para a porta—. Vá avisar-lhes. Te escutarão.

—O que vais fazer tu?

—Vou falar com teu pai e teus irmãos. Temo-me que estamos a neira de uma muito perigosa situação e quero a todos eles preparados.

Aimee deu um passo para a porta, logo se deteve.

—Te amo, Maman.

—*Je t'aime aussi, ma pettit.* Agora vá e nos deixe fazer isto tão bem como possamos.

Fang apertou em seu punho o camafeu que Aimee tinha lhe dado justo antes de ir embora enquanto olhava como caía a chuva lá fora. Sozinho, no quarto na casa de Vane, sentado em sua cama com as costas contra a parede e um joelho dobrado, podia escutar Vane e Bride, escada abaixo, rindo.

O som o fazia querer estelar o punho através da parede.

Embora seu corpo quisesse mudar devido às lesões que Papai Urso lhe tinha feito, ele se recusava. Como lobo, não podia sustentar este pedaço dela. E nesse mesmo momento, ele precisava tocá-la.

Pressionou o camafeu contra seus lábios para assim poder inalar seu cheiro e recordar sua última visão antes que se fora. Tinham estado no navio de Jean-Luc. As lágrimas tinham deslocado por seu belo rosto enquanto ela beijava seus lábios, logo o deixou sozinho. Suas mãos se haviam predido nele, enquanto ela se afastava e desaparecia.

A dor era mais do que podia suportar.

Com razão não tinha sido capaz de abandonar o Santuário.

Seu telefone soou. Começou a ignorá-lo até que se deu conta que era Aimee. Alcançando-o, perdeu o equilíbrio na cama e se foi a estelar contra o chão. Temeroso de havê-la perdido, abriu-o e ignorou a dor em seu ombro e braço lesado.

—Estou aqui.

—Estás bem?

Ele apertou os dentes para evitar grunhir enquanto fazia seu caminho de volta à cama.

—Absolutamente.

—Não soas muito bem. Soas como se estivesse muito dolorido.

De todas as vezes que ela tinha que ser astuta...

Ele observou o novo sangue que empapava sua camisa e fez uma careta.

—*Nah*, estou bem —felizmente, a chamada não era de vídeo. Articulou as palavras “filho da puta”, ante a dor palpitante—. Tu estás bem?

—Acredites ou não, sim. Maman não atacou. De fato, disse-me que te ligasse e te advertisse que Zack vai atrás de Wren. Como suspeitamos, mentiu para ficar com o dinheiro de Wren.

—Farei saber a Vane.

—Está bem... Sinto falta de você, bebê.

—Eu também.

Fang sustentou o telefone com força em sua mão, querendo mantê-la na linha, mas não sabendo o que dizer. Nunca tinha estado acostumado a conversar. Respostas irônicas eram outra coisa, mas uma conversa real, estava além dele.

—Tratarei de escapar para te ver um pouquinho.

Ele sorriu ante o pensamento.

—Estarei aqui, te esperando.

—Está bem. Te amo.

—Eu também.

Ela soltou uma risada curta.

—“Te amo, Aimee”. Sabes que não te matará dizê-lo, não é verdade?

—Eu sei.

—Muito bem, então. Com essa nota, melhor ir. Vejo-te logo.

Fang fez uma careta ao som dela desligando o telefone. Fechou sua carcaça e quis chorar pela dor dentro dele. Mas não era esse tipo de lobo. Mais forte que o aço, recusava-se que alguém soubesse quanto significava Aimee para ele.

Com seu coração pesado, foi para baixo para passar a mensagem a Vane, que não esteve impressionado por isso. Foi imediatamente avisar a Wren, enquanto Fang ficou para cuidar de Bride.

—Isso é sangue?

Jogou uma olhada ao seu ombro.

—Um pouco. Irei limpá-lo.

—Sente-se.

A afiada ordem em seu tom o fez levantar uma só sobrancelha.

Bride sorriu.

—Sinto muito. Sou mandona. Meu pai é um veterinário que trabalha com o Carson e cresci na clínica de meu papai. Sente-se e me deixe ver o que posso fazer.

Ele fez como lhe ordenou, enquanto ela ia ao banheiro e tirava uma pequena caixa de remédios. Começou a levantar a camisa, mas a dor era tal que simplesmente a dissolveu.

Bride se tragou um ofego tão logo viu a desagradável ferida.

—Morderam-lhe?

—Sim. Um muito irritado urso.

—Papai Urso?

Ele assentiu.

Bride extraiu outra peça de gaze e a embebeu de água oxigenada.

—Provavelmente és afortunado que não tenha ido mais abaixo.

Fang não disse nada enquanto seu olhar caía na marca em sua mão. Olhou a sua, que estava vazia.

—É difícil para ti viver com animais?

Ela se tornou para trás.

—Eu não os considero, a nenhum de vós, animais, Fang.

—Não somos certamente humanos.

Ela tomou seu queixo para forçá-lo a levantar o olhar para ela.

—Fui criada para respeitar todas as formas de vida. Peladas, peludas, pegajosas e emplumadas.

—Sim, mas deve ser difícil viver aqui sem alguém de sua espécie ao redor.

—Difícilmente. Todos vós sois minha família. Os de minha espécie enche esta casa.

Fang se retirou enquanto considerava suas palavras. Mais que tudo, perguntava-se se Aimee alguma vez, na realidade, havia se sentido assim com respeito a ele. Amar era uma coisa, mas ela já tinha escolhido a sua família. Aparentemente, o amor dele não era o suficientemente bom.

E isso o fazia adoecer. Além disso, inclusive se ela o fizesse, ainda estava a serviço de Thorn e não tinha alma. Não tinha uma liberdade real.

O que podia ele, na verdade, lhe oferecer?

Aimee bateu levemente a porta do escritório de sua mãe. Ante sua bem-vinda, empurrou a porta aberta para vê-la sentada frente ao computador.

Nicolette se inclinou ligeiramente em sua cadeira. Uma impecável pose que era sofisticada e imperativa.

—Há algo que necessites?

Fang.

Mas mordeu a língua por medo de que lhe escapasse. Sua mãe tinha sido pormenorizada antes. Isso continuaria?

—Queria te falar a respeito de Fang.

Um escudo caiu sobre o rosto de sua mãe.

—Não há nada que discutir.

—Me deixaste que lhe advertisse.

—Como um favor para corrigir o errado. Tu sabes, filha, exatamente por que ele e tu não podeis falar nunca mais.

Aimee apertou o puxão que tinha na maçaneta da porta atrás dela.

—E se não puder viver sem ele?

—Farás o que temos feito todos. Teu dever. Os sentimentos não têm nada a ver com nosso emparelhamento e isto o sabes. Olhe seu irmão Alain. Lamenta-se ele por seu amor? *Non*, tem sua companheira e ensinou a si mesmo a ser feliz.

—Eu quero *ser* feliz, Maman.

Nicolette lhe cravou um olhar frio.

—Teu dever te fará feliz. Acredite, *ma chère*. Dentro de um tempo, farás o que deves e Fang será esquecido.

Aimee não acreditou nisso nem por um minuto, mas sabia que era melhor não discutir. Sua mãe não ia ceder nisto.

—Muito bem, Maman.

Abriu a porta e saiu.

O que é que vou fazer?

Queria escapar das rédeas de sua família e estar com ele. Mas valeria a pena fazê-lo?

Transportou-se escada acima, materializando-se no quarto dos meninos onde os filhotes menores de Alain dormiam a sesta em forma de ursos. Era um quarto simples que tinha uma árvore falsa para que eles subissem e as paredes estavam pintadas com motivos florestais. Os dois estavam enrolados, juntos, como gigantes bolas de pelo no grosso tapete verde, em vez de sua cama, no canto. Um filhote era café, o outro negro. Bonitos e doces, ela adorava aos seus sobrinhos.

Aimee se estendeu junto a eles e assim pôde levantar a pata de Bryce e brincar com suas garras enquanto dormia. Ela recordava deitar com seus irmãos da mesma maneira quando tinha sido filhotinha.

A dor lhe golpeou o peito quando recordou o rosto de Bastien. Sentia saudades de seus irmãos mais que tudo. O tempo não tinha feito nada para aliviar a dor ou a tristeza.

O que a fazia perguntar-se se alguma vez seria capaz de sobrepor-se a Fang. Ou, a perseguiria ele da mesma forma?

Ainda assim, enquanto observava aos filhotes de Alain, pensava que valia a pena. Se ele não tivesse feito seu dever, não teria tido tão belos filhos.

Se ela se fosse com Fang, seria estéril. Um lobo e uma ursa nunca seriam capazes de ter filhos.

Poderia adotar.

Isso era certamente verdade. Amava Wren como se fora sua família e a Fang incluso mais. Mas um filho adotado nunca herdaria seu assento.

Maman nunca a perdoaria por isso.

—Por que tenho que escolher? —ofegou, afogando-se com lágrimas sem derramar.

Por que não podia encontrar um simples urso para emparelhar-se?

Estou tão exausta.

Suspirando, deixou aos seus sobrinhos e se encaminhou ao seu quarto. Mas a cada passo que dava, sentia-se mais e mais doente.

Eli Blackmore se deteve junto a Cosette enquanto ela invocava aos seus espíritos. De joelhos no meio do aposento, descansando no centro de um tecido negro com um pentagrama e uma estranha escritura pintada com sangue, ela sustentava suas mãos para cima e falava uma língua ininteligível enquanto rodava para trás seus olhos.

Honestamente, ele odiava essa merda e o mau cheiro do incenso ofendia cada sentido olfativo que possuía. Mais que tudo, queria arrastar com sua mão através do altar vodu que tinha frente a ela e mandar tudo voando ao outro lado da sala.

Mas *ofenderia* a ela. Assim esperou enquanto dançava e cantava e seguia com isso.

Parecia que tinha passado uma eternidade antes que finalmente se acalmasse e abrisse seus olhos.

—Então? —perguntou ele.

—Há uma desarmonia em seu lar. A filha se prometeu a um lobo.

Ele torceu seus lábios com repugnância. Nesse momento, sua resolução contra os Peltier se assentou. Como se atreviam a serem antinaturais!

—Isso é asqueroso.

—Não para eles.

—Me acredite, é. Mas...v—deixou que sua voz se apagasse enquanto as idéias revoavam em sua cabeça.

—Mas o que?

Ele riu ante a simplicidade do plano que poderia arruiná-los.

—A urso buscará uma maneira de estar com ele.

—E?

Ele sorriu ironicamente.

—Acredito que é tempo de preparar uma de tuas poções.

Cosette riu quando finalmente entendeu.

Satisfeito consigo mesmo, Eli dobrou seus braços sobre seu peito. Logo, esses parasitas poderiam desaparecer. Se jogasse corretamente suas cartas, poderia eliminar o obstáculo maior de todos.

Os lobos que tinham tomado seu lugar das mãos de sua família no Omegrión.

Oh, sim... Isto ia ser muito bom.

CAPÍTULO 25

Fang não podia respirar enquanto jazia na cama em forma de lobo. Seu ombro marcado o estava matando. A marca ardia de uma maneira que o fazia querer arrancar-se seu próprio braço.

O que está errado comigo?

A dor era agonizante enquanto golpeava a cama com uma pata, tratando de enterrar-se dentro da colcha branca e azul. Nada aliviava a dor. Nenhuma posição ou estiramento.

Ofegando, sentiu como se suas vísceras tivessem sido arrancadas. *Estou dando a luz ao alien de Alien...* Cada som era muito alto para seus ouvidos. Cada pulsado de coração arrasava através de seu crânio.

Queria matar algo.

O cheiro de sangue pendurava de suas fossas nasais, tentando-o. Chamando-o...

Se matas aos ursos poderás tomar seus poderes e ter a Aimee.

Franziu o cenho ante a estranha voz em sua cabeça. Estava se tornando louco?

O que fizeram eles realmente por ti? Nada. Expulsaram ao seu irmão e o deixaram sem ajuda para ele e sua companheira. Não se preocupam com nenhum de vós. Pague-lhes com a mesma moeda pelo que fizeram a Vane e a Wren.

Morte aos ursos...

Fang sacudiu sua cabeça, tratando de clareá-la dessa hostil fúria. O que estava errado com ele? Sentia-se ébrio enquanto os sons ecoavam ao seu redor e sua visão diminuía.

—Fang?

Escutou a voz de Aimee, enquanto ela aparecia em seu quarto. Aparecia como uma doce guloseima, de pé, em frente de sua penteadeira, com a luz brilhando da janela para iluminar seu pálido cabelo. As sombras brincavam em sua pele, cortando ângulos através de seu belo rosto. Recordava-lhe a maneira que ela parecia na primeira vez que a viu no Santuário.

Mas essa noite, ele não queria sua gentileza.

O demônio interior queria seu sangue.

—*Vá embora daqui*—grunhiu a ela. Não queria estar a seu redor enquanto se sentisse assim. Não tinha controle sobre si mesmo ou sobre o demônio. Ia crescendo mais e mais e estava emanando através de cada parte dele.

Violento e letal, tinha medo de si mesmo.

Não sabia quanto tempo poderia agüentá-lo. Que os deuses a ajudassem se isso se libertasse enquanto estava com ela. A ameaça e o desejo de lhe causar dor eram sempre fortes e demandantes.

Não me faça machucá-la...

Mas não estava seguro se poderia tolerá-lo. A fome dentro dele era muito grande.

Aimee vacilou ante o feroz som de Fang em sua cabeça. Algo estava obviamente errado com ele. Sem estar segura quanto do que era, moveu-se mais perto e estendeu uma mão para acariciar sua pelagem.

—O que está errado, bebê?

Ele se voltou para ela e lhe tirou a mão de um golpe como se tivesse tornado louco. Em um minuto era lobo e ao seguinte humano.

Desceu da cama, acossando-a. Completamente nu, seu corpo estava coberto com uma fina capa de suor. Suas bochechas escurecidas com barba, enquanto seu úmido cabelo caía sobre seus olhos. Cada músculo de seu bronzeado corpo estava apertado e tenso como se estivesse puxando para trás de uma amarração.

Uma nova onda de temor a consumiu enquanto retrocedia. Havia um movimento predador em seu caminhar. Um que dizia que estava avaliando-a como presa.

—Me fale, Fang.

—E dizer o que? —Ele continuou seu avanço até que a pressionou contra a parede e levantou sua cabeça. Havia uma luz em seus escuros olhos que era verdadeiramente atemorizante. Era uma luz que lhe advertia para ser cautelosa e que lhe dizia que este não era o lobo que ela tinha aprendido a amar.

Este era aquele que tinha visto nesse primeiro dia no Santuário. O lobo feroz que aterrorizava a todo mundo.

Ele enterrou seu rosto em seu pescoço e inalou profundamente enquanto lhe acariciava uma bochecha com uma mão.

—Já posso saborear teu sangue.

Afundou seus dentes em sua pele.

Protestando, Aimee o golpeou de volta com um feroz murro no plexo solar.

—O que estás fazendo?

Ele agarrou seu braço e a aproximou contra si em um abraço feito de aço.

—Isto é o que queres, não é assim? Que teu lobo te ataque?

Aimee retorceu em seu ofensivo agarrão.

—Quem és tu?

—Sou Fang, neném. Não podes vê-lo?

Não. Este não era Fang. Algo estava definitivamente errado. Ele nem sequer cheirava bem.

Então o viu. O mais diminuto flash de vermelho em seus olhos. E em um instante, ela soube que era.

Estava possuído.

—Não... —ofegou ela enquanto o terror a consumia.

Tinha-o seguido algo do Reino das Trevas?

Ele tratou de mordê-la de novo.

Aimee reagiu por instinto. Deu-lhe uma joelhada na entreperna tão forte como pôde, e o empurrou para trás. Ele cambaleou e caiu, agarrando a si mesmo.

Por favor, deixa que seja sozinho o demônio quem sinta isso e não Fang. A Fang não poderia feri-lo por nada. Mas o demônio era outra história.

Ela se deteve ao seu lado e o olhou de cima, sofrendo por sua dor, mas não tanto como para estar disposta a ser sua vítima.

—Se podes me escutar, Fang, necessito que o afastes e retornes para mim.

Seus olhos flamejaram em vermelho sangue na escuridão enquanto ficava de pé. Sem nenhuma resposta absolutamente, agarrou-a com rudeza.

Aimee gemeu de dor.

Esse simples som pareceu alcançar qualquer parte do Fang real que estava ainda aí. Ela viu o arrependimento em seu olhar enquanto a soltava.

A pura angústia retorceu seus traços enquanto se encolhia para trás.

—Corra, Aimee. Vá embora!

Ela vacilou, não querendo deixá-lo aí. Mas pôde ver que ele estava contendo a si mesmo por uma fina margem e fazendo tudo o que podia para não machucá-la. Ficar lá só lhe faria pior.

—Conseguirei ajuda.

Suas pernas paralisaram um instante antes de cair ao chão onde se retorceu como se estivesse em profunda agonia. Novamente se transformou a sua forma de lobo.

Aimee retrocedeu, desesperada por acalmá-lo.

Mas primeiro tinha que se assegurar que não a machucasse. Doída, soube que não tinha mais opção que a de ir embora. Era o melhor para ambos.

Sem a mínima idéia sobre o que fazer, transportou-se ao Clube Caronte, a discoteca e bar que Xedrix e companhia tinham aberto com a ajuda de seu irmão Kyle. Certamente um demônio saberia e seria capaz de lhe dizer como ajudar Fang com seu presente dilema. Não pôde pensar em ninguém mais que pudesse ter uma pista.

Se Xedrix não podia ajudá-la, não sabia o que faria.

O clube estava cheio esta noite com estudantes universitários, jovens locais e turistas, dançando enquanto os demônios se moviam entre eles como parte do grupo.

Se os humanos só soubessem...

Mas não eram eles quem lhe preocupavam. Só Fang lhe inquietava.

Música *hip-hop* a todo volume retumbava através do clube enquanto as luzes cintilavam e dançavam através das pessoas, os demônios, o chão e o bar. A multidão se agitava ao seu redor em pares ou grupos enquanto os demônios tratavam de misturar-se. Uns poucos mostravam seus chifres, mas os humanos pareciam aceitá-los como falsos. Alguns deles inclusive mostravam sua pele real salpicada de cores, mas também, os humanos os felicitavam por sua maquiagem.

Estranho.

Aimee deteve um Caronte macho com chifres vermelhos e pele laranja e vermelha quando passou junto a ela com uma bandeja vazia sob o braço.

—Ei, onde está Xedrix?

Ele lhe lançou um olhar suspeito.

—Sou a irmã de Kyle Peltier e preciso falar com ele.

Isso pareceu convencê-lo. Pressionou um microfone em seu ouvido.

—Xed, há uma urso aqui embaixo atrás de ti. —ele assentiu, logo a olhou de volta—. Está a caminho.

—Obrigada.

O demônio lhe indicou o caminho para a área do bar com espelhos.

Ela viu uma porta aberta e uma sala escada acima que devia ser um escritório. Esta tinha uma janela de espelho onde Xedrix sem dúvida, olharia e espiaria aos seus trabalhadores e clientes.

Vestido em jeans e uma camiseta azul solta, Xedrix desceu as escadas. Aimee tinha que lhe dar crédito. Para ser demônio, era condenadamente atraente. Esse corpo magro era definido e o cabelo negro emoldurava seus quase perfeitos traços.

Mas a desolada expressão em seu rosto era quase divertida enquanto se detinha ao seu lado.

—Isto não pode ser bom para mim.

—Também me alegro de te ver.

—Sim. O que precisas agora?

—Informação sobre um demônio.

Seus traços se endureceram.

—Não nos faças zangar. Isso nós não gostamos.

Ela lhe lançou um olhar assassino.

—Se alguém estivesse possuído por um demônio, como consegues expulsá-lo?

—Chama um sacerdote. —ele começou a afastar-se dela.

Aimee lhe agarrou pelo braço e o fez deter-se. Tudo em sua postura gotejava impaciência.

—Estou falando sério, Xedrix. E não é um humano. É Fang. Tem alguma idéia de quanto mal pode fazer um demônio no corpo de um Were-Hunter?

—Oh, muito. —seu tom era tão seco como o Saara—. Definitivamente, cheiraria mal ser sua vítima.

Ela não apreciou seu humor.

—O que posso fazer?

—Eu deixaria a cidade.

—Xedrix!

Ele levantou as mãos em uma postura exagerada de desesperança inocência.

—O que é que queres que diga? Esfregue sua pancinha peluda? Nem sequer sei que tipo de demônio tem. Em caso de que não o tenhas notado, há centenas de espécies de nós. E estás falando com um demônio que vem de uma das espécies não possessivas. Nós matamos o que seja que se cruze no caminho. Ou que nos destroem os nervos. —lhe lançou um olhar muito pontual para enfatizar isso. —A possessão é... —Sua voz desapareceu quando olhou por cima dela.

Aimee virou para ver uma bela mulher loira que lhe olhava airadamente com os braços na cintura.

—Estavas a ponto de dizer algo? —incitou-lhe a mulher.

—Ah... a possessão é para grandes demônios que têm... muitos poderes.

Em realidade, era entretido vê-lo retorcer. Obviamente, a mulher loira significava

muito para ele e não queria *fazê-la* zangar.

A loira ofereceu sua mão a Aimee.

—Sou Kerryrna, e tu serias?

—A irmã de Kyle —respondeu Xedrix tão rápido que Aimee se deu conta que ele e Kerryrna tinham uma relação tão próxima que não queria que Kerryrna interpretasse mal o por que estivesse falando com ela—. Aimee. E já ia embora.

Aimee soltou a mão de Kerryrna para corrigi-lo.

—Não, ainda não vou.

—Sim, sim vais. Adeus. Aí está a porta. O pomo gira à esquerda. As dobradiças se abrem para dentro. Deverias usá-la. Mantê-las em funcionamento. Segue respirando. Aqui todos estamos legais.

Aimee suspirou ante sua sarcástica ladainha. Ignorando-o, falou com Kerryrna.

—Tenho que saber como romper uma possessão. Poderias sugerir algo?

Kerryrna franziu o cenho.

—Que tipo de demônio?

—Não sei. Há alguma diferença?

—Oh, definitivamente. Estão aqueles que podes matar, aqueles que podes expulsar e aqueles que se convertem em uma parte permanente de ti. Estes últimos, citando a frase favorita de Xedrix, realmente cheiram mal.

Aimee deslizou um olhar fixo sobre Xedrix, antes de voltar sua atenção a Kerryrna.

—Como sei o que tenho?

—Me leve com isso.

Xedrix fez um som desumano de protesto.

—Oh, diabos, não.

Kerryrna lhe lançou um olhar reprovador.

—Xedrix...

Ele, imediatamente, deu um passo atrás.

—Sei que sou um Caronte e que diferimos de nossas fêmeas, mas tens que respeitar o fato de que sou *Caronte* e que nós defendemos a nossas fêmeas até o final. Tu és minha fêmea. Só sou protetor.

Kerryrna lhe sorriu.

—Então venha conosco e deixa de te lamentar.

—Não estou me lamentado. —Olhou a Aimee como se estivesse considerando seu completo desmembramento—. Por que cada vez que te vejo, me fazes ir a um lugar ao qual não quero ir? Acredito que deveria estar agradecido de que não seja novamente o inferno.

—Deixa de ser um bebê, demônio. Vamos ver Fang.

Xedrix fez uma careta de desgosto.

—O que é que há entre esse lobo e tu? Não podemos melhor lhe dar um tiro e tirá-lo de sua miséria?

—Eu te dispararia primeiro.

—Ao ritmo que vamos, desejaria que o fizesses.

Kerryrna o golpeou brincalhonamente na barriga.

—Seja bom, Xed, ou te dispararei eu mesma.

—Sim, *akra*.

Sacudindo sua cabeça ante o sarcasmo, Aimee os levou de volta ao quarto onde tinha deixado Fang.

Estava vazio.

Xedrix cruzou seus braços sobre seu peito.

—Onde está?

Frustrada e preocupada, Aimee explorou o quarto com o olhar. A cama estava ainda desordenada, mas a penteadeira e a arca de gavetas estavam perfeitas. Tudo estava onde tinha que estar, exceto pela presença de Fang.

—Não sei. Estava como uma bola no chão pela dor quando o deixei.

Kerryrna foi até o ponto como se soubesse de algum jeito onde tinha estado. Tocando o chão, ofegou.

—Oh, isto é mau.

A Aimee lhe caiu a alma aos pés ante o desalentador tom.

—O que?

—Está possuído por um *primus*. Um poderoso *primus*.

Aimee não estava segura do que era isso, mas o tom com que o disse não era bom.

—Podes conseguir tirar o demônio?

—Não sei. —Kerryrna ficou de pé—. Se tivesse a minhas irmãs, poderia. Mas só... não sei.

—Então, o que fazemos?

Foi Xedrix quem respondeu.

—Matá-lo.

—Xedrix! —espetou Aimee.

—O que? —Lhe lançou um olhar de inocência, que teria resultado cômico se não fora a vida de Fang o que estava em discussão—. Os lobos são bons para comer. Não tão saborosos como outras coisas, mas não são ruins. E lhes acrescentando molho de churrasco. Poderia com isso.

Querendo servir a ele no Santuário, ela olhou a Kerryrna.

—Posso rastreá-lo e encontrá-lo. —Aimee fechou os olhos e pensou em Fang.

Mas pela primeira vez, não havia nada aí.

Nada.

Como podia ser isto? Seus poderes eram de deus. Sempre podia rastrear. E entretanto, não havia nenhum sinal dele. Era quase como se estivesse morto.

O mero pensamento foi suficiente para fazê-la querer morrer. *És mais forte que isto...*

Aimee os enfrentou com uma calma que não sentia.

—Não posso encontrá-lo.

Kerryrna observou de novo o chão.

—É um poderoso demônio. Estou segura de que pode mascarar seu cheiro a qualquer um exceto um deus.

—Então, o que fazemos?

Xedrix deu de ombros. Sua ambivalência lhe estava chegando aos nervos.

Entrecerrando seus olhos, Kerryrna tocou o queixo.

—Menyara, acredito.

Aimee franziu o cenho ante um termo que nunca tinha escutado antes.

—É essa alguma classe de estranha cerimônia?

Kerryrna riu.

—Não, é uma pessoa. Ela vive aqui em Nova Orleans e é quem me ajudou quando logo cheguei. Acredito que se alguém pode te ajudar, é ela. —Devolveu um olhar agudo a Xedrix—, dado que não podes suportá-la, certamente me deixarás ir lá sozinha?

Ele levou seu punho esquerdo até seu ombro direito e se inclinou brincalhonamente.

—Sim, *akra*. Teu prazer é minha eterna miséria.

Kerryrna soprou.

—Recordar-te-ei isso esta noite quando queiras ir à cama.

Ele se mostrou horrorizado pela ameaça.

—Era uma brincadeira, bebê. Não disse a sério nenhuma palavra.

Ela lhe deu palminhas carinhosamente na bochecha.

—Já veremos.

Aimee quase nem teve tempo de concentrar-se antes que Kerryrna a tirasse do quarto de Fang até uma pequena cabana, uma casa azul brilhante. Ainda na escuridão, o azul destacava. Colorida, mas onipresente em desenho, parecia como qualquer uma das centenas de casas no Bairro Francês de Nova Orleans. Cortinas de renda branca apareciam por debaixo de grossas cobertas brancas. Dificilmente parecia como a morada de alguém que pudesse vencer a um poderoso demônio.

Mas se Hello Kitty atacasse... tome cuidado!

Kerryrna bateu na porta.

Depois de uma pequena pausa, uma bela mulher Afro-americana abriu para eles, sorrindo-lhes. Seu comprido cabelo encaracolado emoldurava seu rosto que era elegante e exótico. Vestida com um suéter amarelo brilhante que fazia conjunto com a fita de cabelo que usava para segurar seu cabelo fora de sua frente, e jeans, possuía uma aura de feroz poder que agitava o ar que as rodeava.

Não havia dúvida que esta mulher podia enfrentar a um demônio e ganhar.

—Kerry-bell? O que te traz para a porta de Menyara, menina? —Estendeu uma mão a Aimee—. Passa, *ma petite* urso, e sinta-se como em casa.

Aimee com os olhos muito abertos, passou um trepidante olhar a Kerryrna.

—Como sabes quem sou? —perguntou a Menyara.

Um lento sorriso curvou seus lábios e enrugou seu nariz.

—Sei muito a respeito deste mundo, menina. O visto e o não visto. Agora entrem, há uma quente xícara de chá de camomila Egípcia esperando, com muito mel.

Aimee a seguiu dentro da pequena casa que estava decorada como se fora o interior de uma pirâmide Egípcia. Estátuas de deuses cobriam o marco da chaminé lhe recordando um altar. Papiros pintados cobriam as paredes. Decorada em negro, dourado e café a casa tinha uma sensação caseira. Era como entrar na casa de uma amada avó.

Aimee tomou assento numa pequena cadeira de braços enquanto Kerryrna se sentou no sofá ao tempo em que Menyara servia o chá.

Kerryrna tomou uma xícara de sua mão.

—Estou segura que sabes por que estamos aqui.

Menyara sustentou a tampa do bule enquanto servia uma xícara para Aimee.

—Em realidade, sim. Mas há muito em fluxo neste momento. Poderes alinhando-se e repelindo—estendeu a xícara a Aimee. —Tens feito o mais poderoso dos inimigos, *chère*. Um que não se deterá ante nada até te ver morta.

—Isso não me interessa. É Fang por quem estou preocupada.

Ela inclinou sua cabeça antes de servir sua própria xícara.

—Ele caminha por uma escurecida linha de decepção. Mas não está em mim te dizer o que tem feito. Só *ele* pode fazê-lo.

—A que te referes?

Menyara estendeu sua mão e uma perfeita bola de fogo apareceu no ar frente ao seu rosto.

—Criamos coisas por nossas ações. —Ondeou sua mão sobre a bola de fogo para aumentá-la—. Cada ação que tomamos molda nossas criações —Cortou a bola no meio com sua mão nua e se dissolveu em cinzas que se extinguíram no tapete—. E isto pode destruí-las.

Talvez estivesse espessa, mas Aimee não via a conexão entre essa bola de fogo e o que estava acontecendo a Fang.

—Tudo isso está bem e é bom, mas...

—Não há nenhum mas, menina. Fang está em seu caminho. Deve ver através dele.

Bom, bom por ela, mas dado o que tinha visto, ele estava passando um momento realmente difícil.

—Não posso ajudar?

—Não. Não há nada a fazer. Só ele pode vencer ao demônio em seu interior.

—Não há algum exorcismo?

Menyara se ajoelhou no chão, frente a Aimee e tomou suas mãos entre as suas e as sustentou.

—Dentro de nós estão terrenos dos quais consideramos negativos. —Olhou a Kerry na por cima de seu ombro—. Os demônios são bons ou maus. Como tu, têm muitas facetas. Esta é a essência interior ou caminho, se preferes, que todos possuímos e nos guia através de nossas vidas. Algumas vezes essas vozes que nos levam são lembranças sussurradas que vivem profundamente em nosso interior e nos causam tal dor que não temos mais opção que deixá-las sair e machucar àqueles que nos rodeiam. Mas outras vezes, a voz é amor e compaixão, e esta nos guia a um lugar mais gentil. Ao final, nós, sozinhos, devemos escolher que caminho seguiremos. Ninguém pode nos ajudar com isso.

Aimee sacudiu sua cabeça.

—Eu não acredito assim. Nossos caminhos colidem uns com os outros por alguma razão. Como tu com a bola. Um movimento e podemos afastar o ódio e a dor.

Menyara deu batidinhas em sua mão.

—Agora estás pensando, menina. Mas recorda, é um poderoso demônio que está dentro dele. Um que está faminto de sangue e que não será facilmente apaziguado. Olhe em teu coração e saberás a verdade.

Kerry na apertou sua xícara diante dessas palavras.

—Me disseste que o coração nos torna cegos.

Menyara riu a Kerry na.

—Torna, na verdade. —tirou um anel de seu dedo e o estendeu a Aimee—. Use isto, menina. Te protegerá.

—Do que?

—Quando chegar o momento, saberás.

Aimee observou a granada que era tão escura que parecia negra. Situada em um

antigo trançado de placas de ouro, era lindo.

—Tua imprecisão recorda a um homem chamado Acheron Parthenopaeus. Por acaso não estarão relacionados, não é assim?

Ela riu.

—Somos velhos amigos e como eu, Acheron sabe quando a verdade fará mal. Deves encontrar teu próprio caminho nisso. Pelas mesmas leis do universo, sou proibida de intervir.

—Oh, céus. Obrigada. —colocou o anel, depois se deteve—. Desculpe, Menyara. Não quis parecer tão ingrata.

—Eu sei, menina. Não temas. Agora, está se fazendo tarde e deverias voltar a tua casa. Teu lobo retornará a ti quando for o momento adequado de fazê-lo.

Aimee assentiu, logo disse adeus as duas. E aí estava ela pensando que ia passar uma tranqüila sessão de mimos matinais com Fang. Em vez disso, estava aterrorizada por ele.

Transportando-se de novo ao seu quarto, escutou um montão de conversas animadas no vestíbulo. Que diabos acontecia? Era tarde e a maioria do pessoal devia ter terminado seu turno.

Curiosa, abriu a porta e foi às escadas. Abaixo estava sua família inteira, junto com Jasyn, Max, Colt, Carson e Justin. Enquanto descia as escadas, escutou a discussão.

—Então, o que diz a polícia?

—Que foi um dos três assassinatos desta noite. Estão pensando que é algo relacionado com galeras, mas dado que Stu é um escudeiro Dark-Hunter, ele sabe melhor. Disse que parecia mais o ataque de um demônio.

Aimee desequilibrou no último degrau.

—Estás bem? —perguntou Dev.

—Só provando a gravidade.

Rindo, ele sacudiu sua cabeça.

Aimee se endireitou, logo se uniu a eles.

—Do que estão falando?

—Greg, a pantera Arcadiana que veio há dois dias, foi encontrado morto em um beco do Royal Street. Outros dois corpos foram encontrados no Exchange Place. Esses eram humanos.

Kyle lhe lançou um sorriso maléfico.

—Foram drenados completamente de sangue, assim que a polícia pensa que são vampiros.

Ela franziu o cenho.

—Assassinatos Daimon?

—Não. —disse seu pai em tom grave—. Ainda tinham sua alma. Isto era um demônio sedento de sangue.

E Aimee só podia pensar no único demônio na cidade que estava morrendo por sangue.

Que estava dentro de Fang...

CAPÍTULO 26

Fang despertou num beco do Bairro Francês, com a cabeça pulsando enquanto o sol do meio-dia aparecia entre os edifícios que rodeavam as sombras onde devia ter caído. Doía-lhe cada parte de seu corpo de lobo.

Como tinha chegado até ali?

Mudando o peso de seu corpo, viu o sangue que cobria sua pelagem, mas não era *seu* sangue. Embora lhe doía tudo, não estava ferido. Apesar de que seu corpo estava completamente empapado como se tivera se derrubado no sangue. Inclusive o podia saborear em sua boca.

Transformou-se em humano para poder fazer aparecer uma garrafa de água e, pelo menos, enxaguar a boca para tirar o quente sabor metálico. Resultava-lhe denso nas papilas gustativas e o fazia sentir náuseas.

Depois de tirar o gosto ruim, recostou-se contra a morna parede de tijolos olhando a persiana do balcão que havia sobre sua cabeça.

O que tinha acontecido? Passavam-lhe pela cabeça imagens da noite anterior, como se tivesse na farra, bêbado. Viu de novo Aimee em seu quarto. Mas não lhe tinha feito mal. As outras imagens não eram tão claras. Estava ele com outras pessoas... um deles um Were-Hunter.

Uma pantera...

Estava brigando com outros, dois... ou eram três? Mas não sabia por que. Tentou ordenar as imagens, fechando os olhos. Ainda assim, seguiam turvas e confusas. Havia grunhidos e insultos. Punhos e espadas. Metal cintilando enquanto corria o sangue.

—Matei a alguém?

Recordava que havia... um homem brigando com ele? Possivelmente era um demônio. A imagem não estava o suficientemente clara para recordá-lo. A única coisa que faziam era lhe confundir. Pulsava-lhe a cabeça.

Como necessitava de algo no qual centrar-se, fez aparecer um telefone e ligou para Aimee.

—Fang?

Soltou um suspiro de alívio no momento em que ouviu sua suave voz. Não sabia o que tinha, mas lhe acalmava até o fundo de seu ser.

—É, neném. Eu...

—Onde estás?

Arqueou uma sobrancelha ante o tom cortante. Soava estranha e como se tivesse pânico.

—Não sei. Em um beco em alguma parte.

—O que te aconteceu ontem à noite? —Agora as palavras eram acusadoras—. Tentei te localizar e não pude.

—O que acontece?

—A polícia está te procurando.

Aquilo lhe golpeou como um punho. Passou a mão pelo cabelo tentando encontrar um sentido a tudo aquilo.

—O que?

—Querem te interrogar. Mataram dois humanos e um Were-Hunter ontem à noite. Greg, que tinha chegado há uns dias, enrolou-se com uma garota e não voltou. Encontraram-lhe de madrugada com feridas de dentadas. Alguém tinha lhe arrancado a jugular —se deteve antes de sussurrar—. Todos acreditam que há sido tu, Fang.

Pois claro. Porque, o confrontemos, em uma cidade que fervia de demônios, Daimons e Weres, quem mais poderia havê-lo feito? A ira lhe percorreu ao pensar que *ele* e só ele entre tanta gente e animais, era considerado o culpado.

—O que lhes faz pensá-lo?

—Encontraram uma camiseta rasgada no beco junto ao corpo. Tinha seu cheiro por toda parte.

Ah. Isso era um pouquinho mais incriminatório do que teria querido. Suas palavras também trouxeram uma imagem de alguém que ia atrás dele nas sombras. De que alguém lhe arrancava a camiseta enquanto brigavam, mas não podia recordar nada mais.

Por que estavam lutando?

Tragando com força, Fang apertou o telefone na mão.

—Tu o que achas?

—Eu... não sei. Estavas fora de controle quando estive contigo ontem à noite.

Assassino. Em realidade, não o disse, mas tampouco precisava. Seu tom dizia tudo e lhe destroçou que duvidasse dele sequer um pouco depois de tudo o que tinham passado juntos. Por que não podia uma pessoa, só uma vez, ter fé nele?

Mas não. Sempre pensavam o pior no que a ele dizia respeito.

Estava bem, estava acostumado a que as pessoas e os animais não confiassem nele. Por que deveria confiar ela? Seu próprio irmão lhe tinha considerado fraco e egoísta. Por que deveria Aimee ser diferente?

—Onde os mataram?

—Aos humanos em Exchange Place e a Greg em um beco do Royal.

Fang olhou para o sinal que podia ver do beco.

Royal.

—Merda —suspirou.

—O que?

Fang deixou cair a cabeça enquanto o medo lhe percorria. Ao melhor o tinha feito

depois de tudo. Não podia recordar não havê-lo feito e obviamente tinha brigado com alguém por algo importante. E alguém que não tinha sido ele tinha sangrado profusamente. E o que era pior, tinha sangue na boca e por toda a pelagem.

Como se tivesse mordido a alguém na jugular...

Merda, merda, merda. Era culpado. Tinha que sê-lo.

Não, nunca farias algo assim.

Ou sim? Com o demônio em seu interior, era capaz de qualquer coisa e ontem à noite o demônio estava fora de controle. E estava faminto de sangue.

Mas não queria dizer tudo isso a Aimee.

—Nada. Sabes a que hora se cometeram os assassinatos?

—Os dos humanos, não. Greg morreu por volta das duas da madrugada.

Imagens de uma pantera Arcadiana lhe bombardearam enquanto via a si mesmo atacando a uma delas. O cara era humano, depois pantera e outra vez humano enquanto chocavam.

—O que era Greg?

—Pantiras Arcadius.

Merda em dobro.

Depois de tudo possivelmente suas dúvidas não foram mal encaminhadas. Começava parecer que era culpado.

—Tenho que ir.

—O que vais fazer?

—Não o tenho claro.

—Fang. Tome cuidado. Por favor.

Era sincera e isso lhe comoveu profundamente.

Poderia ter dúvidas sobre sua moralidade, mas ainda se preocupava com ele.

—E tu também.

Desligou e deslizou o telefone no bolso. Recostou-se contra a parede de tijolo vermelho e passou as mãos pelo cabelo tentando esclarecer o que tinha acontecido. Nada estava claro. Tudo o que recordava eram emoções. A ira. A fome.

O que fiz?

De repente, sentiu como se alguém ou algo estivesse lhe observando... olhou ao seu redor, mas não viu nada estranho. Nem com os olhos nem com os sentidos. Ao menos não até que um corvo grande aterrisou sobre a porta de serviço de ferro negro. Inclinou a cabeça como se estivesse lhe olhando com intensidade.

Sim... um pássaro. Um fodido pássaro estava lhe pondo dos nervos.

Definitivamente, estou perdendo a cabeça. E ainda assim a sensação de que lhe observavam persistia enquanto que nada ao seu redor o parecia. O sol nascente tinha varrido as sombras nas quais se encontrava quando despertou. Ninguém podia lhe ver de onde estava sentado. Não sem estar em algum lugar de onde ele também pudesse lhe ver.

Exceto o pássaro.

Mas salvo pelo fato de que não havia Were-Hunter dessa espécie, pensava que o pássaro sentia pela maneira em que lhe olhava. *Deus, quanto patético sou para chegar a ponto de que um pássaro me inquiete?*

E então escutou o ruído de uma moto troando alto na rua. Era um pedaço de máquina e podia ouvir a velocidade a que trocavam as marchas quando o condutor

acelerava. Alguém que sabia conduzir. O som cresceu e cresceu até que se fez quase ensurdecedor.

Porra, cara, compra um silenciador.

Ao menos isso era o que pensava até que entrou chiando no beco até parar diante dele. Uma Honda 2000 F&C Valkiria reluzente que tinha o som gutural do poder puro e duro e um desenho de chamas pintado sobre o negro brilhante.

O condutor levava um sólido traje Aerostitch blindado e um capacete negro azeviche. A única nota de cor eram as placas de prata que iam dos pulsos ao cotovelo e as placas combinando com as botas de motoqueiro.

Olhou a Fang enquanto punha a moto em ponto morto.

—Poderias querer correr.

—E uma merda. Eu não corro.

O homem moveu a cabeça enquanto desligava o contato da moto, punha o pé e passava uma perna por cima.

—Faça o que queiras.

E então Fang o ouviu...

Um som que tinha lhe açoitado a cada minuto que tinha passado no Reino das Trevas. Um som que fez com que lhe gelasse o sangue. Era inconfundível e claro e disparou a raiva que fervia em seu interior.

O som de um Reaper...

Não, um não.

Muitos.

Esse puxão de medo doentio lhe encheu o estômago. Pensava que essas batalhas tinham ficado para trás. Mas era óbvio que o recém-chegado não só sabia deles. Estava se preparando para combatê-los.

—Quem és?

—Zeke.

Estendeu a mão e a moto se transformou em uma espada brilhante e desmesurada como nada que Fang tivesse visto antes.

O corvo voou por perto. Logo que chegou às costas de Zeke, transformou-se em uma mulher vestida com um macacão de couro justo, espartilho e um casaco negro comprido. O cabelo curto e negro caía numa cabeleira escorrida que emoldurava as feições perfeitas e os olhos negros como o carvão. Elegante e letal, era assombrosamente bonita.

Estalou os braços para baixo e ao fazê-lo lhe cobriram as mãos com uma armadura e garras. Zeke a olhou por cima do ombro.

—Ela é Ravenna e esta é tua última oportunidade de partir enquanto possas.

Fang negou com a cabeça.

—Contem comigo.

Ravenna lhe varreu com um olhar de incredulidade.

—És tolo, lobo. Eu correria se pudesse.

E então o inferno desatou, literalmente, ao chegar os Reaper. Saíram em massa das paredes de tijolo e do chão sob seus pés. Pelo menos duas dúzias embora fosse difícil diferenciá-los. Lutavam como uma unidade uniforme e sua estratégia habitual era atemorizar ao oponente, atirá-lo ao chão e fazê-lo pedaços.

Fang fez aparecer uma espada, não a que lhe tinha dado Thorn, sim não outra.

—A estes posso matar?

Zeke atropelou um e chutou outro. Fez um arco amplo com a espada decapitando outro de uma só manobra.

—Absolu-fodida-mente.

Fang agarrou o primeiro Reaper que pôde e lhe abriu de cima abaixo. Gritou e caiu ao chão enquanto outro lhe chegava pelas costas.

Ravenna lhe atacou por trás.

—Não mudes de forma —lhe advertiu antes de virar para enfrentar-se a outro.

Fang não tinha previsto fazê-lo. Como lobo, não era oponente para eles. Não podia lhes morder e isso lhe deixava com nada salvo correr.

E desta vez, queria-os mortos. Todos esses meses estar encerrado no inferno com eles, sendo mordido e arranhado ferviam por seu corpo. Queria vingança e ia tomá-la em cada Reaper que pudesse alcançar.

Balançou a mão tentando voar a um demônio, mas Ravenna lhe agarrou pelo pulso.

—Isso só os fará mais fortes. Os Reaper são especiais. Só mão a mão.

Ao menos lhe explicava as regras *antes* que cometesse algum engano. *Obrigado, Thorn, safado.* Fang deu um chute ao seguinte e Zeke apunhalou outro. Seu número pareceu duplicar-se durante uns minutos, como se estivessem pedindo reforços.

Ao menos até que Ravenna lançou um grito muito agudo. Fang golpeou o chão querendo uivar quando a dor lhe atravessou a cabeça. Era atroz. Embora não fosse o único que o sentia. Os Reaper retrocederam gritando até que, afinal, desapareceram.

Fang se levantou do chão, com os ouvidos zumbindo, fulminando-a com o olhar. Queria lhe arrancar a cabeça pela agonia que pulsava em seu crânio.

Zeke arrancou o capacete da cabeça e tinha o aspecto de se sentir como ele. Tinha o cabelo castanho escuro em pé na parte da frente pelo capacete e suado, mas o resto lhe caía até os ombros. Com uma barba de dois dias, parecia letal apesar da beleza quase angelical de suas feições.

—Quantas vezes tenho que te dizer que não faças essa merda? —Perguntou a Ravenna apertando os ouvidos com a mão.

—Estavam pedindo reforços. Queres que da próxima vez lhes deixe te agarrar?

—Depende do que me dure a enxaqueca. Porra, mulher, da próxima vez é melhor que me apunhales a cabeça —Zeke flexionou a mandíbula como se tentasse clarear a cabeça.

—Não me tentes.

Fang se levantou, sacudindo a cabeça para aliviar a dor e olhou os corpos negros com forma de pássaro que lhes rodeavam. O sangue corria pela calçada enquanto alguns se retorciam na morte. Dissolveu a espada e tomou fôlego.

Zeke e Ravenna se voltaram para ele.

—Bom trabalho —lhe disse Zeke.

Fang assentiu agradecido enquanto seguia olhando os corpos.

—O que originou isto?

Ravenna lhe deu uns leves golpes no peito, justo em cima do coração.

—Tens Phrixis em teu interior, colega —assinalou os restos dos demônios—. Queriam seus poderes, o que significa que se te matavam conseguiam os dele e os teus. És a Estrela da Índia, querido.

Fang não podia aceitá-lo. Não tinha sentido.

—Como é que podem estar aqui?

Zeke estendeu a mão e soltou um jorro de fogo que consumiu os corpos.

—Sempre estiveram aqui. Nunca os tinha visto até tua desafortunada viagem aos seus domínios e abriste os olhos. A porta entre este mundo e o seu quase não está vigiada, assim ir e vir não é tão difícil para algumas espécies como esta.

Fang entrecerrou os olhos quando ao final o compreendeu.

—Assim, também são Hellchaser?

Zeke soprou como se Fang lhe tivesse insultado.

—Não. Nós trabalhamos para a parte boa da equação —quase cuspiu as palavras.

E Fang não? O que queria dar a entender Zeke exatamente?

—Cara, me fale num idioma que compreenda porque agora mesmo, estou perdido. A última vez que o comprovei, *eu* era um dos bons.

Zeke negou com a cabeça.

—Pode que fosses, mas o safado para o qual trabalhas certamente não o é.

—O que queres dizer?

—Eu respondo diante dos arcanjos Samael e Gabriel. Embora se supõe que Thorn está de nosso lado, é o filho de sangue de nosso mais amargo inimigo e, portanto, não sabemos onde radicam suas lealdades. Ele diz que conosco, mas não confio nele absolutamente. Dado quem é seu pai e seu passado, é só questão de tempo que mude de lado e nos deixe com o traseiro ao ar.

—O mais amargo inimigo?

As feições de Zeke se voltaram de pedra.

—Lúcifer.

Fang ofegou de incredulidade quando a realidade lhe golpeou nas tripas. Thorn era o filho de Lúcifer? Por que não se deu conta?

Porque estavas desesperado. A vida de Aimee estava ameaçada e não lhe importava nada mais. Não teria que se estranhar de que Thorn tivera sido tão reservado.

—O que fiz?

Ravenna lhe deu uma palmada forte no ombro.

—Vendeste tua alma ao lado errado, colega. Felicidades.

Fang ainda se negava a acreditar nisso.

—Mas luta contra os demônios.

Zeke soltou um comprido suspiro.

—Até agora, sim. Quem sabe o que nos proporciona o amanhã. Algo que aprendi desde que faço isto é que as pessoas mudam, as pessoas traem e em que a única pessoa na qual podes confiar és tu mesmo.

Ravenna lhe lançou um olhar severo.

Zeke bufou.

—Como se não me cortarias a garganta se alguém te desse a oportunidade.

Ela assentiu e riu.

—Certo. Isso é verdade. A verdade é que te odeio a maior parte dos dias.

Fang lhes ignorou tentando entender o que estava acontecendo.

—Esperem. Podem me explicar isso? Thorn não esteve muito comunicativo com isso de informação. O que é exatamente que fazemos e como encaixais vós na equação?

—Venha já, Fang —disse Ravenna como se estivesse falando com um pirralho que não tivesse habilidades cognitivas—. Não acreditarás de verdade que o panteão grego e o atlante são quão únicos lutam no lado bom, verdade? Ou que os Daimon são os únicos demônios que há. Sabes dos Caronte, dos Gallu, dos Dimme, dos Coletores e dos Reapers. Os demônios babões como Misery... Há milhares de tipos e todos nós, sem importar o panteão ou a fonte de poder a qual pertencemos, temos soldados para combatê-los.

Fang a olhou suspicaz.

—O que és tu?

—Metade humana, metade demônio Kalios.

Os Kalios eram demônios benévolos. Tinha-o aprendido no Reino das Trevas. Ao único de sua espécie que tinha conhecido despedaçaram os Coletores enquanto tratava de lhe ajudar.

Olhou a Zeke com os olhos entreabridos.

—E tu?

—Nasci humano. Agora estou classificado como Necrodemian, cuja tradução livre é morte aos demônios ou executor de demônios. Ao contrário que um Hellchaser, tenho a habilidade de matar demônios sem conseqüências enquanto siga certos protocolos que, na verdade, me incomoda a maioria dos dias.

—Enquanto que nós só os mandamos de volta aonde pertencem.

Zeke lhe fez uma saudação sarcástica.

—Vais pegando.

Fang colocou as mãos nos quadris.

—Ainda não entendo como me arrastaram a tudo isto.

Ravenna lhe bateu no ombro compreensiva.

—O último dos Malachai já não existe e com isso os poderes escuros mais antigos estão se unindo de novo para tomar a terra. Nossos soldados estão se congregando e tu, meu amigo, te metesses de cabeça nesta batalha.

—Só tentava proteger Aimee.

—E esse sentimento é o que originou a condenação de muitas almas boas.

Fang supunha que era assim. Mas não diminuía o fato de que tinha posto sua vida entre grades. E tudo isto porque queria tomar uma cerveja espumosa...

E tinha terminado querendo uma ursa.

—Assim Thorn é malvado? —Perguntou a Zeke.

—É o filho de um dos poderes mais escuros nunca conhecidos. E seu pai era um soldado em quem se podia confiar que lutava pelo bem até que mudou de lado. Ao contrário que seu pai, Thorn resistiu essa tentação a maior parte do tempo —Zeke soltou um suspiro que soou cansado—. Ao final, a verdade é que não sabemos. Muitos membros de seu exército mudaram de lado e tivemos que abatê-los... geralmente depois de ter cometido o mesmo erro que tu quando mataste Phrixis. Quando os demônios matam a um Hellchaser se fazem mais poderosos e é mais difícil para nós matá-los. O que nos leva a perguntar, Thorn não informa aos seus Hellchaser de propósito para que os demônios se façam mais poderosos em benefício de seu pai? Ou é que é assim esquecido?

Ravenna soltou um bufado zombador.

—Ou, como eu suspeito, é somente um fodido louco ao qual gosta dos jogos mentais?

Fang também queria uma resposta a isso.

—Apostem a que lhe perguntarei.

—Terias a mesma resposta que nós. Ou te porá contra a parede ou te prenderá fogo

—Zeke jogou um sorrisinho de presunção—. A propósito, a parte do fogo dói de verdade. Não sei o que é que tem o safado no punho, mas queima como nada que haja sentido. E que não te esqueça, mantenha-te em seu lado bom.

Legal. Simplesmente legal. Mantenha-te no lado bom de um homem que foi gerado pelo mal em estado puro.

—Assim não estou melhor aqui do que estava no Reino das Trevas.

Ravenna riu.

—Estás louco? É obvio que estás melhor aqui. Aqui podes dormir de verdade sem temor que te tratem brutalmente e há comida de verdade que podes comer. Mas... levaste um X nas costas tão grande como o sinal de proibido do I-10. Porque os demônios só querem obter mais poder e tu és extra-atrativo para eles. Um Were-Hunter possuído. Realmente tens sorte de que *eu* não tente te matar.

Fang ignorou o último comentário.

—Como saio desta?

Zeke coçou o queixo.

—Bom, meus chefes não são muito mais comunicativos que o teu quanto à informação. Podemos tentar ressuscitar a Phrixis e tirá-lo de dentro de ti, o que é um nojo e poderia não funcionar. E também poderia te matar. Ou podemos encontrar a quem lhe convocou e romper a corrente que usou. Isso erradicaria ao pequeno idiota.

—E por que Thorn não me disse tudo isso?

—Já lhe hei dito isso, não sabemos realmente de que lado está. Tens que te perguntar se o que quer é que o demônio te devore e se volte mais poderoso para lutar contra nós. Ou se quer que tu sejas mais poderoso para lutar contra eles. E posto que não sabemos se ganhará o Fang Bom ou o Fang Mau, está jogando um jogo muito perigoso.

—Pessoalmente, quero fora de mim o demônio. Como encontramos ao que lhe convocou?

Ravenna arqueou uma sobrancelha.

—Estamos em Nova Orleans, nenê. Tens uma leve idéia de quantas pessoas podem havê-lo feito?

—Bom —disse Zeke—, há uma terceira maneira.

—O que é...?

—Um ato de tão pura bondade e desinteresse joga fora ao demônio.

A Fang gostou como soava aquilo. Ao menos tinha toda a pinta de que funcionaria e não lhe mataria... ao melhor.

—O que? Salvar a um infante?

Zeke deu de ombros.

—Não sei. Os PQS não são muito específicos.

—PQS?

Ravenna respondeu por ele

—Os Poderes Que São.

—Legal. Então o que faço? Fico tão tranqüilo esperando que o demônio vá embora ou que o que o convocou se lance por acaso debaixo de minha moto?

Ravenna deixou escapar uma risada sinistra.

—Aperte o cinto, colega. Vai ser um vôo movimentado.

—Obrigado, Bette. O certo é que eu gostaria de algo um pouco mais concreto.

Zeke levantou o capacete do chão.

—Bom, é o melhor que podemos fazer por agora. Desculpe.

Desculpe? Fang adoraria lhe fazer comer a palavrinha.

—Mencionaste a um Malachai. O que é isso?

Zeke deu um golpe no chão para sacudir o pó dos Reaper que ao final tinham deixado de arder.

—A explicação mais simples é pensar neles como um exército de anjos caídos. Demoníacos, frios e capazes de fazer pedaços de qualquer coisa que fique em seu caminho.

—Disseste que só restava um.

Zeke assentiu.

—Houve um tempo em que havia dois exércitos. Os Sephirii que lutavam pelo bem e os Malachai que eram o puro mal. Agora resta só um de cada. O último Sephiroth é um escravo e o último Malachai desapareceu. Acreditávamos que estava morto até que, faz uns meses houve uma ruptura no éter.

—Uma ruptura?

Zeke assentiu com a cabeça.

—Adrian, o último Malachai, teve um filho do qual não sabíamos nada. De alguma forma se virou para que o nascimento do pequeno safado escapasse ao nosso radar. Quando aceitar aos seus poderes, haverá um clamor inequívoco.

—Onde está este último Malachai?

—Essa é a sacanagem. Não sabemos. Tentamos lhe encontrar, mas quem quer que esteja lhe escondendo está decidido a lhe manter em segredo e não sabemos porquê.

—Seguramente que isso não é nada bom.

—Sim... já podes jurá-lo, te atribuístes um posto muito tênue. Vigie tuas costas, lobo.

Zeke jogou sua espada ao ar. Transformou-se de novo na moto. Ravenna se transformou em corvo e levantou o vôo enquanto Zeke punha em marcha à moto.

—Tentarei te dar uma olhada, lobo. Desconfie das sombras e mantenha os olhos abertos para que Phrixis não te controle.

Enojado com o giro dos acontecimentos, Fang esperou até que se foram. Ainda não tinha claro nada de ontem à noite nem de seu futuro, mas estava seguro de uma coisa, não tinham intenção de permitir que a polícia lhe interrogasse até que não soubesse mais do que tinha acontecido.

E sobretudo, até que não soubesse até onde ia tudo isto.

Durante os últimos meses, Fang tinha evitado aos tiras e a sua família e tinha aprendido exatamente o que queria dizer Zeke quando falou do alvo em suas costas. Sentia-se como se tivesse voltado ao Reino das Trevas e os demônios, um após o outro, perseguissem-lhe.

Mas o pior eram as lacunas que seguia tendo nas que não podia recordar o que tinha feito.

Onde tinha estado.

Ainda estava vivo, mas isso era a única coisa da qual tinha a certeza. E ao se fazer mais frequentes as lacunas, temia aproximar-se de Aimee. Poderia despertar com todo

tipo de feridas que não poderia explicar. Marcas de dentadas, feridas, machucados.

Se pudesse saber como as tinha feito.

Estava morrendo mais gente e Were-Hunters e estava começando a pensar que ele era o culpado. Todas as manhãs despertava coberto de sangue sem explicação do que o tinha causado.

Fang se internou mais no pântano, esperando que se ele se mantinha afastado de todos não lhes causaria dano. Pensar em ferir Vane ou Bride ou, mais importante, a Aimee, torturava-lhe.

Por que não podia recordar o que fazia de noite? Queria com desespero estar com Aimee e lhe contar o que estava acontecendo, mas não se atrevia. Primeiro estava evitando que o detivessem. E segundo temia lhe machucar sem intenção durante uma de suas lacunas.

Tinha estado tão perto na última vez que a tinha visto. Se não lhe tivesse dado aquela joelhada...

Fang não queria pensar nisso. Não poderia seguir vivendo sabendo que a tinha ferido.

O que está acontecendo?

—Quero que saias de mim! —Grunhiu a Phrixis, que estava em sua cabeça, lhe incitando a matar.

Por que não podia ter um pouco de paz?

O pior de tudo é que queria ver seu sobrinho e a Aimee. Queria que por um momento alguém lhe abraçasse sem que suspeitasse dele da maneira em que ele suspeitava de si mesmo. Mas não os poria em perigo.

Não até que não soubesse a verdade.

Aimee desligou o telefone frustrada enquanto se sentava na poltrona da mesa de trabalho de sua mãe. Queria fazer um trilhão de pedaços o inútil aparelho.

—Ainda não lhe localizaste?

Levantou a vista e encontrou Dev de pé na porta olhando-a com ar preocupado no rosto.

—Do que me falas?

—Sei que estás ligando para Fang.

Pensou em mentir, mas para que se incomodar? Seu irmão o cheiraria.

—Estou preocupada com ele.

—Não te culpo. Os corpos vão se acumulando e Stu ligou hoje para dizer que montaram um destacamento especial para lhe pegar.

Stu tinha lhe mantido em dia sobre os assassinatos. Todos e cada um pareciam obra de um animal. Como se tivesse sido um lobo ou um cão.

Embora os assassinatos mais sangrentos tinham sido os dos Were-Hunters, todos Arcadianos, que tinham morrido. Nenhum animal comum tinha as faculdades para fazê-lo. Havia outro Were-Hunter lhes caçando.

Aimee engoliu o nó que tinha na garganta considerando a possibilidade sobre a qual não queria pensar.

—Achas que é culpado de havê-los assassinado?

Dev suspirou.

—Oito dos mortos eram Were-Hunters. Não fica bem para ele.

Não. Não ficava bem. E que ele não quisesse falar com ela o fazia muito pior. Sem mencionar que já não estava em casa de Vane. Ninguém sabia onde estava.

E isso fazia com que quisesse chorar.

—Aimee?

Olhou por cima do ombro de Dev para Maman que chamava do salão. Levantou-se e se dirigiu até ele para deixar o lugar para sua mãe.

—Sim?

Dev se pôs a um lado para que Maman pudesse entrar.

—Convocou-se uma sessão especial do Omegrión. Acredito que deverias assistir.

Aimee franziu o cenho ante aquele pedido tão incomum.

—Por que?

—Porque é sobre Fang.

Caiu-lhe o coração aos pés tão depressa que ficou tonta. Dev a segurou contra si.

—Vou contigo.

Assentiu, agradecida pelo apoio.

—Obrigada por me dizer isso Maman.

Sua mãe inclinou a cabeça.

Dando um tapinha no ombro de Dev, Aimee lhe deixou e subiu as escadas para vestir-se com um traje cinza conservador. Nunca tinha estado antes num concílio e não tinha nem idéia do que podia esperar.

Dev se reuniu com ela no final da escada, vestido com jeans e uma camisa azul escura. Erguia-se ao lado de Maman. Aimee parou olhando a ambos. Sua mãe era tão escultural e refinadamente bela. Como uma rainha até a medula dos ossos. Possuía tal elegância feminina que Aimee sempre se havia sentido como o patinho feio em comparação.

Embora nem sempre estavam de acordo, amava àquela mulher com todo o coração. E desejava poder ser mais como ela e fazer com que se sentisse orgulhosa.

Dev parecia o resmungão encantador de sempre. Embora não possuísse o refinamento de Maman, que tinha passado a Zar e a Alain, tinha um carisma prático e realista que resultava absolutamente atraente.

—Estamos preparados, *mes enfants*?

Aimee agarrou a mão de Dev.

—Estamos preparados.

Maman os transportou para Neratiti, a misteriosa ilha lar de Savitar. Era uma ilha em constante movimento pelo mundo enquanto Savitar, que era um devoto surfista, procurava a onda perfeita. Era um ser com milhares de contradições e mistérios. E alguém a quem Aimee só tinha visto umas poucas vezes em sua vida. Para ser sincera, assustava-a de morte.

Mas não estava na sala quando chegaram. Aimee respirou fundo de alívio e levou um momento para olhar ao redor da grande sala circular. Estava decorada em borgonha e ouro e tinha grandes vitrais abertos que iam do teto dourado até o mármore negro do chão sob seus pés. Suntuosamente decorado, poderia ter resultado cafona, mas de algum jeito,

as cores e desenhos tão elaborados se fundiam para criar uma bela tela.

Uma grande mesa redonda se situava no meio da sala e um trono impressionante se erguia a um lado. Supunha que era o trono de Savitar.

A maioria dos Katagaria já estava ali, sentada à mesa. Aimee retrocedeu, intimidada. Dev se manteve ao seu lado com aparência estóica que a fazia perguntar-se o que estava pensando.

Maman sorriu com presunção ante os lugares vazios enquanto se detinha junto a uma pantera alta e de cabelo escuro.

—Parece que os Arcadianos se mantêm em sua verdadeira forma, né, Dante?

—Os mesmos galinhas de sempre, Lo. Nem sequer aqui nos fazem frente sozinhos.

Olhou por cima de Maman encontrando-se com o olhar de Aimee.

Maman sorriu com calidez ao apresentá-los.

—Minha filha, Aimee. Aimee te apresento a Dante Pontis.

Aimee estendeu a mão para ele.

—És o dono do Inferno, em Minnesota.

Embora não fosse um santuário oficial, era um clube muito conhecido.

—O conheces —estreitou sua mão e depois a estendeu a Dev—. Alegro-me de voltar a te ver.

—Eu também.

Aimee franziu o cenho ante a familiaridade entre eles.

—Como é que se conhecem?

Dante piscou um olho.

—Expedições de exploração... e outras coisas.

Aimee levantou as mãos como protestando ante o que ia dizer.

—Isso foi antes que Dante se emparelhasse.

Dante tocou o coração. O amor em seus olhos dizia tudo.

—E não o queria de nenhuma outra forma, Dev. Algum dia espero que conheças uma felicidade como a que Pandora me outorgou.

—Já. Não dizias essa quando estava prenhe.

Dante riu.

Fury e Vane entraram na sala com os rostos sombrios.

Aimee se aproximou deles imediatamente.

—Sabem algo de Fang?

—Não —a voz de Vane estava cheia de emoção—. Esperava que tu sim.

Negou com a cabeça enquanto o resto de membros aparecia e tomava assento na enorme mesa redonda.

Ela e Dev retrocederam quando duas grandes portas se abriram por poderes primitivos que estremeceram a sala. Savitar, vestido com uma túnica longa e flutuante que lhe recordava um desenho egípcio, avançou com uma aura de poder tão poderosa que fez com que os cabelos da nuca lhe arrepiassem.

O cabelo comprido e escuro flutuava sobre seus ombros. Tinha-o trançado e exibia um cavanhaque bem recortado e quando passou a vista pela sala, os profundos olhos lavanda pareciam brilhar.

Cada um dos membros ficou de pé enquanto caminhava para seu trono. Parecia estar furioso e um pânico muito patente parecia emanar de cada criatura presente.



Savitar lhes lançou um olhar iracundo.

—Posem o traseiro, animais e pessoas. Não gosto de estar aqui mais do que gosta a vós, assim vamos rápido e assim poderão sair de minha vista. Vamos depressa com a pedagogia de merda. Escuto-vos... —se deteve como se estivesse resistindo o desejo de golpear algo—. Quem porra há escrito esta merda? “Bem-vindos à Câmara do Omegríon. Reunimo-nos aqui, um representante de cada ramo das duas pátrias. Viemos em paz... —parou para bufar com ironia patente—, para fazer a paz.” Sou vosso mediador, Savitar, e se a estas alturas não sabeis, teriam que vos dar na cabeça com um martelo pneumático e vos substituir porque são muito estúpidos para representar a vossas pátrias. Mas no caso de vos há esquecido ou são densos, sou a soma de tudo o que foi e um dia voltará a ser. Eu faço ordem do caos e caos da ordem que é pelo que estou metido nesta merda. Assim vamos a isso antes que comece a vos arrancar os cabelos.

Seu olhar foi direto a Maman.

—Nicolette, ultimamente houve certo número de queixas contra o Santuário.

O pânico de Aimee cresceu.

Maman, pelo contrário, manteve a compostura.

—Queixas? De quem?

Savitar se inclinou para um lado olhando-a com os olhos entrecerrados.

—Um grupo de chacais que dizem que não só te negaste a lhes ajudar a que apreendessem a um criminoso procurado e sim que também informou ao tal criminoso de onde estavam e lhe soltou sobre eles.

Nicolette abriu a boca, mas Savitar levantou a mão para fazê-la calar.

—Uma manada de lobos disse que, quando um dos empregados de teu Santuário lhes atacou num beco fora do Santuário sem mediar provocação, não só desculpaste suas ações como te negaste a o entregar a eles. Assim mesmo, permitiste sabendo que Wren fora falsamente acusado e lhe perseguiu neste mesmo Conselho. E que tu, pessoalmente, atacaste a um tigre em tua própria casa. Houve outros que asseguram que selecionas e escolhes a quem ajudar e no lugar de dar a bem-vinda a todos como jurou fazer. O que tens a dizer?

Maman nem sequer pestanejou.

—Mentem.

Vane ficou de pé.

—Apóio a Nicolette completamente.

A atenção de Savitar se desviou para ele como um potente laser.

—Rapaz, nem sequer comecei contigo ainda. Neste momento, tua palavra não significa muito.

Aimee lançou um olhar assustado a Dev.

Dev lhe pegou a mão e a manteve apertada incitando-a para que mantivesse silêncio.

Savitar cravou um olhar severo em Nicolette.

—Fizeste ou não fizeste que teu filho avisasse a Constantine que o grupo de chacais ia atrás dele?

—Atacaram minha filha em meu próprio clube. Ameaçaram sua vida.

Aimee olhou o assento vazio que foi de Constantine. O que lhe tinha acontecido? Por que não estava ali para apoiar a Maman?

Savitar não lhe deu trégua.

—Deverias ter me dito isso, Nicolette. Soltar a seu inimigo sobre eles vai contra o código de neutralidade e sabes. E ainda não respondeste a minha pergunta. O disseste?

—Sim. Eu, e não meus filhos, informei a Constantine que iam atrás dele.

Sentiu como esticava a mão de Dev ante a mentira. Dev tinha sido o que advertiu a Constantine. Maman estava protegendo oferecendo a si mesma para o bloco de execução.

—E quando Eli Blakemore e sua manada te contaram sob juramento que seu filho e seus amigos tinham sido atacados nos subúrbios de teu clube, não entregaste aos culpados?

Aimee deu um passo adiante.

—*Não!* —Soltou Dev em sua cabeça—. *Savitar te matará.*

—*Mas está errado.*

—*Aimee, não envergonhes a Maman. Sabes o que tens que fazer.*

Sim, sabia. Mas era muito duro ficar quieta e escutar como atacavam a sua mãe com fatos que estavam sendo exagerados.

Maman levantou o queixo com a dignidade de uma rainha.

—Não acredito em sua manada nem nas mentiras que contam.

—Te negaste a lhes entregar ao seu atacante?

Por *ela*... As lágrimas sem derramar a afogavam ao dar-se conta de quantos problemas tinha metido a sua mãe. Não era de se estranhar que fora tão severa às vezes. Aimee sabia que Savitar era insensível, mas vê-lo...

O que tinha feito? Tinha posto em perigo a sua mãe para salvar ao seu amigo.

E Maman estava tomando toda a culpa para protegê-los.

—*Oui.* De fato, neguei-me.

Savitar moveu a cabeça.

—E quando nos reunimos aqui e demos ordem de prisão contra Wren, não mentiste aos membros deste conselho?

—Não. Disse o que acreditava que era a verdade.

—Estás segura?

—*Absolutamente.* Sim.

Savitar deixou escapar um suspiro cansado enquanto acariciava o queixo, pensativo.

—Lo de todos os membros deste conselho, tu sabes como funciona. No que estavas pensando?

—O que estava pensando é que Constantine, como Regis deste conselho, devia ser avisado. Seus perseguidores chegaram e puseram uma faca na garganta de minha filha e atacaram aos meus filhos. Se não me preocupasse minha licença, lhes teria destruído ali mesmo. Mas em vez de fazê-lo, pensei que era justo advertir a Constantine que essa gente —cuspiu a palavra—, não fariam honra as leis do santuário e que não se incomodasse em procurá-lo.

Savitar se inclinou para frente.

—Limani significa santuário. Dizer a um inimigo marcado onde encontrar àqueles que querem matá-lo não está no código. E o que aconteceu com a outra acusação?

—Blakemore é um porco. Seu filho atacou Wren no beco de trás e lhe agarramos ali, e de novo atacou a minha filha que estava tentando ajudar a Wren.

—Tenho declarações juradas de dez membros de sua manada que juram que Wren foi quem atacou primeiro.

—Em defesa própria.

—Foi o primeiro a derramar sangue —o tom de Savitar era gélido.

E mesmo assim, Maman não retrocedeu e por isso Aimee sentiu um novo respeito por sua mãe.

—E Blakemore lhe teria matado ali mesmo se eu lhe tivesse entregado. Não condenarei para morrer nem sequer a um inimigo quando lhe acoosam os valentões.

Savitar ficou de pé, o que fez com que alguns dos membros do conselho ofegassem. Maman, entretanto, não moveu um músculo.

Savitar se aproximou.

—Se dizes a verdade, por que não me informaste?

—Não pensei que valesse a pena te incomodar.

Savitar se deteve perto de sua cadeira.

—Pois te equivocaste. Com efeito imediato, tua licença se suspende durante seis meses. Uma transgressão a mais e será indefinidamente —Savitar se voltou para Vane—. E tu... Te disse que trouxeste contigo ao teu irmão.

Agora foi a vez de Vane não mostrar emoção alguma.

—Não sei onde está.

Savitar lhe lançou um cortante olhar cheio de ira.

—Esperas que me acredite nisso?

—É a verdade.

Disso não gostou nada o garotão. Parecia que Savitar ia desatar uma ira infernal sobre todos eles.

—Muito bem. Já vejo que necessitas de um incentivo para me obedecer. Me tragas aqui a Fang em quarenta e oito horas para lhe submeter a julgamento ou destruo a manada Kattalakís —olhou Fury com os olhos entrecerrados—. A ambas. Se suspende a sessão! —Rugiu a última ordem enquanto desaparecia.

Os membros, visivelmente agitados, começaram a desaparecer não sem antes fazer vários comentários insidiosos sobre Fang e os Peltier.

Aturdida pelo que tinha ocorrido, a maior parte do qual tinha sido por sua culpa, Aimee se aproximou de sua mãe.

—Maman?

Sua mãe não mostrou a mínima emoção. Mas Aimee podia senti-lo. Sabia o duro que tinha sido para com sua mãe. Sem licença, qualquer um podia atacá-los. Não tinham refúgio. Tudo aquilo pelo qual Maman tinha lutado se despedaçou.

O que fiz?

Dev se deixou cair junto a sua mãe.

—Maman, tudo se ajeitará.

Agarrou-lhe a mão e o olhou como se se assombrasse de seu tamanho.

—*Non, mon fils*. Quero que vá e reúnas à família. Partam e não voltem até que voltemos a ter licença.

Dev negou com a cabeça. Tinha a mandíbula crispada e esse olhar obstinado de aço que conheciam tão bem.

—Não podemos te deixar.

Maman lhe esbofeteou. Com força.

—Não me questiones. Vá e faça o que te digo. Já!

As feições de Dev se endureceram. Nicolette podia ver o desejo de devolver o golpe, mas Dev sabia por que o tinha feito. Maman estava preocupada e agia por impulso animal. Acabava de arriscar sua vida para proteger a deles.

Sem uma palavra mais, desapareceu.

Aimee encontrou o olhar de Vane enquanto se aproximava para lhe falar.

—O que vais fazer?

—Ti o que achas? —Grunhiu-lhe.

Encheu-se de horror.

—Não podes entregar Fang a esse... —monstro era o que queria dizer, mas sabia que não podia. Savitar podia ouvi-la e só os deuses sabiam o que lhe faria.

—Tenho mulher e um filho. Minha companheira está grávida de novo, Aimee, e é humana. Achas que posso entregá-la por um irmão que já nem sequer fala comigo?

Maman ficou de pé. Varreu a Vane com um olhar frio e hostil.

—Tudo isto é tua culpa. Vós, lobos, jogaste-me em cima tudo isto. Antes que vós viérais estávamos em paz e agora...

—Nós? —Grunhiu Vane—. Meu irmão não se haveria visto envolvido em tudo isto se não tivesse sido por tua filha! Arrisco-me a perder minha manada e a minha companheira, e por que? Por uma ursa?

Aimee retrocedeu como se a tivessem esbofeteado com essas palavras.

Vane lhe lançou um olhar duro e frio.

—Mais te vale que encontres ao meu irmão e me tragas ele.

—E se não puder?

—Tu não gostarias que respondesse a essa pergunta, ursinha. Acredite em mim.

Aimee se encolheu ao dar-se conta a que ia tudo aquilo. Vane ia trair Fang pela última vez e queria que ela fora a ferramenta com a qual fazê-lo.

CAPÍTULO 27

Aimee estava em seu quarto, empacotando tudo o que tinha. Sua roupa, suas jóias, seus livros. Mas diferentemente do resto de sua família, ela não ia se esconder.

la encontrar Fang e logo ambos iam escapar de toda esta merda de uma vez e para sempre. De maneira nenhuma ia ser parte dos que lhe deram as costas. Ele já tinha passado por muito.

Uma leve batida soou em sua porta.

—Entre.

Era Dev. Tinha o cabelo penteado para trás em um rabo e a manga de sua camiseta dobrada para cima, deixando a tatuagem do duplo arco e flecha extremamente visível. Como ele, sempre tinha encontrado divertida a tatuagem, embora estava segura que irritava a Artemisa, dado que ele não era um Dark Hunter.

Ele vacilou na porta, seus olhos estavam tristes e preocupados.

—Vais viajar no SUV com a companheira de Quinn?

Becca estava grávida e não podia viajar por seus poderes.

—Não. Não vou na evacuação.

Dev fechou a porta e entrou mais. Seu olhar foi direito a sua mala aberta.

—O que estás fazendo?

—Vou embora, mas não com os outros.

—Por que?

Aimee suspirou enquanto dobrava outra camiseta e a guardava.

—Pus em perigo a cada um. É justo que me fora.

—Estás louca?

Isso era questão de opinião e no momento o mais provável é que o estivesse. Sua mãe definitivamente diria que sim.

—Deveria haver ido com Fang quando me pediu isso. Agora... —se encolheu de dor pelas lembranças de tudo o que tinha acontecido—. Já tenho feito muito dano aqui.

—Como podes dizer isso?

—Fui eu quem se opôs aos chacais e ocasionou que eles nos atacassem. Era eu quem estive atrás de Stone todos estes anos.

Dev soprou.

—Fui eu quem encerrou seu lastimoso traseiro numa jaula e o ameaçou.

—Não. Sou a catalizadora. Tu sabes quão imperdoável é Maman. Devo ir antes que me mate ela mesma.

Dev lhe tirou a camiseta que estava empacotando das mãos e a forçou a levantar o olhar para ele.

—Tu és sua única filha. Deuses, Aimee, tu sabes o muito que ainda choramos as mortes de Bastian e Gilbert... não nos faça chorar por ti, também. És sangue de meu sangue. No bem, no mal, na guerra, na paz. És a única irmã mais nova que tenho e morreria se te perco. Maman e Papa ainda mais.

Lágrimas nublaram seus olhos diante de seu incomum discurso.

—Tu és sempre tão rude. Não há nada que não possas controlar.

—Não no que a ti concerne. Não me faças te perder, Aimee. Não sou assim forte.

Ela o atraiu aos seus braços e o abraçou contra si.

—Realmente te odeio, Dev.

—*Sip*, eu sei. Eu tampouco posso te agüentar muito, cabeça-oca.

Rindo através do pranto, ela retrocedeu para enxugar as lágrimas.

—Deuses... o que se supõe que tenho que fazer? Amo Fang e não sei se é inocente. O que ocorre se foi ele quem assassinou aos outros?

—Em realidade achas que ele fez isso?

—Não, não acredito.

—Então, ele necessita de um amigo neste momento. Queres que te ajude a encontrá-lo?

—Não sei. —Ela suspirou enquanto pensava. Fang tinha sido imprevisível das últimas vezes que se encontraram. Mas a tinha visitado aqui recentemente. Seu olhar caiu no pequeno urso de pelúcia negro em sua mala que tinha deixado sobre sua cama há uma semana... um que mantinha seu cheiro, ele sabia que ela dormia melhor onde fosse enquanto tivesse algo dele para abraçar. Ainda quando não a tinha visto, tinha estado pensando nela.

Mas esse ato de gentileza não mudava o fato que ele era um poderoso Were Hunter possuído por um demônio.

—Ele poderia te machucar.

Dev lhe lançou um ofendido olhar.

—Duvido-o. —Ele jogou uma olhada à fotografia dela com seus irmãos que estava sobre sua penteadeira antes de voltar a falar—. Só para que saibas, Papa, Serre, Grieff, Cherif, Remi, Kyle, Quinn, Zar e eu, não vamos.

Um estremecimento a percorreu.

—O que?

—Não vamos deixar Maman aqui desprotegida. Se as coisas forem à merda da maneira em que parece, ela não pode estar sozinha com os humanos.

—Hás dito isso a ela já?

—Estava a caminho de informá-la quando me detive para te ver. Queres ver a festa?

—Oh, sim. Isto, definitivamente, não quero perder. —Maman não gostava de que ninguém a desobedesse.

Ela o seguiu fora de seu quarto e escada abaixo até o salão onde sua mãe estava se

despedindo das mulheres e crianças de sua família enquanto eles iam ao condomínio dos Peltier no Oregon. Era onde viviam antes de chegar à Nova Orleans. Eles mantinham um lugar aí e em Niza, França, onde seus pais tinham nascido. Mas Niza seria uma viagem difícil para as mulheres grávidas, assim Oregon foi à escolha.

Alain, Cody e Etienne iriam com elas para vigiá-las e protegê-las.

Cherif, Quinn, Remi, Serre, Kyle, Griffé e Zar estavam no final das escadas com os braços dobrados sobre seus peitos. Uma frente unida contra o mundo. Nunca tinham parecido mais imponentes. Os gêmeos e os quadrigêmeos eram apenas reconhecíveis um do outro, mas Aimee sabia quem era quem. Sutis diferenças que eram óbvias para aqueles que os conheciam bem.

O perpétuo desdém de Remi. Os gentis olhos e otimismo de Quinn. Cherif, que sempre apoiava seu peso sobre sua perna esquerda, uma lesão de infância tinha machucado seu joelho direita, assim sempre se apoiava em sua outra perna. Serre, que tinha o cabelo mais fino que Griffé e sempre colocava suas mãos debaixo de suas axilas. Griffé, cujas unhas, por causa de sempre estar desarmando algo, tinham graxa debaixo delas.

E logo Zar... ele era o gêmeo de Bastien e às vezes era difícil para qualquer um deles lhe olhar sem sentir uma punhalada de dor pela perda. Ele nunca, na realidade, falava sobre Bastien, mas Aimee se perguntava quanto mais dura para ele era a perda. Ele que via o rosto de seu gêmeo cada vez que se olhava ao espelho.

Os dois tinham estado mais unidos que nenhum...

Ela não podia suportar pensar em perder outro irmão.

Nunca.

Dev se moveu para parar com eles enquanto Maman beijava as bochechas de seus netos.

Uma vez que se foram, Maman se voltou para os quadrigêmeos.

—Estão seguros, *non*?

—*Oui* —disse Remi—. Mas o faremos daqui.

O rosto de Maman empalideceu enquanto seus olhos se escureciam de fúria.

—O que?

Zar deu um passo adiante.

—Nada do que digas ou faça mudará nossa opinião. Não vamos te deixar, Maman.

—Nem nós tampouco.

Aimee se voltou ante o som da voz de Carson. Ele baixava as escadas junto com Justin, Jasyn, Max e os Howlers: Angel, Teddy, Tripper, Damien e Colt.

Tripper Diomedes, que era um leão Arcadiano, falou pelo grupo.

—Deu-nos refúgio quando ninguém mais o fez e ficaremos aqui contigo, não importa o que aconteça.

—Como eu.

Aimee ofegou quando escutou a voz de Wren. Ele apareceu não longe de seus irmãos. Maman estava completamente surpreendida quando o viu aí.

—Tu me odeias.

Wren deu de ombros.

—Não é, definitivamente, minha pessoa favorita, Lo. Mas tua filha significa muito para mim, assim não me jogarei para trás e deixarei que sua família seja destruída. Ainda

quando pensar que todos somos uns estúpidos por brigar por ti.

Maman sacudiu sua cabeça enquanto olhava ao seu redor, a todos eles.

—Entendeis quantos vão nos atacar? Quantos inimigos hei feito?

Remi soprou.

—*Fizemos*, dirás. Acredito que todos temos culpa neste fiasco. Eu, provavelmente, mais que nenhum.

Angel assentiu, concordando.

—E com isso, eu digo, tragam a chuva. Estamos aqui e não seremos derrotados.

Um Amém se escutou dos outros.

Damien mostrou um estranho sorriso.

—Santuário, lar dos Howlers e vagabundos do universo Were.

Assentindo, Teddy o bateu nas costas.

—Santuário para sempre.

Os olhos de Maman estavam brilhantes de lágrimas não derramadas enquanto observava aos homens que não só estavam dispostos a defender seu lar com suas vidas... estavam dispostos a defendê-la.

—Obrigada. Sua lealdade não será esquecida.

—E toda a bebida que possamos consumir —disse Dev—. Definitivamente não queremos fazer isto sóbrios.

Isso rompeu a tensão enquanto eles riam.

Aimee sacudiu a cabeça.

—*Sip*, mas vocês terão que servir suas próprias bebidas, meninos, porque eu não me ofereço a fazê-lo. São muitos.

Maman fez o que sabia fazer melhor. Tomou as rédeas.

—Muito bem, *mes fils du coeur*¹⁵. Deveremos manter nossos horários e seguir com o negócio como é habitual.

Max deu um passo adiante.

—Eu serei o guarda-costas. Não muitos podem derrubar a um dragão.

—E te assegures de fazer rodar o rebanho de humanos —lhe recordou Remi.

Ele inclinou sua cabeça.

Maman lhes sorriu. Gratidão e orgulho brilhavam em seus olhos azuis.

—Ensinemos aos nossos inimigos e incrédulos que o Santuário se manterá não importa o que eles digam.

Ela se deteve junto a Wren.

—E estavas errado sobre mim, tigre. Nunca considereei a nenhum daqui como meus brinquedos. Dispus regras para todos num momento ou outro. Se amar aos meus filhos sobre todos os demais é um crime em teu mundo, então terás que me enforcar por esse pecado como se não tivesse outra saída.

Wren não falou até que ela se foi e Aimee pôde ver que inclusive então ele não confiava em sua mãe. Ele caminhou para ela.

—Só estou aqui por ti.

Ela apertou ligeiramente seu braço.

¹⁵ Em francês no original: meus filhos do coração.

—Obrigada, Wren.

Ele inclinou a cabeça antes de ir.

Cherif deixou escapar um suspiro de alívio.

—Uau, Maman tomou melhor do que pensei.

Papa riu.

—Ela sabe quão obstinados são seus filhos e que a ultrapassam em número —se deteve frente a Aimee—. Tu, por outro lado, tens que ir.

—Não irei, Papa. Este é meu lar e vocês minha família. Não me esconderei enquanto todos estão em perigo. Fiz isso uma vez e tive que viver com a covardia a cada dia desde então. Não o farei de novo.

Ele embalou seu rosto na palma de sua grande mão.

—Eles entregaram suas vidas por ti, *mon ange*. Não zombes seu sacrifício.

—Não o faço, mas sou uma adulta agora e ficarei e lutarei como eles o fizeram.

Seus olhos se escureceram com tristeza enquanto deixava cair sua mão.

—Poderia discutir. Sei que tens suficiente de tua mãe em ti que faz impossível ganhar.

Ela sorriu.

—Estarias certo.

Ele observou aos outros.

—Muito bem, então. Nos preparemos para a guerra.

Em forma de lobo, Fang deitava ao sol, não longe de onde Anya tinha morrido. Não sabia porquê continuava retornando aqui. Talvez era essa parte dele que ansiava a maneira em que as coisas tinham sido antes de sua morte.

Ou possivelmente era a necessidade interior de alguma conexão com alguém mais. Porque nesse momento, sentia-se absolutamente sozinho. Sua relação com Vane não era o que tinha sido e se manteve afastado de Aimee por temor a machucá-la. O demônio estava se voltando pior e mais violento.

Se alguma coisa acontecesse a Aimee...

—Fang?

Levantou a cabeça ante o som da voz de Varyk. O homem lobo apareceu a poucos metros de onde estava.

O que é o que queres? Espetou-lhe mentalmente.

—Savitar propagou uma ordem contra ti.

Fang esteve angustiado ante a ordem.

Pelo que?

—Assassinato.

Sério?

Varyk lhe lançou um estranho olhar.

—Não acreditarás que vim até aqui só para brincar?

É obvio que não. Varyk não tinha senso de humor.

Isto é ridículo. Não fiz nada.

—Apesar disso, Vane foi encarregado de te entregar ou sua família e manada serão

massacrados.

Fang saltou sobre seus pés enquanto a ira escurecia sua visão. Como se atrevia Savitar a ameaçar a sua família.

Isto é sujo.

—Já conheces Savitar.

Sim, conhecia-o. E agora, queria a garganta do bastardo.

Varyk cruzou os braços sobre seu peito.

—E há mais. O Santuário perdeu sua licença.

Essa era a última coisa que esperava escutar.

O que?

—Por causa das queixas de Blakemore e os chacais que atacaste, Savitar revogou a licença de Lo por seis meses.

Fang se sentiu doente. Tinha arruinado tudo.

A todos...

—E acabo de saber uma coisa que talvez queiras saber.

Que Thorn tem consciência? Fang não pôde resistir perguntar.

Varyk o olhou secamente.

—Não me faças rir. —Tristemente, Thorn o fazia mais que Varyk—. Encontrei algo a respeito dos Peltier e dos Blakemore.

Odeiam-se uns aos outros. Sabemos.

—Não. Blakemore os culpa da morte de seu filho mais jovem.

Fang se tornou humano enquanto essas palavras o golpeavam.

—O que?

—*Sip*. É uma inimizade de sangue. Aparentemente, júnior rompeu as leis erini de outro santuário e foi expulso para sempre.

As *erini* eram leis de paz estabelecidas por Savitar. Romper uma deixava ao ofensor por sua conta por toda a eternidade.

—Não muito tempo depois que os Peltier abriram aqui —continuou Varyk—, júnior acudiu correndo a eles por proteção e os ursos se recusaram a admiti-lo. Eles apoiavam as leis de Savitar e estou seguro que o fato de que o júnior Blakemore fora um canalha e um imbecil, e que estivesse sendo açoitado por um grupo ao qual tinha provocado, não o ajudou. Ele e seus amiguinhos foram assassinados no mesmo beco onde Wren foi atacado. Aparentemente é por isso que Stone segue indo lá. Está esperando encontrar a um dos Peltier no mesmo lugar que seu irmão morreu para poder retornar ao *quid pro quo*¹⁶.

—Então estou seguro que os Peltier são conscientes da situação dado que isso deve ter acontecido... o que? Cem anos atrás?

—Perto, e para o aniversário da morte de júnior, Blakemore planeja assassinar a todos os ursos e animais lá e queimar o lugar até as cinzas.

Fang apertou os dentes com insuportável frustração.

—Assim que o que me estás dizendo é que posso ficar e proteger Aimee de um psicótico e meu irmão morre. Ou posso salvar ao meu irmão e Aimee morre.

—*Sip*, basicamente, estás fodido.

16 *Quid pro quo*, em latim significa, algo por algo. Uma coisa que se substitui por outra equivalente. É como um Olho por olho. (N.da T.)

—Que mais é novidade? —Ele encontrou o olhar de Varyk enquanto uma ira impotente o abrasava—. Preciso saber de que lado estás em tudo isto.

—Blakemore é meu cheque de pagamento. Nada mais que isso.

—E Aimee é minha vida... se eu te deixar tudo o que tenho, a protegerias para mim?

Varyk soprou ante sua oferta enquanto seu olhar ia de Fang, a sua moto e à mochila que carregava que continha todos seus pertences dentro.

—O que tens tu para negociar comigo?

—Duzentos milhões, mais um pouco de mudança.

Varyk se engasgou.

—O que?

Fang deu de ombros. O dinheiro nunca tinha significado muito para ele. Era tão intangível como a amizade.

—Vane é realmente bom com os investimentos e eu não gasto muito. Tu cuidas de Aimee e me assegurarei de que cada centavo vá para ti.

—Por essa quantidade de dinheiro, faria muito mais que só cuidar de tua mulher.

Fang soprou.

—Não quero me colocar lá. Só me dê tua palavra. —Ele levantou sua mochila do chão.

—Ouça?

Fang se voltou para olhá-lo.

O rosto de Varyk era estóico, mas seu olhar ardia de sinceridade.

—A mantereí a salvo. Podes contar com isso. E não tens que me pagar nada.

Fang inclinou sua cabeça em gratidão antes de transportar-se do pântano até o Santuário. A única coisa que tinha aprendido nos meses passados era como fundir seus poderes com os do demônio dentro dele e usá-los em seu benefício. Isto lhe permitia caminhar sendo invisível e fazer outras coisas de primeiro nível, algumas mais sangrentas que outras.

Ainda com esses poderes, ele evitava fazer isto. Principalmente porque doía muito ver Aimee. Em vez disso, relegava a si mesmo a visitar seu quarto só porque assim poderia sentir sua presença. Respirar em sua essência e recordar as noites quando estiveram juntos.

Mas não queria morrer sem vê-la uma última vez. Não importava quanto o machucasse, tinha que vê-la.

Como um suspiro sussurrante, fez seu caminho até seu quarto. Ela estava sentada em sua cama, segurando a jaqueta de couro que ele tinha deixado para trás há algumas semanas. Com a mesma jaqueta que a envolveu no dia em que se conheceram.

Seus belos olhos azuis mostravam tanta agonia que sua dor se esculpia em seu próprio coração. Ele odiava a tortura que ela lhe causava. Mais que tudo, odiava a tortura que ele lhe causava.

—Onde estás Fang? —sussurrou ela.

Incapaz de suportá-lo, ele se materializou frente a ela.

Aimee ofegou ante a visão de Fang em seu quarto. Ele caiu de joelhos e posou sua cabeça em seu colo, logo envolveu seus braços ao redor de sua cintura. Com sua mão tremendo, ela penteou seu cabelo para trás, assombrada que ele finalmente tivesse ido até ela.

—O que estás fazendo aqui?

—Tinha que te ver.

Ela firmou a mão em seu cabelo, sentindo prazer em sua suavidade.

—Temos que fugir, Fang. Estou preparada.

—Não podemos. Nunca seria feliz sabendo que custei à vida de meu irmão, sua companheira e seu filho.

—Não é justo.

Ele retrocedeu para olhá-la. Aqueles olhos escuros lhe cantavam com sinceridade.

—Eu não o fiz, Aimee. Juro que nunca assassinei a ninguém que não tenha me atacado primeiro.

—Eu sei, bebê.

Ele assentiu.

—Melhor ir.

Ela segurou sua mão, evitando que a deixasse. Sabia o que ia fazer. Estava escrito em seu rosto.

Ele tinha a intenção de entregar-se e salvar ao seu irmão.

Quando ele se voltou para ela com o cenho franzido, ela se levantou da cama e atraiu seus lábios aos seus.

Fang grunhiu enquanto seu beijo o queimava. Ele retorceu seus punhos em sua camiseta, querendo com uma necessidade tão se desesperada rasgá-la. Mas não podia ficar, e sabia.

—Não comeces este fogo, Aimee.

Ela respondeu lhe levantando a camiseta. Suas cálidas mãos navegavam por seu peito, pondo-o tão duro que doía.

—Tudo se está caíndo, mas a única coisa que não mudou é o que sinto por ti. Não quero passar outro minuto de arrependimento no que a ti concerne. —Ela tirou seu próprio Top.

Fang lutava para respirar enquanto olhava o sutia azul claro... seu favorito nela.

—Estás segura?

—Absolutamente.

Fang a atraiu contra ele enquanto atacava sua boca. Nada jamais tinha gosto mais doce. E pela primeira vez, não pôde estabelecer uma segunda coisa melhor. Inclusive, se eles fossem companheiros, neste ponto, não poderia importar. Ele estava por morrer e isso a libertava para encontrar um companheiro mais apropriado.

Fang se afastou para olhá-la.

—Como o fazemos?

Ela arqueou uma sobrancelha sarcásticamente.

—Precisas de instruções?

Ele riu.

—Não, mas não sei o que fazem os ursos.

Ela posou delicadamente uma mão em sua bochecha.

—Me faça tua, Fang. Como seja que o faças.

Inclinando sua cabeça para esfregar seu nariz em seu pescoço, estendeu seus braços as suas costas para desabotoar o sutiã e tirá-lo. Seus mamilos se enrugaram, e ele se dirigiu a eles para lhes dar toda a atenção que tinha estado sonhando.

Aimee embalou sua cabeça para ela enquanto ele brincava. Uma coisa que tinha aprendido a respeito dos lobos, e de Fang em particular, era que adoravam saborear e lamber. A única coisa em que ele sempre tinha sido consciencioso.

E enquanto baixava o zíper de suas calças e enterrava sua mão para baixo para acariciá-la, ela soube que essa noite não seria exceção. Seu corpo tremia quando a tocava. Tinha passado tanto tempo...

Como o havia ele suportado? Ela tinha passado noite pós noite, sofrendo por ele. Sentia-se tão bem por ser tocada outra vez.

—Senti saudades de ti, Fang —lhe tirou a camisa pela cabeça para poder tocá-lo.

Fang sentiu seus poderes surgir. Uma coisa a respeito de sexo e Were Hunters era que isso lhes dava poder. Os fazia mais fortes e intensos. E nesse momento, estava mais vivo do que tinha estado alguma vez antes.

Usando seus poderes, removeu suas roupas e deixou a si mesmo nu para sua inspeção. Não é que antes não o tivesse explorado. Mas tinha passado tanto tempo.

—Não tenho feito outra coisa que sonhar contigo —sussurrou ele, beijando o caminho ao redor de sua boca. Tomou sua mão na sua e a dirigiu ao seu pênis. Tragou-se um ofego abruptamente quando ela o tocou.

Aimee caiu sobre seus joelhos em frente a ele para assim poder tomá-lo em sua boca. Seus joelhos quase paralisam do prazer. E tão bem como se sentia, tinha que detê-la.

—Pare, Aimee.

Ela se retirou com o cenho franzido.

—Tu fazes isso e isto terminará antes que os dois o queiramos.

Ela riu antes de lhe dar uma última lambida que enviou estremecimentos todo o caminho até sua coluna vertebral. Inclusive fez com que seus olhos ficassem brancos.

Aimee sorriu ante o olhar no rosto de Fang. Ela se encantava de brincar e saboreá-lo. O salino de sua pele a fazia ansiar mais, mas como ele, queria por uma vez saber exatamente o que se sentia ao tê-lo dentro dela.

Ele se ajoelhou frente a ela. Sobre seus joelhos, enfrentando-se um ao outro, beijou-a de novo. Era ardente e demandante enquanto deslizava sua mão para baixo, entre eles, para tocá-la. Isto a fez, inclusive, se umedecer mais enquanto palpitava.

A excitação em seu interior se elevou até que foi cegante e seu corpo demandou satisfação.

—Não me faça esperar, Fang —sussurrou ela, temerosa de que algo ou alguém pudesse interrompê-los outra vez.

Fang beijou o caminho de suas costas, criando estremecimentos por todo seu corpo. Abraçando-a frente a ele, afastou seu cabelo de seu pescoço para assim poder inalar seu cheiro. Cada parte dele ardia assim como ansiava estar dentro dela.

Tinha esperado e sonhado este momento, nunca pensando que realmente o teria. Quase tinha se convencido que poderia viver sem saboreá-la outra vez.

Mas teria sido difícil, especialmente dado que as outras fêmeas tinham parado de lhe interessar. Deixando sair um longo suspiro, ele deslizou seus dedos dentro dela enquanto se posicionava para tomá-la. Não podia recordar a nenhuma outra mulher que tivesse estado tão úmida por ele e nada tinha sido jamais mais estimulante.

Aimee tremeu com temor pelo que ia vir enquanto sentia a ponta de seu pênis pressionando contra ela. Mas isto era o que queria mais que tudo e ao final não doeria na

forma em que o faria a uma mulher humana. Ele empurrou gentilmente seus joelhos para abri-los, enquanto tomava sua mão de novo na sua e a dirigia para ele.

—Guie-me para dentro, neném.

Com sua ajuda, ela se estendeu entre seus corpos e com delicadeza o deslizou dentro de seu corpo. Mordeu seus lábios quando o grosso volume dele se afundou profundamente em seu interior.

Eles gemeram ao unísono.

A cabeça de Aimee deu voltas enquanto ele se enterrava até a base. Era tão bom tê-lo aí, sentir-se conectada com ele desta forma. Ela estava compartilhando com ele o que nunca tinha compartilhado com ninguém mais.

Fang puxou suas costas para ele, dentro dos braços, enquanto investia lentamente contra ela. Tomou seu peso enquanto punha sua bochecha contra a sua e deixava que seu cheiro o embriagasse. De toda as vezes que tinha estado com uma mulher, nenhuma podia se comparar com esta. Ela era tão apertada e cálida. E diferente de uma loba, ela não se movia violentamente nem o arranhava. Ou mordia.

Aimee era suave.

Mais que tudo, ela o amava. De todos no mundo, só ela tinha domado essa parte que nunca tinha permitido que ninguém mais visse. Sempre feroz e lutador, só com ela encontrava paz. Tinha-o domado.

Ela se moveu e posou uma mão em sua bochecha. Essa única e gentil ação o desfez. Não queria morrer. Desejava ficar aqui, assim, pelo resto da eternidade.

Era tão injusto. Seus irmãos estavam emparelhados e felizes.

Por que não podia estar ele também?

Mas era consciente disso. Ainda se vivesse, sua família nunca o aceitaria. Ninguém de seu povo o faria. Isto era antinatural.

E ainda assim não se sentia dessa maneira.

—Tu és a melhor parte de mim —lhe sussurrou ao ouvido enquanto investia e embalava seus seios.

—Te amo, Fang. —Aimee se inclinou para poder beijá-lo ao tempo em que ele deslizava a mão para baixo na frente de seu corpo até que pôde acariciá-la ao ritmo de suas estocadas. Ela pôde senti-lo fazendo-se maior dentro dela. Mais grosso.

Ela estava completamente aberta e exposta a ele de uma forma que nunca tinha estado antes. Poderia ter estado envergonhada, mas não o estava. Isto parecia tão correto. Tão perfeito.

E enquanto faziam amor, perguntava-se como seria se eles não deixassem que o mundo os separasse. Se eles pudessem permanecer juntos e ficar assim. Tudo o que ela queria era ao seu lobo.

Ela daria o que fora para ter seus filhos. Para lhe dar todo o amor que ninguém mais lhe tinha dado.

Ele apressou seus movimentos, o que intensificava o prazer. Sua respiração se irregularizou, ela os retomou com os seus próprios até que seu corpo já não pôde suportar mais. Em uma explosão ardente, ela gozou.

Fang teve que afogar um uivo enquanto se unia a ela em seu gozo. Mas era difícil. Ele a aproximou mais a si mesmo e guardou seu peso em seu corpo, sabendo que deviam estar juntos, enlaçados por um momento enquanto seu corpo continuava liberando-se

dentro dela. Esta era a parte mais difícil de ser um lobo. Quando eles gozavam, era um longo processo e se eles se separavam antes que ele terminasse, poderia machucá-la. E nesse momento, seus sentidos estavam tão alertas e fortes que sentia como se pudesse derrotar a uma manada inteira.

Aimee apoiou a cabeça contra seu peito enquanto ele a abraçava meigamente.

—Não peso muito, verdade?

—Nada.

Ela virou sua palma para observá-la. Como a sua, seguia em branco.

As lágrimas picaram em seus olhos.

—Não somos companheiros?

—Nem sempre aparece na primeira vez. Já sabes.

Certo, mas pelo que sentia por ele... era na realidade decepcionante.

—Não te machuquei, verdade?

Ela sorriu ante sua pergunta.

—Não, bebê, definitivamente não me machucou.

Ele envolveu os braços ao seu redor, fazendo-a sentir segura e amada. Ela tocou com o dedo a estranha marca em seu ombro da qual se recusava a lhe falar.

Ele mordiscou sua bochecha.

—Sabes que tuas marcas faciais se estão mostrando?

—O que?

Ele aproximou sua mão para desenhar o padrão com seus dedos.

—Suas marcas de Sentinela estão se mostrando.

Ela usou seus poderes para removê-las.

—E agora?

—Ainda estão aí.

Oh, queridos deuses... não tinha idéia que apareceriam quando tivesse sexo. Que tal se se emparelhava com um urso Katagaria e apareciam?

Isso seria desastroso.

—Lamento não poder escondê-las.

Ele beijou sua bochecha.

—Não te desculpes. Eu acho que és linda.

Ela apertou os braços ao seu redor enquanto essas palavras esquentavam o centro de seu ser.

Fang tremeu quando finalmente foi capaz de retirar-se dela. Odiava fazê-lo, mas não tinha outra opção.

Ela girou em seus braços para beijá-lo profundamente.

—Posso ir contigo?

—Não —disse ele, seu tom muito firme.

—Fang...

Ele sacudiu sua cabeça.

—Não, Aimee.

—Quero estar aí contigo.

—Não podes.

Ela lhe grunhiu.

—Por que não?

Ele apoiou a testa contra sua bochecha enquanto embalava seu rosto com a mão.

—Porque se te vejo lá, não vou ser capaz de continuar com isso e não posso fazer isso ao meu irmão —levantou o olhar para ela e a dolorosa tortura em seus olhos o abrasava—. O entendes? Tenho que fazer isto sozinho. —Secou suas lágrimas com o dorso da mão—. Te amo, Aimee.

Essas palavras a enfureceram.

—E o dizes agora? Agora? O que é que acontece contigo?

Ele sorriu meigamente.

—Nunca em minha vida tive sentido de pontualidade. É tarde para começar agora.

Ela o atraiu para si e o abraçou forte.

—Te amo, Fang. Maldito sejas por isso! —Logo tirou o colar ao redor do pescoço e o pôs em sua mão—. Se não puder estar contigo...

Ele o agarrou apertadamente e repetiu as palavras que estavam gravadas dentro.

—Onde eu esteja sempre estarás. TSua imagem vive em meu coração.

Ela assentiu quanto mais palavras fluíam.

—Companheiro ou não companheiro, Tu és o único ao qual sempre amarei.

Ele a beijou delicadamente antes de deixá-la. Se não fosse embora agora, se acovardaria completamente.

Porque honestamente, era difícil justificar a felicidade e vida de seu irmão rompendo o coração da única mulher que realmente tinha amado.

Está tudo bem, disse a si mesmo. Estaria esperando por ela no outro lado. Um dia a veria de novo e aí o demônio não teria nenhum controle sobre ele. Não teria nenhum temor de lhe machucar jamais.

Ela estaria a salvo e não haveria ninguém que os pudesse separar.

Mas nesta vida, ele tinha que fazer o correto.

Doente do estômago, vestiu-se e deu uma última olhada a Aimee. Completamente nua, ela beijou a mão que sustentava o camafeu.

Ele se inclinou para tomar uma última inalação de seu cabelo assim seu cheiro lhe daria a força e o levaria até a tumba.

—Te amo —sussurrou ele, logo se obrigou a partir.

Fang! Ofegou Aimee, sentindo-se desolada sem ele. Como seria capaz de viver sabendo que ele realmente se foi?

Ao menos no passado havia sempre a oportunidade que ele voltasse a estar bom da cabeça e estivesse aí.

Mas agora...

Ele ia morrer e não havia nada que ela pudesse fazer.

Vá atrás dele!

A urgência era tão forte. Se só pudesse. Mas Fang nunca a perdoaria por isso. Como poderia? Ela conhecia a dor de viver sem seus irmãos. A indescritível agonia de saber que foi ela a razão de que os tivessem capturado e assassinado. Eles a tinham protegido e dado suas vidas para que ela pudesse viver.

Não poderia desejar essa dor para Fang.

Não, seria Vane quem o sofreria, sabendo que sua felicidade tinha sido comprada com sangue. O sangue de Fang.

Além disso, Savitar tinha disposto suas ordens. Se Fang não se rendia, Savitar o

caçaria. De todas maneiras morreria.

Com o coração quebrado, Aimee se vestiu e se sentou na cama, tratando de usar seus poderes para vê-lo.

Savitar não lhe permitiria nem sequer essa graça.

Fang se materializou no opulento salão onde o Conselho do Omegríon se reunia.

Completamente vazio, a sala tinha janelas que estavam abertas e se podia ver até lá fora o bonito mar. Fang fechou seus olhos enquanto o suave vento roçava sua pele e despenteava seus cabelos. O sal do ar era tão doce como os pássaros que cantavam lá fora.

Era um bonito dia para morrer.

Deslizou o camafeu de Aimee em seu bolso ao mesmo tempo em que sentia a fissura de poder que ondulava atrás dele.

—Assim que vieste sozinho. —Savitar apareceu frente a ele, vestido em um traje de mergulhador negro. Seu cabelo estava penteado para trás, fora de seu rosto, e ainda molhado.

—Não se supunha que o faria?

Savitar soprou enquanto secava algumas gotas de água de seu rosto.

—Não sabia se o ias fazer ou não.

—Suponho que estou cheio de surpresas.

Ele não pareceu apreciar o sarcasmo de Fang.

—Conheces as acusações contra ti?

—Disseram-me que assassinato.

—Quatorze baixas. Como te declaras?

Fang deu de ombros com uma desfarçatez que não sentia.

—Presumo que a maioria das pessoas se atira sobre suas mãos e joelhos.

Savitar riu, logo ficou sério.

—Mas não tu.

—*Nop*. Nunca —entrecerrou seus olhos sobre Savitar—. Honestamente, não tenho lembranças de assassinar a alguém, mas se o fiz, estou aqui para meu castigo.

Savitar esfregou seu queixo com seu polegar.

—Nunca fraquejas, não é verdade?

—Não está em mim. Mas espero que cumpras tua palavra e livres a minha família.

—Não tem nada que dizer em tua defesa?

—Não realmente.

—Então te prepare a morrer.

CAPÍTULO 28

Fang se sentou na pequena cela, esperando morrer. Tinha suposto que Savitar o faria desaparecer de sua vista de um estouro, mas aparentemente era um castigo muito fácil.

Em lugar disso, o bastardo estava lhe fazendo sofrer inclusive mais por atemorizá-lo. Não era que o temor o atormentasse mais.

Era a tristeza. Aquelas feridas eram as únicas que rasgavam lhe atravessando como pedaços de cristal. Desejava que muitas coisas fossem diferentes, em este ponto a morte seria provavelmente um alívio.

Só desejava poder ver Aimee uma vez mais. Conjurando uma imagem de seu sorriso, levou a mão ao bolso para tocar o camafeu. Não era tão agradável como tocar a ela, mas o consolava a um nível que nunca tinha experimentado antes. Inclusive embora não estivesse aqui, sentia-a como um perceptível anjo.

Amaldiçoou se as palavras gravadas no medalhão não eram certas. Estava em seu coração e o conhecimento de que estava aí, pensando nele, sendo uma parte dela, o fazia sentir-se menos sozinho.

Só em uma diminuta cela espartana, com um lavabo, sentado no duro catre com os cotovelos sobre os joelhos. Podia ouvir o mar lá fora junto com os grasnidos das gaivotas. Mas era o rosto de Aimee que via e seria seu cheiro que levaria com ele à próxima existência.

—Estás preparado?

Elevou o olhar para ver Savitar com umas calças verdes de bolsos e uma camiseta branca aberta. O rosto do homem era completamente estóico.

Não é que Fang esperasse simpatia de ninguém.

—Sim.

A clara porta se deslizou quando Fang se levantou. Savitar o dirigiu a brilhante praia e ao que parecia um velho bloco de tortura. Seria quase pitoresco se não fosse morrer ali. Havia inclusive um carrasco de pé atrás deste.

Vestido com armadura negra e levando um elmo com o desenho de um espírito maligno no rosto, sustentava uma espada de grande tamanho. Estava tão quieto, que parecia uma estátua.

Fang estava tão impressionado como enojado pela elaborada representação.

—Simplesmente não vais lançar-me ao esquecimento?

Savitar sacudiu a cabeça.

—Muito humano para os crimes que cometeste. —Arrastou um suspeito olhar sobre Fang—. Vais te converter em galinha, saltar e fazer com que te cace?

—Não. Não quero que vás atrás de minha família.

—Lobo inteligente. Cheira mal que tua família pague por teus crimes. Aceita-o de alguém com experiência de primeira mão. —Savitar gesticulou para o bloco de pedra negra que estava manchado em locais por sangue seco.

As manchas maiores estavam justo onde Fang tinha que pôr a cabeça.

Seu estômago se encolheu ante o conhecimento de que logo seu próprio sangue se acrescentaria a isso. E isto lhe fez consciente do que estava a ponto de lhe acontecer.

la morrer...

Honestamente, queria fugir. Qualquer coisa para ter um dia mais...

Mas não ia mostrar seu medo a ninguém, especialmente aos que iam matá-lo. Em troca, recorreu ao sarcasmo que o tinha acompanhado nos momentos mais escuros de sua vida.

Este só encaixaria agora que o via através de sua morte.

—Sabes, poderias lavar essa repugnante coisa entre um uso e outro.

Savitar se encolheu com indiferença.

—Por que se incomodar? Não é como se fosses pegar uma infecção nos três últimos minutos que vivas.

—Suponho que não. —Fang se afundou de joelhos na areia e afastou o olhar do sangue seco. Jogou uma olhada ao redor da praia e ao escuro mar verde, cujas ondas se elevavam, não muito longe dele, deu-se conta de quanto tempo tinha passado desde que tinha visto realmente a beleza que existia no mundo. Quantas vezes tinha tomado sol por gosto. Em seu lugar, tinha passado a vida enfocando só o negativo.

Mas quando estava a ponto de morrer, deu-se conta de que o mundo era realmente incrível.

—Mudando de opinião?

—Não. —Tirou o camafeu de Aimee do bolso, o qual lhe recordava exatamente por que estava fazendo isto—. Posso fazer um último pedido?

—Para que te liberte?

Sacudiu a cabeça e estendeu o camafeu a Savitar.

—Te assegurarás de devolvê-lo a Aimee Peltier? —Custou-lhe deixá-lo ir. Por que se sentia como se estivesse em um limbo?

Possivelmente porque ela era seu coração...

Savitar o pegou e o abriu para ver a foto dela e seus irmãos. A imagem que ele tinha visto através do inferno e que não precisava olhar mais. Estava sobrecarregada em sua alma junto com o sorriso dela, suas carícias e cheiro.

Sustentou-o fora do alcance de Fang.

—Algo que queiras me dizer sobre ti ou a urso?

Pela primeira vez, Fang viu que Aimee tinha acrescentado sua imagem ao seu camafeu que cobria as palavras gravadas, e isso quase o faz pedaços. Demônios, tinha esquecido inclusive que a havia feito. Era a que Aimee lhe tinha tirado atrás do Santuário um entardecer quando tinha estado tomando um descanso. Ela tinha saído de algum lado

para lhe surpreender e lhe tirar a foto.

—Olhe! —Disse ela, rendo, enquanto lhe mostrava a foto no verso da câmera—. Eu adoro quando ficas desta maneira. Posso ver teu coração nos olhos.

O cabelo, o qual deixou crescer só porque ela gostava assim, estava emaranhado pelo vento e tinha o mais estúpido olhar imaginável no rosto—igual à de algum idiota doente de amor.

—Pareço estúpido.

—Pareces magnífico. —ela tinha lhe dado um dos mais quentes beijos que já tinha tido—. E isso faz com que queira te dar uma dentada.

—A isso não me oponho. Mas pelo bem dos deuses, apague essa costure antes que percas a câmera outra vez e alguém veja quão tolo sou.

Ela lhe estirou a língua antes de afastar-se dançando, o traseiro meneando-se de brincadeira esquentando-o mais inclusive do que tinha feito o beijo.

Deuses, ter novamente esse momento...

Por que não lhe tinha feito caso e tinha apagado essa maldita coisa? Agora, nos últimos momentos de sua vida, Savitar de todos os idiotas, veria que imbecil era na realidade.

Mas a parte importante era que ela tinha acrescentado essa imagem ao camafeu que sempre levava junto ao coração. Não é que tivesse tido dúvidas a respeito de seus sentimentos por ele, mas isso lhe mostrava exatamente o muito que significava para ela.

Amor e tristeza giraram com força em seu interior. Nesse momento, tudo o que queria era retornar a ela.

Dê-me forças...

Clareou-se a garganta pelo nó que tinha.

—Não há nada a dizer. —Mas manteve uma imagem de Aimee na mente enquanto estendia a cabeça sobre o bloco e esperava morrer. Fechando os olhos, sentiu a espada baixando lentamente para lhe tocar a pele do pescoço.

Percorreu-o um arrepio. Por que não o matavam e acabam com isto?

A lâmina esfregou contra a pele antes de elevar-se. O demônio em seu interior gritou aterrorizado quando se deu conta do que ia acontecer.

Ambos iam morrer.

Levanta-te. Brigue! Fuja!

Mas Fang se manteve quieto. Isto era por seu irmão e por Aimee. Não se acovardaria e arriscaria suas vidas. Não por algo tão insignificante como seu próprio posto.

—De acordo. —Disse Savitar—. Mate-o.

Em um momento, Fang deixou escapar uma maldição quando algo se rompeu em seu interior. Sentia-se como se estivesse sendo triturado. A dor era insuportável quando o sangue começou a emanar de seu nariz. Estava tentando manter a cabeça sobre o bloco, mas se fazia mais e mais difícil quando sentiu que o ácido avançava lentamente pelo esôfago e explodia em seu crânio. A pressão disso o golpeou nas costas.

Savitar e o executor lhe puseram os joelhos sobre os ombros e o sustentaram abaixo.

Fang gritou quando algo duro e doloroso saiu voando da boca. Isto se elevou, depois estalou em um montão de fragmentos que caíram sobre eles.

Logo que o fez, os dois o libertaram. Fang ofegava enquanto a dor abrandou e o nariz deixou de sangrar. Franzindo o cenho ante eles, afastou-se.

O executor riu quando tirou o elmo. Era Thorn.

—Aposto que era uma fodida indigestão, hum?

—Que merda estão fazendo os dois?

Thorn levantou a espada para que descansasse sobre o ombro.

—Conseguir que o demônio saia de ti, idiota. Imagino que terás tido suficiente dele.

Desconcertado pela inesperada mudança de sorte, o olhar de Fang foi de um ao outro. Esse era outro jogo intelectual que praticavam com ele? Até que soubesse com segurança, não ia levantar-se.

—Não o entendo.

Savitar deixou cair o camafeu em seu peito.

—É do mais fácil, e uso essa palavra com todo o devido sarcasmo, a maneira de conseguir que Phrixis saísse de ti requeria um ato de inexprimível altruísmo. Eu ameacei a vida de seu irmão e tu vieste, preparado para morrer para o proteger.

Thorn assentiu.

—O simples amor desse único ato era mais do que o demônio podia suportar e saiu. Como não tinha corpo ao qual retornar, destruiu-se. Simples.

—Yeah. —Savitar estendeu a mão a Fang para lhe ajudar a levantar-se.

Por uma vez, deixou que o pusesse em pé. Queria matar a ambos, mas agora mesmo estava muito agradecido de estar com vida.

—Os dois estão doentes, mas aprecio o que fizeram. O bastardo estava se tornando um pouco difícil de controlar.

Thorn girou a espada sobre o ombro, fazendo com que a lâmina brilhasse maliciosamente na luz do dia.

—Sinto-o pelo trauma. A verdade é que não havia outra maneira. Se tivesses tido inclusive uma só noção do que ocorria, não teria funcionado. Mas se fizer que te sintas melhor, sabemos que não foste quem matou a essa gente. Foram Misery e seu pessoal, a quem agora tens que encontrar e matar.

Savitar sorriu abertamente.

—Se isto fizer com que te sintas melhor, confrontaste-o como um homem.

—Não, —corrigiu-o Fang—. O confrontei como um lobo.

Savitar o saudou com respeito.

—*Touché*.

Fang olhou até a praia, agradecido de que esta não tivesse sido sua última visão depois de tudo.

—Posso voltar agora para casa?

Savitar negou com a cabeça.

—Não tão rápido. Há algo que quero que vejas.

A seguinte coisa que soube Fang, é que estava de volta na cela e desta vez seus poderes não funcionavam absolutamente.

Thorn embainhou a espada.

—Obrigado pela ajuda.

—Não há problema.

Doente pelo que tinha acontecido, Thorn jogou uma olhada ao redor às dispersas cinzas do demônio.

—É uma maldita lástima que Fang não pudesse controlá-lo. Tinha tido grandes planos para eles.

Savitar arqueou uma sobrancelha.

—Que tipo de planos?

—És onisciente. Não sabes?

Savitar lhe dedicou um cômico olhar.

—Como se não o soubesses. Só posso ver o futuro depois de que o haja tocado. — Motivo pelo qual tentava permanecer em sua ilha, longe do mundo. Ali não havia nada e nada mudava.

A vida continuava sem ele e preferia dessa maneira.

A maioria dos dias.

Thorn deu de ombros.

—Suponho que todos nós temos um limite do que podemos fazer.

Essa era supostamente a lei do universo e contudo, ele tinha visto e sentido coisas que Thorn desafiava.

—Isso não é o que escutei que ti.

—Vais acreditar em tudo o que escutas?

Savitar observou como Thorn desaparecia. Sabia que esse homem estava jogando um jogo com todos eles. Só desejaria saber qual.

E quem eram realmente os companheiros de equipe de Thorn.

Fang golpeou a porta transparente furioso de ser trancado depois do que lhe tinham feito. Tinha-no passado pelo turno de secar a roupa e agora mesmo estava preparado para fazer pedaços a Savitar e Thorn.

—Segure o cabelo, lobo. —irrompeu Savitar quando apareceu no corredor.

—Por que não posso ir?

—Porque acredito que precisas ver isto.

—Ver o que?

Elevou o queixo para a parede atrás de Fang.

—O tempo que tinha teu irmão para te entregar se acabou.

O que tinha a ver isso com alguma coisa?

—Entreguei-me eu mesmo.

—Vane não sabe. Acredito que deverias ver sua reação.

—És realmente doente, verdade?

—Não. Só sei quantas coisas se dizem e se ocultam na vida. Todo mundo precisa saber, só uma vez, o muito que significam para as pessoas que os rodeiam.

Fang franziu o cenho quando desapareceu. Ao momento de fazê-lo, a porta transparente se escureceu para negro e a parede que Savitar tinha assinalado há um segundo se tornou transparente, lhe mostrando a sala do concílio do outro lado.

Vane já estava ali. Sozinho.

Savitar caminhou para ele, de novo com essa estóica expressão que não dava

absolutamente nada.

—Onde está teu irmão?

—Não sei.

—Não pudeste encontrá-lo?

As feições de Vane se endureceram com determinação.

—Não o procurei.

A expressão de Savitar se voltou escura. Letal. Quando falou, o tom estava cheio de malícia.

—Entendes ao que estás arriscando?

Vane assentiu.

—Minha companheira e eu estamos vinculados. Ofereço-te minha vida pela de Fang, mas, por favor, não deixes órfãos aos meus filhos. Sei que tens a habilidade de romper os laços de emparelhamento e te peço que tenhas clemência. Minha família é inocente e eles não são uma ameaça para ti ou para alguém mais.

—Realmente estás me pedindo clemência?

Um tique se instalou na mandíbula de Vane e Fang soube exatamente quão difíceis foram as seguintes palavras que pronunciou para um homem tão orgulhoso como seu irmão.

—Estou *implorando* por tua clemência, Savitar. Não posso te entregar ao meu irmão.

Elevou uma sobrancelha insultante.

—Não podes ou não o farás?

—Ambos.

—E tua companheira? O que diz de tudo isto?

—Está de acordo com minha decisão.

—Inclusive embora isso signifique que possivelmente não viva para ver vossos filhos crescerem?

Vane assentiu.

—Nós entendemos as conseqüências. Como disse, esperamos tua piedade. Mas decidas o que decidas, não posso viver sabendo que minha vida se pagou com o sangue de meu irmão.

—Isso é muito que esperar. Realmente não contarás que eu tenha uma consciência, verdade?

Fang franziu o cenho quando ouviu alguém batendo na porta da cela. Deu as costas a Vane e Savitar que ainda estavam falando.

O que estava acontecendo?

—Fang? Estás aí dentro?

Seu coração deixou de pulsar ante o som da última voz que tinha esperado ouvir.

—Aimee?

—Rápido. Abra a porta.

A quem estava falando?

—Te afastes, akri-lobo! A Simi vai soprar e soprar e derrubar essa porta. E possivelmente não queiras estar muito perto quando o fizer, por que o lobo se derreterá

sobre o chão e akra-Aimee possivelmente não goste se te convertes em um atoleiro de uma sangrenta substância viscosa. Além disso, o cheiro de lobo chamuscado é muito fedorento para as delicadas fossas nasais da Simi. Assim te afaste.

Fang estava atônito. Simi estava com Aimee? A companheira demônio de Ash? Que diabos estava fazendo aqui?

No que estava pensando Aimee?

Sabendo que era melhor não discutir com Simi, a qual nunca aceitava um não por resposta a menos que fora Ash que o dissesse, fez o que lhe disse. Apenas tinha deixado a área quando a porta se desintegrou literalmente em um atoleiro fundido no chão.

Radiante de orgulho pelo que tinha feito, Simi esfregou as mãos.

—Isso foi divertido... Achas que Savitar deixará que Simi faça voar algo mais? Possivelmente essa cortina dali...

—Não, não, Simi. —disse Aimee, fazendo-a deter-se—. Não queremos as cortinas em chama.

O lábio inferior de Simi se voltou em um estranho bico.

—Oh, puff, és igual a *akri*. Não, Simi, não cuspa fogo ao redor de objetos inflamáveis ou das crianças pequenas. Exceto por esse cartão negro de plástico que não é realmente plástico. É alguma coisa de metal, mas Simi a adora por que lhe deixa comprar tudo o que quer sem limite. Ele nunca diz que não a Simi quando o usa. Oh, olá aí, Fang. Estás bem? Pareces do tipo indisposto ou arrebitado ou... Oh, caramba, a Simi nunca pode recordá-lo com exatidão.

Ignorando o enfático discurso de Simi, olhou a Aimee.

—O que estão fazendo as duas aqui?

—Estamos te salvando.

—Aimee. —disse, enfatizando o nome e o perigo em que tinha colocado a ambas.

Ele também se deteve quando viu Savitar cintilar por trás dela com um olhar de extrema fúria no rosto.

—Nada de mas, Fang. Não posso te deixar fazer... —As palavras desapareceram quando captou uma olhada de Savitar de pé atrás de si no reflexo do cristal.

Aimee se congelou no lugar. Com o coração deslizando ao estômago, voltou-se para olhar o que tinha que ser a mais aterrorizadora careta jamais concebida.

—Olá. —disse, esperando melhorar seu humor.

O olhar se escureceu ante a tentativa. Só o fez pior.

—O que estás fazendo, urso?

—Pelo infeliz brilho em teu rosto, eu diria que cometer o pior engano de minha vida.

Fang se moveu para ficar diante dela.

—Só estava tentando me ajudar.

—E ir contra mim no processo. Não te ofendas, mas isso realmente me fode.

Os olhos de Simi se alargaram.

—Oh, tu também tens essa veia palpitante que tem *akri* antes que se torne azul. Também vais te tornar azul, *akri-Sav*?

Aimee engoliu seco.

—Não, Simi, acredito que está se tornando vermelho.

Savitar parecia que estava contendo-se duramente para não matá-la.

—Me responda a uma coisa... O que vais fazer depois que o tires daqui?

Aimee vacilou.

—Realmente não tinhas pensado nisso, não? —Savitar olhou a Vane que acabava de entrar na área para ver o que estava acontecendo—. Lobos e Simi, vão. Agora.

Vane dedicou um compreensivo olhar a Aimee antes de seguir a ordem de Savitar.

Sabia que ia cometer suicídio, mas não podia lhe obedecer e deixar Aimee sozinha. O protetor lobo em seu interior nunca a abandonaria à ira de alguém, especialmente não a alguém tão caprichoso e letal como Savitar.

—É culpa minha que esteja aqui. Assumo toda a responsabilidade.

Savitar se mofou dele.

—Não me faça rir, lobo. Vendeste tua alma para mantê-la a salvo. Aceita a saída que estou te oferecendo antes que tome tua vida.

Sacudiu a cabeça lentamente, a determinação gravada em pedra.

Savitar lançou a mão e golpeou Fang com tanta força que o levantou e o enviou contra a parede por trás dele.

—Tens alguma idéia de quão zangado estou agora mesmo?

Fang se esforçou para respirar.

—Acredito que faço uma muito boa idéia.

—Não, não acredito que o faça.

Lançou Fang ao chão com tanta força que juraria que a metade dos ossos de seu corpo se rompeu.

Simi, que não se havia partido inda, foi correndo para Savitar e lhe sussurrou ao ouvido.

O cenho de Savitar diminuiu. Deixou cair a mão quando o rosto voltou para seu típico estoicismo.

—Saíam. Os dois. Mas sabe, ursinha, que com isto, eu revoguei a licença do Santuário para sempre.

Aimee ofegou.

—O que?

—Já me ouviste. Agora vão antes que vos mate por me desobedecer.

Realmente não lhes deu escolha. Em um momento estavam na ilha de Savitar e no seguinte estavam no vestíbulo da Casa Peltier.

Fang olhou pasmo o escuro mobiliário vitoriano ao seu redor. Não havia sinais de Vane.

Simi apareceu um segundo depois.

—Oh, bom. Simi estava assustada de que Savitar os tivesse feito desaparecer e quero dizer desaparecer de verdade. Mas estão bem. Isso é bom.

Aimee franziu o cenho ante o demônio.

—O que disseste a Savitar?

—Disse-lhe que eram amigos de Simi e que não queria que fizesse guisado de Ursbo.

—Ursbo?

—Ursa e lobo, o que possivelmente seja saboroso, mas não quando é feito com as pessoas que Simi ama. Além disso, Aimee sempre me dá de comer um delicioso sorvete cada vez que vou ao Santuário.

Aimee abraçou à pequena demônio Gótica que significava o mundo para ela. Se havia uma coisa a respeito de Simi, é que sempre podia contar com ela.

—Obrigada por tua ajuda, Simi.

Simi abriu a boca, mas antes que pudesse falar, Maman estava ali, os olhos flamejando de aborrecimento. O coração de Aimee flutuou ante a visão. Nunca a tinha visto assim zangada.

—O que fizeste? —exigiu Maman.

Simi desapareceu.

Aimee sentiu que a cor abandonava o rosto.

Maman a teria esbofeteado se Fang não lhe tivesse pegado a mão e a separasse da bochecha do Aimee. Isso solo enfureceu mais a sua mãe.

—Arruinaste-nos. Quero aos dois fora daqui. Agora.

Querendo acalmar a sua mãe, adiantou-se.

—Maman...

—Não. —grunhiu. Não havia nenhum indulto ou perdão em sua voz ou expressão—. Condenaste a todos nós, e por que? —Percorreu Fang com uma desgostada expressão de desprezo—. Estás morta para mim, Aimee. Não quero voltar a te ver jamais e já não és parte desta família ou pátria. Vá embora.

A visão de Aimee se nublou.

—Mas...

—Vá! Fora!

Fang a atraiu contra ele.

—Vamos. Precisa acalmar-se.

Aimee permitiu que a teletransportasse fora de seu lar, à casa de Vane.

Vane estava na sala de estar, o rosto era uma máscara de preocupação que desapareceu no instante em que os viu.

—Graças aos deuses. Estava apavorado de que Savitar vos tivesse feito algo.

Aimee quase nem entendeu aquelas palavras quando o horror do que tinha acontecido a golpeou.

Sua mãe a tinha expulsado. Tinha revogado sua posse ao clã e a tinha deixado abandonada.

Vane franziu o cenho.

—Estás bem?

Fang não respondeu à pergunta. Não acreditava que Aimee quisesse que ele compartilhasse o que acabava de acontecer com alguém que, para ela, era basicamente um estranho.

—Podes nos dar um minuto?

—Claro.

Esperou até que Vane partiu antes de lhe colher o rosto nas mãos.

—Aimee?

As lágrimas começaram então. Fluíram silenciosamente descendo pelo rosto enquanto os olhos azuis estavam completamente alagados.

—O que fiz?

Atraiu-a aos seus braços e a apertou contra ele.

—Tudo ficará bem.

—Não, não é assim. Maman nunca me perdoará.

—És sua única filha. Uma vez que se acalme, ficará bem. Já o verás.

—Não. Não o ficará. Conheço-a e conheço esse tom. Nunca me perdoará por isso.

Fang dobrou os joelhos até que esteve ao nível dos olhos.

—Sabes que não estás sozinha. Enquanto eu tenha refúgio...

Aimee se agarrou então a ele, necessitando dessa segurança incluso embora parte dela queria lhe afastar e lhe condenar por lhe fazer isto.

Mas por ele...

Não. Não o tinha feito Fang. Ele tinha estado ali ao seu lado a cada passo do caminho durante esses últimos anos. Tinha tomado a decisão de ir salvar-lhe apesar das consequências—incluso da morte—e mamãe tinha cortado a corda.

A única coisa que tinha feito era tentar protegê-la, a Vane e a Fury e a suas famílias.

E com esses pensamentos chegou a dar-se conta de algo que quase havia perdido antes.

—O que queria dizer Savitar a respeito de que vendeste tua alma?

Ele retrocedeu. O comportamento era agora fechado e reservado.

Mas não ia lhe deixar ir embora com isso.

—Fang? Me diga a verdade. Por favor.

Viu o arrependimento nos olhos. A culpa. E quando falou, a voz estava carregada de emoção.

—Perguntaste-me repetidamente pelo sinal em meu ombro... é uma marca de proprietário. Quando Dev e tu fostes ao beco e os Daimons vos atacaram, vendi minha alma a um demônio para te manter a salvo.

Aimee ofegou ante a última coisa que tinha esperado que lhe dissesse. Tinha vendido a alma por ela.

—Por que o fizeste?

Ele engoliu antes de responder.

—Porque estaria condenado a te ver morrer.

Aflita pela devoção e lealdade, tomou sua mão nas suas... a mão que deveria ter levado a marca de emparelhamento, e lhe beijou os nódulos.

—Tudo o que queria era te manter a salvo e agora... pus em perigo a cada membro de minha família. A todos eles.

—Podemos tentar pedir a Savitar quando se acalmar. Ele não é completamente irracional.

Ela lhe dedicou um irônico olhar. Te tornaste louco? Savitar não era irracional?

—Matou espécies inteiras porque o irritaram. Não é exatamente indulgente.

—Disse completamente. —Os olhos se voltaram escuros e esperançados—. Vamos Aim, tenha fé. O Santuário é legendário. Tua mãe é inventiva. De algum jeito tudo isto funcionará. Eu sei.

—Desejaria poder acreditar nisso, mas não sei. Tenho um mau pressentimento.

Fang vacilou. Ele também, mas não queria preocupá-la. Inclusive embora não era a mais intuitiva pessoa do universo, sabia profundamente em seu interior que algo muito pior ia acontecer. Só que não sabia o que.

—**D**emônios, Savitar, isso foi *duro*.

Savitar ficou rígido quando Thorn apareceu ao seu lado.

—O que estás fazendo aqui?

—Queria me assegurar que não tinhas feito espetinhos com meu lobo. Por toda a ofensa, ainda me pertence e não quero esfolá-lo ainda.

—Então melhor será que o mantinhas afastado de meu caminho.

—Tomo nota. Mas o que fizeste... —Thorn sacudiu a cabeça—. Foi duro, e vindo de mim isso significa algo.

Sim, foi, e Savitar já se arrependia disso. Mas não podia deixar que os Were-Hunters questionassem a posteriori. Uma coisa que tinha aprendido de maneira difícil era que sem medo, não havia controle. E sem controle, os Were-Hunters destruiriam uns aos outros. Tinha que lhes dar um inimigo maior a quem temer mais que uns aos outros.

Ele mesmo.

Mas nada disso era problema de Thorn.

—Tu sabes de algo, verdade?

Thorn lhe dedicou uma calculadora olhar

—Não vês o que acontecerá por causa de teus decretos?

Um tique se instalou na mandíbula de Savitar ante o que tinha que confessar a um homem de lealdade indefinida.

—Só um vislumbre e estava muito irritado para prestar atenção.

—Então provavelmente seja o melhor.

—Por que?

—Só me deixes dizer isto. Realmente me alegro de não ser uma das pessoas que chamam Santuário de seu lar. Porque isto está a ponto de se pôr seriamente fodido para eles.

CAPÍTULO 29

Uma semana depois.

Fang permanecia no quarto de brinquedos de Trace enquanto Vane trocava a fralda do menino. Era tão estranho lhe ver fazendo algo como isso depois de todas as batalhas que ambos tinham lutado. As mãos de Vane estavam um pouco mais sangrentas que as de Fang e ainda estava ali...

Um pai carinhoso.

Chiando de risada, Trace se estirou para seu pai quando Vane o levantou e lhe esfregou as costas, alisando a camiseta amarela do Bob Esponja. Trace envolveu seus roliços brancos ao redor do pescoço de Vane e lhe plantou um úmido beijo na bochecha. Maldição, eles dois se pareciam muito.

Exceto em que Vane não babava tanto.

Isto lhe fez perguntar o que teria sido ter tido esse tipo de relação com seu próprio pai e o tivessem expulsado de casa assim como tinham feito com Aimee. Ela estava arrasada pela perda de sua família. E não podia culpá-la de todo.

Nicolette, com todos seus defeitos, amava aos seus filhos.

Vane desceu a Trace de modo para que pudesse correr a pegar seus brinquedos.

—Mantenho o que disse. Os dois são bem-vindos aqui durante todo o tempo que precisem ficar.

—Obrigado. —Fang observou como Trace pegava uma peça de LEGO e a examinava—. E não só por isso —. assinalou Trace com um gesto do queixo—. Não posso acreditar no que quiseste arriscar por mim.

Vane deu de ombros como se não fora grande coisa, mas ambos sabiam que não era assim. Tinha sido um inferno o que Vane tinha feito e Fang ainda não entendia realmente o porquê.

—Somos irmãos, Fang. Nada jamais mudará isso.

—É —. Assinalou a Trace com um movimento do queixo—. Mas eu nunca fui tão bonito.

Vane riu.

—Certo.

Mais que tudo, Fang não podia acreditar que Bride tivesse permitido a Vane ir e fazer tal oferecimento a Savitar, sabendo que também teria sido sua vida. Seu sacrifício apagou qualquer ferida que lhe restava por estar preso no Reino das Trevas. Pela primeira vez desde que tinha deixado sua cama na Casa Peltier, sentia-se novamente perto de seu irmão.

—Sabes que te amo, verdade?

Vane o atraiu em um estreito abraço.

—Não quero te perder outra vez. Da próxima vez que leves a cabo um desses atos de desaparecimento, seja neste mundo ou no seguinte, juro que te chutarei o traseiro.

Fang riu enquanto afastava a Vane dele.

—Cara, deixa de me abraçar. És um pervertido.

Vane lhe deu um murro no braço.

—Grande babaca.

Trace ofegou.

—Papai disse um palavrão!

Fang o elevou do chão e riu.

—Disse-o filhote. Mantenha teu papai pelo caminho certo.

Mas pela primeira vez em anos, quase se sentiu completo outra vez.

Aimee ainda vacilava ao redor de Bride e da companheira de Fury, Angelia. Alta e loira, Lia era uma loba Arcadiana que tinha pertencido à manada em que Fury tinha nascido. Eles tinham se reencontrado na última vez quando Lia tinha ido ao Santuário para lhe caçar e lhe matar.

Agora a única coisa que mataria Lia seria que olhasse a Fury com receio.

Sip, a vida era de tudo menos previsível.

Lia estava ficando ali com eles enquanto Fury ia encontrar-se com Sasha para obter alguma novidade sobre o que estava acontecendo no Santuário. Aimee não podia permanecer naquele silêncio e Fury se ofereceu voluntário para ser o intermediário com seus irmãos.

—Aimee? Poderias pôr a mesa?

Quando foi atrás dos pratos, um brilho perto da soleira da porta chamou sua atenção. Dev se materializou na cozinha por trás dela.

Aimee quase deixa cair os pratos. Ninguém de sua família lhe havia dito uma só sílaba desde que Maman a tinha expulsado.

Dev olhou envergonhado a Bride e Lia antes de voltar sua atenção a ela.

—Posso ter umas palavras contigo?

Passando os pratos azuis a Lia, conduziu-lhe à sala de estar onde poderiam falar sem ter os outros escutando a conversa.

—O que ocorre?

Ele materializou sua mala.

—Querias que tivesses tuas coisas. Não estou de acordo com o que fez Maman, nenhum de nós está. Tratamos de abrandá-la...

—Mas é Maman.

Ele assentiu quando deixou a mala no chão ao lado do sofá.

—Não quer nos escutar agora. Seguimos esperando a cada dia para que se acalme e envie a um de nós atrás de ti, mas isso não acontece. Na verdade sinto tua falta e quero que saibas que pode nos ligar sempre que necessitares de algo.

Sua oferta a esquentou completamente. Infelizmente, não ia ser capaz de lhe meter nisto. Não sem conseguir lhe colocar em montões de problemas e arriscar a ter que unir-se a ela aqui no lar dos Kattalakis.

—Maman ficaria furiosa.

Ele deu de ombros.

—Sou adulto. Posso me virar.

Sim, claro. Ninguém era assim adulto. A Maman não gostava que ninguém fora contra seus desejos—como demonstrava a atual situação de Aimee.

—Assim, como vão? —perguntou ela, morrendo pelas novidades.

—É tenso. Há um montão de ralé que entra, pensando que podem passar do limite já que pensam que não têm que temer a ira de Savitar. Mas Remi está saindo do sério já que não há leis de eirini no lugar que o restrinjam. Todos nós estamos deixando sair alguns de nossos mais predatórios instintos—. Aí foi quando ela se deu conta de quão machucados estavam seus nódulos.

Sacudiu a cabeça, divertida, mas ao mesmo tempo preocupada com seus irmãos.

—A quantos mataste?

—A nenhum, mas sempre há um amanhã.

Ela riu apesar de si mesmo.

—Estás louco.

Ele sorriu com orgulho—deuses, como sentia saudades desse sorriso come merda dela.

—O que acontece com o resto da família? Vão voltar?

Isso o pôs sério imediatamente.

—Ainda estão no Oregón. Quando os filhotes nasçam, voltarão.

Isso era o que ela imaginou.

—Então terão que fugir outra vez. Movendo-os de um lugar a outro como estávamos acostumados a fazer.

—Não—. Aqueles olhos azuis seus a atravessaram completamente—. Esta é nossa casa. Ninguém vai nos perseguir.

Seu coração deixou de pulsar com o que estava dizendo. Seguir dirigindo o clube sem o respaldo de Savitar era um suicídio.

—Maman está segura?

—*Sip*. Depois de todo Dante dirige um clube que não é um limani e não têm muitos incidentes.

—Claro, mas...

—É uma decisão que tomamos todos, —disse a ela, cortando seus protestos—. Além disso, acrescentamos alguns outros a nossa companhia, incluindo Constantine, que estará aqui para nos defender sempre que o necessitemos.

—É o mínimo que pode fazer.

Ele assentiu estando de acordo.

—Os Dark-Hunters também estão tomando posições de noite para nos ajudar e

Kyrian e Talon, diabos inclusive Valerius, estão assegurando-se de passar de visita... só no acaso. E é obvio Nick está muito por ali, estou a ponto de cobrar aluguel ao pequeno bastardo.

Ela riu diante desse último, embora as notícias a surpreendiam. Enquanto que eles tinham sido os donos durante décadas, não se tinha dado conta da extensão de sua lealdade.

—De verdade?

—Sim. Desde que os Dark-Hunters não podem estar uns ao redor dos outros sem drenar seus poderes, alternam-se a cada noite. Assim em conjunto, não é tão ruim como pensas.

Aimee entrecerrou o olhar sobre ele.

—Mas?

—Mas o que?

—Há um mas em seu tom.

Ele colocou as mãos nos bolsos de uma forma que recordava a um menino envergonhado.

—Não sei. Eu somente tenho um mau pressentimento e acredito que Maman também. Realmente estive no limite estes últimos dias.

—Mamam sempre está ao limite.

—Certo, mas isto é... —sua voz se dissolveu quando olhou mais à frente do ombro dela.

Aimee se voltou para ver Fang na soleira.

Houve um instante de tensão entre eles. Igual a dois inimigos que se medem um ao outro como se estivessem esperando uma oportunidade para se baterem. Odiava que os dois homens que mais significavam para ela estivessem assim incômodos juntos.

Voltou a olhar a Dev para lhe ver baixar o olhar a sua mão, a qual ainda não estava marcada.

Ele clareou a garganta.

—Será melhor que vá.

—Dev, espera—. Foi beijar-lhe na bochecha—. Obrigado.

—Não há problema—. Ele partiu muito rápido, surpreendia-lhe que não houvesse um rastro de vapor.

Fang se adiantou, com expressão de desculpa.

—Sinto muito, Aimee.

Ela lhe posou a mão sobre os lábios.

—Nunca te desculpes por me amar, Fang. Essa é a única coisa em minha vida que não mudaria.

Puxou-a contra ele.

—Sim, mas odeio o que isto está te custando.

Assim como ela, mas nunca deixaria que soubesse. Aimee inclinou a cabeça contra seu ombro. Sempre se sentia tão bem ao seu lado. Inclusive de noite quando ele dormia como um lobo. Sempre se deitava perto dela e na metade do tempo o utilizava de travesseiro. Nunca se queixava.

Fang fechou os olhos e a abraçou. Não o entendia, mas estar com ela era igual a chegar em casa. Tinha ouvido essa expressão durante toda sua vida, mas nunca a tinha

entendido realmente até agora.

E enquanto a segurava, sua mão começou a arder como se estivesse em chamas. Amaldiçoando, retrocedeu.

—Au! – Ofegou Aimee, sacudindo sua própria mão antes de soprar a palma.

Os dois ficaram congelados no lugar quando a realidade os golpeou com força. Souberam do que se tratava imediatamente.

Estavam emparelhados.

Aimee se moveu para pôr seu braço sob o seu e manter sua mão ao lado da sua e assim pudessem ver as marcas que apareceram juntas. O muito estilizado símbolo era similar ao de Vane e Fury, mas o bastante diferente para marcá-lo como seu.

Depois de todo esse tempo...

Finalmente sabiam a realidade que sempre tinham sabido em seus corações.

Aimee posou sua palma marcada sobre a sua e apertou a mão que lhe agarrava.

—Parecem cabeças de lobo.

Fang franziu o cenho.

—Não, não o são.

Ela voltou novamente sua mão.

—Sim, são. Tem orelhas e tudo.

Fang inclinou a cabeça quando se deu conta que ela tinha razão. Parecia a silhueta de um lobo.

—Estás segura disto?

—Deveria não está-lo?

Honestamente, meio que esperava que a qualquer momento lhe saíssem chifres. Não é que a condenasse depois de tudo o que tinha tido que atravessar.

—Não sei... quero dizer, isto te custará tudo.

Aimee engoliu seco. Em certo modo era verdade, mas por outro lado...

—Tu não me tudo. Sempre soube que não teria escolha sobre quem escolheriam As Destinos para mim e sinceramente, não o teria escolhido de outra maneira. Nenhuma só vez sonhei que sentiria pelo meu companheiro o que sinto por ti, Fang. Achas que atravessaria os dois reinos do inferno por alguém mais?

Ele riu.

—Espero que não.

Aimee manteve sua mão nas dela enquanto caminhava ao interior de seus braços até que seus seios ficaram pressionados contra seu peito.

—Como te sentes por isso?

Fang engoliu seco quando sentiu seu corpo endurecer-se. Demônios, ela era a mulher mais bonita que já tinha visto. E assim como ela, nunca tinha sonhado que se sentiria dessa forma a outra pessoa, nem sequer a sua companheira.

—Aliviado de não ser um completo estúpido.

—Fang! –disse ela em tom de repreensão

Ele piscou com inocência.

—O que?

Aimee sacudiu a cabeça.

—Temos que fazer algo com tua brutal honestidade.

—Como se tu não tivesses tido o mesmo pensamento.

Certo, possivelmente um pouco, mas nunca o admitiria em voz alta.

—Vão vir comer, vocês dois?

Odiando a interrupção, olhou além dele para ver Bride na soleira.

—Já vamos.

Quando começou a afastar-se, Fang a apertou contra ele.

“*Só quero te sentir aqui um minuto mais*”, projetou a ela.

Sua visão nadou nisso. Manteve-a sobre ela como se fora a coisa mais linda que havia tocado e isto fazia com que o amor nela crescesse. Deuses, como amava a forma em que o sentia contra ela. A dureza de seu corpo. O profundo cheiro masculino de sua pele. Poderia ficar assim para sempre.

—Tio Fang?

Sorrindo, Aimee baixou o olhar para ver Trace puxando da perna de Fang.

—O que necessitas, garoto?

Trace envolveu seus bracinhos ao redor da perna de Fang, apertou-a e então correu para a cozinha.

Aimee riu.

—Suponho que ele necessita o mesmo que eu.

—Suponho que sim—. Fang tomou sua mão na dele e puxou-a para a sala de jantar.

Bride fixou neles um severo cenho franzido.

—O que estavam fazendo vós dois?

Fang olhou a Aimee e então se voltou para Bride.

—O que?

—Parecem dois lobos que encontraram um osso. —Essa era uma expressão Katagaria que devia dizer o mesmo que o gato que há comido um canário.

O olhar de Bride desceu à mão de Fang. Ela ofegou e quase deixa cair a tigela de salada que estava segurando. Deixando-a sobre a mesa, arrebato-lhe a palma para olhá-la.

—Oh, deuses, estás emparelhado! —então seus olhos se alargaram—. Realmente espero que seja com Aimee.

Aimee riu antes de lhe estender a palma de barriga para cima para mostrar-lhe.

—Felizmente. De outra maneira, teria que matar alguém e depois bater no insensato do Fang.

Ele elevou as mãos em rendição.

—Ei, já sabes que minhas futuras sessões estão todas sob teu controle.

—Direito exclusivo, rapaz.

Vane entrou na sala e olhou ao redor com um surpreso gesto.

—O que está acontecendo?

—Teu irmão está emparelhado.

—Sim, a Angelia.

—Não, é Fury, coração.

Tomou um segundo entender as notícias. Vane ofegou diante deles antes de estender a mão a Fang.

—Felicidades.

—Obrigado —. Disse Fang, estreitando-a.

Lia chegou correndo da cozinha.

—Me deixe ver! — disse a Aimee. Ela sorriu abertamente enquanto comparava suas marcas, as quais eram basicamente a mesma com exceção da cor. A de Aimee era azul enquanto que a de Lia era vermelha—. Bem-vinda à família. Não é que não estivesse já aqui, mas agora é oficial.

Apesar de sua felicidade, essas palavras trouxeram uma pontada de dor quando Aimee se deu conta que sua família de nascimento nunca ficaria assim feliz por ela.

Era tão injusto.

Mas não deixaria que isso empanasse sua alegria. Ao menos isso era o que dizia a si mesma. A verdade, entretanto, é que o fazia. Sem importar o que tinha acontecido, sua família era sua família e ela os queria com ela.

Sua ausência lhe doía profundamente no coração, mas se negava a mostrar isso aos outros. Estavam felizes por ela e ela estava tão agradecida por suas palavras que não podia comunicar nenhuma parte do que sentia. Assim que se sentou ali, contendo as lágrimas enquanto Vane e Bride tiravam o champanha e todos o celebravam.

Inclusive Fury quando retornou estava comovido. Beijou-a na bochecha e estreitou a mão de Fang.

Aimee pediu licença a eles e foi ao banheiro. Ao momento em que esteve sozinha, fechou a porta e cintilou ao beco no lado de fora do Santuário. Estava completamente escuro. Bastante surpreendente. Elevou o olhar à luz que sempre tinha tremeluzido em sua melhor noite.

Quando iria Griffé arrumá-la?

Sentindo saudades de sua família, foi para a porta para abri-la, então se deteve.

Eles não serão felizes. As lágrimas se amontoaram em seus olhos quando essas palavras a atravessaram. Queria correr para dentro e dizer aos seus pais. Que ririam e a felicitariam da maneira que tinham feito com os emparelhamentos de seus irmãos. Queria que Dev e Remi e todos os outros a felicitassem.

Isso nunca aconteceria.

Vá para casa.

Uma solitária lágrima caiu por sua bochecha. Este era seu lar...

Mas já não o era. Nunca voltaria a ser sua casa.

Seu lar estava com Fang como sua companheira. Obrigando a si mesma a deixar o pomo da porta, deu um passo atrás. Quando o fez, captou um vislumbre rosa pelo canto do olho.

Foi até ele. Afundou-lhe o coração quando se deu conta que era o corpo de sua garçonne, Tara. Igual aos outros assassinatos que a polícia tinha tentado culpar a Fang, seu sangue tinha sido completamente drenado.

Mas ela ainda tinha sua alma...

Cambaleando-se para trás, deu-se conta em um instante do que era.

Um demônio assassino.

Com respiração desigual, foi para a porta só para sentir uma maligna presença no beco junto a ela.

Alguém estalou.

—Não pensarás realmente que podes nos interromper e depois seguir teu caminho, verdade?

Da escuridão saiu não só um, e sim um exército de demônios.

CAPÍTULO 30

Fang estava rindo com Vane quando um estremeecedor calafrio lhe desceu pela coluna. Um calafrio que se converteu em umas trituradoras garras quando cada instinto em seu interior se elevou com alarme.

Em um instante, sabia que estava acontecendo.

—Aimee está com problemas.

Fury arqueou uma sardônica sobrelance enquanto ria entre dentes.

—No banheiro? O que está fazendo? Comer o que não deve?

Olhou a Fury com ferocidade.

—Não. Está no Santuário.

Vane franziu o cenho.

—O que?

—Deve ter se teletransportado para lá para ver sua família. —Sem perder outro segundo para explicar aos seus confusos irmãos, se teletransportou ao exterior para encontrá-la no beco, rodeada por demônios com os quais lutava com sua arma.

Havia facilmente duas dúzias deles, com mais pinta de atacar que se alguém tivesse aberto um portal ao inferno.

Fang encontrou o decidido olhar. Manifestou sua espada para lutar com eles.

—Vá para dentro.

Pela primeira vez, não discutiu.

—Conseguirei ajuda.

Depois de assegurar-se que conseguia entrar sem dano, Fang deslizou um arrogante olhar sobre os ameaçadores demônios.

—Preparados para dançar, caras? É hora de matar.

Aimee correu ao bar onde estavam Dev, Remi, Colt e Wren, juntos ao seu pai. Ficaram olhando-a como se fosse um fantasma.

—O que estás fazendo aqui? —perguntou Papai.

Aimee se esforçou para acalmar a rápida respiração, enquanto sentia o suor lhe correndo pelas costas. Todo o corpo estava tremendo pela batalha que apenas acabava de deixar e estava muito segura de que as marcas de Sentinela se mostravam sobre o rosto, especialmente dado o modo em que Remi a olhava, mas não tinha tempo ou força para

preocupar-se por isso.

—Tara está morta. Fang está fora no beco, rodeado por demônios. Precisa de ajuda. Agora!

Dev começou a adiantar-se só para que a aguda voz de Maman o detivera.

—O lobo não significa nada para nós. Declararam-nos guerra no momento em que causaram que Savitar revogasse nossa licença. Não nos importam. Deixem que os demônios acabem com ele.

Aimee ofegou, então a fulminou com o olhar. A raiva a sustentou enquanto encarava a sua mãe.

—Possivelmente ele não signifique nada para ti, Maman, mas é meu companheiro. — Elevou a mão para sua mãe para lhe mostrar a marca de Fang—. E se ninguém de vós vai ajudar-lhe, então o farei eu mesma, e nunca lhes perdorei por isso.

Começou a desaparecer, mas antes de poder fazê-lo viu a manada de Blakemore atravessar a sala.

Cada membro, macho e fêmea, estava ali com um olhar no rosto que dizia que vinham para encarregar-se dos ursos. Permaneciam ombro com ombro em formação de batalha, as cabeças baixas, os olhos alerta.

Era óbvio que isto não era uma coincidência. Era um bem planejado e calculado ataque contra o Santuário. De repente, tudo referente aos demônios de fora tomou sentido.

E sabia exatamente quem era o culpado.

Eli.

Tinha-os convocado e esta noite, no aniversário da morte de seu filho, ia limpar o esconderijo dos ursos.

Dev agarrou duas espadas da parede de cima do bar. Lançou uma a Kyle e ficou com a outra.

—Vamos, filhote, vamos salvar Fang antes que Aimee nos machuque. Remi, o resto de vós tire o lixo do bar e te assegure de esmagá-lo primeiro.

Remi inclinou a cabeça antes de saltar sobre o bar e ir atrás dos lobos.

A última coisa que viu Aimee antes de cintilar ao beco foi o inferno desatando-se quando os valentões de Eli atacaram às pessoas do Santuário. Gente gritando, armas desencapadas e corpos entrelaçados em um mortal borrão.

Mas agora mesmo, havia um que estava lutando sozinho.

Aimee cintilou para encontrar Fang, a quem se tinha unido a ele Vary, sendo ultrapassado pela escabrosa quantidade de demônios que iam até ele.

A porta traseira do clube se abriu e Dev agarrou Fang e Varyk pelas camisetas para puxá-los ao interior do Santuário.

—Entre no Clube e feche a porta. —grunhiu-lhe Dev.

Aimee não vacilou em obedecer.

Varyk e Fang se tiraram Dev de cima.

—Não sou tua puta, garota. —Ladrou Varyk—. Não voltes a me tocar dessa maneira outra vez.

Dev pôs os olhos em branco ante a comum ameaça do lobo.

—Da próxima vez deixarei que fiquem contigo.

Ofegando, Fang atraiu Aimee contra ele e a beijou a um lado da cabeça. Assim como ela, estava suando pela briga e podia sentir o coração dançando grosseiramente em seu

peito enquanto a segurava perto.

Varyk olhou apontando para Kyle.

—Traz um pouco de sal. Tanto como possas encontrar.

—Por que?

Varyk tossiu antes de responder.

—São demônios lesma. Espalhe uma grossa linha disso em todas as portas e janelas, e isso evitará que entrem.

—Chegas tarde. —disse Wren, unindo-se a eles. Assinalou à frente.

—Merda Santa. —ofegou Dev.

Aimee ofegou.

Isto parecia com algo saído de um filme de zumbis. Os últimos humanos restantes correram gritando para a porta enquanto os Were-Hunters e os demônios lutavam. O mais surpreendente foi o fato de que Vane, Fury, Lia e o resto da manada Kattalakis Katagaria se uniu a eles.

Remi encontrou o olhar de Aimee.

—Não te culparia se fugisses pela porta.

—Família para sempre. —disse, lhe estendendo a mão.

Agarrou-a atraindo-a num apertado abraço antes de empurrá-la de volta para Fang.

—Proteja-a.

—Com minha vida.

Eles se uniram à batalha. O coração de Aimee palpitou quando se enfrentou a uma loba Arcadiana. Corpulenta e feia era quase duas vezes seu tamanho.

Quando se jogou para ela, Thorn apareceu e trazia com ele reforços que incluíam a Wynter, Zeke e Ravenna.

Fang ofegou quando os viu na luta.

—O que significa isto?

Thorn lhe piscou o olho.

—Um por todos e todos para divertir-se, meu amigo. Não pensaria que te deixarias brigar com todos os demônios sozinho, não?

—Não seria a primeira vez.

Thorn riu e arrancou a cabeça de um demônio que cometeu o engano de aproximar-se muito.

—Suponho que a esses podemos matar, né?

Thorn desencapou a espada de trás e lhe dedicou um eloqüente olhar.

—Quando tua marca crepitar, não lhes mates. Quando vibrar, são todos teus.

Assim que essa era a diferença nas sensações que sentia.

—Realmente devemos trabalhar em tuas habilidades de comunicação.

—Esqueça-o. —Disse Zeke quando interceptou um demônio ao lado de Fang e lhe girou o pescoço—. Ele não é uma pessoa amigável e nunca vamos domesticar-lhe.

Fang cabeceou a uma das da equipe de Elis. Queria converter-se em lobo, o corpo rogava por isso, mas tinha que ter braços para lutar com os demônios.

Maldição.

Aimee se separou do demônio que tinha matado e procurou entre a sangrenta refrega. Havia muitos demônios. Inclusive embora Xedrix e sua gente tinham vindo a ajudar, ainda se viam ultrapassados. Sentia-se como se tivesse caído em um formigueiro.

Olhasse aonde olhasse havia um demônio ou um membro da manada de Blakemore.

Vamos morrer...

As lágrimas encheram os olhos enquanto lutava para dominar o pânico. Mas, como podiam agüentar os seus? Apareceram novos demônios e se uniram à batalha. Sua gente se cansava minuto a minuto e embora as feridas fossem mínimas, ainda lhe doíam.

Nenhum deles podia utilizar os poderes já que isso só alimentaria a força dos demônios. Inclusive Acheron estava lutando com a vara e espada.

Simi era a única que parecia desfrutar disso enquanto corria ao redor com uma garrafa de molho churrasco, tentando agarrar o pessoal de Eli. O resto deles...

É desanimador.

Basta! Ainda não estamos vencidos.

Era uma Peltier emparelhada a um Kattalakis. As duas linhas de sangue real Were-Hunter estavam combinadas em seu interior e pelos deuses que não cederia nem se renderia.

Com força renovada, lançou-se para o licantropo mais próximo a ela. Pegou-o com a arma, um golpe tão feroz que o levantou dos pés e o enviou voando contra o demônio que lutava com Wren. Carregou seu peso para chutar a ambos.

Wren riu.

—Mostre a eles, garota. —Cintilou a sua forma de tigre.

Quando se adiantou para acabar com eles, captou uma olhada de Eli dirigindo-se a sua mãe pelas costas. Maman estava ocupada com um demônio e não tinha nem idéia de que estava perto dela.

Mas a luxúria de sangue nos olhos era inequívoca.
la matá-la.

O único pensamento era salvar a sua mãe, converteu-se em urso e se lançou até ele.

Maman se voltou ao mesmo tempo em que Eli esquivava a Aimee e lhe atirava um forte golpe lançando-a a um lado. Isto enviou Aimee voando e fez com que se tornasse humana enquanto tentava respirar através da dor. Nua e sangrando, tentou enfocar-se. Como diabos fazia Fang para permanecer em sua forma alternativa?

Não podia mover-se...

Gah, Isto dói!

Eli foi apunhalá-la, mas Maman, na forma de urso, lançou-se para a garganta, lhe derrubando. Voltou-se para comprovar como estava Aimee, que tinha se recuperado ao menos o bastante para vestir-se.

Sua mãe posou uma enorme garra sobre seu rosto... onde estava segura de que estariam visíveis as marcas de Sentinela. A assustada preocupação nesses olhos negros trouxe um tremente sorriso aos lábios de Aimee.

—Estou bem, Maman.

Maman foi atrás de Eli, mas o covarde tinha fugido. Perseguiu-o enquanto Fang chegava correndo para olhar Aimee.

Ajudou-a a levantar-se e lhe tomou o rosto entre as mãos.

—Estás bem?

Ela assentiu.

—Por que estás ainda em forma humana?

—É a única maneira de brigar com os demônios e ganhar.

Aimee jogou uma olhada ao seu redor a todos os corpos e o sangue que cobria aos combatentes e o chão.

—Não estou segura de que estejamos ganhando.

Dedicou-lhe um insultante sorriso que de algum jeito a fez sentir-se melhor inclusive diante do possível massacre.

—Ainda não estamos mortos.

Não, mas isso era tudo o que se podia dizer por eles no presente.

Beijou-a, então retornou à luta. Aimee se voltou para ver Remi que dava um chute ao mesmo tempo em que um dos demônios deixava escapar um arroteio de fogo. Remi esquivou a rajada. O fogo passou roçando a polida superfície das molduras e prendeu na madeira do bar. As chamas cruzaram o teto e acenderam as garrafas de álcool.

—Oh, não. —Ofegou quando o fogo se propagou rapidamente. Com o coração na garganta, correu atrás de um extintor enquanto Kyle fazia o mesmo.

—Fang! —chamou, necessitando de mais ajuda.

Fang se voltou ao mesmo tempo em que Eli ia atrás dele.

Aimee se congelou em doloroso choque quando se deu conta de que estava a ponto de acontecer.

Eli, espada na mão, ia lhe degolar.

Gritando, correu para Fang para lhe salvar. Ele se voltou quando a espada estava baixando. Morreu por dentro quando se deu conta que nunca o alcançaria a tempo inclusive se teletransportava-se.

Justo quando a lâmina ia alcançar-lhe, Maman se pôs ela mesma entre eles. A espada, em vez de degolar ao Fang, enterrou-se profundamente no flanco de Maman.

—Não! —gritou Aimee quando viu o golpe.

Maman caiu sobre Eli, fixando-se no chão enquanto o sufocava até que deixou de mover-se. Quando ficou quieto, Maman tentou lhe deixar, mas tropeçou.

Aimee alcançou a sua mãe, que estava tremendo e ofegando. O sangue empapava tudo enquanto fluía da aberta ferida.

—Maman? —afogou-se ela.

Sua mãe se tornou humana para olhá-la. Foi então quando viu quão horrível era a ferida. Aimee conjurou um lençol e cobriu o corpo nu de sua mãe.

Carson apareceu ao seu lado e sacudiu a cabeça quando viu a ferida que quase a cortava na metade.

—Não há nada que eu possa fazer. Sinto muito, Aimee... Nicolette.

Aimee lhe agarrou pela camiseta.

—Consigam trazer Talon do pântano. —Ele podia curar feridas como esta—. Ele é sua única esperança.

Carson desapareceu.

Maman ofegou para respirar quando tomou a mão de Aimee e a voltou para ver a palma marcada. Um tênue sorriso curvou os lábios.

—Minha preciosa filha. —Beijou-lhe a palma.

Aimee rompeu em soluços quando seus irmãos os rodearam.

—Agüente, Maman. Talon já vem.

Ela engoliu seco.

—É muito tarde, *ma petite*. —Com um triste sorriso, acariciou a bochecha marcada de

Aimee—. És tão bonita... deveria ter me dito a verdade sobre ti há muito tempo.

As lágrimas ardiam nas bochechas de Aimee.

Fang se moveu para ficar atrás de Aimee ao mesmo tempo em que Papai chegava ao lado de Maman. Os olhos estavam cheios de lágrimas quando caiu de joelhos.

—Nicolette?

As lágrimas fluíram dos olhos de Maman quando se estirou para alcançar ao seu companheiro.

—Meu precioso Aubert. *Je t'aime pour toujours*¹⁷.

As mãos de seu pai tremiam quando recolheu a Maman em seus braços e a abraçou perto.

—*Moi aussi, ma petite*¹⁸.

Maman se estirou e agarrou a mão de Fang, então a pressionou contra a de Aimee.

—Me perdoem, —ofegou—. Que os deuses concedam a ambos a felicidade que Aubert e eu compartilhamos, e desejo que tenham uns filhos tão lindos como os nossos. — Com lábios trementes, olhou a todos os filhos que estavam ali reunidos—. Vos amo, *mes enfants*. Cuidem uns dos outros por mim.

Então se converteu em urso. Papai soluçou em sua pelagem enquanto a mantinha inclusive mais perto. As marcas de Sentinela apareceram no rosto.

—Nos façam orgulhosos, filhos.

Maman se estremeceu quando seu último fôlego a abandonou. Papai sorriu com tristeza, então inclinou a cabeça e se uniu a ela na morte.

Aimee deixou escapar um gemido de dor quando Fang puxou-a contra ele.

Fang não sabia o que fazer enquanto balançava Aimee em seus braços. Soluçava igual a uma menina a qual lhe tinham quebrado o coração. Partes do bar estavam ainda ardendo, mas Wren, Acheron e Max pareciam ter a maioria sob controle.

Thorn, Varyk, Wynter, Zeke e os Carontes faziam fugir aos demônios.

Remi deixou escapar um feroz som de dor um instante antes de converter-se em urso. Lançou a si mesmo contra o corpo de Eli, fazendo-o pedaços. Fang se encolheu, agradecido de que Aimee não fosse capaz de ver a maldade das ações.

Não é que não conhecesse o lado escuro de Remi ou provavelmente não o tivesse feito ela mesma ao estar mais consciente. Enterrou os lábios contra seu cabelo e a balançou, enquanto ela deixava sair toda a dor. Odiava não poder tirá-la dela.

Mas não havia nada a fazer exceto consolá-la.

E quando todo mundo se deu conta do que tinha acontecido e que Eli jazia morto, a luta cessou.

Stone deixou escapar seu próprio grito de dor quando viu seu próprio pai massacrado no chão. Caiu de joelhos soluçando enquanto o resto da manada observava com incredulidade.

—Vos terei, bastardos! —Gritou Stone—. O juro! Matarei a todos por isso!

Dev sacudiu a cabeça.

—Já houve muitas mortes, Stone. Vá para casa pelo amor dos deuses.

¹⁷ Eu te amo para sempre, em francês.

¹⁸ Eu também, minha querida.

Stone lançou a si mesmo para Dev.

A Dark-Hunter Janice o agarrou e o lançou aos braços dos licantropos atrás dele.

—Garoto, melhor será que aprendas a escutar. Acabou-se. Pega teus companheiros e vai para casa enquanto ainda estás neste lado da tumba. É uma oferta antiga e está a ponto de expirar. Vá.

Ele se foi, mas a promessa nos olhos era potente.

Voltaria.

Os were lobos e os demônios se retiraram. Constantine e Varyk trocaram um olhar de mútuo ódio entre eles antes que Varyk, Thorn e seu pessoal seguissem aos outros para assegurar-se de que não davam meia volta.

Fang passeou o olhar ao redor do bar que quase tinha sido destruído. Mesas e cadeiras junto com os trilhos e os moldes tinham sido estilhaçadas. A área inteira estava carbonizada. Vidros quebrados e armas sujavam o chão e estavam cobertos de sangue.

Nunca tinha visto nada igual.

E quando o olhar foi ao marco sobre a porta, sentiu que o coração dava um tombo.

Venha em paz ou vá embora em pedaços.

A única pergunta era, poderiam recolher os pedaços que tinham ficado aqui esta noite?

Dev avançou para pegar Aimee afastando-a de Fang de modo que pudesse segurá-la ele. Fang começou a protestar, mas se deu conta que necessitava de sua família tanto como necessitava a ele. Enquanto sentia dor por ela, Dev realmente sentia a dor da perda. Sabendo que era muito para si mesmo, libertou-a para que fosse com seu irmão.

Dev embalou a cabeça dela contra o ombro.

—Tudo ficará bem, Aim. Nós estamos aqui.

Aimee ouviu essas palavras, mas não faziam nada para mitigar a dor em seu interior. Tudo o que queria fazer era compartilhar o emparelhamento com sua mãe...

Seu pai...

Esse era o motivo pelo qual tinha vindo aqui esta noite. Tinha querido que seus pais estivessem orgulhosos dela. Para compartilhar sua alegria.

Agora tinham ido. Para sempre.

Se não tivesse estado aqui, não teriam sido atacados de repente e Maman teria morrido sem ter visto a ela nunca mais.

Isso era verdade, mas ainda assim não podia deter a dor em seu interior. A tristeza que clamava pelo amor de sua mãe. Como podia haver-se ido? Como?

Era tão injusto e queria sangue pelas perdas...

Fang permaneceu recuado quando os ursos fizeram um círculo e se sustentaram um a outro para consolar-se. Eram uma família unida.

Sentia-se um total estranho.

Até que Aimee e Dev puxaram-no para frente. Vacilou até que Remi lhe agarrou o pulso e o obrigou a unir-se a eles.

—És um de nós, lobo. —o olhar de Remi foi a Fury, Vane, Lia e aos outros—. Como o são todos vós. Obrigado por vir a nos ajudar a lutar. Isto não será esquecido.

Aimee se estirou para limpar um pouco do sangue no rosto de Fang antes de lhe beijar.

—Suponho que somos Ursbo depois de tudo.

Dev franziu o cenho.

—Ursbo?

Simi resfolegou como se pensasse que ele era completamente confuso.

—Uma família urso e lobo. Ah, ninguém entende o inglês Caronte?

Dev sacudiu a cabeça quando jogou uma olhada ao redor à mixórdia de criaturas que chamavam de lar ao Santuário.

—Esta é uma fodida família.

Fang riu.

—Acredito que é a natureza de todas as famílias ser fodidas.

Aimee limpou as lágrimas.

—Simi? O que foi aquilo que me disseste uma vez a respeito das famílias?

—Temos três tipos de família. Aquela da qual nascemos, aquela que nasce para nós e aquela que deixamos entrar em nossos corações.

Aimee estendeu a mão a Fang enquanto Dev continuava sustentando-a.

Família.

Isso era tudo o que realmente importava.

Aqueles dos quais nascemos, aqueles que nascem para nós e aqueles que deixamos entrar em nossos corações.

Os que estavam ali reunidos, eles eram família e nenhum montão de malícia poderia mudar isso. A família só podia ser destruída de dentro.

Nunca de fora.

E nesta noite todos estavam mais perto do que tinham estado nunca antes. Unidos na dor. Unidos em espírito.

Unidos em amor.

Santuário para sempre.

Uma Semana Depois.

Aimee permanecia no centro do bar enquanto Quinn e Serre seguravam de novo as luzes do teto. Estavam tentando levantar de novo o bar e pô-lo o mais breve possível em funcionamento, mas Ihes estava levando algum tempo recolher os fragmentos e voltar a abrir.

Conforme ao costume Were-Hunter, tinham cremado aos seus pais e tinham colocado as cinzas numa urna que agora descansava na capela comemorativa onde Bastien e Gilbert estavam guardados num aposento especial da Casa Peltier.

Aimee a tinha visitado com eles justo essa manhã. Não acreditava que alguma vez se acabasse a necessidade de ver sua mãe ou sentir os carinhosos abraços de seu pai.

Sentiria saudades sempre.

Fang chegou por trás dela e lhe ofereceu uma xícara de chá.

—Estás bem?

Como podia realmente responder a isso?

Olhou ao redor do dano que tinham tido que reparar. Em uma noite, suas vidas tinham sido alteradas para sempre. Uma noite que deixaria uma última cicatriz sobre todos eles.

Mas mais à frente da dor estava a esperança. E igual à mítica ave fênix, o santuário renasceria das cinzas e seria mais forte do que o tinha sido antes.

Possivelmente nunca recuperassem a licença de limani, mas estava tudo bem. Isso lhes permitiria escolher e eleger a quem ajudaria e daria a Remi e Dev a liberdade de chutar o traseiro de qualquer um que cruzasse a linha.

—Sim, acredito que o estou. —Sorriu a Fang antes que se fora a ajudar Dev e Xedrix a mover alguns trastes velhos.

O bar se abriria em um par de semanas. Tudo voltaria para a normalidade exceto por duas coisas.

Já não estariam Mamãe e Papai Ursos Peltier. Essa dor ardia em seu interior.

Mas seus irmãos se juntaram e tinham nomedo a ela e a Fang os novos proprietários do bar. Seriam os dois rostos que levariam o legado que seus pais tinham começado, especialmente agora que Fang não era culpado do que tinham feito os demônios. Stu se tinha encarregado disso.

Para o bem ou para o mau, o Santuário estaria ali. E todo mundo seria igualmente bem-vindo, sempre e quando se ativessem à única lei.

Venha em paz ou saia em pedaços.

—Ei?

Voltou-se ante o som da desconhecida voz procedente do exterior da porta.

—Sim?

Um alto homem loiro permanecia na brilhante luz do dia enquanto examinava a construção.

—Quando vão voltar a abrir?

Quinn saiu debaixo da escada.

—Abre na segunda quinzena do próximo mês.

—Fantástico. Verei-lhes então.

Não foi até que partiu que todos eles se deram conta de algo.

Esse homem tinha sido um Daimon.

E estava caminhando à luz do dia.

—Oh, merda. —ofegou Dev—. Caras, acham que os Dark-Hunters sabem?

Fang sacudiu a cabeça.

—Não, e acredito que os Dark-Hunters estão a ponto de estarem seriamente ocupados.

EPÍLOGO

Duas semanas depois

Fang deitava na cama, completamente nu, com Aimee aconchegada ao seu lado. Deuses, sentia-se tão bem ali...

—Pensas me reclamar alguma vez?—sussurrou ela enquanto riscava círculos sobre os músculos de seu abdômen.

—Acredito que isto está completamente em tuas mãos, minha dama.— Em seu mundo, emparelhar-se era somente uma decisão da mulher. Um homem não podia obrigar a uma mulher a lhe aceitar sem importar o que.

E se ela não lhe aceitava antes de três semanas, seria impotente...

Tanto quanto ela vivesse.

Aimee se ergueu para lhe olhar.

—Não o tinhas mencionado, assim começava a me preocupar.

Ela estava preocupada? Ele era quem ia enfrentar os próximos anos como o garoto de um póster de Viagra fraudulento.

—Não queria te pressionar. Passaste por muito.—E tinha estado tão triste desde a morte de seus pais que não tinha querido provocá-la recordando-lhe.

Ela se levantou, lhe mostrando os seios que vivia para saborear.

—Sim, mas tu só tens dois dias mais...

Como se não estivesse contando cada exato nanossegundo... Tinha programado o relógio para que lhe avisasse antes que fora muito tarde. Mas outra vez, Vane lhe tinha ensinado que as mulheres requerem certo grau de delicadeza. De outro modo, um cara acabava na casinha do cachorro. Em seu caso literalmente.

—Estava esperando que se sentisse melhor e disposta.—Dedicou-lhe um malicioso sorriso.

Aimee deixou escapar um brincalhão suspiro diante do faminto olhar. Seu lobo podia ser impossível às vezes. Mas não o queria de nenhum outro modo, e o pensamento de não lhe ter a ferida tão profundamente a um nível que nem sequer pensou que existia.

Fang seria seu para sempre.

Asseguraria-se disso.

Deslizando o corpo sobre o seu, sentou-se escancarada sobre seus quadris. Era maravilhoso, estendido na cama, a bronzeada pele em contraste com os lençóis brancos. Tinha um dia de barba que o fazia parecer mais feroz do que era. E o longo cabelo fazia

umas ondas adoráveis.

Ela tomou a mão nas suas de modo que pudesse mordiscar as pontas dos dedos. Ele se endureceu imediatamente.

Fang a olhou, a respiração se tornou desigual.

—Estás segura?

Ela lhe beliscou os nódulos quando libertou sua mão.

—Não sejas tolo. Estive esperando anos por este momento.

Os olhos se escureceram, com sinceridade.

—Estive esperando toda uma vida por ti.

Essas palavras a tocaram. Elevou sua palma marcada. Fang colocou a sua na dela, as marcas unidas enquanto entrelaçava os dedos com os dela, de modo que pudessem completar o ritual de emparelhamento. Ela estava tão nervosa, e não estava segura do porquê. Não era como se nunca antes se tivessem deitado e ainda...

Isto os uniria para sempre. Pertenceria a ele e ele seria exclusivamente seu. Era uma grande responsabilidade ser uma parte do mundo de alguém.

Mas não o queria de outra maneira.

Com os olhares enlaçados, Aimee se elevou e se permitiu descer sobre ele.

Fang mordeu o lábio quando o corpo dela se fechou ao redor do seu. Queria empurrar contra ela, mas isso não era parte do ritual. Este era seu momento. Ela marcaria o passo e ditaria o que fariam.

E quando começou a mover-se contra ele, o lobo em seu interior uivou de prazer. Com as mãos marcadas entrelaçadas, passou a mão livre pelas costas enquanto ela se movia em curtas e tortuosas carícias.

Ela esfregou sua mão contra a marca que Thorn tinha colocado sobre seu ombro. Ele ainda teria que lutar com os demônios de vez em quando, mas como Varyk lhe tinha explicado sua vida era basicamente dela.

Então outra vez, fechou o olhar nos olhos de Aimee, dando-se conta que sua vida já não pertenceria só a ele. Aimee era agora sua vida.

Ela apertou o agarrão sobre a mão marcada.

—Aceito-te como és, e sempre te mantereí perto em meu coração. Caminharei para sempre ao teu lado.

Fang sorriu quando ela sussurrou as palavras que os vinculavam em uma cerimônia que pertencia a um tempo antes que fora registrado na história. Ele então repetiu a ela e acrescentou uma frase mais.

—Daria de boa vontade minha vida por ti, Aimee.

—Tu és minha vida, lobo, assim será melhor que cuides bem da nossa.

Ele começou a responder com uma brincadeira, mas o *tirio* se elevou sobre ele tão repentinamente que não pôde fazer outra coisa exceto sussurrar quando sentiu o pênis endurecer-se inclusive mais. A dor explodiu em sua boca quando os dentes se alongaram em afiadas presas e uma luxúria de sangue o sacudiu fazendo gozação da que tinha conhecido quando Phrixis tinha vivido em seu interior.

O *tirio* era a urgência de unir as forças vitais e convertê-las em uma para toda a eternidade.

Na vida e na morte. Isso era o que seus pais tinham compartilhado. O que Anya teve com seu companheiro e o que seus irmãos tinham feito com suas companheiras.

Uma vez posto em seu lugar, era inquebrável por qualquer outro exceto Savitar.
Fang apertou os dentes para evitar mordê-la.

Aimee lhe colheu o rosto em sua mão enquanto o contemplava.

—Acabemos com isso, Fang.

O calor da alegria o atravessou, mas não queria dar esse passo tão ligeiramente.

—Estás segura?

Ela lhe olhou com cara de poucos amigos.

—Atravessei o inferno por ti... duas vezes. Realmente achas que quero passar esta vida sem ti?

Essas palavras o alcançaram profundamente. Fang se sentou debaixo dela, atraindo-a mais perto, então afundou os dentes em sua pele.

Aimee deixou escapar um pequeno grito de consternação quando seus próprios dentes se alongaram. Sentiu os poderes elevar-se enquanto seu sangue se misturava. Afastando-lhe o cabelo do ombro, mordeu-lhe.

O quarto nadou com cada sentido que lhe acentuava e incendiava. Em um instante, podia sentir a batida do coração de Fang como se fosse seu. Os dois estavam verdadeiramente unidos.

Para sempre.

Nunca teriam que viver outra vez um sem o outro. Este era o grande presente.

E a última maldição.

Mas não o teria querido de outra maneira.

Entrelaçados e unidos, gozaram ao uníssono. Aimee pressionou a bochecha contra a de Fang enquanto a segurava perto e ela escutava suavizar o batimento de seu coração.

—Jurei que nunca me vincularia a ninguém. —Sussurrou Fang em seu ouvido—. Pensei que só o faziam os tolos.

—E agora?

O olhar se fechou no seu.

—Sou o tolo mais feliz do planeta.

Ela lhe beijou então e não pôde estar mais de acordo. Também era a tola mais feliz do planeta.

A canção que Aimee e Fang dançam no Santuário

DAY AFTER DAY BADFINGER

*I remember finding out about you,
Everyday my mind is all around you.
Looking out from my lonely room
Day after day.
Bring it home, baby make it soon,
I give my love to you.*

*I remember holding you while you sleep
Every day I feel the tears that you weep.
Looking out of my lonely gloom
Day after day.
Bring it home, baby make it soon.
I give my love to you.*

DIA APÓS DIA BADFINGER

*Eu recordo saber tudo sobre ti,
A cada dia minha mente está toda cheia de ti.
Olhando para fora de meu solitário quarto
Dia após dia.
Volte para casa, bebê, faça-o logo.
A ti dou meu amor.*

*Lembro que te abraço enquanto dormes,
A cada dia sinto as lágrimas que derramas.
Olhando por fora de minha solitária escuridão
Dia após dia.
Volta para casa, bebê, faça-o logo.
A ti dou meu amor.*